

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM
EDUCAÇÃO**

CRISTIANE DIAS

**A ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS E SUAS AÇÕES DE INCENTIVO
À LEITURA E ESCRITA LITERÁRIA NAS ESCOLAS DE CRICIÚMA**

**CRICIÚMA
2025**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM
EDUCAÇÃO**

CRISTIANE DIAS

**A ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS E SUAS AÇÕES DE INCENTIVO
À LEITURA E ESCRITA LITERÁRIA NAS ESCOLAS DE CRICIÚMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral

**CRICIÚMA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

D541a Dias, Cristiane.

A Academia Criciumense de Letras e suas ações de incentivo à leitura e escrita literária nas escolas de Criciúma / Cristiane Dias. - 2025.

212 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2025.

Orientação: Gladir da Silva Cabral.

1. Incentivo à leitura. 2. Crianças - Livros e leitura. 3. Crianças - Escrita. 4. Leitura (Ensino fundamental). 5. Escritos de crianças. 6. Crianças escritoras. 7. Academia Criciumense de Letras. I. Título.

CDD. 22. ed. 028.9

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

CRISTIANE DIAS

**A ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS E SUAS AÇÕES DE INCENTIVO
À LEITURA E ESCRITA LITERÁRIA NAS ESCOLAS DE CRICIÚMA**

Esta dissertação foi julgada e aprovada à obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 26 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Gladir da Silva Cabral
(Orientador – UNESC)

Dr. Leandro de Bona Dias
(Membro - UNESC)

Dr. Celdon Fritzen
(Membro - UFSC)

Profa. Dra. Ângela Cristina Di Palma Back
(Coordenadora do PPGE – UNESC)

Cristiane Dias
(Mestranda)

AGRADECIMENTOS

Vinte e cinco anos depois de ter me formado em Letras – Português/Inglês este ano concluí outra importante etapa da minha trajetória docente. Por muitos anos o mestrado foi um sonho, e quando finalmente fui aceita no programa, iniciar e permanecer nele foi um desafio. Lembrei de uma frase que li em uma rede social: “Um sonho custa caro, mas desistir custa um sonho”. A partir de então, desistir não era mais uma opção. Durante estes dois anos no programa eu tive a sorte de ter toda a ajuda que precisava de pessoas especiais e é a elas que dedico a minha gratidão.

Em primeiro lugar aos meus pais. Meu pai, José Paulo Dias, e minha mãe, Lourdes Maria Messaggi Dias, que foram porto seguro nos momentos de turbulência e que nunca deixaram que as dificuldades me impedissem de seguir meus sonhos.

Ao meu esposo Reginaldo Antônio Joaquim e minha filha Ana Alice Dias Joaquim, dois bravos que compreenderam meus momentos de silêncio e isolamento, as longas horas dedicadas à pesquisa e à escrita, mas que hoje comemoram comigo esta conquista.

À minha irmã, Gerusa Messaggi Dias, a irmã caçula, que sempre torceu e continua torcendo por mim.

Ao meu irmão do meio Eduardo Messaggi Dias (*in memoriam*), a presença na ausência.

À Academia Criciumense de Letras pela generosidade em abrir suas portas e seus arquivos e aos membros da ACLe, pela confiança em meu trabalho.

Ao professor Dr. Gladir da Silva Cabral, que foi meu professor na graduação e meu orientador no mestrado. Um professor que encanta (e canta!) com sua humanidade.

Aos membros da banca, o professor Dr. Celdon Fritzen e o professor Dr. Leandro de Bona Dias, que me acompanharam da qualificação à defesa. Suas contribuições foram fundamentais para a condução da pesquisa.

Aos meus colegas do curso de mestrado, aos colegas de profissão, aos amigos que entraram em minha vida e permanecem até hoje, vocês têm um lugar especial em meu coração.

Escrever é consequência. Antes é preciso ler: livros, bulas de remédio, horóscopo, o mundo. A escrita é uma viagem que não se faz sem bagagem.

(Cristiane Dias)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender de que forma ações de incentivo à leitura e escrita literária desenvolvidas pela Academia Criciumense de Letras (ACLe) em escolas da educação básica da cidade de Criciúma contribuem para melhorar a leitura e a escrita de jovens estudantes. A pesquisa é de abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras, ex-alunos e membros da Academia, além de pesquisa documental na *Revista Acadêmica*, publicação anual da ACLe. Um dos conceitos que fundamentam a pesquisa é o de *agente especializado* de Marisa Lajolo (1984), que ajudará a entender a relação da Academia com a escola. Outros conceitos que embasam a pesquisa é o de *aluno-autor* de Catherine Tauveron (2014) e a “janela de interesse” formulado a partir de Vigotski (2009). Os demais autores que ajudam a fundamentar este trabalho são Culler (1999), Candido (2011), Fritzen (2019), Compagnon (2009), Perrone-Moisés (2006), Bakhtin (2003), Petit (2019) e Colomer (2007). A pesquisa teve como objetivos específicos: a identificar quais são as ações realizadas pela ACLe em prol da educação literária; investigar se essas ações têm potencial de fomentar a leitura e a produção literária entre os estudantes e analisar de que forma as ações contribuem para a produção e difusão de textos autorais dos alunos. O caminho da pesquisa conduziu à principal ação realizada pela ACLe nas escolas, que é o concurso literário. E foi a partir, e principalmente, das entrevistas que conseguiu-se delinear de forma efetiva qual o papel dos professores e da Academia de Letras na promoção da escrita literária entre os jovens estudantes. Concluiu-se que, para que ações como as promovidas pela Academia sejam efetivas junto aos estudantes, é preciso destacar, de maneira fundamental e imprescindível, a atuação dos professores em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura; Academia Criciumense de Letras; Aluno-Autor; Educação.

ABSTRACT

This research aims to understand how initiatives to encourage reading and literary writing, developed by the Criciúma Academy of Letters (ACLe) in basic education schools in the city of Criciúma, contribute to improving the reading and writing skills of young students. The research follows a qualitative approach, with semi-structured interviews conducted with teachers, former students, and members of the Academy, as well as document analysis of the *Revista Acadêmica*, ACLe's annual publication. One of the key concepts underlying the research is Marisa Lajolo's (1984) idea of the "specialized agent," which helps to understand the relationship between the Academy and the school. Other foundational concepts include Catherine Tauveron's (2014) notion of the "student-author" and the "window of interest," based on Vygotsky (2009). Additional authors who support the theoretical framework of this study include Culler (1999), Candido (2011), Fritzen (2019), Compagnon (2009), Perrone-Moisés (2006), Bakhtin (2003), Petit (2019), and Colomer (2007). The specific objectives of the research were: to identify the actions carried out by ACLe in favor of literary education; to investigate whether these actions have the potential to promote reading and literary production among students; and to analyze how these initiatives contribute to the production and dissemination of students' original texts. The research path led to the identification of ACLe's main activity in schools: the literary contest. It was mainly through the interviews that the role of teachers and the Academy of Letters in promoting literary writing among young students could be effectively outlined. The study concluded that, for initiatives like those promoted by the Academy to be effective among students, the role of teachers in the classroom must be fundamentally and indispensably emphasized.

Keywords: Literature; Academy of Letters; Student-Author; Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Membros da primeira formação da ACLe	29
Figura 2 - Capa do livro ao som do Teu nome, de Beatriz Leal Vieira.....	34
Figura 3 - Sessão de lançamento do livro ao som do Teu nome, de Beatriz Leal Vieira	35
Figura 4 - José Henrique Girão, patrono da ACLe	36
Figura 5 - Capa do livro Obra Poética de José Henrique Girão	37
Figura 6 - Sessão solene referente aos 10 anos da ACLe.....	37
Figura 7 - Vencedores do primeiro concurso literário da ACLe.....	39
Figura 8 - Zeny Haesbaert Diehl e Doris Becke Machado Freitas	77
Figura 9 - Cármen Neves nas escolas.....	78
Figura 10 - Zeny Haesbaert Diehl (à esquerda)	78
Figura 11 - Doris Becke Machado Freitas autografando seu livro	79
Figura 12 - Ronaldo David e Sandra Regina Lodetti	80
Figura 13 - Dioni Fernandes Virtuoso (de fardão, à esquerda) e Bettina Stopazzolli Cassetari (de fardão, à direita).....	81
Figura 14 - Morgana Cerimbelli Gaidzinski, Doris Becke Machado Freitas e Dioni Fernandes Virtuoso com os vencedores da categoria infantil.....	82
Figura 15 - Comissão julgadora do 1º Concurso de Poemas – SATC 50 anos	82
Figura 16 - Comissão julgadora do VI Concurso Arte e Poesia da SATC, 2014	83
Figura 17 - Da esquerda para a direita: Boris Becke Machado Freitas, Cármen Neves, Gladys Antunes Cunha, Dioni Fernandes Virtuoso e estudantes	84
Figura 18 - Cármen Neves (ao centro, blusa branca) com estudantes da escola Maria de Lourdes Carneiro, de Criciúma	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revistas Acadêmicas.....	44
-------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras.
ACLe	Academia Criciumense de Letras
ACT	Admissão em Caráter Temporário
ACTU	Associação Criciumense de Transporte Urbano
AEL	Academia Estudantil de Letras
AFASC	Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma
AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
ATP	Assistente Técnico Pedagógico
CALLP	Centro de Atendimento à Língua e Literatura Portuguesa
CCTI	Centro de Convivência da Terceira Idade
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDUP	Centro de Educação Profissional
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CIS	Centro Interescolar
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
SATC	Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão
SciELO	Biblioteca Eletrônica Científica Online
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	16
1.2 ESTUDOS ANTECEDENTES E CAMINHO METODOLÓGICO	20
2 ACADEMIA DE LETRAS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO	25
2.1 ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS	27
2.2 CONCURSO LITERÁRIO DA ACLE.....	38
3 QUATRO PERGUNTAS SOBRE LITERATURA	51
3.1 O QUE É LITERATURA?.....	51
3.2 PARA QUE SERVE A LITERATURA?	54
3.3 QUEM TEM DIREITO À LITERATURA?	57
3.4 POR QUE ENSINAR LITERATURA?	60
4 A ESCRITA LITERÁRIA NA ESCOLA	64
4.1 A LITERATURA COMO PRETEXTO.....	66
4.2 A CRIAÇÃO LITERÁRIA.....	69
4.3 O ALUNO-AUTOR	71
5 A ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS E A EDUCAÇÃO	76
5.1 AS AÇÕES DA ACLE	76
6 DO REGULAMENTO À PREMIAÇÃO: O CAMINHO DO CONCURSO LITERÁRIO	86
6.1 O PAPEL DAS PROFESSORAS NO CONCURSO LITERÁRIO	86
6.2 O PÓS-CONCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS	93
6.3 O CONCURSO LITERÁRIO NA CORDA BAMBA	97
6.4 ENTRE O PASSADO E O FUTURO	101
7 CONCLUSÕES	103
APENDICE	114
ANEXO	209

1 INTRODUÇÃO

Famoso por seu livro *Fahrenheit 451*, o escritor norte-americano Ray Bradbury¹ foi leitor fervoroso e escritor precoce, como conta em seu livro *Zen na arte da escrita*: “A partir dos doze anos de idade, escrevia ao menos mil palavras por dia” (Bradbury, 2014, p. 25). Seria possível encontrar hoje um aluno do ensino fundamental com tamanha dedicação à arte da escrita?

Lecionando Língua Portuguesa há mais de vinte anos, já encontrei alunos apaixonados pela escrita, é verdade. Alguns se dedicavam aos poemas, outros ao conto, raros à crônica e mais recentemente uns tantos passaram a escrever um tipo de história baseada em protagonistas de filmes, séries ou membros de bandas coreanas: as *fanfics*. Mas para a maioria dos estudantes escrever é uma obrigação, uma atividade que “vale nota”, e não uma forma de expressão ou de arte.

Lendo o prefácio do livro, é possível entender a paixão de Bradbury pela escrita desde cedo. Ele amava ler e colecionar revistas em quadrinhos de seu personagem favorito, Buck Roger, e suas histórias repletas de aventura, até que aos nove anos de idade, criticado por seus colegas de classe, rasgou toda a sua coleção para pouco tempo depois voltar a colecioná-las, decidido a não se deixar ceder à pressão dos colegas. Foi o amor à leitura das aventuras de seu personagem favorito que deu àquele garoto o impulso de escrever suas próprias histórias.

Em determinado momento de seu relato, o autor faz uma reflexão sobre o ato da escrita: “Então, eu colecionava quadrinhos, era apaixonado por parques de diversões e exposições mundiais, e comecei a escrever. E aí você perguntará: o que a escrita ensina?” (Bradbury, 2014, p. 10). Pergunta interessante. Sou professora e ensino meus alunos a escrever textos literários. Também sou escritora e já me percebi falando da minha produção em tom professoral. Eu ensino escrita, mas o que a escrita me ensina e ensina a meus alunos? Eu

¹Ray Douglas Bradbury foi um escritor e roteirista norte-americano.

encontro nas palavras do próprio Bradbury a melhor resposta: “Então, embora nossa arte, ainda que assim desejemos, não possa nos salvar de guerras, privação, inveja, cobiça, velhice ou morte, ela pode nos revitalizar no meio de tudo isso (Bradbury, 2014, p. 11).

Minha experiência com a escrita, especialmente a literária, me ensinou a me comunicar com o mundo: comunicar minhas ideias, meus sentimentos, minhas vivências e muitas vezes esse foi o melhor caminho para revitalizá-las ou melhor, ressignificá-las. Mas foi preciso que essa escrita, para mim tão cheia de significado, saísse das páginas dos cadernos e dos arquivos do computador e se perdesse pelo mundo.

Michèle Petit, (2019) antropóloga que ao longo dos anos passou a dedicar-se a pesquisas sobre livro, leitor, leitura e literatura, relata em sua obra *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje* (Petit, 2019) um episódio em que ela e seu primo, em uma temporada de verão, recolhiam panfletos de propagandas da areia para depois lançá-los novamente sobre a praia para serem pegos pelos frequentadores ou serem descartados. A eles não importava o destino dos panfletos, importava o gesto de lançar ao ar pedaços de papéis cobertos por letras. Ela refletiria sobre aquele gesto tempos depois, associando-o à forma como sua produção literária é disseminada:

Décadas mais tarde, lancei muitas palavras aos quatro cantos do mundo, e ainda o faço ao escrever estas linhas. Lanço palavras para aqueles que vão me ler ou escutar, com a esperança de que recolham algumas, enquanto outras vão permanecer na areia. Eles tomarão aquelas que tiverem falado a uma de suas lembranças, encontrado algo que os preocupava e talvez ainda não tivesse ganhado forma (Petit, 2019, p. 83).

Durante as entrevistas para esta pesquisa, foi relatado que uma parte dos estudantes deseja terem suas produções textuais lidas, e não só pelas professoras entrevistadas. Elas admitiram que os alunos fazem ricas produções literárias em sala de aula, mas acabam escondidas em cadernos e folhas avulsas, que se perdem em mochilas e pastas escolares, sem terem a oportunidade de serem lançados e lidos. Mas, diferentemente dos panfletos lançados a esmo à beira do cais, os alunos desejam seus textos caíam nas mãos de leitores.

Os professores, imprescindíveis agentes no processo de ensino da escrita, e que por vezes realizam práticas de escrita literária muito significativas, nem sempre encontram respaldo em outros agentes do meio escolar para que as produções dos alunos possam transpor os muros da escola. Um exemplo da dificuldade que os professores encontram ao tentarem levar as produções literárias adiante é na hora de inscrevê-los no concurso da ACLe. A professora Gisele reproduziu o que ouviu uma diretora quando tentou inscrever seus alunos no concurso e relatou como tentar contornar as dificuldades:

[...] “Ah, professora, mas que tanta cópia. Ah, professora, a gente não tem dinheiro para comprar um envelope”. Já comprei envelopes. Já tive que comprar um envelope. É porque a gente tem aquele intuito de fazer uma coisa. Então, tu quer fazer, e se a escola não vai ajudar, tu faz, né? (Entrevista pessoal Gisele, 2024).

Ações da ACLe, em especial o concurso literário, são uma forma de ajudar os professores a fazerem os trabalhos dos alunos transporem os muros da escola e chegarem a mais leitores, mas é preciso refletir sobre a forma como a Academia disponibiliza o acesso ao concurso, e que também será discutido no decorrer da pesquisa.

1.1 PROBLEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Partindo da minha experiência como docente, lecionando Língua Portuguesa há mais de duas décadas para alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas estaduais na cidade de Criciúma e Içara, posso dizer que, entre as atividades pedagógicas, escrever é uma das mais desafiadoras entre os estudantes. Não me refiro ao ato literal de escrever, em que caneta ou lápis registram as palavras no papel, apesar de notar que com o advento de equipamentos digitais, em especial os aparelhos celulares, até o ato mecânico da escrita tem-se tornado obsoleto entre os alunos, principalmente a partir do 6º ano do ensino fundamental. Ou como bem observa Celdon Fritzen, “notadamente vivemos uma época em que a letra cedeu espaço para a imagem” (Fritzen, 2019, p. 84). A referência é à produção escrita dos estudantes, que se torna mais desafiadora quando o texto solicitado é uma narrativa literária.

Se há muitas vezes dificuldade ou desinteresse do aluno em escrever, apesar dos esforços do professor, há também alunos interessados em escrever narrativas literárias e expor seus textos autorais. O baixo interesse pela escrita literária e a dificuldade de divulgar os textos literários produzidos em sala de aula constituem-se em um ponto a ser investigado.

Existe, na cidade de Criciúma, uma entidade denominada Academia Criciumense de Letras, que tem como objetivo, conforme consta em seu estatuto, a promoção da língua portuguesa e ações no campo literário. Essa entidade, fundada em 1997, realiza diversas ações voltadas para a literatura, como palestras, narração de histórias e oficinas, mas o carro-chefe de suas atividades é, sem dúvidas, o concurso literário, que foi se ampliando desde sua primeira edição no ano 2000, mirando sempre a produção literária dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Levantou-se, com isso, a possibilidade de que o concurso literário da ACLe pode ser uma oportunidade para incentivar estudantes e professores à leitura de gêneros textuais como conto, crônica e poema, além de incentivar a produção literária autoral e facilitar a difusão dos textos premiados usando como principal veículo a Revista Acadêmica.

Assim esta pesquisa propõe, como objetivo geral, compreender o papel da ACLe na promoção da leitura e da escrita literária entre jovens estudantes da cidade de Criciúma. Estabelece-se, também, como objetivos específicos:

1. Identificar que ações da Academia são realizadas em prol da leitura e da escrita em escolas da cidade;
2. Investigar se as ações desenvolvidas pela ACLe têm potencial de fomentar a leitura e a produção da escrita dos estudantes da educação básica da cidade;
3. Analisar de que forma as ações realizadas em prol da escrita literária contribuem para a produção e difusão de textos autorais de estudantes de escolas da cidade.

A leitura e a escrita autoral já foram objeto de estudo de inúmeros outros pesquisadores. Desse modo, foi necessário fazer a revisão sistemática da literatura a fim de identificar esses trabalhos, aprender com os pesquisadores que já se debruçaram sobre este tema e buscar caminhos ainda não explorados

para abordar a questão. A Academia Criciumense de Letras, até o momento, não tinha sido objeto de pesquisa acadêmica, como pude constatar. A contribuição da ACLe para o fomento da produção literária é um ponto que precisa ser pesquisado, o que pretendo fazer, começando a investigar os trabalhos já publicados sobre o tema.

A metodologia desta pesquisa é qualitativa, buscando compreender de que forma as ações de incentivo à leitura e escrita literária promovidas pela ACLe podem gerar impacto significativo nos jovens estudantes com relação ao interesse pela leitura e pela escrita, principalmente literária. Para este propósito, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com elaboração de questionário que deixou certa flexibilidade para que outras perguntas e observações fossem feitas ao longo da conversa com professoras, vencedores do concurso e membros da ACLe.

A pesquisa também utilizou a metodologia documental, utilizando as Revistas Acadêmicas, que são publicações feitas pela ACLe, com periodicidade anual, tendo como propósito o de registrar as atividades desenvolvidas pela Academia ao longo do ano e publicar os textos dos seus membros e dos vencedores de cada edição do concurso literário.

A pesquisa está estruturada em sete capítulos, sendo o primeiro deles a Introdução, em que é apresentado o objeto de pesquisa, no caso a Academia Criciumense de Letras (ACLe). Este capítulo apresenta, ainda, o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia a ser utilizada durante a pesquisa. Neste capítulo também são apresentados os antecedentes de pesquisa que revelam que as Academias de Letras e concursos literários já foram objeto de investigação de outros pesquisadores, mas que a Academia Criciumense de Letras e suas ações de incentivo à escrita literária são pesquisadas pela primeira vez.

O segundo capítulo traz um breve histórico da criação e implementação das Academias de Letras no Brasil e da criação e implantação da ACLe em 1997, bem como a consolidação de sua ação mais longa e significativa: o concurso literário.

O terceiro capítulo é dedicado à literatura, oportunidade em que são apresentadas e discutidas quatro perguntas: O que é literatura? Para que serve

a literatura? Quem tem direito à literatura? Por que ensinar literatura? Essas perguntas irão embasar e ajudar na condução desta pesquisa, pois o conceito de literatura é muito amplo e nem sempre é fácil explicar a importância da literatura. Assim, essas quatro perguntas, além de ajudar a delimitar o tema, também apontarão o caminho pelo qual esta pesquisa deve trilhar.

O quarto capítulo será direcionado à escrita literária no ambiente escolar, que apontará como a literatura ainda é utilizado como pretexto ao ensino da Gramática, por exemplo; procurará trazer ao debate o motivo pelo qual os estudantes perdem o interesse pela escrita literária a partir de estudos de Vigotski (2009), e apresentará o conceito de aluno-autor, da pesquisadora Catherine Tauveron² (2014), e as condições necessárias para desenvolver nos estudantes a escrita autoral.

O quinto capítulo foca na presença da ACLe principalmente nas escolas de educação básica, sejam elas municipais, estaduais ou particulares, localizadas no município de Criciúma, especialmente na divulgação de seu concurso literário, além de momentos de conversa com os estudantes sobre literatura, ou eventos literários promovidos pelas escolas, composição de mesa de jurados de concursos literários escolares e iniciativas literárias diversas.

O capítulo seis trata das entrevistas. Este momento, além de apresentar os entrevistados, é destinado a compreender melhor o papel da ACLe como agente que promove a literatura na cidade, além de averiguar de que forma suas ações de promoção de leitura e escrita literária são recebidas nas escolas, em especial entre professores e estudantes e que resultados essas ações tiveram para a produção e difusão da literatura produzida pelos participantes das iniciativas promovidas pela ACLe.

No capítulo sete, que trata das considerações finais, é esperado que a pesquisa aponte quais ações e iniciativas a ACLe realizou, e quais foram efetivas para a promoção da leitura e escrita literária entre os estudantes. Os resultados obtidos a partir desta pesquisa serão levados ao conhecimento da ACLe, bem

² Catherine Tauveron é professora emérita de língua e literatura francesa.

como de setores ligados à educação, que poderão acolhê-los e utilizá-los em ações futuras.

1.2 ESTUDOS ANTECEDENTES E CAMINHO METODOLÓGICO

Ao buscar trabalhos que pudessem estar relacionados ao tema de minha pesquisa, e ao usar o descritor “concurso literário”, encontrei a tese de Thais Surian (2019), “Sou imenso, quando escrevo”. Práticas de escrita literária de professores: entre saraus e concursos literários (Surian, 2019), cujo objetivo foi identificar e analisar as práticas de escrita literária de professores de São Paulo, valendo-se de materiais produzidos pelos docentes para o Concurso Literário Valeu, Professor e para saraus que acontecem na cidade. Com abordagem qualitativa, além de avaliar as produções escritas, a pesquisadora também realizou entrevistas a fim de compreender e identificar a prática da escrita entre os professores. Um dos autores que fazem parte da fundamentação teórica de sua tese é Antônio Candido (2011), com seu texto “O direito à Literatura”, que também pretendo usar para a fundamentação teórica desta pesquisa, além do artigo “O direito à Literatura: trinta anos depois”, de Celdon Fritzen (2019).

Entre os participantes do concurso da ACLe, há, também, professores. Eles participam na categoria adulto, de ampla concorrência, não existindo uma categoria específica para professores, diferentemente dos estudantes, separados entre categoria infantil e juvenil. Há, ainda, a categoria Maturidade (às vezes nomeada de Atemporal), para participantes acima dos sessenta anos. Enquanto Surian (2019), concentra sua pesquisa nos professores, minha pesquisa será voltada para os estudantes de ensino fundamental e médio que participam o concurso literário da ACLe.

Apesar da diferença entre os públicos pesquisados, chama a atenção as considerações finais apresentadas pela autora quanto à motivação dos professores para participarem do concurso e dos saraus. Uma delas está relacionada à distinção, ou seja, ao fato de os professores sentirem-se prestigiados quando são vencedores desses concursos em contraponto à falta de valorização e reconhecimento com relação a sua profissão. Imagino que esse

pode ser também um dos motivos que levam alguns professores a participarem do concurso da ACLe. Mas, e os alunos?

Outro descritor que utilizei para buscar trabalhos que se relacionassem ao meu foi “Academia de Letras” e a partir dele encontrei teses e dissertações sobre as Academias de Letras, a maioria delas voltada para a história dessas agremiações, outras sobre a presença ou ausência feminina no quadro de membros dessas entidades, geralmente na linha da Teoria Literária. Uma delas, no entanto, chamou a minha atenção, pois tinha como objeto de pesquisa uma academia estudantil de letras. Sob o título de Academia Estudantil de Letras (AEL): reflexões sobre eventos e práticas de letramento no processo de formação do leitor literário (Amaral, 2023), Izabel Cristina Macedo do Amaral apresenta e discute a implementação da AEL e os eventos realizados visando às práticas do letramento literário.

Apesar de receber o nome de Academia Estudantil de Letras e ter características que lembram uma agremiação literária como, por exemplo, a Academia Brasileira de Letras, é, na verdade, um projeto que faz parte da política de letramento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, que consiste em um conjunto de atividades a partir de gêneros literários, ofertadas pelos docentes da própria rede de ensino em contraturno escolar e contando com a adesão voluntária dos estudantes. Entre as atividades realizadas pela AEL estão a leitura e o debate sobre as obras lidas, produção de textos literários e apresentação de peças teatrais. A criação da AEL visa ao desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos estudantes, o que, de certa forma, se assemelha ao trabalho realizado pela ACLe quando visita as escolas da cidade conversando com os estudantes sobre literatura e incentivando-os a produzirem textos literários autorais para se inscreverem no concurso da Academia.

A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, analisando fontes documentais e entrevistas feitas com os estudantes e os agentes implementadores do projeto. Ao final, a pesquisadora aponta potencialidades do projeto que vão além da literatura, como a inclusão social, assim como suas fragilidades, entre elas a falta de recursos para a compra de materiais e livros. A falta de recursos é geralmente uma das fragilidades das agremiações literárias,

que precisam fazer arrecadação junto aos seus membros para manter a entidade e realizar as atividades.

Dentre os trabalhos encontrados, o da pesquisadora Júlia das Neves Mateus (2024), também chamou minha atenção por ter como objeto de pesquisa uma proposta democrática de formação de jovens leitores e, por ter sido desenvolvido em Santa Catarina, se aproxima do contexto da minha própria pesquisa, também catarinense. A dissertação, intitulada *Confraria literária: uma proposta democrática para a constituição do jovem leitor no contexto catarinense*, visa investigar se as atividades de leitura desenvolvidas contribuíram para a formação de jovens leitores, bem como a ampliação de seu repertório literário. A fundamentação teórica foi elaborada a partir dos autores Petit (2010), Candido (2017), Compagnon (2009; 2010), Todorov (2020), Zilberman (2009; 2012), Rezende (2013), Rouxel (2013) e Martins (2006). A metodologia utilizada foi a qualitativa, sendo realizada pesquisa documental, entrevista semiestruturada, coleta, catalogação e análise dos materiais produzidos pelos participantes do projeto.

Encontrei nessa dissertação pontos em comum com a pesquisa que pretendo desenvolver, pois a *Confraria Literária* também foca na formação de leitores de literatura, mas diverge no sentido de que a escrita literária não era tão presente. Se um ponto de contato é o fato de os participantes da *Confraria* serem estudantes do 7º ano, outra divergência se dá pelo fato de esses estudantes frequentarem o Colégio de Aplicação da UFSC, em Florianópolis, e poderem usufruir de espaços privilegiados como o Laboratório de Linguagens da instituição, que possui recursos de tecnologia, entre eles: projetor multimídia, computador, caixa de som e mobiliário, “livroteca” e material para recorte. As escolas que a ACLe visita e incentiva à participação em seu concurso literário, mesmo as privadas, não contam com tal aporte, menos ainda as escolas públicas, municipais ou estaduais, encontram suporte e muitas vezes sequer o incentivo dos professores para desenvolverem a produção autoral.

Por fim, trago o artigo das autoras Elisa Marta Dalla-Bona e Leilah Santiago Bufrem (2013), que conversa diretamente com a proposta de minha pesquisa, que é a do aluno-autor. O termo aluno-autor foi criado por Catherine Tauveron (2014), cujas obras serviram de fundamentação teórica do referido

artigo, que pretendo também usar como aporte para esta pesquisa. O artigo citado tem o título “Aluno-autor: aprendizagem da escrita literária nas séries iniciais do ensino fundamental” (Dalla-Bona; Bufrem, 2013), e o objetivo foi sustentar o argumento de que a escola pode ajudar a desenvolver nas crianças a escrita autoral. Foi uma pesquisa etnográfica, em que foram avaliados tanto os estudantes quanto as professoras: as crianças foram avaliadas em relação a escrita; as professoras, as estratégias adotadas para que a produção acontecesse. As autoras analisaram duas produções textuais, uma narrativa e uma fábula, produzidas nas aulas de Língua Portuguesa por estudantes do 4º ano de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

De abril a dezembro de 2009, as autoras realizaram as observações, conversaram com as crianças e com as professoras, público-alvo da pesquisa, o que, segundo elas, possibilitou assegurar os princípios da etnografia. A conclusão a que chegaram as pesquisadoras foi de que, apesar das limitações da escola, iniciativas como o planejamento integrado dos professores, a crença de que as crianças podem escrever textos literários, a conscientização dos alunos para a necessidade de utilizar estratégias, a disponibilidade da professora em atender os alunos de forma afetuosa, a leitura em voz alta, o empréstimo de livros para ler em casa, o estímulo à autonomia dos alunos e a possibilidade de testar texto, lendo-os para os colegas de turma, fizeram com que os alunos se aproximassem mais da leitura e encontrassem sentido para sua escrita, pois ela deixava de ser uma atividade que os alunos realizavam apenas porque a professora considerava importante, mas sobretudo porque eles próprios queriam apresentar suas ideias, se comunicarem com os leitores do seu texto, além de desenvolverem a imaginação e fazerem da atividade da escrita um prazer intelectual.

Esta pesquisa pretende investigar se as ações de desenvolvidas pela ACLe, como o concurso literário, podem despertar nos estudantes o interesse pela escrita literária e de que forma ela pode acontecer, sem perder de vista o trabalho dos professores que é realizado em sala de aula, como um lugar privilegiado em que a escrita literária pode ser trabalhada em termos de letramento.

Para a realização deste levantamento, acessei diversas fontes, sendo as principais o Repositório Institucional da Unesc, o portal de periódicos eletrônico SciELO Brasil, o catálogo de teses e dissertações da CAPES e o Google, usando os descritores que estivessem relacionados à minha pesquisa. Acessar essas fontes em busca de teses, dissertações, artigos e publicações fez com que eu ampliasse as possibilidades da minha própria pesquisa, conhecesse autores que integram o rol das leituras que fiz para a fundamentação teórica, além de encontrar pesquisas que se aproximaram da minha, sem, no entanto, se igualarem, mantendo um certo ineditismo e o caráter de novidade que, espero, minha pesquisa possa apresentar. Espero, acima de tudo, que minha pesquisa possa contribuir, mesmo que de forma modesta, para a promoção da leitura e da escrita literária entre os estudantes, para que façam da leitura e da escrita literária um canal no qual possam expressar suas ideias e emoções.

2 ACADEMIA DE LETRAS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

Para escrever sobre uma Academia de Letras fundada em Criciúma em 1997, é importante que se volte mais de cem anos no tempo, especificamente a 30 de agosto de 1883, quando foi criada a Associação dos Homens de Letras do Brasil. Além de pautas que visavam a despertar o gosto pela literatura, o aumento do número de leitores, fundação de bibliotecas e intercâmbios literários, tal associação tinha uma pauta considerada ambiciosa, que era a de garantir que os escritores recebessem a remuneração justa por sua produção literária. Assim, a “associação proposta, funcionando como reguladora da profissão, à maneira de um sindicato, pretende oferecer assistência ao escritor e sua família” (Lajolo; Zilberman, 2001, p. 132).

A Associação dos Homens de Letras do Brasil, que não sobreviveu para chegar ao primeiro ano, assim como a Sociedade dos Homens de Letras, de 1890, que não chegou a se concretizar, tinham a intenção de se tornar uma espécie de sindicato dos escritores, com o objetivo de “lutar pelo respeito à propriedade intelectual e literária e assegurar pensões aos seus sócios” (Lajolo; Zilberman, 2001, p. 150). Entende-se que essa era uma preocupação legítima dos escritores, uma vez que eles próprios pouco recebiam em vida por suas obras, além de não ser respeitada a propriedade intelectual, que se fosse regulamentada garantiria uma pensão às viúvas e seus dependentes quando da morte do autor.

Quando a Academia Brasileira de Letras é fundada em 1897, nos moldes da Academia Francesa de Letras, os objetivos já eram distintos dos propostos pelas organizações anteriores. Conforme relatam Lajolo e Zilberman (2001):

Abrigando a elite letrada atuante na época e sendo, até hoje, entidade máxima das letras brasileiras, em seus princípios, modo de ser, regimento e práticas, ela é omissa quanto à perspectiva profissionalizante da escrita (Lajolo; Zilberman, 2001, p. 150).

Em 1894 Machado de Assis, em sua coluna no periódico *Gazeta de Notícias*, mencionava o senador Ramiro Barcelos, que incluía na ordem do dia o projeto de direitos autorais, cobrando dele e do Senado uma postura rápida e favorável aos escritores. Um ano depois, em setembro de 1895 o pedido

constava da ordem do dia, mas o projeto precisava de parecer, que só foi convertido em lei em 1898.

Chama a atenção o fato de que, quando foi criada a Academia Brasileira de Letras, a questão dos direitos autorais dos escritores ainda era incerta, mas foi deixada de fora do estatuto da Academia, como registaram Lajolo e Zilberman (2001):

O mesmo Machado de Assis que, em 1895, urgia Ramiro Barcelos a apressar a aprovação da legislação brasileira relativa aos direitos autorais, ignorou a questão da remuneração das Letras quando da redação dos estatutos da ABL (Lajolo; Zilberman, 2001, p. 150).

Cabe aqui uma reflexão: a forma como foi redigido o estatuto da Academia, seguindo um modelo importando e ignorando pautas nacionais importantes para os escritores brasileiros, como remuneração e profissionalização, de certa forma reflete nos dias de hoje como lidamos com a literatura, como se um trabalho artístico, sobretudo o trabalho que tem as palavras como matéria prima, não fosse suficiente para ser considerado profissão. Se uma postura diferente tivesse sido adotada em sua fundação, talvez se tivesse mantido nos estatutos da Academia Brasileira algumas das pautas da Associação dos Homens de Letras do Brasil, a relação com a literatura teria sido diferente, mais profissional, recebendo o autor o reconhecimento tanto profissional quanto financeiro pelo trabalho intelectual que realiza, tendo a Academia com a voz ativa para defender os interesses dos escritores e não se limitando a lhes fornecer *status*.

As autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2001), apresentam, ainda, recortes do estatuto da Academia Brasileira de Letras que, em comparação, são semelhantes ao encontrado no estatuto de sua correspondente cricumense, como “a cultura da língua e da literatura nacional” e a captação de recursos do governo e da iniciativa privada para ajudar a instituição. Reforça-se aqui o fato de a ABL ter deixado de lutar pelo direito dos escritores para mirar no *status* que eles passaram a ostentar ao fazer parte de uma instituição literária. Mesmo que, pouco tempo depois, a regulamentação relativa à propriedade literária tenha sido aprovada pelo Congresso, algo havia mudado no cenário literário de então, que pode ser assim resumido: “a desejada profissionalização do escritor, reivindicada

por décadas, tinha mudado de natureza: as letras não eram consideradas trabalho, mas posição” (Lajolo; Zilberman, 2001, p. 153).

Em artigo intitulado “Aposentadoria do Escritor”, Almeida Fischer (1971), presidente da Associação Nacional de Escritores, relata a aprovação da Resolução n. 876, de 14 de dezembro de 1967, que inclui esses profissionais na categoria de trabalhadores autônomos, regulamentando também a aposentadoria tanto para os escritores quanto para as escritoras. Sobre essa conquista, relata Fischer (1971):

A luta por esse direito, por parte dos escritores, desenvolveu-se por muitos anos. A Previdência Social não existia para o escritor, nessa qualidade específica. Em grande parte pelo desinteresse da maioria, que não prescindia dela porque a desfrutava em função de outra qualidade profissional. É bem verdade que ser escritor ainda não constituía propriamente uma profissão, uma vez que pouquíssimas pessoas conseguiam manter-se com o produto de seus livros (Fischer, 1971, p. 250).

A fundação da Academia Brasileira de Letras motivou a criação de outras agremiações literárias no país, como a Academia Criciumense de Letras, fundada no ano do centenário da ABL. Salvo algumas particularidades referentes ao lugar em que são instaladas, as Academias de Letras acabam por perpetuar o modelo da ABL, o que na maioria das vezes não contribui de forma significativa para fortalecer nem a literatura nem o autor, apenas consolidando um *status* para seus membros.

2.1 ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS

Doris Beck Machado Freitas, membra da ACLe desde a fundação e então presidente da entidade, relatou em entrevista que concedeu para esta pesquisa, como surgiu a Academia de Letras na cidade:

A fundação realmente da academia foi em 25 de abril de 1997, e a instalação 14 de novembro de 1997, [...] foi rápido, né? Foi porque já tinham falado muito, [...] esse grupo já estava, muito tempo envolvido, então realmente chegaram a esse tempo, esse tempo foi bom. Os fundadores foram Iris Guimarães Borges, Dahil Formansky, Júlio César Lopes, na época ele era o presidente da Fundação Cultural, a Sayonara Emerich, que era a secretária do Júlio César, ela também bem envolvida nessa área, a Sayonara Emerich Lentz Meller e o doutor Wanderlei Margotti (Entrevista pessoal Doris, 2024).

Conforme relatado por Doris, outras pessoas foram sendo convidadas para fazerem parte da Academia, começando com as que frequentavam o CALLP, um curso de língua portuguesa e literatura particular, cuja proprietária era Iris Guimarães Borges:

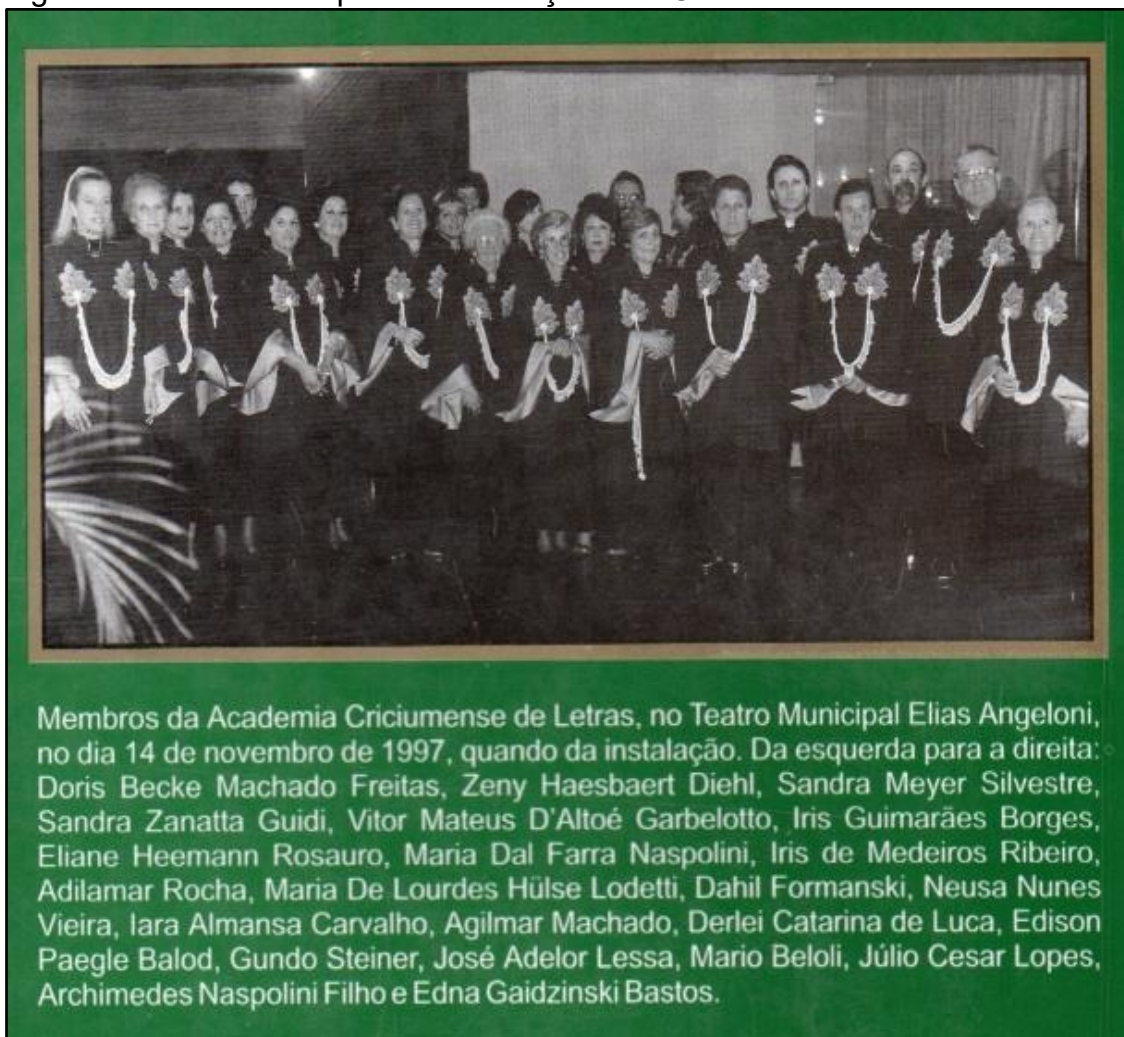
[...] na época eu fazia parte do CALLP, um Centro de Atendimento à Língua e Literatura Portuguesa, com a Iris. E nós sempre falávamos sobre a possibilidade de ser criada uma academia, Academia Criciúmensense de Letras. E, eu tenho a impressão, que a Iris foi chamada para conversar com o Júlio César Lopes, que na época era o presidente da Fundação Cultural de Criciúma. E a partir daí então a academia começou a criar forma [...]. (Entrevista pessoal Doris, 2024).

Sandra Meyer Silvestre, outra membra da Academia oriunda do CALLP e que passou a integrar a ACLe, recorda como foram convidados os demais membros até chegar ao número de vinte e cinco:

A Iris fez o seguinte: ela escolheu. Eu acho que a Iris, quis ser bem justa na hora da escolha dos participantes da academia, então ela escolheu alguns alunos que ela conhecia, que eram alunos, que estavam assim, com, mas eu não digo com mais habilidade para escrever, mas, com mais interesse em literatura, né? Então, fui eu, a Edna, a Doris, a Dona Otávia, que era mãe da Edna e que fazia parte do CALLP também. Ela resolveu chamar pessoas ligadas à literatura lá da Unesc. [...] Então, nessa leva, me lembro que foi a lara, que faleceu há uns dois anos. A Iris, também resolveu escolher pessoas ligadas ao jornalismo [...]. Ela escolheu pessoas das diversas áreas que eram, de alguma forma, ligadas à literatura, à escrita e tal. Ela escolheu também professoras que foram muito importantes nas escolas, por exemplo, ela escolheu a dona Neuza Vieira [...], a dona Maria de Lourdes Hülse Lodetti que também faleceu há poucos anos já centenária, né? A Zeni, o sobrenome dela é muito difícil [risos]. Ela também era uma professora, de artes, mas muito assim querida, trabalhou em várias escolas e tal (Entrevista pessoal Sandra, 2025).

Na contracapa da Revista Acadêmica de 1999 encontram-se os vinte e cinco membros da primeira formação da ACLe e seus nomes. O registro foi feito no dia da instalação da Academia, em novembro de 1997, no Teatro Elias Angeloni, em Criciúma.

Figura 1 - Membros da primeira formação da ACLe



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (1999).

Fundada em 1997, a Academia Criciumense de Letras (ACLe) é uma “associação civil, sem fins lucrativos, de caráter literário e cultural, com duração ilimitada”, conforme consta no artigo 1º de seu estatuto. Atualmente, possui 35 membros efetivos e perpétuos, seu patrono é o poeta José Henrique Siqueira Girão e sua sede denominada “Casa de José Pimentel”. A entidade já teve diversos endereços na cidade, mas desde 2016 encontra-se instalada na rua Anita Garibaldi, 386, 6º andar, centro de Criciúma, Santa Catarina.

O objetivo da entidade é especificado no artigo 2º, que é o de “cultivar a língua vernácula, como arte de expressão e promover a defesa dos valores culturais do Município de Criciúma, especialmente no campo literário” (ACLe, 1997). No artigo 3º de seu estatuto encontra-se um rol de ações visando ao cumprimento de seus objetivos, a saber:

- a) cursos a cargo dos acadêmicos ou de intelectuais especialmente convidados, sobre literatura de modo geral, romance, poesia, novela, ensaio, crônica, história, conto, linguagem e crítica literária;
- b) conferência sobre autores e obras de escritores brasileiros, em especial catarinenses;
- c) palestras comemorativas de datas relacionadas com acadêmicos falecidos, ou vultos da cultura universal;
- d) reuniões para estudos de temas relacionados com a literatura: teoria, prática e crítica;
- e) realização de concursos literários;
- f) publicação da Revista da Academia Criciumense de Letras;
- g) guarda e conservação de livros, documentos ou objetos de valor histórico-cultural, pertencentes à Academia;
- h) biblioteca das obras dos acadêmicos que fizeram e fazem parte da Academia;
- i) organização do fichário de cada acadêmico, contendo toda a sua documentação (Estatuto da ACLe, 1997).

Em atividade desde a sua fundação, duas ações citadas recebem destaque: o concurso literário e a publicação da revista da Academia Criciumense de Letras. As demais não são tão visíveis, por se tratar de ações voltadas para os próprios membros da ACLe. Desde sua primeira edição, em 1999, a publicação denominada Revista Acadêmica permanece assim até hoje e, no ano seguinte, foi realizado o primeiro concurso literário promovido pela entidade.

Apesar de não constar em seu estatuto a realização de ações em e para escolas, com o passar dos anos a ACLe foi direcionando sua atenção para esse segmento, abrangendo cada vez mais um público formado por alunos e professores. Isso pode ser observado desde a primeira edição do concurso literário, promovido em 2000, destinado a estudantes matriculados no então denominado segundo grau, hoje chamado ensino médio. Na ocasião foram selecionados seis textos, sendo três poemas, três contos, cada um deles classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar, todos publicados na Revista Acadêmica.

Com o passar dos anos, o regulamento do concurso foi sendo ajustado para receber um número cada vez maior de inscritos, em categorias que abrangem desde a infantil até os mais idosos, o que é possível constatar ao manusear as revistas acadêmicas. Percebe-se, ao longo das edições, os acréscimos relativos às categorias. No entanto, conforme mencionado pelos próprios membros da ACLe durante as entrevistas, o maior volume de inscritos é o de estudantes. Assim, o concurso literário da academia, bem como a

presença de seus membros, chamados acadêmicos, passou a ser mais frequente em escolas da cidade. Essa ligação da Academia com as escolas pode ter-se fortalecido talvez por haver professoras no quadro de membros da entidade.

Os números ilustram bem esse aumento na participação dos estudantes: em 2023 a edição de número 24 da revista contava com 75 textos publicados, todos premiados com primeiro, segundo e terceiro lugar ou menção honrosa nas categorias conto, crônica e poema. Desse montante, 40 textos são de crianças e adolescentes, estudantes de escolas públicas e privadas de Criciúma ou cidades vizinhas, o que indica uma participação expressiva desse segmento.

O concurso literário da ACLe, que em 2023 realizou sua 22ª edição, é em certa medida aguardado por professores e estudantes das escolas da região, que se organizam para produzirem os textos que participarão do certame. Assim que o edital é lançado e publicado nas redes sociais, alguns acadêmicos se prontificam a percorrer as escolas para divulgar e convidar à participação.

Sobre os recursos necessários para manter as atividades da academia, no Artigo 18, alínea g de seu estatuto está previsto como um dos deveres do membro efetivo o pagamento de “contribuições e outros encargos fixados por Assembleia Geral” (ACLe, 1977, p. 9). Ainda sobre a obtenção de recursos, a acadêmica e então presidente Edna Margarida Gaidizinski Bastos publicou na edição de 2007 da Revista Acadêmica:

Somos uma associação de cultura, com vínculos com a sociedade, e esta sociedade espera de nós que continuemos a atendê-la, seja através da realização dos nossos concursos, da crítica literária, ou ainda, com apoio para publicações de livros. E engana-se aqueles que julgam ser a cultura uma atividade que dispense recursos financeiros, muito ao contrário, cultura só se faz com apoio de órgãos públicos, subvenções sociais, empresas, ou até mesmo mecenatos... e vamos buscar estas parcerias (Bastos, 2007, p. 20).

Um exemplo de apoio recebido pela entidade foi a aquisição em 2009, por parte da Prefeitura Municipal de Criciúma, de 200 exemplares da Revista Acadêmica n. 11, que celebrou os 130 anos de Criciúma. O concurso literário escolheu como tema o aniversário da cidade (ACLe, 2010, p. 18).

Ainda sobre a busca de recursos para manter a entidade, em 2014 a então presidente Iris Guimarães Borges reitera as palavras da presidente Edna Bastos

sobre a dificuldade de manter a entidade e o esforço para se fazer um concurso literário e a publicação da revista:

Ao lançarmos a 16ª. Revista Acadêmica da ACLe, também nós nos perguntamos se vale a pena tamanho esforço para manter vivos o Concurso Literário e a publicação das obras vencedoras. É muito trabalho para poucos voluntários, é muito dinheiro para uma entidade sem fins lucrativos, que conta exclusivamente com a boa vontade de alguns patrocinadores, quase sempre os mesmos, a quem precisamos recorrer a cada ano (Borges, 2016, p. 13).

Com a consolidação da entidade literária e cultural, esta passou a receber convites para realizar ações dentro de escolas e da Secretaria de Educação do município. Uma dessas ações aconteceu entre os anos 2009 e 2010, quando alguns de seus membros foram convidados a integrar a comissão de estudos para a implementação do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), criado pelos Ministérios da Cultura e da Educação. Algumas das acadêmicas têm livros infantis publicados, além de serem ou terem sido professoras (Bastos, 2010, p. 13).

Os acadêmicos também são convidados para visitarem as escolas e conversarem com os alunos, como aconteceu em 2009. Após obter o primeiro lugar na categoria poema no concurso da ACLe no ano anterior, uma jovem poeta, então estagiária em uma escola municipal, criou um projeto com alunos do 3º ao 5º ano chamado “O Mundo Mágico das Letras”, que entre outras atividades literárias incluía o concurso literário da escola. As acadêmicas da ACLe realizaram palestra sobre literatura e poesia, além de orientar e organizar o concurso da escola (ACLe, 2009, p. 24).

Convites semelhantes foram feitos em 2013 para que os livros dos acadêmicos fossem trabalhados com os alunos das escolas Vilson Lalau, Professor Pedro da Ré, Colégio São Bento e na Biblioteca Pública Donatila Borba (ACLe, 2013, p. 31). Membros da Academia também foram convidados a fazer parte de bancas de jurados de concursos literários como 1º Concurso de Poemas – SATC 50 anos (ACLe, 2009, p. 25), e Concurso Literário da SATC “Arte e Poesia” em 2015 (ACLe, 2016, p. 44) e a parceria com a Associação Criciumense de Transporte Urbano (ACTU) no concurso “A poesia vai de ônibus” (ACLe, 2019, p. 43).

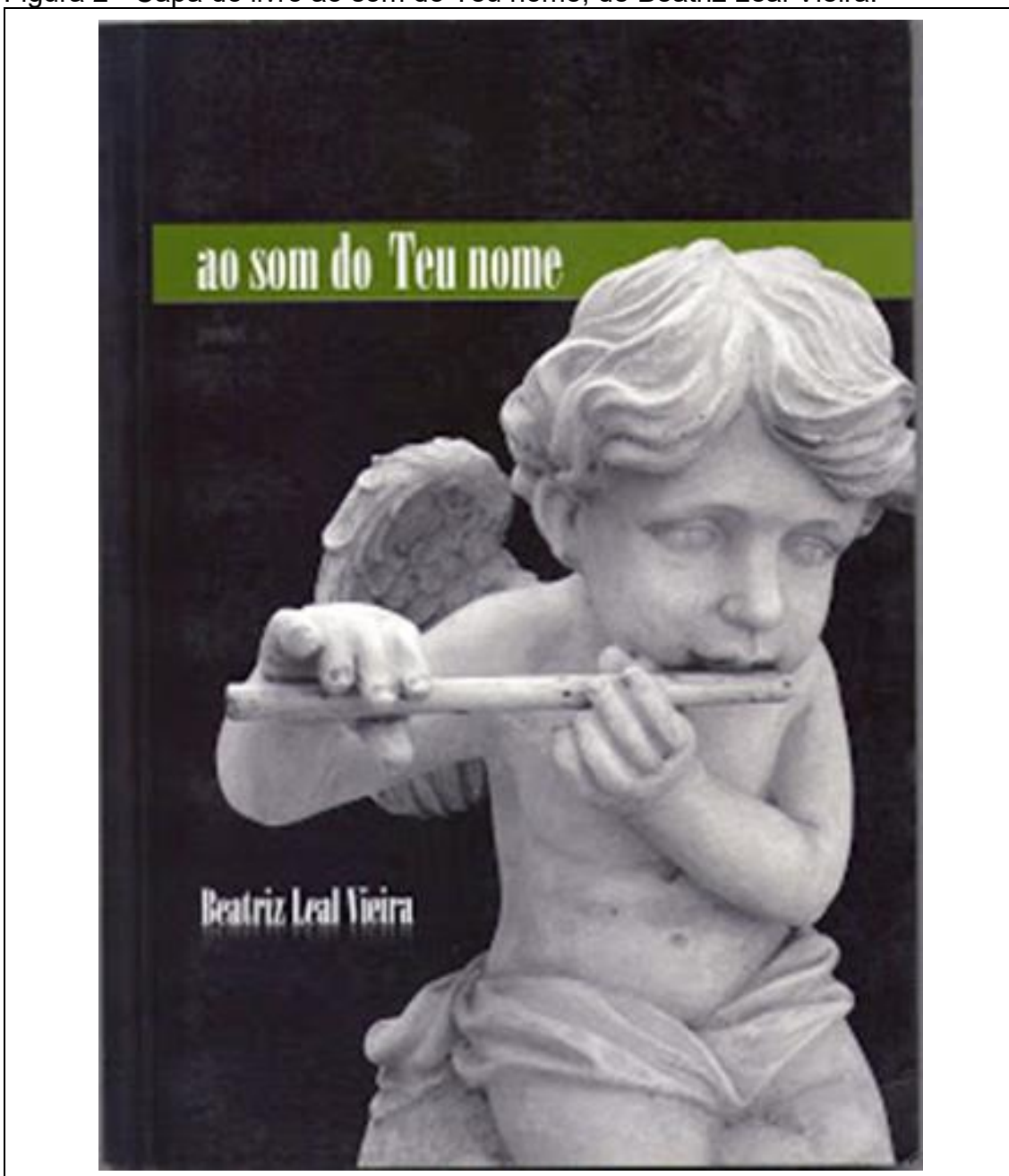
A partir de 2006 a Academia passou a ser convidada a participar da Feira do Livro de Criciúma, além de participar de mesas de conversas literárias (Silvestre, 2006, p. 11) e rodas de conversas (ACLe, 2023, p. 49).

Em 2017 a ACLe, aceitando um convite feito pela Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC), participou do projeto “Bordando Poesia/B + A = BA da vida”. Nesse projeto, as mulheres que participam dos clubes de mães administrados pela AFASC bordaram trechos de poemas de escritores membros da ACLe e de outros poetas da região em lencinhos, capas de almofadas, entre outros, com o objetivo de unir bordado e literatura. Um fato chamou a atenção das capacitadoras (como são denominadas as “professoras” que atuam nos clubes de mães) ao realizarem o projeto dos bordados dos poemas: foram identificadas 65 participantes dos clubes de mães que não eram alfabetizadas ou não haviam concluído o ensino fundamental (ACLe, 2017, p. 35-37). Diante dessa realidade, a AFASC, juntamente com a pedagoga da entidade, organizou um supletivo para aquelas que tivessem interesse em alfabetizar-se ou concluir seus estudos. Após um ano e meio, oito mulheres concluíram o Ensino Fundamental – Anos Finais e receberam o certificado de conclusão (Participantes..., 2018).

Em 2017, um projeto começou a ser desenvolvido por uma das acadêmicas intitulado “Tarde Literária com Pequenos Escritores”, na Feira do Livro, projeto que convidava os estudantes vencedores do concurso literário a lerem seus textos no palco da feira (ACLe, 2018, p. 27). Com a intenção de aproximar mais estudantes da Academia Criciumense de Letras, em 2018 foi criado o projeto “Conhecendo a ACLe”, em que escolas e professores agendam um horário de visita com a presidente, que lhes conta a história da entidade, além de conversar sobre literatura (ACLe, 2019, p. 36-40).

Além da Revista Acadêmica, em duas oportunidades a ACLe realizou publicações de livros. A primeira delas fez parte da edição do concurso literário de 2005, que apresentou uma categoria intitulada “Autor Inédito”, com o objetivo de premiar e publicar uma obra literária. Foi vencedora a obra ao som do Teu nome, de Beatriz Leal Vieira.

Figura 2 - Capa do livro ao som do Teu nome, de Beatriz Leal Vieira.



Fonte: Acervo da autora, (2006).

O lançamento foi realizado em 12 de setembro de 2006, no Bortoluzzi Center (Costa, 2006). Na figura 3, a escritora Beatriz Leal Vieira (sentada, à direita) autografa a obra vencedora publicada pela ACLe.

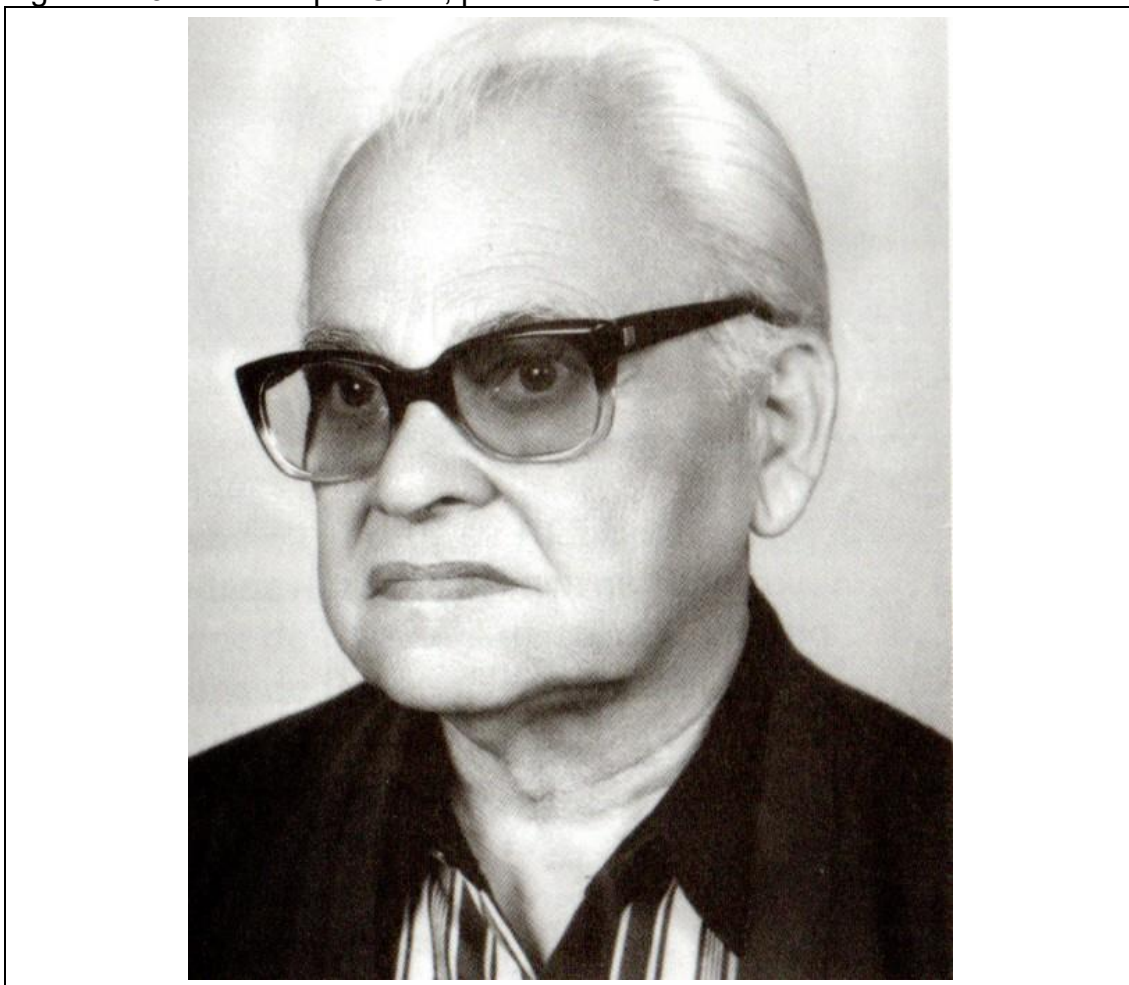
Figura 3 - Sessão de lançamento do livro ao som do Teu nome, de Beatriz Leal Vieira



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2006).

Em comemoração aos dez anos de sua fundação, a Academia Criciumense de Letras lançou *Obra Poética*, de José Henrique Girão. Nascido em Recife em 1901, José Henrique Girão mudou-se para Santa Catarina em 1968, estabelecendo-se em Criciúma em 1975. Poeta, Girão publicava seus poemas em jornais e lançou três livros: *Canção da vida* (1982), *Renascer* (1984) e *Reflexões sobre a vida* (1986). Faleceu em Criciúma em 9 de maio de 1997, e em 14 de dezembro do mesmo ano foi escolhido patrono da ACLe.

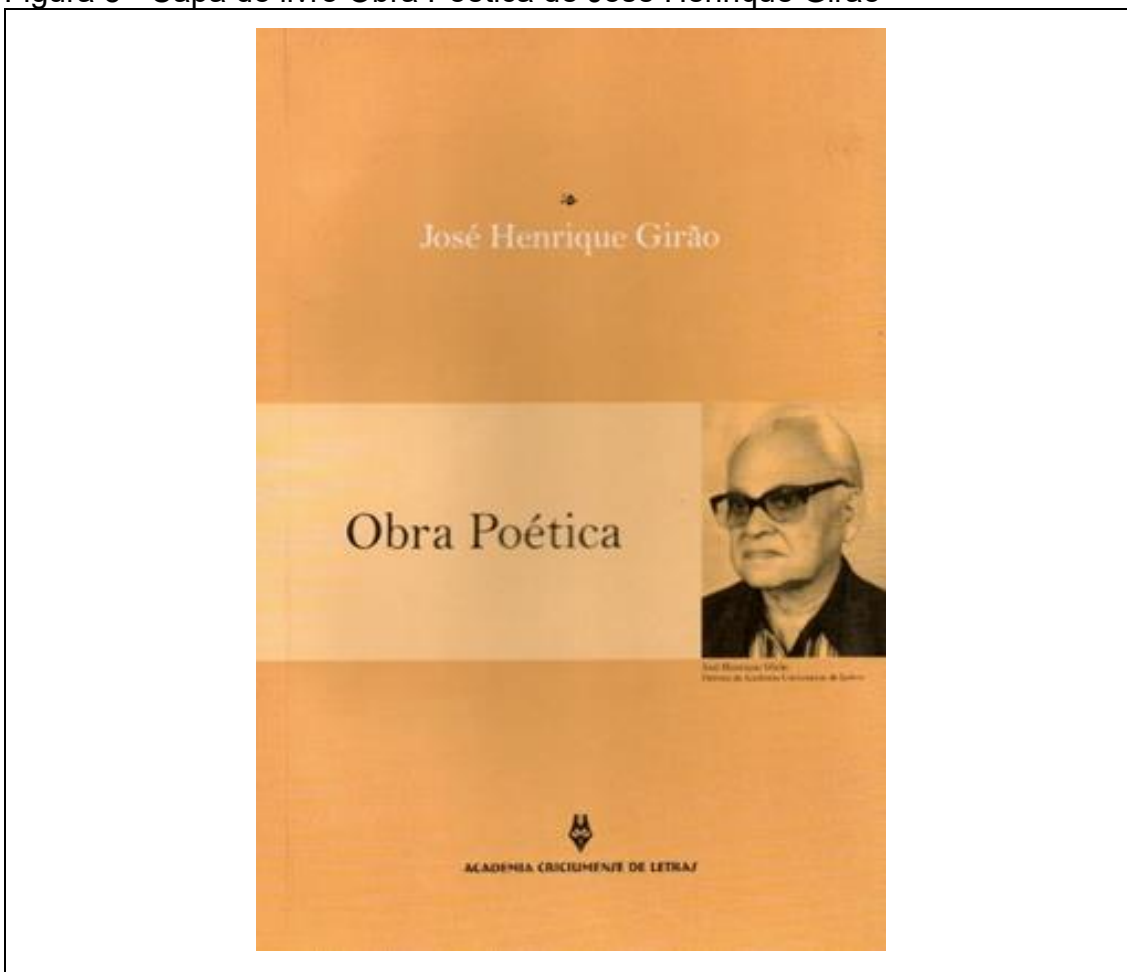
Figura 4 - José Henrique Girão, patrono da ACLe



Fonte: Obra Poética, (2007).

Em 14 de dezembro de 2007, no Teatro Municipal Elias Angeloni, foi realizada a sessão solene referente ao aniversário da Academia e o lançamento do livro Obra Poética.

Figura 5 - Capa do livro Obra Poética de José Henrique Girão



Fonte: Acervo da ACLe, (2007).

Figura 6 - Sessão solene referente aos 10 anos da ACLe



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2008).

Em 2002 a Academia Criciumense de Letras foi reconhecida como entidade pela Academia Brasileira de Letras – ABL (Freitas, 2002) e no dia 28 de novembro de 2023 recebeu uma Moção de Aplausos pelos 25 anos da entidade (Quadros, 2023, p. 78).

2.2 CONCURSO LITERÁRIO DA ACLe

O concurso literário da ACLe, conforme constatado durante a pesquisa, é a principal ação da Academia relacionada à literatura e a criação literária. Sandra Meyer Silvestre, membro da Academia e ex-coordenadora do concurso, relata como aconteceu a criação do certame:

[...] ele surgiu pela cabeça do Ronaldo Davi. [...] aquele Ronaldo era assim, eu sempre digo que ele estava sempre cheio de ideias, cheio de coisas pra fazer. [...] partiu dele a criação do concurso e foi ele que começou tudo. [...] ele foi nas escolas divulgar o concurso, fez uma divulgação muito boa que inclusive nos primeiros anos nós tínhamos quase uns mil inscritos, mil trabalhos (Entrevista pessoal Sandra)

Assim, no ano 2000, a Academia Criciumense de Letras lançou a primeira edição de seu concurso literário, conforme relatou o então presidente da entidade, Archimedes Naspolini Filho, em uma publicação:

Na primeira metade do semestre passado, a nossa Academia de Letras lançou um concurso literário – de contos, poemas e crônicas – destinado a estudantes regularmente matriculados nos estabelecimentos de ensino de segundo grau do município (Filho, 2001, p. 169).

Naquela edição, foram selecionados seis textos, sendo três de cada gênero literário. Os textos ainda foram classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar, cada um dentro de seu gênero. Conforme edital, os alunos dos textos vencedores estavam matriculados e frequentando o segundo grau (hoje ensino médio) em escolas de Criciúma, sendo dois deles oriundos de escolas particulares, dois de escolas públicas de ensino regular e um do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA).

Figura 7 - Vencedores do primeiro concurso literário da ACLe



Fonte: Jornal do Dia, 2000 (Acervo de Beatriz Leal Vieira).

As edições de 2001 e 2002 do concurso literário mantiveram as inscrições restritas a alunos do ensino médio matriculados em escolas da cidade, porém a partir de 2001 foi incluída a “menção honrosa” como forma de premiar os textos que, mesmo não obtendo uma das três classificações, mereciam ser condecorados, na visão da comissão julgadora do concurso. Nota-se, assim, um expressivo aumento no número de textos selecionados e publicados na revista, saindo de seis da primeira edição para 14 e 19, respectivamente.

A edição do concurso de 2003 ainda estava voltada para estudantes do ensino médio, mas desta vez com a participação dos municípios que fazem parte da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), sendo eles: Balneário Rincão, Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso e Urussanga. Essa abertura à participação de outras cidades já havia sido feita ao então presidente da ACLe: “Registre-se, contudo, o interesse manifesto de pessoas de outros municípios desta Região, deste e de outros Estados da federação” (Filho, 2001, p. 169). Nessa edição foram premiados 25 textos.

Diferentemente das edições anteriores, que não citavam números, a Revista Acadêmica de 2004 registra o recebimento de “mais de mil e quinhentos trabalhos”. Porém, naquele ano, optou-se por apenas um gênero literário, o poema, “mas ampliado para praticamente toda a Região Sul catarinense” (Bastos, 2004, p. 10). Naquele ano, o concurso foi nomeado de Concurso Literário de Poemas e premiou 33 produções. Nota-se, entretanto, uma significativa mudança na classificação dos textos, o que indica também mudança nas regras do concurso, ficando assim divididas as categorias das premiações: “Infanto-juvenil”, “Adulto” e “Atemporal”.

Rebatizado de Concurso Literário da Academia Criciumense de Letras, a edição de 2005 mantém o gênero poema e volta a receber contos e crônicas. A classificação é feita por idade dentro de cada gênero literário, sendo assim: “Infantil”, “Jovem”, “Adulto” e “Atemporal”. Um indício para essa mudança encontra-se na Revista Acadêmica daquele ano, em que o acadêmico Ronaldo Davi, coordenador do concurso, registra a “manifestação de liberdade criativa, dos 8 aos 86 anos” (Davi, 2005). Entre os 44 textos premiados, chamam a atenção nove produções de autores que não fazem parte dos municípios da AMREC, sendo eles Florianópolis, Tubarão, Araranguá e Passo de Torres. Observa-se aqui outra possível mudança no regulamento do certame, cuja pista pode ser encontrada na Apresentação da revista daquele ano, que nas palavras da então presidente da entidade, Sandra Meyer Silvestre anuncia que a academia “realiza o maior concurso literário de Santa Catarina” (Silvestre, 2005, p. 9). Outro fato inédito e até o momento único foi a inclusão naquele ano da categoria “Livro de Autor Inédito”, que selecionou e publicou o livro de poemas *Ao som de teu nome*, de Beatriz Leal Vieira.

Em 2006, foi contabilizado o recebimento de 1.276 textos válidos a concorrerem, além de 93 que foram desclassificados por serem de outro estado, de regiões como Oeste e Norte de Santa Catarina ou por estarem fora do prazo de inscrição. A seção “Comentários” da Revista Acadêmica, que antecede a publicação dos trabalhos vencedores, reforça o concurso “como o maior neste estilo de revelação de valores literários no Estado de Santa Catarina” e, mediante o interesse de escritores de outras regiões do Estado em participar, a Academia cogitou tornar o concurso de abrangência estadual. Trouxe, assim, o texto:

[...] o que vem sendo solicitado por escritores de várias regiões de Estado de Santa Catarina, por ser um certame literário comprovadamente realista e eficaz nos seus propósitos de difundir talentos de nossa literatura (ACLe, 2006, p. 154).

Uma das novidades incluídas nessa edição foi a entrega de um diploma de Honra ao Mérito e um exemplar da Revista Acadêmica para as escolas com estudantes selecionados no concurso. As categorias foram renomeadas, passando a ser divididas em “Estudantil”, “Adulta”, “Ensino Fundamental”, “Ensino Médio” e “Atemporal”. Foram premiados 54 textos.

Quando completou dez anos de existência, a AClE, nas palavras da então secretária Sandra Meyer Silvestre, realizou outra “façanha”, que foi estender o concurso para municípios do Planalto Catarinense. Assim, a edição de 2007 recebeu “a cifra de mais de mil inscrições nas categorias de conto, crônica e poema” (Silvestre, 2007), e premiou 50.

No ano seguinte, Silvestre (2008), fala da tarefa de ler quase mil textos inéditos, dos quais 37 foram selecionados e premiados. Em “O nono Concurso Literário da AClE”, texto que antecede a publicação das obras premiadas, são apresentados os nomes dos membros da comissão julgadora, todos acadêmicos da AClE. A atual coordenadora do concurso literário, Cármen Neves, durante a entrevista para esta pesquisa, menciona que todos os jurados são membros da AClE, que nunca houve jurados de fora da academia. Também pela primeira vez falou-se dos critérios que norteiam a escolha dos textos, sendo eles: “originalidade e criatividade, uso correto da língua portuguesa, coerência, e obediência às características de cada um dos gêneros” (Silvestre, 2008, p. 179).

Desde quando foi lançado, o concurso não impunha um tema para aqueles que desejassem participar, exceto em 2009, quando a cidade comemorou seu aniversário de 130 anos. Conforme registrou a coordenadora do concurso:

[...] institui-se que a 10ª. edição do concurso acadêmico teria como tema exclusivo a “Cidade de Criciúma” uma vez que a língua pátria é um veículo privilegiado para divulgação da história de um povo, bem como sua identidade cultural (Silvestre, 2009, p. 185).

Não é informado o número de inscrições recebidas nessa edição do concurso, mas chama a atenção o fato de apenas 16 textos terem sido

selecionados. Acredita-se que a imposição de um tema tenha limitado a participação. Definir um tema foi, inclusive, mencionada pelas três integrantes da Academia durante a entrevista. Segundo elas, receber muitos textos com o mesmo tema torna a tarefa de seleção cansativa. Em 2010 o concurso retoma sua tradição do tema livre para as inscrições no concurso literário e, apesar de não ser informado o número de inscritos, o número de selecionados sobe para 56. Identifica-se, a partir dessa edição, uma nova e permanente nomenclatura para as categorias. São elas: “Infantil”, “Juvenil”, “Adulto” e “Maturidade”. Ressalta-se que, em cada categoria são contemplados contos, crônicas e poemas.

A partir de 2010, o Concurso Literário da ACLe adquire certa estabilidade e regularidade, fruto de experimentações ora bem-sucedidas, ora nem tanto, mas que fizeram com que o concurso amadurecesse e adquirisse o formato que, com poucas variações, mantém até hoje. Registra-se em 2011 o recebimento de 800 inscrições com 69 premiados; em 2012 com 56 premiados (inscrições não informadas), em 2013 com 718 inscrições e 61 premiados, em 2014 com 1.265 e 71 premiados.

Em 2015, a Revista Acadêmica não foi publicada. A edição do ano seguinte, de número 17, trouxe na fala da acadêmica Sandra Meyer Silvestre, indícios do possível motivo da não publicação da revista:

Qualquer coisa que, em nosso país, dure mais de uma década, sobretudo na área cultural, é um triunfo. Contudo, diga-se, esse bom êxito foi alcançado não sem sacrifícios, trabalho e dedicação. A falta de incentivo e de recursos sempre caminharam junto com nossa determinação de fazer valer os objetivos propostos no estatuto da ACLe, ou seja, dar voz a talentos literários, estimular a prática da criação de textos e difundir na revista os resultados desta prazerosa colheita (Silvestre, 2016, p. 13).

Assim os trabalhos do concurso realizado em 2015, que contou com 1.230 inscrições e 65 premiados, foram publicados na Revista Acadêmica de 2016, e o concurso literário de 2016 não foi realizado. Em 2017, ano em que a Academia completou 20 anos, o concurso premiou 47 textos, menos do que havia premiado nos anos anteriores, conforme informou a então coordenadora do concurso, Cármen Maria Neves Goulart Pillon (que adota o nome literário de Cármen Neves): “Em 2017, a ACLe decidiu antecipar a data do concurso literário. Tal

mudança resultou em um número menor de inscritos, mas a qualidade dos textos manteve-se alta” (Pillon, 2017, p. 179).

Na edição de 2018, também não foi informado o número de inscrições recebidas, mas foram premiados 72 textos. Em 2019, o concurso recebeu 540 inscrições, das quais 70 foram premiadas e publicadas, como de costume, na sua Revista Acadêmica. E quando parecia que se estava retomando o ritmo e a regularidade, veio a pandemia da Covid-19. Concurso Literário e Revista Acadêmica suspensos em 2020, retornando em 2021 com 62 textos premiados.





O ano de 2022 marcou o jubileu de prata da Academia, que realizou uma edição especial da Revista Acadêmica e do Concurso Literário: além de produções com tema livre, uma categoria dedicada a Criciúma e suas histórias. Foram ao todo 68 textos vencedores. Em 2023 a Academia lançou novo edital, desta vez apenas com produções de tema livre e premiou 76 textos. O concurso literário de 2024 contou com tema livre, recebeu 478 textos e contou com 97 premiados.

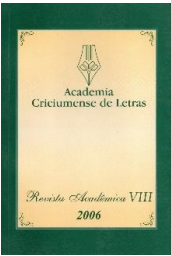
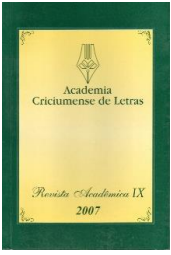


O quadro a seguir permite visualizar as informações apresentadas, trazendo a imagem da capa de cada Revista Acadêmica, número, ano, edição do concurso e número de textos premiados. Essas publicações fazem parte do acervo da entidade e são uma das fontes de informações para esta pesquisa.


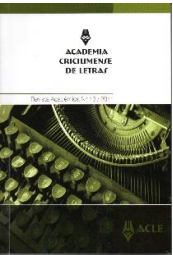

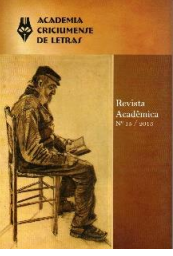
Quadro 1 - Revistas Acadêmicas


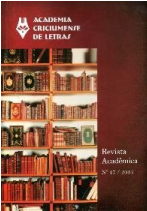
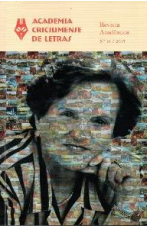
Capa	Número	Ano	Número de páginas	Concurso Literário Edição	Número de textos premiados ³
	1	1999	212	Ainda não havia concurso literário	0
	2	2000	224	1ª	6
	3	2001	307	2ª	14

³ Foram computados todos os textos premiados nos gêneros (conto, crônica e poemas), em todas as categorias (infantil, juvenil, adulto e atemporal/maturidade) e classificação (1º, 2º, 3º lugar e Menção Honrosa).


	4	2002	313	3 ^a	19
	5	2003	185	4 ^a	25
	6	2004	193	5 ^a	33
	7	2005	209	6 ^a	44

 <p>Academia Criciunense de Letras</p> <p>Revista Acadêmica VIII 2006</p>	8	2006	239	7 ^a	54
 <p>Academia Criciunense de Letras</p> <p>Revista Acadêmica IX 2007</p>	9	2007	219	8 ^a	50
 <p>Academia Criciunense de Letras</p> <p>Revista Acadêmica X 2008</p>	10	2008	233	9 ^a	37
 <p>Academia Criciunense de Letras</p> <p>Revista Acadêmica XI 2009</p>	11	2009	221	10 ^a	16

	12	2010	217	11 ^a	56
	13	2011	253	12 ^a	69
	14	2012	245	13 ^a	56
	15	2013	211	14 ^a	61



	16	2014	219	15 ^a	71
	Não houve publicação ⁴	2015		16 ^a	65
	17	2016	263	Não foi realizado o concurso literário. Foram publicados os textos premiados do ano anterior.	
	18	2017	269	17 ^a	47

⁴O concurso literário foi realizado, mas a revista literária não foi publicada naquele ano.

	19	2018	270	18 ^a	72
	20	2019	232	19 ^a .	70
	Não houve publicação ⁵	2020		Não foi realizado concurso literário	
	21-22 ⁶	2021	218	20 ^a .	62

⁵ Devido à pandemia da Covid-19, o concurso literário e a publicação da revista literária foram suspensos.

⁶ A edição de número 21 e 22 foram compilados em um único exemplar.

	23	2022	325	21 ^a .	68
	24	2023	279	22 ^a .	76
	25 ⁷	2024		23 ^a .	97

Fonte: elaboração da autora, (2024).

⁷ O lançamento foi adiado em função do falecimento do acadêmico Plácido Pizzetti em 16/11/2024.

3 QUATRO PERGUNTAS SOBRE LITERATURA

Neste capítulo, quatro perguntas serão feitas sobre literatura. Essas perguntas são importantes e contribuem para encontrar respostas alinhadas aos objetivos traçados para esta pesquisa. Primeira pergunta: O que é literatura? Definir o que é literatura é um desafio e acredito que é muito difícil encontrar uma resposta que satisfaça plenamente o desejo de conceituar algo tão amplo e complexo como a literatura. Mas, para este estudo, faz-se necessário eleger um conceito e usá-lo como base para esta pesquisa. A segunda pergunta é deveras pertinente: Para que serve a literatura? Não sendo a literatura um gênero alimentício, algo que pode acabar com a fome, ou uma bebida que possa matar a sede do corpo, seria ela alimento ou oásis para outras necessidades humanas? A terceira pergunta é: Quem tem direito à literatura? Na busca pela resposta algumas reflexões precisarão ser feitas, como por exemplo, a literatura como um dos bens essenciais para a formação da pessoa. A quarta e não menos importante: Por que ensinar literatura?

3.1 O QUE É LITERATURA?

Como já foi dito, definir literatura é um risco. Ainda assim, usaremos como referência o livro *O que é literatura*, de Marisa Lajolo (1984), que de antemão esclarece que qualquer tentativa de definição de literatura servirá apenas para “uso interno”. Segundo Lajolo (1984):

O que é literatura? é uma pergunta que tem várias respostas. E não se trata de resposta que, paulatinamente, vão-se aproximando cada vez mais de grande verdade, da verdade-verdadeira. Não é nada disso. Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição para literatura. Respostas e definições – vê-se logo – para uso interno (Lajolo, 1984, p. 25).

A primeira definição a ser trazida é a da própria palavra literatura. Assim, conforme Lajolo (1984):

A forma latina *litteratura* nasce de outra palavra igualmente latina: *littera*, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem. O parentesco letras/literatura continua em expressões como cursos e academia *de letras*, homens *letrados*, belas-*letras* e tantas outras. Insinua-se, por aí, uma estreita relação entre a palavra *literatura* e a noção de língua escrita, pergaminho com iluminuras, papel impresso, etc. (Lajolo, 1984, p. 29)

A autora afirma ainda que “a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia” (Lajolo, 1984, p. 16). Para Lajolo (1984), uma obra se consolida como literária se existir esse intercambio social entre escritor e autor. Para ela, só autor e leitor não bastam para a consolidação de uma obra como literária, fazendo necessária a presença de outros agentes. Conforme a autora:

Para que um texto seja considerado literatura [...] é preciso algo mais do que o livre trânsito entre seu autor e um eventual leitor. Parece ser necessário o aval dos canais competentes. Quem são estes canais? Pois é. Quem são? Canais competentes são todas aquelas instâncias às quais cumpre referendar a literariedade. Às quais compete, por uma espécie de acordo entre cavalheiros, estabelecer (mesmo que pela crítica demolidora), o valor ou a natureza artística e literária de uma obra considerada literária por seu autor ou eventuais leitores. É necessário, portanto, para que uma obra seja considerada parte integrante do conjunto de obras literárias de uma dada tradição cultural, que ela tenha o endosso de certos setores mais especializados, aos quais compete o batismo de um texto como literário ou não literário (Lajolo, 1984, p. 18).

Há uma pergunta que precisa ser respondida: O que são esses setores especializados? Quem endossa a produção escrita e a classifica como literária ou não? Assim, Lajolo (1984), define os agentes especializados:

São poucos, ou muitos, mas sempre os mesmos, que Narciso acha feio o que não é espelho: os intelectuais, a crítica, a universidade, a academia. Algumas destas entidades são “entidades” entre aspas. Não são institucionalizadas. Sem sede nem carteirinha, pairam nas nebulosas esferas do subentendido. Outras não. A Academia – a Brasileira de Letras, por exemplo – além de sede tem uniforme e espada (Lajolo, 1984, p. 18).

Objeto desta pesquisa, a AClE configura-se como um desses agentes especializados localizado na cidade de Criciúma e que com frequência é consultado e dá seu aval, seu endosso, para obras com potencial literário. Um exemplo de seu papel como agente especializado é a seleção e premiação de

textos de gêneros literários provenientes especialmente de seu concurso literário, promovido desde o ano 2000. Por meio do concurso literário que promove ou de concursos literários de que participa como convidada, a ACL seleciona, classifica e premia textos que julga serem de potencial literário.

Dessa forma, os textos selecionados, classificados e julgados por essa entidade, que segundo Lajolo (1984), tem caráter de agente especializado, passam a serem percebidos pelos autores, pela comunidade e por todos os que tem acesso a eles como sendo textos literários, enquadrando-se, assim, no que chamamos literatura.

É importante mencionar que, segundo Lajolo (1984), a escola também cumpre este papel de agente especializado. Conforme a autora:

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário das obras que aspiram aos *status* de literatura, a escola é fundamental. A instituição escolar é das que há mais tempo e com maior eficiência vêm cumprindo o papel de avalista e fiadora da natureza e valor literários dos livros em circulação (Lajolo, 1984, p. 18).

Ainda que, conforme Lajolo (1984), uma obra literária seja um objeto social, é importante salientar que textos literários têm características que os diferenciam de textos não literários. Segundo Jonathan Culler (1999), antes de 1800 o termo literatura e seus sinônimos se referiam a “textos escritos” ou “conhecimento de livros”. Isso significa que qualquer obra escrita até esse período da história era estudada como exemplo de uso da linguagem e da retórica. Mesmo hoje, quando um profissional da saúde se refere à “literatura” médica, certamente não está se referindo a poemas ou romances. Da mesma forma, segundo Culler (1999), é tentador concluir que literatura é um conjunto de textos que os árbitros culturais, que Lajolo (1984), chama de agentes especializados, definem como literatura.

O que faz com que tratemos algo como literatura? Está é a importante pergunta a ser feita a fim de tentar definir que obras podem ser consideradas literatura. Culler (1999), elenca aspectos que ajudam a identificar as obras como literárias. Segundo o autor:

- a) Obras literárias passam por processo de seleção: são publicadas, resenhadas, reimpressas e chegam ao leitor com o aval de serem bem construídas e “de valor”;
- b) Obras literárias são encontradas em contextos que as identificam como literatura: em um livro, uma livraria, uma biblioteca, em uma revista literária;
- c) Obras literárias colocam a linguagem em primeiro plano, ou seja, a linguagem é organizada para atrair a atenção para as estruturas linguísticas;
- d) Obras literárias interagem com a linguagem, explorando as relações entre forma e sentido, tema e gramática, buscando interação, harmonia, tensão ou dissonância;
- e) Obras literárias são eventos linguísticos que projetam um mundo ficcional que inclui atores, acontecimentos e lugares imaginários e não históricos. A ficcionalidade das obras literárias as deixa aberta à interpretação;
- f) Obras literárias dialogam e se alimentam da relação com outras obras literárias, conhecida por intertextualidade. Com essa prática a literatura se renova e provoca reflexão sobre si mesma.

Pode-se dizer que o conjunto de aspectos apresentados formam o que é chamado literariedade. Segundo Culler (1999):

No contexto da teoria recente, a questão “o que é literatura?” tem importância porque a teoria ressalta a literariedade dos textos de todos os tipos. Refletir sobre a literariedade é manter diante de nós, como recursos de análise desses discursos, práticas de leitura trazidas à luz pela literatura: a suspensão da exigência da inteligibilidade imediata, a reflexão sobre as implicações dos meios de expressão e a atenção em como o sentido se faz e o prazer se produz (Culler, 1999, p. 47).

Assim, é importante refletir e ter claro estes aspectos quando se trata de analisar uma obra, em especial aquela que se pretende literária.

3.2 PARA QUE SERVE A LITERATURA?

O texto contido em *Literatura para quê?*, de Antoine Compagnon (2009), trata-se de uma aula inaugural proferida pelo autor no Collège de France em 2006. Nessa conferência, Compagnon (2009), levanta questões que nos

inquietam: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (Compagnon, 2009, p. 20). Começemos com a observação que o autor faz sobre a presença da literatura em nossa sociedade. Segundo Compagnon (2009):

[...] Pois o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiola; nos lazers, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros (Compagnon, 2009, p. 21).

Eu, professora de Língua Portuguesa da Educação Básica, leitora e escritora recebo as palavras do autor com tristeza, mas consciente de toda a verdade ali contida: a literatura está perdendo cada vez mais espaço em nossa sociedade. Quando a literatura perde espaço na sociedade, a sociedade perde parte de sua capacidade de empatia, de alteridade, fica impossibilitada de ver a partir do olhar do outro. E assim escreve Compagnon (2009), a esse respeito:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (Compagnon, 2009, p. 47).

Em certo momento da conferência, Compagnon (2009), faz uma reflexão a respeito do ato da leitura e do poder que tem aqueles que sabem ler desde textos mais simples até os mais complexos. Segundo o autor:

Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil [...] para aqueles que sabem ler, não somente instruções, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura (Compagnon, 2009, p. 29).

Na citação, Compagnon (2009), faz uma reflexão a respeito da natureza prática da leitura, como um facilitador das atividades cotidianas. Não se questiona o quão difícil é a vida de uma pessoa que não sabe ler, que depende

de alguém ou de alguma tecnologia para decodificar as palavras. E estreitamente relacionado ao fato de não saber ler, essa pessoa também não sabe escrever. Mas o autor também menciona a literatura, referindo-se ao fato de que viver é mais fácil para os que também leem literatura. Com essa observação, Compagnon (2009), sugere que a leitura deve ir além da mera decodificação, pois ela pode nos conduzir para algo a mais: algo que torne a vida mais fácil, mais cômoda, mais ampla. A citação que Compagnon (2009), faz de Èmile Zola (1982), por exemplo, é uma importante reflexão a respeito de como a leitura de obras literárias podem ampliar nossa visão sobre o mundo e sobre nós mesmos.

“A verdade é que obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de Filosofia, de História e de Crítica”, assegurava Zola. Exercício de reflexão e exercício de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo (Compagnon, 2009, p. 25).

Èmile Zola⁸ em *Germinal* (2014) apresenta trabalhadores de minas de carvão mineral na França. Criciúma, cidade em que resido, se desenvolveu economicamente devido à atividade de extração do carvão mineral. Mas posso dizer que o poder do impacto da obra de Zola me transpassou mais do que a coincidência do trabalho com o carvão. Impactada pela experiência proporcionada pelo livro *Germinal*, procurei entender esse fenômeno, encontrando amparo nas seguintes palavras de Compagnon (2009):

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ele faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes (Compagnon, 2009, p. 50).

Podemos dizer que um dos poderes da literatura é a capacidade de nos tirar de nossa “zona de conforto”, fazendo com que, por meio da experiência do outro, repensemos nossa própria vida e atitudes. Seria essa, então, a utilidade da literatura? Compagnon (2009), afirma que:

⁸Èmile Zola foi um escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo da escola literária naturalista.

A literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros –, ela arruína a consciência limpa e a má-fé. [...] Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá muitas vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores (Compagnon, 2009, p. 51).

Assim, a literatura serviria para que nos tornássemos pessoas melhores, mais sensíveis, capazes de nos indignarmos com as más ações alheias, mesmo que elas sejam praticadas por personagem da ficção. Dessa maneira, quando estivéssemos diante desse tipo de situação em nosso dia a dia, já teríamos exercitado nossa sensibilidade a ponto de saber reconhecer uma injustiça e saber combatê-la, ou estar diante da dor alheia e saber consolá-la.

Sobre a pergunta que norteia esta reflexão, acredito que Compagnon (2009), citando Harold Bloom (2001), tenha respondido de forma a atender nosso anseio por uma resposta, mesmo sabendo que ela não esgota todas as possibilidades que a leitura e a literatura podem nos proporcionar. Segundo Compagnon (2009):

“A resposta final à pergunta – ‘por que ler?’ –, escreve Bloom, é que somente a leitura intensa, constante, é capaz de construir e desenvolver um eu autônomo”. Em favor da leitura cria-se uma personalidade independente capaz de ir em direção ao outro (Compagnon, 2009, p. 49).

3.3 QUEM TEM DIREITO À LITERATURA?

A resposta mais simples, e a mais óbvia, para essa pergunta seria: todas as pessoas têm direito à literatura. É igualmente tentador dizer que, no momento tecnológico que nos encontramos, temos literatura a qualquer momento, a um clique na palma de nossa mão, mas o verdadeiro acesso à literatura é um pouco mais complexo, motivo pelo qual buscaremos entender o motivo de tal pergunta. Para iniciar a reflexão, recorreremos inicialmente ao texto “O direito à literatura” de Antônio Candido (2011). O texto de Candido (2011), é na verdade, uma palestra proferida em curso de direito no ano de 1988. Solicitado que abordasse o tema “Direitos humanos e literatura” Candido (2011), reflete sobre o papel humanizador da literatura.

Entendo aqui por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

O autor ainda classifica a literatura com um bem incompressível, ou seja, aqueles bens que asseguram tanto a sobrevivência física como a integridade espiritual. Segundo Candido (2011):

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo à justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 2011, p. 176).

Ao longo de seu texto, Candido (2011), nos apresenta alguns aspectos da relação da literatura com os direitos humanos. O primeiro deles é que a literatura corresponde a uma necessidade universal e que pode mutilar a personalidade caso não seja satisfeita. A literatura também nos ajuda a dar forma aos sentimentos, organizar nossa visão de mundo, nos libertar do caos. Por isso ela tem caráter humanizador. A literatura também é valiosa na luta pela direitos humanos. Conforme Candido (2011): “Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (Candido, 2011, p. 188).

Sobre a literatura, Candido (2011), faz uma observação muito pertinente: “A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador” para, em seguida, denunciar que em sociedades como a brasileira, a literatura é tratada com algo supérfluo, e não um bem essencial. Muitos brasileiros quando tem acesso é à literatura de massa, que não deixa de ter o seu espaço, mas que passa a ser preferida à literatura erudita por ser de mais fácil compreensão. Assim, Candido (2011), nos faz lembrar que, diretamente ligado ao problema da baixa adesão à literatura erudita, encontra-se o problema da desigualdade social e econômica. Segundo Candido (2011):

Nas sociedades que procuram estabelecer regimes igualitários, o pressuposto é que todos devem ter a oportunidade de passar dos níveis populares para os níveis eruditos como consequência normal da transformação de estrutura, prevendo-se a elevação sensível da capacidade de cada um graças à aquisição cada vez maior de conhecimento e experiências. Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis e chegar ao povo os produtos eruditos (Candido, 2011, p. 190).

Em 2018, o artigo intitulado “O direito à literatura: trinta anos depois”, de Celdon Fritzen (2019), retoma as questões levantadas por Candido (2011), para discutir a literatura a partir de nosso tempo. Três décadas se passaram e o que se constatou não é nada animador. Segundo Fritzen (2019):

Em alta, o critério político-ideológico tem circulado entre nós como aquele mais decisivo para a avaliação dos fenômenos literários e culturais. Melhor ainda, como objeto, a literatura perdeu sua especificidade, posto que é vista com mais um fenômeno cultural entre os demais. Ao fim, explicar como a linguagem é um campo de lutas nos quais diferentes grupos buscam defender ou impor suas avaliações de mundo aos demais permite que tanto os *Lusiadas* como a *Revista Caras* se tornem móveis para esse desiderato (Fritzen, 2019, p. 82).

Basta um pouco de observação atenta para perceber o quanto o critério político-ideológico tomou conta da discussão acerca da literatura, pois com assustadora frequência nos chegam notícias de livros retirados de bibliotecas, proibidos de serem adquiridos ou emprestados aos estudantes e – o horror – sendo descartados na lata do lixo. Ainda no campo político-ideológico, Fritzen (2019), aponta que o potencial emancipador da literatura erudita acaba sendo visto pela crítica como opressão sobre as culturas minoritárias, que por sua vez acabam por questionar o valor intrínseco e universal da literatura erudita, passando a relativizar o valor dos bens culturais.

Há ainda outro problema a ser enfrentado e que afeta diretamente a forma como nos comunicamos e, conseqüentemente, a literatura. Segundo o autor, “vivemos uma época em que a letra cedeu espaço para a imagem como centro das práticas comunicativas” (Fritzen, 2019, p. 84). Esse fenômeno, intitulado cultura imagocêntrica, se destaca por seu caráter simplificador e fragmentário, feito para facilitar a comunicação.

Diante do exposto, é tentador pensar que os problemas apresentados não existiriam, se a população tivesse acesso à alta literatura, seja por meio digital ou livros físicos. Mas apenas o material escrito não daria acesso ao que esse tipo de literatura tem a nos oferecer, que é o seu poder humanizador, e porque “a grande obra nos ajuda a emancipar da realidade opressora, esclarecendo-a” (Fritzen, 2019, p. 94). É preciso superar ainda questões graves como a desigualdade social e a precarização da educação para um efetivo acesso também à cultura erudita. Os desafios sempre se apresentarão e tentarão ultrapassar os limites. É nosso direito – e dever – estarmos preparados para enfrentá-los.

3.4 POR QUE ENSINAR LITERATURA?

Pelo que foi apresentado até o momento, creio que é possível entender o que é literatura, conforme definida por Marisa Lajolo (1984), para que serve e porque ela é um direito. Mas ainda falta uma pergunta a ser respondida: por que ensiná-la? Iniciaremos nossa reflexão a partir da formação dos futuros professores e, para isso, buscamos o artigo “Literatura para todos” em que Leyla Perrone-Moisés (2006), relata a queixa de professores universitários em relação à dificuldade de leitura e escrita de estudantes que ingressam nos cursos de Letras e indica onde começa essa dificuldade:

Sabemos todos que a raiz do problema está nos cursos básico e secundário, nos quais os alunos deveriam adquirir as competências mínimas exigidas para a leitura e escrita. O estado calamitoso de nosso ensino básico e secundário é de conhecimento geral, e tristemente comprovado pelos resultados dos estudantes brasileiros em provas de âmbito nacional e internacional. E não apenas no que tange à linguagem verbal (Perrone-Moisés, 2006, p. 18).

Aqui é possível perceber que a dificuldade encontrada pelo futuro professor de Língua Portuguesa e Literatura decorre da deficiência em sua formação ainda na educação básica. Essa falha pode e deve ser corrigida ao longo de sua formação. Mas caso não aconteça, a probabilidade é que, formado, o professor leve consigo as mesmas dificuldades com as quais deixou o ensino

médio, não sendo possível ajudar os alunos a superar as suas dificuldades. E a literatura acaba entrando em um círculo vicioso – e perigoso.

Na sequência, analisando os documentos oficiais do Ministério da Educação referentes ao ensino de literatura, a autora critica duramente um dos trechos que fala da norma padrão da língua:

Entenda-se: adeus à “norma padrão”, que emana de uma elite interessada apenas em legitimar seu poder político e econômico. O aluno deve ser incentivado a desconfiar da “norma padrão”, com um “espírito crítico que não admite verdades sem uma investigação do processo de sua construção e representatividade”. Com que instrumentos de análise, podemos perguntar? Com que linguagem? Com seu repertório próprio, aquele que ele possui “naturalmente”, que seu ambiente social, geralmente pobre em nosso país, lhe oferece? (Perrone-Moisés, 2006, p. 21).

Essa citação remete ao que disse Antonio Candido (2011), quando elencou a literatura como bem e direito. A desigualdade social será detectada no repertório do estudante, que vai apresentar a sua visão de mundo usando os instrumentos que lhe foram oferecidos. É possível imaginar que um estudante que teve acesso a um repertório de qualidade conseguirá expressar suas ideias de forma mais clara se comparado a outro a quem o direito ao acesso a obras literárias eruditas foi defasado ou negado.

Muitos são os motivos para se ensinar literatura. Por isso recorro novamente a Leyla Perrone-Moisés (2006), que apresenta de forma sintetizada seis motivos para ensinar literatura:

- 1) porque ensinar literatura é ensinar a ler, sem leitura não há cultura;
- 2) porque os textos literários são aqueles que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação;
- 3) porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações;
- 4) porque a literatura é um instrumento de conhecimento e autoconhecimento;
- 5) porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra outros mundos, outras histórias e outras realidades possíveis, liberando o autor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é o motor das transformações históricas;
- 6) porque a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de texto não alcançam (Perrone-Moisés, 2006, p. 27)

Tantos são os benefícios proporcionados pela literatura que parece impensável que alguém não queira usufruir deles ou acha que não se deve proporcioná-los. Mas há grupos que não têm interesse de que certos bens cheguem a todas as classes sociais, e um desses bens é a literatura. Fritzen (2019), traz como exemplo o romance *1984*, de George Orwell, em que a novilíngua, língua criada para substituir o inglês, era mais pobre tanto no alcance sintático quanto semântico, pois controlar o idioma é uma forma de controlar do pensamento e a memória.

De todos os espaços onde a literatura pode se fazer presente, sem dúvida a escola é o principal deles. Também deveriam fazer parte desses espaços as casas dos estudantes, mas, pelos relatos que ouço dos alunos, muitos dizem não ter um livro sequer de literatura em casa. Assim, fica a cargo da escola a função de proporcionar o acesso aos livros e à literatura, e ao professor o papel de mediar a relação entre o aluno e a literatura, para que ela chegue ao seu destinatário da forma mais acessível e prazerosa, e não como algo difícil de se compreender. Lembrando que é por meio da leitura que o estudante irá adquirir não só vocabulário, mas outras experiências necessárias para vir a criar seus próprios textos. Conforme indica Perrone-Moisés (2006):

É claro que o professor [...] deve dosar a sua oferta de leitura, de modo que ela seja acessível para o aluno, mas nunca transgredir em matéria de qualidade. Dentre os autores e obras disponíveis, existem aqueles mais legíveis, pelos que se pode começar, e que, sendo bons, darão vontade de continuar, até chegar aos textos mais complexos. E quanto mais o aluno ler, mais será capaz de organizar seu próprio texto. Truísmo por truísmo, lembremos que o objetivo de qualquer ensino deve ser o de elevar e ampliar (Perrone-Moisés, 2006, p. 22).

Para quem vive a realidade e os desafios de ser professor, especialmente em escolas públicas onde a desigualdade social se apresenta de forma mais evidente, ver o desinteresse e por vezes a aversão à literatura gera tamanha frustração que, sendo deixada de lado pelos estudantes, acaba sendo abandonada também pelo professor, que, quando muito, opta por obras menos complexas e por vezes aquém do potencial dos alunos.

Ainda assim, mesmo em face das adversidades, é importante que o professor insista em sua missão de apresentar a boa literatura a seus alunos. Conforme a professora Leyla Perrone-Moisés (2006): “O maior respeito pelo

aluno consiste em considerá-lo apto, qualquer que seja sua extração social e suas carências culturais, a adquirir maiores conhecimentos e competências” (Perrone-Moisés, 2006, p. 22).

4 A ESCRITA LITERÁRIA NA ESCOLA

Nas primeiras linhas de seu artigo “Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situações e perspectivas”, a professora Neide Luiza de Rezende (2018), aponta para uma situação já percebida por professores de Língua Portuguesa, em especial os dos anos finais do ensino fundamental. Em suas palavras: “Ler e escrever textos literários não são competências equivalentes na escola” (Rezende, 2018, p. 93).

Motivada por ações realizadas na escola, planejada por professores, incentivada pelo poder público e privado e, em alguns casos, pelas famílias dos estudantes, a leitura de livros literários é muito mais praticada que a escrita literária. Conforme observa Rezende (2018), à medida que o estudante avança ano após ano, a leitura avança também. Isto é visível quando são selecionados os livros de literatura de acordo com ano escolar: eles têm mais páginas escritas e menos ilustrações, obras do cânon literário são apresentados, os temas e assuntos tratados nas obras passam a ser mais complexos. A escrita, inversamente, vai perdendo sua força, em especial a escrita literária ou criativa.

A partir do 6º ano do ensino fundamental, o estudo dos gêneros literários é mais utilizado como pretexto para o ensino de elementos linguísticos e gramaticais. E assim, “o trabalho de elaboração do material da experiência, das impressões e sentimentos tão raro à construção subjetiva e do outro perdeu (ou não ganhou) espaço” (Rezende, 2018, p. 94). Ou seja, deixa-se de oferecer ao aluno a oportunidade de “organizar o caos”, pois como escreve Candido (2011): “Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial de palavras e fazendo uma proposta de sentido” (Candido, 2011, p. 180).

Um exemplo de como a escrita poderia ajudar a organizar o caos, principalmente na adolescência, é a crônica “Cores do passado”, da estudantes Beatriz Borges Damázio, um dos textos vencedores da 22ª edição do concurso literário e publicado na 23ª Revista Acadêmica. Nessa crônica, Beatriz relata justamente a dor da passagem da infância para a adolescência.

Dos meus 6 até os 11 anos, o sol brilhava todos os dias pela manhã na minha janela, os pássaros cantavam canções de ninar, o barulho das folhas com o vento batendo nelas soavam como o mar, os raios de sol quentes reluzindo no meu rosto e me aquecendo, tudo era colorido e nunca me passou pela cabeça que tudo o que eu via iria perder a cor. As missões supersecretas, minhas aventuras na floresta, o banho gelado depois das aventuras em alto-mar, os lanches saborosos depois de derrotar os maiores vilões, nada disso me ocorre mais. Minha única missão secreta agora é acordar e não chorar durante a semana, ou ficar sem comer depois de ver algo que não gostei.

As aventuras que eu tenho são apenas nos finais de semana, onde eu tenho tempo para me distrair e fugir das obrigações e dores do mundo. Meu banho gelado já não é depois de navegar em alto-mar, agora é para relaxar meu corpo enquanto as lágrimas salgadas se misturam com a água doce do chuveiro. Quando vou comer meu lanche, não é depois de lutar contra um vilão, e sim sabendo que se eu não comer, não terei forças para começar o dia.

Fecho as janelas, pois não gosto mais do brilho do sol, tampo os ouvidos para não ouvir mais os cantos irritantes dos pássaros, o barulho das folhas ao vento agora me incomoda, os raios quentes do sol me deixam com um calor insuportável, agora tudo é sem cor, como se eu voltasse no tempo, na época em que as TVs eram apenas em preto e branco, os jornais sem cores vivas. Por que crescer descolore as cores do passado? (Damázio, 2023, p. 240).

Outro ponto levantado pela autora com relação à escrita literária no âmbito escolar é que os textos produzidos pelos alunos muitas vezes ficam guardados, como uma escrita confessional ou apenas para cumprir uma exigência da disciplina ou do professor, como no caso do texto feito para ser avaliado. Não há motivação para o aluno escrever, pois não há o que Bakhtin (2003), chama de endereçamento. Sobre o destinatário do texto, Rezende (2018), observa que: “Ter a consciência de que se escreve para ser lido ou ouvido e que o leitor ou ouvinte pode se interessar pelo que de singular e único o sujeito escrevedor tem a dizer permite instaurar uma nova dimensão no trabalho da escrita” (Rezende, 2018, p. 99).

Esta é uma questão pertinente, pois, se falta direcionamento da escrita em sala de aula, no ambiente virtual existem espaços em que a escrita despretensiosa encontra leitores ávidos. Um desses lugares em que pipocam textos de qualidade literária duvidosa, mas que ainda assim fazem muito sucesso entre jovens leitores e escritores, é o Wattpad⁹. Podendo escrever sobre

⁹ Wattpad é um aplicativo que permite compartilhar histórias com as de outras pessoas. É gratuito tanto para postar quanto para ler as histórias compartilhadas.

qualquer tema, sob pseudônimo ou usando a própria identidade, sem a obrigação de terem de escrever de acordo com as normas gramaticais da língua ou alguém que os corrija ou avalie suas produções, autores postam milhares de histórias, que eventualmente são lidas, além da possibilidade de autores e leitores interagirem sobre os textos, escrevendo comentários, por exemplo.

Para Bakhtin (2003, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos)”. Por enunciado entende-se a mensagem que se deseja transmitir; e, para que essa transmissão aconteça, Bakhtin (2003), afirma que é preciso levar em consideração o conteúdo temático, o estilo de linguagem, os recursos da língua e a construção composicional. Ele também afirma que: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2003, p. 262).

Uma possibilidade de aproximação dos alunos com a escrita pode ser aquela em que eles vislumbrem o leitor de seus textos e tenham a opção de escolher o gênero discursivo em que desejam fazê-lo, produzindo os textos de acordo com o enunciado que caracteriza o gênero escolhido. Nem sempre as aulas de Língua Portuguesa dão conta de atender as expectativas dos alunos quanto a produção e principalmente circulação dos textos. Nesse momento, pode ser interessante contar com agentes externos que motivem e a produção e circulação dos textos produzidos na escola.

4.1 A LITERATURA COMO PRETEXTO

Seria a escola um lugar de formar escritores? A resposta pode ser *sim*. Mas antes de pensarmos em escritores como aqueles que publicam seus textos literários, é preciso entendermos a escola como o agente que facilitará o acesso dos alunos à literatura, tanto a leitura como a escrita. Tereza Colomer (2007), em capítulo dedicado à escrita literária, afirma esse papel, ou em suas palavras “missão”, que é delegado à escola. Segundo a autora:

[...] se ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito; concretamente, escrever literatura – contos, poemas, narrativas feitos individual ou coletivamente – permite que as crianças compreendam e apreciem mais, tanto a estrutura ou a força expressiva de seus próprios textos, como a dos textos lidos (Colomer, 2007, p. 162).

O que se observa, no entanto, não é o acesso dos estudantes à literatura, mas sim às atividades que os professores consideram literárias. Quando se trata da produção de contos, Colomer (2007), elenca as atividades mais difundidas em livros didáticos e realizada pelos professores. São elas:

- Atividades de geração de ideias: destinadas a estimular a criatividade e o encadeamento de uma história;
- Estrutura narrativa: exercícios realizados visando trabalhar a estrutura do gênero estudado;
- Modelos da literatura tradicional: levados à sala de aula pelos professores, acabam se sendo adotados pelos alunos em suas próprias produções;
- Trabalho textual sobre a descrição, o diálogo e as fórmulas de início e fim: são exercícios realizados antes da produção de texto com o propósito de melhorar o texto escrito.

Essas práticas são comuns nas salas de aula e aparecem no relato da professora Bárbara, quando questionada sobre os critérios para selecionar os textos enviados para o concurso literário da ACLe:

A ortografia, a clareza. Se teve, assim, uma coerência, teve o seu início, o seu meio, o seu fim, se não foram só, simplesmente, palavras jogadas naquela linha, naquela folha com linhas, né? Se não teve, vamos dizer, uma construção de uma ideia. Tudo isso a gente avalia. [...] Então, essa coerência, se ficou dentro do tema, se conseguiu argumentar, apresentar uma solução. Então, tudo isso, são critérios que a gente vai avaliando [...] (Entrevista pessoal Bárbara, 2024).

Podemos perceber que a fala da professora Bárbara está relacionada à de Colomer (2007), pois ilustra a forma como muitos professores entendem como deve ser realizada a produção textual em sala de aula.

Durante as entrevistas, ao serem questionadas sobre qual o gênero literário mais produzido pelos estudantes, a resposta das professoras foi unânime: poema. E cada uma delas pontuou os motivos que levam os

estudantes a escolherem mais este gênero para se inscreverem no concurso literário. De acordo com Bárbara: [...] *é um gênero que eles já têm costume, vamos dizer, não tem dificuldade [...]* (Entrevista pessoal Bárbara, 2024).

De acordo com Gisele:

Poema eles acham mais fácil. Eles chegam a escrever quatro poemas [...]. Eu vejo que eles têm facilidade porque eu sempre explico para eles que poema é parecido com a poesia, né, então é igual a música [...] (Entrevista pessoal Gisele)

Conforme Beatris:

Eu penso que eles acreditam que o poema seja mais simples e menor de fazer, mas nem sempre é assim que funciona, tanto que eles ainda têm uma ideia, eu nunca falei isso pra eles, mas eles têm uma ideia de que o poema tem que rimar [...] (Entrevista pessoal Beatris)

Segundo Cheiene:

É um achismo mesmo o que eu vou dizer: mas eu penso que o poema está mais presente na educação básica, desde a hora que eles entram lá no primeiro aninho. O poema está presente com maior frequência do que o conto e principalmente a crônica [...] (Entrevista pessoal Cheiene).

Sobre a poesia, Colomer (2007) relata que os livros de poemas são pouco atrativos aos alunos, que dificilmente escolhem um livro de poemas para ler de forma autônoma, bem como os professores relutam em adotar um livro de poemas para uma atividade. A presença dos poemas na sala de aula se dá por meio de atividades em que o professor seleciona um poema ou está presente no livro didático. Sobre o poema, afirma (Colomer, 2007):

A relação entre a leitura de poesia e a escola tem uma história particular de amor e desamor. Por um lado, podem tomar-se os poemas como unidades de sentido, o que tem a grande vantagem de serem curtos, e por isso poderão ser lidos, recitados ou analisados em uma só aula (Colomer, 2007, p. 173).

Analisando os relatos das professoras, é possível perceber que o poema não é bem compreendido pelos alunos e nem trabalhado de forma satisfatória como literatura. O poema acaba servindo, na verdade, como um pretexto para

uma aula rápida. Tal ideia de “facilidade” que o gênero carrega também aparece na resposta de três integrantes da Academia, ao serem questionadas sobre qual gênero o concurso mais recebe inscrições: poema.

4.2 A CRIAÇÃO LITERÁRIA

Segundo Vigotski (2009), “de todas as formas de criação, a criação literária e verbal é a mais característica da idade escolar” (Vigotski, 2009, p. 61). Segundo o autor, as crianças, em especial as bem pequenas, ainda na primeira infância, gostam de desenhar. Conforme avançam na idade escolar, o gosto pelo desenho tende a desaparecer, com exceção de crianças talentosas e que se sentem atraídas pelo desenho ou aquelas que têm em seu ambiente familiar atividades que as estimulem a desenhar. O desenho é substituído por outros tipos de criação, entre elas a criação literária, especialmente quando o indivíduo chega à adolescência. E haverá um momento em que mesmo a criação literária deixará de ser interessante e logo será abandonada, salvo aqueles que, seja por vocação ou por terem desenvolvido o gosto pela criação literária, continuarão escrevendo.

O autor alerta que o período de interesse pela criação literária pode ser breve. Conforme Vigotski (2009):

Em geral, como regra, rapidamente, para a maioria dos adolescentes, ocorre de novo o processo de retração do interesse pela criação literária; o adolescente também começa a ser crítico em relação a si mesmo, do mesmo modo que, antes, criticava seus desenhos; ele começa a ficar insatisfeito com a insuficiente objetividade de seus escritos e deixa de escrever (Vigotski, 2009, p. 49).

Pode-se dizer que é como se uma “janela de interesse” se abrisse, ficasse aberta por um tempo e depois se fechasse. Sendo assim, é importante que a escola se aproveite dessa janela para promover a escrita literária entre os jovens. E como fazer para que o adolescente permaneça pelo maior tempo possível interessado na escrita literária? Segundo o autor:

[...] torna-se de imediato bem mais fácil e bem-sucedido quando se estimula a criança a escrever sobre um tema que para ela é internamente compreensível e familiar, e o mais importante, que a incentiva a expressar em palavras seu mundo interior. Muitas vezes a criança escreve mal porque não tem sobre o que escrever (Vigotski, 2009, p. 65).

Neste momento é importante trazer à discussão um ponto que aparece tanto na fala das professoras entrevistadas como nas integrantes da ACLe: o tema livre. Para Dóris, o ideal é a Academia não propor um tema ao concurso.

A academia, quando dá um tema, é bom porque já vai com o tema pronto, mas fica extremamente cansativo e repetitivo. Quando um tema é livre, então vem várias ideias, sabe, é como abrir uma torneira e jorra [...] chega a ser emocionante ler os trabalhos e ver assim a criatividade de um, de outro. Na escola tal é o tema tal; outra escola [...] as professoras mesmo decidem, então é muito bom isso porque o tema dado [...] fica praticamente igual em todos [...] (Entrevista pessoal Dóris).

A entrevistada Sandra ressalta, como ponto negativo, até mesmo a definição de um tema pela escola ou pela professora, [...] *a professora dá um tema. Daí todas as crianças têm que escrever sobre aquilo. [...] Daí chega para nós um monte de textos com a mesma temática (Entrevista pessoal Sandra).*

Podemos dizer que a escrita é mais abstrata que o desenho, e “a criança frequentemente não entende para que precisa escrever” (Vigotski, 2009, p. 64). Essa falta de sentido em escrever pode se agravar e fazer o aluno se afastar da escrita até chegar ao ponto de refutá-la, se for submetido a atividades em que tenha de escrever sobre algo que não faça sentido para ele. Sobre a imposição de um tema, afirma Vigotski (2009):

Isso acontece sobretudo nos casos em que a criança escreve sobre temas dados pela escola. Na velha escola, o desenvolvimento da criação literária dos alunos caminhava, principalmente, na seguinte direção: o professor apresentava o tema da composição e as crianças viam-se diante da tarefa de escrevê-la, aproximando a sua fala o mais possível da fala literária dos adultos ou do estilo dos livros que leram. Esses temas permaneciam estranhos à compreensão dos alunos, não tocavam sua imaginação nem seus sentimentos. Não eram mostrados às crianças exemplos de como se deveria escrever. Muito raramente, o próprio trabalho relacionava-se a algum objetivo compreensível, próximo e acessível a elas (Vigotski, 2009, p. 65).

Ao analisarmos as falas das entrevistadas e levando em conta o que acabamos de trazer do autor, é possível perceber que definir um tema para que o aluno escreva, além de restringir sua criatividade e impor limites à suas possibilidades de criação literária, acaba por afastá-lo da literatura, em especial da escrita literária, fazendo com que a janela de interesse se feche ainda mais rápido e, em alguns casos, para sempre.

De que forma poderia a escola aproveitar esse espaço que se abre para a escrita literária na adolescência e explorar todo o potencial dos estudantes?

4.3 O ALUNO-AUTOR

Na busca por caminhos que possam conduzir estudantes ao encontro da literatura, permitindo que eles desenvolvam uma escrita literária própria, aproveitando o período de interesse que se abre, geralmente no início da adolescência, tomaremos como base as pesquisas realizadas Catherine Tauveron (2014).

Iniciaremos apresentando a distinção que a autora faz entre os termos autor e escritor. Segundo Tauveron (2014), autor é o aluno que produz um texto com uma intenção artística, enquanto escritor é aquele cujas obras já foram reconhecidas por meio de publicação ou premiadas. A autora francesa afirma que é possível desenvolver nos alunos a confiança para serem autores e escreverem textos literários, pois “a escola não tem por vocação formar escritores, mas tampouco pode impedir que as vocações se revelem” (Tauveron, 2014 *apud* Dalla-Bona; Bufrem, 2013, p. 182). Ela, inclusive, criou uma expressão que define esse aluno: aluno-autor. A pesquisadora critica a ideia de que escrever literatura é um dom, mas, sim, uma habilidade que a escola pode ajudar a desenvolver nos estudantes.

Francine Prose¹⁰, em *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los*, inicia o livro com a pergunta: “A escrita criativa pode ser ensinada?” A resposta dela é que não, pois “a criatividade não

¹⁰ Francine Prose – escritora americana, crítica e ensaísta. Foi professora de literatura e criação literária.

pode ser transmitida de professor para aluno” (Prose, 2008, p. 13). É uma resposta audaciosa para alguém que foi professora de escrita criativa por mais de 20 anos. Entretanto, sua fala sobre como ela construiu seu processo de escrita conversa diretamente com Tauveron (2014):

No processo de me tornar uma escritora, li e reli os autores de que mais gostava. Lia por prazer, primeiramente, mas também de maneira mais analítica, consciente do estilo, da dicção, do modo como as frases eram formadas e como a informação estava sendo transmitida, como o escritor estava estruturando uma trama, criando personagens, empregando detalhes e diálogos. E à medida que escrevia, descobri que escrever, como ler, fazia-se uma palavra por vez, um sinal de pontuação por vez (Prose, 2008, p. 15).

E em uma explicação fácil de visualizar, Prose (2008), descreve como seria esse ato de observar o texto do outro e tentar imitá-lo: “É como ver alguém dançando e depois, secretamente, em nosso quarto, tentar alguns passos” (Prose, 2008, p. 21). Ou seja, criatividade não pode ser ensinada, mas pode ser, digamos, imitada, até que o aluno tenha a segurança necessária para escrever seus textos literários por conta própria.

Para levar o aluno a adotar uma postura de autor, Tauveron (2014) apresenta oito condições que precisam ser observadas pelo professor. A primeira delas é legitimar a postura de autor do aluno, fazendo com que ele se reconheça como um autor. A segunda condição é encorajar o aluno a extrair de sua experiência de leitor de literatura uma tática de escrita para aplicar em suas próprias produções. Ao começar a escrever textos literários é comum, tanto para o aluno quanto para qualquer pessoa que se aventure pela escrita, “imitar” o estilo de seus escritores favoritos. A terceira condição é assegurar que a intenção artística do aluno-autor responderá a uma atenção estética de seus pares, que a princípio serão seus colegas e professores. Tauveron (2014), define intenção artística como o desejo de produzir arte, no caso, literatura, que irá se manifestar por meio dos gêneros literários conhecidos dos alunos ou estudados na escola (conto, poema, crônica, fábula, entre outros) e atenção estética é se o leitor perceberá esse texto como obra literária, se ela provocará nos leitores as emoções esperadas pelo autor (curiosidade, surpresa, raiva, alegria).

A relação entre intenção artística e atenção estética é definida como relação estética, conforme Gérard Genette (*apud* Tauveron, 2014). Essa é a

relação que se espera ter (ou pelo menos seria a esperada) quando o texto escrito é apresentado e apreciado por seus pares. Essa relação, no entanto, nem sempre acontece (às vezes nunca), pois ou os demais alunos não têm acesso ao texto ou o professor fixa sua atenção nos erros de ortografia e sintaxe ou ele foi escrito de acordo com o gênero solicitado, não dando atenção à estética do texto. Assim, textos com relativa qualidade literária produzidos pelos alunos, que poderiam ser apreciados pelos colegas e aperfeiçoados pelos autores com ajuda do professor acabam se perdendo.

A quarta condição propõe ensinar a reproduzir comportamento de autores. De acordo com Tauveron (2014), é preciso que o professor busque modificar a forma como o aluno vê o processo de escrita, derrubando alguns mitos que frequentemente rondam muitos autores, não apenas o aluno-autor. Assim, é fundamental ensinar aos alunos que:

- a) Os textos não saem prontos da cabeça do autor, mas são fruto de trabalho de escrita, quebrando, assim, o mito da “inspiração”;
- b) Rasura não é sinal de fracasso. Aqui entende-se rasura como sendo o trabalho de polimento do texto, seja cortando palavras ou frases, acrescentando outras, substituindo expressões, lapidando ou refinando ideias;
- c) Autores buscam nos textos de outros autores matéria prima para seus textos. Isso não significa fazer cópia, mas desfazer a ideia de que uma obra literária é, integralmente, original;
- d) Histórias de ficção se alimentam da realidade, mas histórias reais nem sempre resultam em bons textos literários. Cabe ao autor reescrever as histórias, ficcionalizando o real para que, assim, as histórias ganhem caráter literário.

A quinta condição apresentada pela autora é que o estudante deve ser incitado a verbalizar seu projeto de autor, expondo seu trabalho à avaliação de seus pares, formando uma comunidade de autores em que se permite confrontar e aprimorar projetos literários.

A sexta condição é permitir explorar as falhas de seu projeto literário, pois, algumas vezes, a intenção artística do autor não é assim percebida por seus pares, apenas pelo autor, que precisará ajustar seu texto.

A sétima condição é a adoção de uma “caderneta de escritor”, para que sejam anotadas ideias, trechos de livros, reflexões, que formarão a documentação de apoio na hora de produzir um texto literário.

A oitava condição refere-se às escolhas de escrita, quando o autor escolhe nomes de personagens, ações, inícios das histórias, clímax, desfecho, cenário, características dos personagens, enfim, todo o arsenal para compor uma história. E de posse desse arsenal, o autor vai fazendo trocas, incluindo ou retirando o que considera relevante ao seu projeto literário.

Sobre o papel do professor na condução de seus alunos para que ele se torne um aluno-autor, Tauveron (2014), constata, por meio de entrevistas realizadas com educadores, que esses profissionais veem a escrita como um processo hierarquizado e linear, em que primeiro deve-se pensar e construir mentalmente o texto para transformá-lo em palavras e escrevê-lo.

De acordo com a autora, os professores geralmente adotarão o que ela chama de “política segura”, que é: atenuar a falta de imaginação trabalhando apenas com fatos vividos, solicitar a pesquisa coletiva e prévia de ideias, dar mais atenção à ortografia, fornecer vocabulário, renunciar à reescrita e evitar tarefas complexas. Ao relacionarem o complexo ao complicado, os professores optam por tarefas parceladas, como é o caso de atividades que propõem escrever um parágrafo de um conto ou apenas o final de uma história, entre outras atividades de complementação de enredo.

Esse tipo de atividade de escrita fragmentada é criticado pela autora, pois impede que o texto seja pensado em sua totalidade, mas em partes. Sobre atividades fragmentadas do texto, Tauveron (2014), afirma que:

Nunca pedindo, ou quase nunca, para se escrever uma história em sua integridade, elimina-se um fator de risco, mas, sem dúvida também, introduz-se outro involuntariamente: descrever fora do contexto é um operação mais difícil que em um contexto que impõe a seleção, o ordenamento e a orientação argumentativa dos traços; escrever os diálogos, as descrições fora de contexto, esperando o roteiro, não ensina a escrever as descrições, os diálogos tendo uma funcionalidade em um contexto narrativo; escrever um final de história ou colocar em palavras uma trama narrativa imposta não ensina a planificar um enredo. O objetivo visado, reduzir a insegurança na escrita dos alunos e evitar a página em branco, é alcançado, mas nenhuma competência nova é construída (Tauveron, 2014, p. 97).

Assim, a forma fragmentada de trabalhar a escrita do texto em sala de aula, mesmo não sendo o único complicador, é um empecilho ao desenvolvimento da escrita literária na escola, somando a ela a ausência ou precariedade da leitura literária, dificultando que os alunos produzam textos com originalidade e confiança.

5 A ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS E A EDUCAÇÃO

Durante seus 27 anos de existência, completados em 2024, a Academia Criciumense de Letras foi, ano após ano, se aproximando de escolas de educação básica, sejam elas de administração municipal, estadual ou particulares. Essa aproximação se deu, principalmente, por meio de projetos literários como narração de histórias, lançamento de livros dos membros da academia, palestra sobre leitura e literatura e, especialmente, pelo concurso literário. Os membros também receberam convites para fazer parte como jurados de concursos literários que algumas escolas organizaram para desenvolver a escrita literária de seus próprios alunos e premiá-los.

É importante reforçar que a Academia Criciumense de Letras é uma entidade privada e independente, não estando subordinada a nenhum órgão oficial de educação ou secretaria. Assim, o trabalho realizado por seus membros é voluntário. Tal envolvimento com as escolas e projetos literários pode gerar a impressão de que a Academia faz parte de alguma secretaria do governo municipal, como cultura ou educação. Fato semelhante acontece com a Academia Brasileira de Letras. Em entrevista ao jornalista Alvaro Costa e Silva, da Biblioteca Pública do Paraná, em comemoração aos 120 da Academia Brasileira de Letras, o então presidente da entidade, Domício Proença Filho, comentou a confusão que as pessoas fazem ao pensarem que a ABL é um órgão público: “Muitas pessoas pensam que somos uma repartição pública. Quando tomei posse, recebi congratulações pela minha ‘nomeação’. A ABL não tem subvenção” (Proença Filho, 2017).

5.1 AS AÇÕES DA ACLe

A presença dos membros da ACLe nas escolas acontece, em geral, a pedido das próprias unidades escolares, por intermédio dos diretores ou professores. Também são realizadas ações a fim de aproximar a comunidade da Academia, não só a comunidade escolar, mas todos que tenham interesse em literatura. Em entrevista a um portal de notícias da cidade, a presidente Doris Freitas destaca que essas ações, especialmente as voltadas para o público

jovem, fazem muito sucesso: “As crianças ficam encantadas em conhecer a academia e encontrar os livros junto com os escritores. Então é maravilhoso! Crianças que nunca viram um escritor. É muito marcante” (Freitas, 2002).

Na imagem a seguir (Figura 8), as acadêmicas Zeny Haesbaert Diehl (à esquerda) e Doris Becke Machado Freitas (à direita), no dia 4 de setembro de 2009, visitam a escola Casemiro Stachurski a convite da direção da unidade escolar para realizar uma palestra sobre poesia e leitura para os alunos do ensino fundamental.

Figura 8 - Zeny Haesbaert Diehl e Doris Becke Machado Freitas



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2009).

É comum que membros da ACLe que tenham livros publicados, especialmente livros voltados para o público infantil e juvenil, sejam convidados para apresentá-los a alunos de escolas da cidade e até cidades vizinhas. Um exemplo é Cármen Neves (Figura 9), escritora e acadêmica que escreve para esse público e que foi convidada a trabalhar seus livros para alunos de três escolas de Criciúma: Vilson Lalau, Professor Pedro da Ré e Colégio São Bento. As visitas ocorreram entre os dias 15 e 19 de abril de 2013.

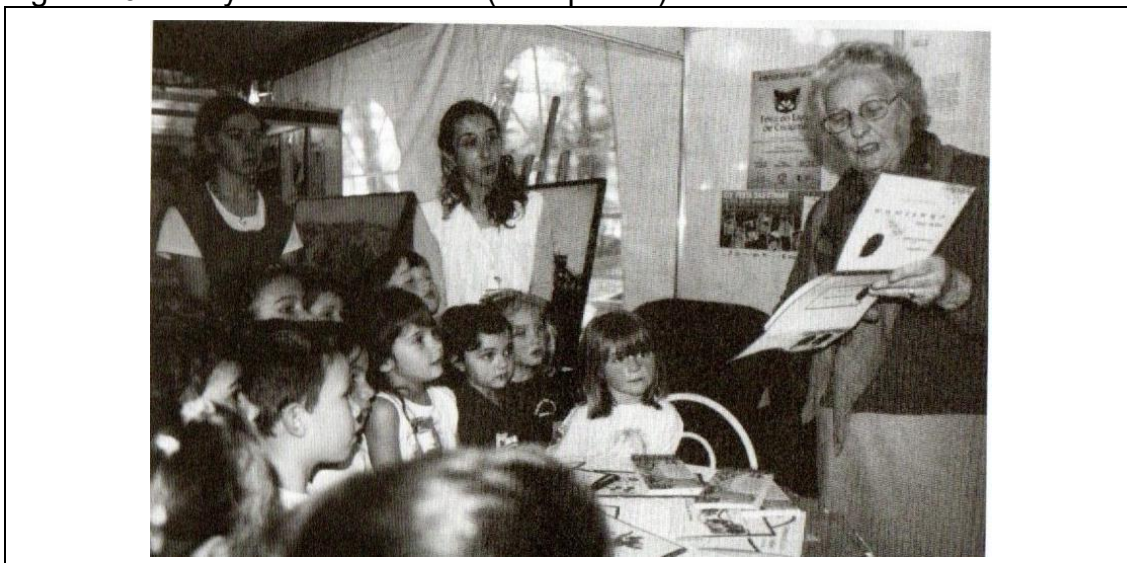
Figura 9 - Cármen Neves nas escolas



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2013).

O lançamento de um livro é um evento marcante na vida do escritor, que precisou se dedicar ao processo de criação e vencer a etapa da publicação, etapa essa que envolve gastos financeiros e que muitas vezes é o empecilho ao nascimento da obra. Mas quando consegue transpor todas estas etapas e tem, finalmente, seu livro impresso em mãos, o escritor deseja apresentá-lo tal qual a mãe se orgulha de apresentar o filho recém-nascido.

Figura 10 - Zeny Haesbaert Diehl (à esquerda)



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2007).

Mesmo quando o lançamento dos livros ocorre em outros ambientes, como as livrarias da cidade, os acadêmicos costumam visitar algumas escolas e doar ao menos um exemplar de seus livros para que passem a fazer parte do acervo da biblioteca escolar. Em 13 de dezembro de 2023, a acadêmica Doris Becke Machado Freitas (Figura 11) autografou e doou um exemplar de seu livro infantil para a biblioteca da escola Professor Lapagesse.

Figura 11 - Doris Becke Machado Freitas autografando seu livro

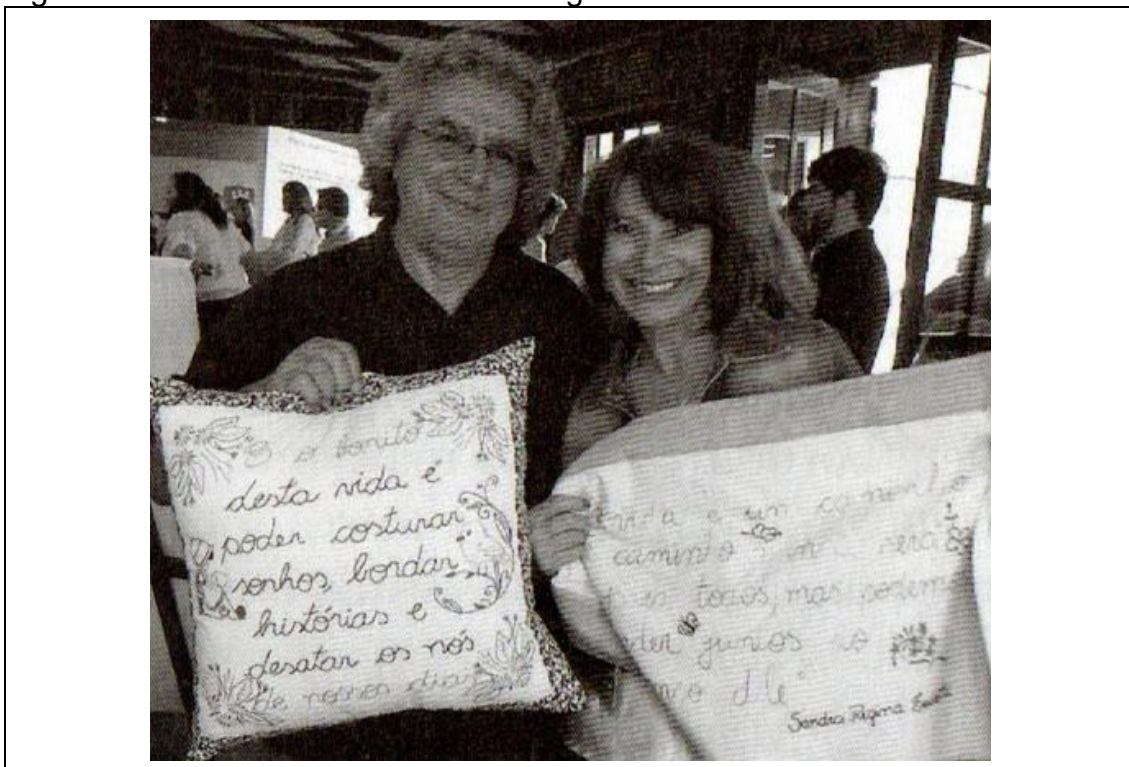


Fonte: Página do Facebook da ACle¹¹

Em 2017, Ronaldo Davi, escritor e membro da Academia, e a escritora Sandra Regina Lodetti (Figura 12) durante a apresentação dos trabalhos que aconteceu no Centro de Convivência da Terceira Idade (CCTI) no Morro Cechinel.

¹¹Fonte da imagem: <https://l1nk.dev/2eYCh>

Figura 12 - Ronaldo David e Sandra Regina Lodetti



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2017).

Desde 2017, a ACLe realiza o projeto “Tarde Literária com Pequenos Escritores”. Essa iniciativa da escritora e integrante Dioni Fernandes Virtuoso tem por objetivo incentivar os jovens escritores, tanto os que foram vencedores do concurso da ACLe, como, posteriormente, alunos de escolas da cidade, a lerem seus textos para os presentes durante Feira do Livro de Criciúma. A primeira edição do Tarde Literária, que ocorreu em 10 de outubro de 2017 durante a 12ª edição da Feira do Livro de Criciúma, contou com a presença de Dioni Fernandes Virtuoso e Bettina Stopazzolli Cassetari (ambas ao lado direito da foto).

Figura 13 - Dioni Fernandes Virtuoso (de fardão, à esquerda) e Bettina Stopazzolli Cassetari (de fardão, à direita)



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2018).

Um dos momentos mais aguardados pelos vencedores do concurso literário da ACLe é a entrega da premiação aos vencedores. A premiação é constituída de medalha, certificado e exemplar da Revista Acadêmica em que se encontra publicado o texto (ou textos, pois em alguns casos o participante se inscreve e vence em mais de uma categoria). Nos últimos anos a impressão do certificado foi abolida, mantendo-se a entrega da medalha e de um a dois exemplares da Revista Acadêmica, conforme edital do concurso. A imagem mostra um desses momentos, quando em 30 de maio de 2023, no Salão Ouro Negro do Paço Municipal de Criciúma, as integrantes da Academia Morgana Cerimbelli Gaidzinski (à esquerda), Doris Becke Machado Freitas (centro) e Dioni Fernandes Virtuoso (à direita) fizeram a entrega das medalhas e Revistas Acadêmicas aos vencedores da categoria infantil.

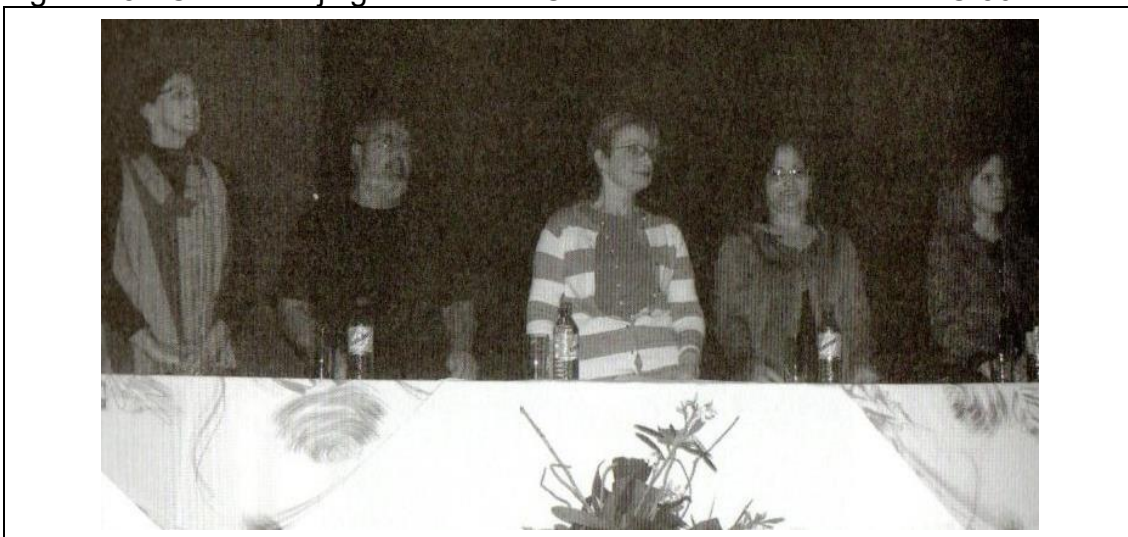
Figura 14 - Morgana Cerimbelli Gaidzinski, Doris Becke Machado Freitas e Dioni Fernandes Virtuoso com os vencedores da categoria infantil



Fonte: Acervo da Academia Criciumense de Letras, (2023).

O concurso literário promovido pela Academia Criciumense de Letras serviu de inspiração para que escolas do município realizassem seus próprios concursos literários, premiando seus alunos. Uma dessas escolas é a SATC, que contou com a presença dos membros da ACLe no 1º Concurso de Poemas – SATC 50 anos. Formaram a comissão julgadora (da esquerda para a direita): Solange Scotti Jorge, diretora de Cultura da Fundação Cultural de Criciúma; Ronaldo David, Sandra Meyer Silvestre, Maria Bernardete Simão de Luca, professora e Alaíde Alves, professora.

Figura 15 - Comissão julgadora do 1º Concurso de Poemas – SATC 50 anos



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2009).

Os membros da ACLe também foram jurados em outras edições do concurso interno promovido pela SATC, como o VI Concurso Arte e Poesia da SATC, em 2014.

Figura 16 - Comissão julgadora do VI Concurso Arte e Poesia da SATC, 2014



Fonte: Revista Acadêmica da ACLe, (2014).

Em 2018, Doris Becke Machado Freitas idealizou uma ação cujo objetivo era abrir as portas da Casa José Pimentel, sede a ACLe, para que alunos e professores pudessem visitar a entidade, bem como conhecer os escritores. O nome do projeto era “Conhecendo a ACLe”. A iniciativa recebeu professores e estudantes tantos de escolas do município como de municípios vizinhos. Uma dessas escolas foi o Colégio Maximiliano Gaidizinski, de Cocal do Sul. Acompanhados pela professora de Língua Portuguesa Gladys Antunes Cunha, estudantes do 9º ano conheceram a sede da ACLe em 4 de agosto de 2023.

Figura 17 - Da esquerda para a direita: Boris Becke Machado Freitas, Cármen Neves, Gladys Antunes Cunha, Dioni Fernandes Virtuoso e estudantes



Fonte: Página do Facebook da ACLe, (2023)¹².

A cada nova edição do concurso literário os membros da ACLe se revezam para visitar escolas da cidade e divulgar o concurso nas escolas, conversando com estudantes, professores, diretores escolares, supervisores e coordenadores. No dia 13 de abril de 2024, a coordenadora de Concurso Literário da ACLe, a acadêmica Cármen Neves, esteve na Escola Maria de Lourdes Carneiro divulgando o edital e incentivando os alunos à produção e participação no concurso.

¹²Fonte da imagem: <https://acesse.one/s46kF>

Figura 18 - Cármen Neves (ao centro, blusa branca) com estudantes da escola Maria de Lourdes Carneiro, de Criciúma



Fonte: Página do Facebook da ACLe, (2024)¹³.

¹³ Fonte da imagem: <https://acesse.one/k2Xcp>

6 DO REGULAMENTO À PREMIAÇÃO: O CAMINHO DO CONCURSO LITERÁRIO

Este capítulo trata da dinâmica do concurso literário e de seus principais atores, que são: os membros da ACLe, professores e estudantes que foram vencedores de alguma edição do concurso. Foram realizadas entrevistas a fim de compreender essa dinâmica, que inicia com a divulgação do regulamento do concurso até a premiação dos selecionados e seus desdobramentos. A princípio elaborou-se uma lista com quinze (15) pessoas, porém quatro (4) não puderam ser entrevistadas, sendo (1) por motivo de doença e (3) por de impossibilidade de contato. Foi realizada entrevista com uma professora que atua como Assistente Técnico Pedagógico (ATP), mas durante a análise dos dados constatou-se que, em função de sua área de atuação na escola, a entrevista não agregaria à pesquisa, preferindo a pesquisadora não a incluir.

Assim, das onze entrevistas realizadas, dez foram efetivamente utilizadas nesta pesquisa. Os dez entrevistados se constituem nos seguintes grupos: membros da ACLe (três participantes), vencedores do concurso da ACLe (três participantes) e professoras (quatro participantes). Os membros da ACLe são os que estão diretamente relacionados a uma das ações da Academia, o concurso literário. Dos vencedores que aceitaram participar da pesquisa, dois foram premiados da primeira edição do concurso em 2000 e um em 2011. Das professoras entrevistadas, duas são efetivas e atuam na educação pública (municipal e estadual), uma atua como professora em Admissão em Caráter Temporário (ACT) e uma exclusivamente em escolas privadas.

As entrevistas foram elaboradas e realizadas visando a responder ao objeto desta pesquisa, que é compreender a papel da ACLe na promoção da leitura e escrita literária de jovens estudantes de Criciúma.

6.1 O PAPEL DAS PROFESSORAS NO CONCURSO LITERÁRIO

O grupo das professoras é formado por Bárbara (46 anos), Cheiene (43 anos), Gisele (39 anos) e Beatris (27 anos), e o tempo de atuação varia de seis anos e meio a vinte e cinco anos de magistério. Bárbara, Gisele e Beatris atuam

como professoras de Língua Portuguesa e Cheiene, como professora de Geografia, apesar de ter segunda licenciatura em Letras – Português.

Quando questionadas sobre como conheceram o concurso literário da ACLe, três delas responderam que foi nas escolas em que atuam, seja por algum colega ou coordenadora pedagógica. A exceção foi a professora Cheiene.

Eu conheci o concurso da ACLe em 2003. Eu fazia parte de um projeto de pesquisa do professor Maurício Ruiz Câmara, que ele era coordenador do departamento de Geografia. Eu era aluna do curso de Geografia da Unesc [...] E um dia, numa dessas conversas com o coordenador do curso, falei que eu escrevi algumas poesias. Eu escrevi um poema sobre a barragem do Rio São Bento e mostrei para ele. Ele leu, achou bonitinho e tal, ficou por isso. Até que um dia ele me falou, 'Sabia que abriu um edital para o concurso da Academia de Criciúma?' (Entrevista pessoal Cheiene, 2025).

Perguntadas sobre como se dá a participação dos alunos no concurso, se os alunos são incentivados a participar e qual a receptividade da parte deles, as respostas foram variadas, demonstrando não só as diversas formas com que as professoras apresentam o concurso para os alunos, mas, também, as diferentes realidades de cada ambiente escolar. A professora Cheiene contou que sempre incentivou os alunos, mesmo quando estava em sala de aula, e continua incentivando, apesar de desde 2022 ela fazer parte da equipe diretiva de uma das escolas em que é efetiva.

[...] eu sempre falo do concurso e deixo eles à vontade. [...] eu sempre digo para eles, eu estou à disposição de vocês. Se vocês quiserem me mostrar algum escrito, se vocês quiserem que eu dê uma lida, uma avaliada, e se vocês quiserem orientação para colocar o concurso, para submeter ele no concurso, eu me coloco à disposição deles. Nunca imposto, nunca valendo nota, nunca exigindo deles algo. Então, sempre que eu incentivo eles é dessa forma. [...] A primeira vez foi mais difícil, porque eu tive que dizer o que era a academia, eu tive que mostrar as revistas, eu tive que ler os meus textos, tive que falar um pouco mais de mim e da academia, para eles perceberem (Entrevista pessoal Cheiene, 2025).

A professora Gisele, frente a diferentes realidades conforme a escola em que atua, utiliza-se de diferentes estratégias para obter a participação dos alunos.

[...] eu já trabalhei à noite, né? Que foi uma tentativa meio que suicida eu trabalhar porque eu tinha duas aulas por semana do ensino médio. E sabe que o ensino médio é um perfil diferenciado. Eles já vão para a escola sem querer ir pra escola. Então, eu trabalhei o concurso, e até por sinal os alunos foram premiados. E eu tive que fazer valendo nota, porque o ensino médio é um outro perfil. Mas ali no [nome da escola], lá no [nome da escola], não. Eles mesmos perguntavam. “Ô, pro, quando é que é o concurso lá? É por agora? A gente vai fazer, né?” [...] Então, eu sempre selecionei os que tinham condições realmente, e fui sempre fazendo as indagações pra eles irem corrigindo, arrumando [...] (Entrevista pessoal Gisele, 2024).

A professora Beatris, por sua vez, utiliza a tecnologia como estratégia para envolver os alunos na participação do concurso.

Como a gente quase nunca tem certeza quando eles vão lançar, eu não consigo encaixar dentro da minha aula. Então, o que que eu faço? Faço uma divulgação em todas as turmas inclusive no ensino médio. Peço colaboração para os outros professores de linguagem. Eu estava divulgando em todas as salas, e leio, e mostro o edital para eles, falo sobre essa participação e eu peço pra quem gostaria de participar do concurso. A gente cria um grupo de WhatsApp e nesse grupo a gente vai mandando as informações. Então a gente manda um arquivo do Google Docs para todo mundo colocar os textos ali, depois a gente revisa juntos, eu mando um prazo para ler e devolver o texto para eles. Tem que ser tudo muito bem explicado porque o sexto (ano) tem um entendimento e o ensino médio tem outro (Entrevista pessoal Beatris, 2025).

A professora Bárbara relatou que realiza a produção de texto, seleciona os que, em seu entendimento ficaram melhores e convida a participar do concurso.

Então, eu faço a correção, já obtenho uma nota para ir para o diário. Os melhores, eu já vou fazendo um xizinho. Um xizinho para destacar. E geralmente esses alunos se saem muito bem. E geralmente esses que escrevem bem, pouquíssimos erros ortográficos [...] eu vou tirando [...] depois passo novamente por uma outra leitura e chego até o aluno no dia de entregar. Faço uma fala geral: “Pessoal, eu corrigi os textos, eu tenho aqui. Porém, tem uns aqui, né, como vocês sabem, sempre tem texto de todos os níveis, né? Tem aquele bom, teve aquele que foi além, né? E teve aquele que não teve esforço. E os que realmente estavam bem, bem joia mesmo, a professora até destacou e vai conversar para mandar [...]. Eu selecionei, eu quero muito, eu vou fazer todo esforço para vocês” (Entrevista pessoal Bárbara, 2024).

Quando perguntadas sobre a obrigatoriedade do envio do texto para o concurso, todas, sem exceção, optam por deixar os alunos escolherem se enviam ou não. Conforme seus relatos, muitos não acreditam em seu potencial,

acham que o texto não ficou bom, sentem insegurança ou vergonha de se expor. A professora Cheiene relatou que:

[...] tem alunos que acabam escrevendo os seus textos, mas dizem assim, “eu escrevi, eu gostei de escrever, mas eu não quero colocar no concurso” e está tudo bem, valeu por escrever, entende? Mas não é algo muito imposto (Entrevista pessoal Cheiene, 2025).

O comportamento dos alunos com relação às suas produções faz parte do movimento de interesse, próprio da adolescência e que os professores podem explorar, não com o objetivo de fazer deles medalhistas em concursos literários, mas pessoas que desenvolvam a escrita literária como forma de expressão pessoal.

Há, entre aqueles que decidem seguir adiante e enviar seus textos, a ansiedade e a expectativa pelo resultado e a alegria de terem suas produções reconhecidas. É o que relatou a professora Bárbara sobre uma de suas alunas vencedoras:

Ela disse assim para mim, uma das ganhadoras: “Professora, eu te agradeço, eu fiquei tão feliz que o meu texto foi escolhido”. Eu disse: “Que bom, que bom, mas realmente tu escreves muito bem”. “Professora, porque eu me dedico nos meus trabalhos. [...] Eu me dedico, só que simplesmente o meu trabalho, professora, fica no meio de uma pilha”. Olha só, fiquei arrepiada quando ela falou (Entrevista pessoal Bárbara, 2024).

O período de desenvolvimento de escrita literária na escola geralmente compreende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, período esse em que os professores trabalham os gêneros literários, sendo os mais comuns o poema, o conto e a crônica. Observa-se, analisando a fala das professoras, o trabalho que elas realizam com os alunos a fim de orientá-los quanto às normas dos gêneros que estão produzindo. Acredita-se que essas orientações são repassadas e trabalhadas em sala de aula sempre que os gêneros são apresentados, independentemente de os alunos estarem produzindo um texto literário para um concurso ou não. Durante as entrevistas, as professoras relataram como auxiliam seus alunos nas produções, pois em alguns casos os alunos têm dificuldade de identificar qual gênero literário estão escrevendo.

A professora Beatris relatou que orienta os alunos que participam do concurso literário a, no momento da criação, não se preocuparem com a classificação do gênero do texto:

Os alunos escolhem tanto o gênero que eles querem escrever quanto a temática por vezes eles: “Ah, eu vou fazer uma crônica”. daí escreve um conto um poema, daí a gente ajuda depois eles, porque eles ficam um pouco preocupados, principalmente os menores. Eles ficam: “Ai, prof., eu não sei o que eu escrevi”. Eu digo: “Fica tranquilo. Escreve, coloca a tua criatividade em voga, né? Se você tem alguma coisa que você escreveu que está no seu celular, no bloco de notas, vamos colocar esse texto pra joga, vamos ver como é que ele tá, dá vida pra ele e depois a gente se preocupa com a classificação” (Entrevista pessoal Beatris, 2025).

Ao ajudar seus alunos que participam do concurso, a professora Gisele incentiva o processo de revisão e reescrita dos textos:

Quando eles vêm mostrar o texto, eu sempre falo muito para eles: “Não, aqui está bom, ali tá bom. Ó, aqui, está vendo que tu tá mudando já de assunto. Então, não está ficando muito legal. Vamos tentar mudar. Ó essa palavra aqui, tu não achas que essa palavra aqui, ela não fez muito sentido? Vamos ver o que é que a gente pode botar”. Eles vão lá, sentam e vêm: “Ó, professora, eu troquei. Olha aqui como é que ficou”. Entende? (Entrevista pessoal Gisele, 2024).

A maneira como as professoras orientam a escrita de seus alunos dialoga com Tauveron (2014), e as condições necessárias para a formação de um aluno-autor. Observa-se em seus relatos o incentivo ao trabalho de escrita e reescrita, ao polimento do texto, assim como conversa com Vigotski (2009), quando este fala que a criança escreve melhor sobre coisas que são do interesse dela.

Questionadas se o concurso literário da ACLLe contribui para a escrita literária dos estudantes, as professoras disseram que sim. Segundo elas, as contribuições seriam:

- a) Despertar nos alunos o gosto por criar textos literários;
- b) Manter o interesse daqueles que já escrevem;
- c) Estimular a pesquisa sobre o gênero literário;
- d) Exercitar a autonomia, eles próprios decidindo se querem ou não participar;
- e) Incentivar a exposição de textos que geralmente ficam “escondidos”;

f) Serem avaliados por outras pessoas que não sejam apenas os professores.

Na lista, uma das contribuições apontadas pelas professoras está relacionada com o que afirma Tauveron (2014), a respeito do aluno-autor, que é o verbalizar seu projeto de autor, trazendo os textos para a apreciação de seus pares (colegas, professores, jurados da ACLe) e assumindo uma postura autoral. Todavia, para que um estudante assuma de fato uma postura autoral e seja identificado como um aluno-autor, são necessárias outras condições, já apontadas por Tauveron (2014), mas que não foram percebidas pelas professoras em relação ao concurso literário.

Conforme foi percebido nos relatos das professoras entrevistadas, apesar de existir da parte delas o compromisso pela produção autoral dos alunos, seja incentivando-os, ajudando-os a encontrar palavras adequadas, a ajustar ao gênero textual, conduzindo-os à reescrita e polimento do próprio texto, no momento de inscrever as produções dos alunos, o regulamento do próprio concurso aparece como um entreve. Conforme relatam, em sequência, as professoras:

[...] E eu tenho aquela turma que o professor não se envolve tanto, embora seja professor de Língua Portuguesa, não quer se envolver no concurso porque acha que dá trabalho. Mas o trabalho quem faz sou eu. Eu fico responsável pelas impressões, pelos envelopes, pelos pseudônimos, por criar as fichas, por imprimir as cópias, até por digitar, porque a maioria deles não digita o seu próprio texto, então até por digitar. Então tem professor que acha que vai dar trabalho (Entrevista pessoal Cheiene, 2025)

[...] E daí, a coordenadora do colégio, ela me falou: “Olha, a gente tem um curso de literatura”. A professora me apresentou, que tinha um curso de redação, eu era professora de Português, no caso, né, ensino fundamental todo, e uma parte do médio. Aí, ela me disse: “Olha, os alunos participam do concurso aqui, a da ALASI, né, que seria a Academia de Siderópolis, e participam da ACLe, que é a Academia de Criciúma. A gente sempre participou e tal, e é bem complicado, que tem professor que não quer participar. E ela falou isso, que dá muito trabalho, né, que o professor tem que estar corrigindo, tem que fazer a temática, ensinar os gêneros, depois estar propondo para eles fazerem, corrigir, digitar, preencher ficha de inscrição, envelope, e levar também” (Entrevista pessoal Gisele, 2024)

Por vezes a gente não tem, a gente tem que privilegiar outros conteúdos. Então, apesar de o concurso também ser algo a mais para a gente fazer, né porque eu tenho que selecionar os textos, revisar os textos, eu tenho que imprimir não sei quantos sei, dez cópias de cada

um separar essas cópias botar no envelope e é cheio é muito ainda é analógico, assim, sabe? (Entrevista pessoal Beatris, 2025)

Isto acontece porque o regulamento exige que sejam feitas cinco cópias de cada texto inscrito e que, para cada inscrição, a ficha seja preenchida com os dados do participante e um pseudônimo. A ficha de inscrição deve estar em um envelope menor, lacrado e identificado. As cinco cópias e o envelope menor devem ser colocados em um envelope maior e identificado, conforme orientação do regulamento (Anexo).

Ao responderem à pergunta “A escola é lugar de formar escritores?” A maioria respondeu que sim, justificando ser a escola um lugar para se incentivar a escrita literária. A professora Beatris, no entanto, traz algumas ressalvas com relação ao termo “escritor”:

[...] formar escritor eu acho complexo porque ele é uma profissão e eu não acho que a escola deva formar nenhuma profissão sabe? Não é o objetivo. Então, se da escola sai um escritor, se ele for incentivado a escrever, muito legal [...] mas eu acho que a gente pode formar leitores e escritores competentes para conseguirem utilizar a linguagem de forma que eles se insiram no mundo enquanto cidadãos enquanto sujeitos [...] (Entrevista pessoal Beatris, 2025).

Perguntadas sobre a sua relação com a escrita e os concursos literários, a professora Cheiene respondeu que escreve principalmente poemas, já participou e venceu alguns concursos literários, entre eles o da ACLe, e tem dois livros de poemas publicados. A professora Beatris escreve contos e crônicas, já participou e venceu o concurso literário da ACLe. A professora Bárbara gosta de escrever diários, hábito que cultivava na adolescência, apesar de hoje informar que não escreve por falta de tempo. A professora Gisele gosta de escrever poemas, contos e crônicas, especialmente sobre os temas família, sociedade e sobre sentimentos. As que têm seus textos publicados, seja na Revista Acadêmica da ACLe ou outras publicações, são as professoras Cheine e Beatris, conforme relatado nas entrevistas.

6.2 O PÓS-CONCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Os três entrevistados foram vencedores do concurso da ACLe: João Carlos, 55 anos, escritor e cineasta, primeiro lugar na categoria conto na 1ª edição (2000); Beatriz, 42 anos, analista de comércio exterior, primeiro lugar na categoria poema na 1ª edição (2000); e João Pedro, 29 anos, professor de Física, terceiro lugar na categoria crônica na 12ª edição (2011).

Quando participaram do concurso pela primeira vez, João Carlos era estudante do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA); Beatriz frequentava o 3º ano do curso técnico de comercialização e mercadologia no CIS (atual CEDUP Abílio Paulo) e João Pedro estava no 1º ano do Ensino Médio no Colégio Marista. João Carlos se recorda que alguém lhe falou sobre o concurso; Beatriz ouviu no rádio que a ACLe estava lançando um concurso e que o regulamento deveria ser retirado na Fundação Cultural de Criciúma; João Pedro ficou sabendo pela professora de redação do colégio.

Ao ser perguntado sobre como foi a produção do texto para enviar para o concurso, João Carlos relatou que aproveitou um texto que já estava escrevendo:

Eu estava estudando na época no SENAC, fazendo um curso técnico de redação, tinha isso na época, né? O que tinha mais próximo, assim, para ajudar quem estava começando a escrever era isso. E aí eu estava fazendo esse curso, e aí eu tinha um professor de linguística, né? Trocava umas ideias com ele e tal, de Florianópolis, muito bom. E aí eu já tinha, estava desenvolvendo essa história da bailarina para uma prova. Dentro do curso, né? E justo esse conto foi uma homenagem que eu fiz à minha mãe, né? E era uma história, era uma história dela, e aí eu, claro, eu romanceei ela, né? Fiz o conto (Entrevista pessoal João Carlos, 2024).

Beatriz, que já tinha o hábito de escrever poemas, se inspirou em uma música gospel:

É assim, eu já escrevia muitas poesias, mas era algo que só eu sabia, ninguém nunca mostrava para mim, professor, nada, ninguém sabia, até familiares não sabiam. Era como se fosse uma válvula de escape para mim, né? Eu sempre fui uma pessoa mais retraída, mais tímida, então era uma forma de soltar minhas feras, assim. E aí, quando eu fui para fazer a inscrição, eu disse, não, vou ter que fazer uma coisa mais elaborada. Na época, eu frequentava uma igreja, e tinha um pouco mais, assim, naquela fase da vida, uma questão de espiritualidade

mais conectada, digamos. Eu estava numa fase, exatamente, de conexão, assim, de conhecer o lado espiritual da vida, digamos, né? Uma nova jornada. E aí eu escrevi um poema chamado “Ao Som do Teu Nome”, que era inspirado em uma música também, uma música gospel. E aí eu comecei, disse, “não, vou ter que fazer um negócio bonito”, mas, ao mesmo tempo que era algo espiritual, eu também brincava muito com as questões da letra, da palavra. [...] (Entrevista pessoal Beatriz, 2025).

João Pedro contou que sua crônica foi produzida na escola como forma de avaliar a produção textual dos alunos:

Eu fiquei sabendo pela escola, né? A professora de redação, na época, ela sugeriu que ela ia fazer uma avaliação e ela queria que a gente escrevesse um conto engraçado, alguma coisa assim. E ela sugeriu, quando ela leu o meu conto, ela gostou muito, que eu inscrevesse a minha história no concurso da Academia Criciunense de Letras. E o conto já está escrito, então, escrevi o conto, dei uma editada, né? Melhorei uma coisinha aqui, uma coisinha ali. Escrevi um conto. [...] Ela queria que fosse uma história engraçada. Eu não lembro exatamente se tinha um gênero literário específico. Eu não lembro se era crônica ou conto, eu acho que era crônica. Mas eu não tenho certeza, porque eu... faz bastante tempo. Mas foi uma atividade de sala de aula. Valeu nota. Eu lembro que eu não tirei 10, apesar da, por causa de alguns erros básicos ali, mas depois eu corriji tudo e segui para o concurso. [...] Eu acho que a história, na minha opinião, é uma história interessante. Provavelmente é bem engraçada e tal. E talvez faltava só refinar um pouquinho, né? Quando a gente escreve em sala de aula, valendo nota, tem aquela pressão, tem um tempo limite para fazer, não fica ideal (Entrevista pessoal João Pedro, 2024).

Em outro trecho da entrevista, João Pedro menciona o gosto pela leitura e um livro em particular que ele acredita tê-lo ajudado a escrever sua crônica, que é o primeiro volume do Guia do Mochileiro das Galáxias¹⁴.

É um dos poucos livros que eu li e dava gargalhada. Sensacional. [...] Eu nunca pensei enquanto eu estava escrevendo nesse livro, mas com certeza tudo que a gente lê a gente absorve, né? Então, com certeza ficou ali no fundo da minha cabeça que aquilo ali era um jeito legal de escrever e que era possível escrever daquele jeito. Eu nunca tinha visto alguém escrever daquele jeito. E quando eu tinha isso, nossa, que legal de escrever assim. De forma debochada e engraçada e sem noção. Tem tudo a ver com a forma como eu escrevi a história da Meleca (Entrevista pessoal João Pedro, 2024).

¹⁴ Guia do Mochileiro das Galáxias do autor Douglas Adams, (1979).

É possível perceber que, com mais ou menos intensidade, os entrevistados apresentavam uma postura mais autoral, conforme mencionada por Tauveron (2014), ao caracterizar o aluno-autor. Observa-se em seus relatos o trabalho de reescrita dos textos, o entendimento do que é escrever realidade e ficção (literariedade), a conscientização de que escrever não é fazer uma obra totalmente original, a compreensão de que a imaginação se alimenta da realidade, a importância de manter um registro de seus escritos, que Tauveron chama de “caderneta do escritor”. Nota-se, também, conceito de Prose (2018), sobre imitar a forma de escrever dos escritores favoritos até desenvolver seu próprio estilo de escrita.

Após o concurso literário João Carlos e Beatriz continuaram escrevendo. João Carlos relatou que, quando era adolescente, escrevia histórias em quadrinhos. Depois passou a escrever crônicas e contos e, por fim, romances e livros infantis, até tornar-se membro da ACLe em 2016. Beatriz manteve-se escrevendo poemas, até que surgiu a oportunidade participar novamente do concurso literário da ACLe em uma categoria inédita e que foi oferecida apenas uma vez: a de livro inédito. Ela ganhou e a Academia publicou seu livro de poemas intitulado *Ao som do Teu nome*. Ela tem mais um livro publicado e está escrevendo outro. João Pedro, no entanto, não continuou a escrever textos literários. Quando perguntado se participou de outros concursos literários, respondeu:

Não. Uma pena, porque até esse primeiro ano nós tínhamos, a gente não tinha ideia do, não tinha tanta pressão para passar no vestibular, essas coisas. Era mais ir para a aula, pra aprender, aquela coisa e tal. A partir do segundo ano do ensino médio, e isso já foi no final do primeiro, né?, começou aquela coisa de você tem que fazer o Enem, você tem que escrever uma redação do Enem. Então o nosso foco deixou de ser escrever um texto legal para escrever um texto que seja nota boa, nota 10 do Enem. E eu fui bem no Enem. Eu escrevia bons textos para o Enem. Só que geralmente é aquele texto que é aquela receita pronta, que a gente escreve, tem a parte da introdução, tem o argumento, tem a conclusão, aquela coisa. Então, não é necessariamente um texto que vai ser legal de ler, é um texto que serve para você tirar uma nota boa no Enem. Então, como me deu um foco, e eu não tinha o hábito de escrever, então, não, depois não participei mais (Entrevista pessoal João Pedro, 2024).

Perguntados se o concurso da ACLe contribui para a escrita dos estudantes, Beatriz disse que ele é uma forma de incentivo.

Sim, é claro. Hoje eu já tenho uma filha que está estudando. Então, de tempos em tempos eu ouço através dela essa iniciativa nas escolas. Assim como eu fui agraciada e, de certa forma, entendi que eu tinha uma possibilidade de usar a arte como uma expressão. Isso se replica para os outros ganhadores até hoje. Hoje eu não conheço mais os que estão ganhando, os vencedores atuais, mas eu tenho certeza que, vencendo esses concursos, recebendo uma premiação, que mesmo não sendo em dinheiro, mesmo sendo uma medalha, um espaço, um momento de premiação, isso incentiva a pensar: nossa, que legal, eu posso continuar escrevendo, o que eu escrevo é legal, e olha, eu também tenho um reconhecimento por parte da sociedade, mesmo que às vezes seja limitado àquele grupo e tudo o mais, ou até só ao ambiente escolar. É uma maneira de as pessoas dizerem: “Olha, estou sendo reconhecido pelo que eu estou fazendo”. Então, com certeza, eu acho que é esse o incentivo (Entrevista pessoal Beatriz, 2025).

João Carlos, no entanto, acredita que esta forma de concurso não ajuda mais tanto.

Até um ano e meio atrás ajudava [...] hoje, com a inteligência artificial, qualquer um tem acesso ao chat GPT [...] ou alguma outra ferramenta. Então, é difícil o aluno ou a pessoa que não vai lá e vai se utilizar dessa ferramenta, é difícil. Então eu penso assim: o que deveria ter, deveria ser concursos que a pessoa escrevesse na hora. [...] Eu acredito que, como tem essa inteligência agora, a maioria, não estou dizendo todos, é lógico, tem aqueles que gostam de escrever, né, mas a maioria, até aqueles que gostam de escrever, vão ser tentados a usar, como experiência ou pra ver e tal [...] Então, então assim, os concursos vão ter que ter um critério muito, muito legal, assim, na hora de avaliar, e os ganhadores, eu acho que teriam que ser avaliados pessoalmente. E, tipo assim, ah, você escreveu o texto, ganhou, agora vem aqui e dá uma síntese do texto que escreveu [...] se ela realmente escreveu, o texto faz parte dela, ela vai conseguir colocar ali. Se foi a inteligência artificial que escreveu, a hora que ela escrever, tu vais perceber que não foi ela. [...] vão ter que ter algum critério, senão vai ficar uma coisa muito, muito desleal, né, para aqueles que têm talento e, às vezes, não têm acesso à tecnologia, ou que não usam a ferramenta, né (Entrevista pessoal João Carlos, 2024).

Quando perguntados se a escola é lugar de formar escritores, eles acreditam mais no potencial de incentivar e de colocar os alunos em contato com as manifestações artísticas. Segundo Beatriz:

Formar escritores? Não. Não exatamente formar. Eu acho que a escola é um lugar para ofertar também arte, para disponibilizar possibilidades artísticas. Digamos, é uma vitrine, digamos assim, olha aqui, aqui tem o livro, aqui tem a pintura, aqui tem a música, você pode usar todas essas expressões como manifestação, mas ela não tem a obrigação de formar um escritor, porque o escritor, ele tem uma vertente individual. Óbvio, apresentar a literatura, apresentar os melhores os escritores da nossa língua [...] então, entender isso como uma vitrine, mas não como uma obrigação, tipo assim, você tem que escrever. Tem

gente que não é, não é dessa praia, não é da música, é da pintura, enfim, então não acho que seja obrigação, não (Entrevista pessoal Beatriz, 2025).

Segundo João Carlos:

Eu acho que a escola é lugar de ajudar em tudo, né, [...] se o professor for bom e ele vê o talento do aluno, ele pode ajudar, né, a orientar o aluno para ler bons livros, assistir bons filmes, a ter uma boa escrita, vai de cada professor, eu acho isso. Não é muito a escola como instituição, né, acho que vai de, vai mais de cada professor, né. Eu tive excelentes professores que incentivaram, né, que eu tive aqueles também que fizeram eu ter medo até da matéria, das coisas, então, vai muito do professor. O aluno também, eu acho que é assim, é muito o aluno querer também aprender, o professor está disponível para ele para ajudar a encaminhar. Mas é uma, é muito do aluno, acho que é metade aluno, metade professor (Entrevista pessoal João Carlos, 2024).

6.3 O CONCURSO LITERÁRIO NA CORDA BAMBA

Foram entrevistadas três integrantes da ACLe: Cármen, 58 anos, na entidade desde 2012 e na atual coordenadora do concurso literário; Doris, 74 anos, na entidade desde 1997 e presidente da ACLe; Sandra, 65 anos, na entidade desde 1997, já foi coordenadora do concurso literário.

Uma das primeiras perguntas feitas foi sobre a presença da ACLe nas escolas. Conforme relatado, os membros da Academia sempre se colocam à disposição quando uma escola solicita a presença da ACLe e, conforme relatou Cármen, não são muitas as que solicitam. Conforme Doris, as turmas que mais pedem a presença dos membros da ACLe são professoras do Ensino Fundamental I. Assim, os membros que escrevem literatura infantil vão até as escolas, levam seus livros, mostram, contam histórias.

Quando se trata da divulgação do concurso literário da ACLe, foi relatado que, devido ao número de escolas municipais, estaduais e particulares da cidade, existe a dificuldade de visitar todas elas. Assim, a divulgação é feita pelo *Facebook* da ACLe, onde é postado o regulamento. Foi criado um grupo de *WhatsApp* em que os vencedores de cada edição são adicionados para facilitar a comunicação. Como muitos permanecem no grupo após a premiação, é também divulgado no regulamento neste grupo, que se encontram, geralmente,

escolas e professores. Algumas pessoas também chamam os membros pelas redes sociais para solicitar mais informações sobre o concurso.

Ao serem questionadas sobre a seleção dos textos, os critérios utilizados pelos jurados e mencionados foram: a) criatividade; b) escrita correta; c) beleza do texto; d) emoção do texto; e) concordâncias; f) gênero textual. Sobre o gênero textual, a coordenadora informou que existe muita confusão dos participantes na hora de classificar seus textos, especialmente os contos e as crônicas. Segundo ela, o texto não é desclassificado, mas trocado de categoria, onde passa a concorrer com os demais. Ela aponta que um dos critérios observados é a linguagem adequada à idade do participante, principalmente as crianças. Ela apresenta o seguinte exemplo:

[...] o infantil, se a criança começa assim, “no meu tempo de infância”, que tempo de infância? Ela já é criança, então não foi a criança que escreveu. Já é desclassificado de cara. Entendeu? Tem uma desclassificação assim. Então, é muito pela lógica da idade (Entrevista pessoal Cármen, 2024).

Conforme relataram Cármen, Doris e Sandra, esse tipo de texto aponta para algumas questões que as preocupa muito, que são: adultos escrevendo os textos para as crianças, o plágio de textos de outros escritores e o uso de inteligência artificial. Na tentativa de evitar premiar textos fruto de fraude, elas usam da experiência dos concursos anteriores e de buscas no Google para evitar o plágio. Mas, segundo elas, a maior preocupação está no uso da inteligência artificial.

Quando questionadas sobre os temas que mais aparecem nas produções do concurso, a resposta unânime foi o amor. Mas, conforme relatado por Sandra, ao longo do tempo outros temas foram aparecendo:

Lá no início, lá dos concursos, eu me lembro, assim, que vinha muito poema de amor, aquela coisa, sabe? Aquela coisa romântica e tal. Com o tempo, foi mudando um pouco isso. [...] recebemos muitos, muitos, muitos textos que falam da tragédia [...] Rio Grande do Sul, sabem? Foi uma coisa que chocou, que choca eles. Bom, além disso, temos, assim, muitas jovens, principalmente, que falam nas questões de gênero. Ah, parece que é questão de gênero. Muito, muito, muito. [...] Ah, questões também de natureza. [...] Mas, enfim, mas, assim, as temáticas vêm mudando. Até acho assim, que até me agrada mais, assim, porque são coisas, assim, que são coisas que os alunos estão sentindo, né? Que as crianças e os jovens estão sentindo [...] a gente fica achando legal, né, o sentimento que esses jovens, que parecem,

assim, que são tão desligados, só pensam em nada, às vezes, vem uns, assim, que a gente vê que são, realmente foram chocados por essas questões (Entrevista pessoal Sandra, 2025).

Há um tema, no entanto, que vem aparecendo nas produções literárias e tem preocupado os jurados: o suicídio.

Olha, eu vou te dizer, nós deixamos de selecionar, não foi nem esse ano, foi ano passado, um texto que falava sobre suicídio. Isso aí nós achamos que era uma coisa grave, sabe, eram, porque todos os textos depois vão para a revista. Sim. Então, ele era um aluno, assim, que falava, não sei se era menino ou menina, era uma apologia ao suicídio, então, esse tipo de coisa (Entrevista pessoal Sandra, 2025).

Para Vigotski (2009), a adolescência é um período da vida marcado por profundas mudanças, tanto internas como externas em que “a vida interior fica infinitamente mais complexa em comparação com a idade precedente” (Vigotski, 2009, p. 75). Segundo o autor, a emotividade aguçada, o turbilhão de sentimentos começa a aparecer quase ao mesmo tempo em que esses jovens deixam de lado os desenhos para adentrarem o período da escrita literária. Segundo Vigotski (2009):

Com muito mais facilidade do que o desenho, a palavra permite transmitir relações complexas, principalmente de caráter interno. Além disso, em relação à atividade externa, a palavra transmite com mais facilidade o movimento, a dinâmica, a complexidade de algum acontecimento, em comparação com o desenho imperfeito da criança (Vigotski, 2009, p. 77)

Levando em consideração o que foi mencionado nas entrevistas, pode-se perceber que o adolescente, protegido por um pseudônimo (pois o concurso exige o uso de um pseudônimo para que o autor do texto não seja identificado durante o processo de seleção), sente-se mais confortável em expor suas angústias e seus sentimentos, como no caso de temas como questão de gênero ou outros. Mas no caso do texto em que o participante menciona o suicídio, conforme relatado na entrevista, a Academia abriu o envelope, identificou o autor e reportou à escola, pois a entidade temia pela integridade do adolescente.

Perguntou-se às integrantes da Academia se o concurso contribuía para a escrita literária dos estudantes. Segundo Doris:

[...] o que eu já vi, o que eu já presenciei, o que eu já li, quem participa é normalmente uma pessoa que é um aluno que gosta, gosta da literatura. E nós temos o aluno que se descobre autor, que se descobre escritor, que se encanta pelo concurso. Eu já notei isso, inclusive, nas premiações, crianças que, tu notas, né? Quem é da escrita, é repetitivo. É repetitivo, ele ganha vários concursos (Entrevista pessoal Doris, 2025).

De acordo com Sandra:

[...] eu acho que contribui, sim, contribui. Agora, também, eu acho que nós teremos que trabalhar mais os professores. [...] Uma coisa que eu percebo muito que, se realmente há uma seleção breve para nos mandar os textos, tem muito professor que não sabe diferenciar o que é crônica e o que é conto. Então, a gente esbarra, a gente vê, assim, que teria que começar a trabalhar lá o professor. [...] Agora, também acho o seguinte, que também tem muito aluno que faz aquela coisa forçada, né? É forçado aquilo que o professor obrigava, vamos escrever, nós temos que escrever para a academia. [...] Não deveria ser assim [...] (Entrevista pessoal Sandra, 2025).

Conforme Cármen:

[...] Incentiva escrever, incentiva a tirar aquelas anotações que estão na gaveta. Então, assim, incentiva também os professores, que os professores também, se não fossem vocês. Eu digo isso de cadeira, assim, bem segura do que eu estou dizendo. Se não fossem as professoras, não estou dizendo nem diretora, porque quem incentiva mesmo são as professoras, se não fossem as professoras interessadas em literatura e que gostam de literatura, basicamente o concurso, penso que das escolas, viriam poucos (Entrevista pessoal Cármen, 2024).

Sandra aponta uma falha na comunicação da Academia com as escolas, principalmente com os professores que desejam inscrever seus alunos no concurso.

[...] eu acho que a Academia falha na hora de divulgar o concurso. Talvez a gente deveria ir mais nas escolas e ter até uma reunião com professores, para professores de Língua Portuguesa, né, para orientar os professores, principalmente, assim, não obrigar aluno a escrever, porque quem não quer escrever, não adianta. E não obrigar e também ajudá-los a escrever, assim, sabe? (Entrevista pessoal Sandra, 2024).

Quando questionadas se a escola é lugar de formar escritores, Sandra e Doris enfatizaram que ela deve, antes, formar leitores. Cármen lembra que, se o aluno tiver um bom professor ele poderá descobrir, por meio da escola, que é um escritor.

6.4 ENTRE O PASSADO E O FUTURO

O concurso literário da ACLe, com mais de vinte anos de existência, ao mesmo tempo que se tornou tradição, corre o risco de extinção. É possível perceber, pela fala dos entrevistados, o inegável papel dos professores para o sucesso do concurso, pois, entre os jovens em idade escolar, fica a cargo dos professores, em especial os de Língua Portuguesa, a tarefa incentivar os alunos à produção dos textos, a correção e reescrita, a pré-seleção, sem contar a logística de digitar, imprimir, comprar e colocar nos envelopes e enviar à organização do concurso. Percebe-se, pela fala dos professores entrevistados, que até mesmo o que seria atribuição da gestão escolar (como é o caso da compra dos envelopes) fica a cargo dos professores, o que provoca resistência da maioria em participar.

Quando se trata dos vencedores, é possível identificar que dois deles, que já eram ativos na escrita literária e valeram-se da oportunidade do concurso para publicar seus textos e levar adiante outros projetos de escrita, tanto que seguem escrevendo até hoje. Um deles, mesmo sendo leitor assíduo de obras literárias, não continuou a escrever textos literários, resumindo sua participação a apenas uma edição do concurso quando ainda estava no primeiro ano do ensino médio. O próprio entrevistado descreve a experiência como divertida e corrobora o que escreveu Vigotski (2009), acerca da “janela de interesse” que se abre na adolescência e que pode naturalmente se fechar, levando o jovem a voltar sua atenção para outras áreas.

A ACLe, por sua vez, encontra-se diante de um desafio que vem com o avanço da tecnologia: a inteligência artificial. Percebe-se pelo relato dos seus membros a dificuldade de identificar a escrita literária realizada por um ser humano, que se expressa por meio da arte literária, dos textos produzidos artificialmente. Longe de haver uma solução mágica para esta realidade que está impondo desafios principalmente à educação, uma possibilidade é trabalhar de forma mais estreita com professores, gestores escolares, secretarias de educação e coordenadorias de ensino, montando estratégias de produção de texto em sala de aula, uma vez que a escola, por meio de lei federal, proíbe o uso de aparelhos celulares e afins em ambiente escolar.

Para manter a tradição do concurso literário que vem de décadas passadas e garantir a sua existência no futuro é imprescindível que a ACLe comece a repensar suas estratégias no único momento possível: o presente, pois são estratégias e ações pensadas no agora que garantirão a existência do concurso.

7 CONCLUSÕES

Neste capítulo apresentaremos as considerações finais desta pesquisa que buscou compreender o papel da Academia Criciumense de Letras (ACLe) e sua relação com a educação literária – leitura e escrita. Para isso, objetivamos, de modo geral, compreender o papel da ACLe na promoção da leitura e escrita literária entre jovens estudantes de escolas de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Criciúma e traçamos, como objetivos específicos, identificar que ações da Academia são realizadas em prol da leitura e escrita nas escolas; investigar o potencial dessas ações desenvolvidas no âmbito da educação literária; analisar que que formar essas ações contribuem para a produção e difusão dos textos autorais dos estudantes.

O percurso metodológico para analisar as fontes documentais – orais e textuais – foi construído a partir da entrevista com professoras, vencedores do concurso literário e membras da ACLe, pois, assim, foi possível compreender de forma mais efetiva a dinâmica das ações desenvolvidas e o envolvimento de cada um dos atores: alunos, professores e Academia. A principal fonte documental foram as vinte e três edições da Revista Acadêmica da ACLe. Lançadas anualmente, essas publicações reservam espaço para os acontecimentos da entidade, textos dos membros e textos premiados no concurso. Assim, foi possível acompanhar as atividades da Academia ao longo dos anos.

Em Academia de Letras do Brasil: breve histórico traçou-se uma linha do tempo, relatando de forma sucinta a criação das academias de letras no Brasil, passando pela criação da ACLe e do concurso literário. No capítulo Quatro perguntas sobre a literatura, fomos em busca de respostas para perguntas que consideramos importantes a respeito da literatura. Nessa busca, encontramos a definição de Lajolo (1984), sobre o que ela chama de “agentes especializados”, ou seja, intelectuais, críticos, entidades, academias, que acabam por validar um texto como literário ou refutá-lo. A partir de então, passamos a tomar a ACLe como um desses agentes especializados, para podermos entender de que forma a Academia exerceria esse papel junto aos estudantes. Além de Lajolo (1984), esse capítulo contou com teóricos

importantes como Culler (1999), Candido (2011), Fritzen (2019), Compagnon (2009) e Perrone-Moisés (2006), que contribuíram para responder às quatro perguntas: O que é literatura? Para que serve a literatura? Quem tem direito à literatura? Por que ensinar literatura?

Em A escrita literária na escola, discutimos, a partir de Candido (2011), e Rezende (2018), como a escrita perde força entre os estudantes, conforme avançam as séries, seja porque a “janela de interesse” se fecha ou é fechada à força, diante da pressão para escrever textos adequados ao Enem, conforme relatou João Pedro. Por vezes o texto literário produzido em sala é apenas para avaliação do professor, sem outro fim, ou “endereçamento”, conforme Bakhtin (2003), o que imediatamente traz à mente o relato da professora Bárbara quando sua aluna, vencedora da última edição do concurso, agradece e diz que pela primeira vez viu seu texto ser levado adiante, para outros leitores, e não ser mais um na pilha de trabalhos. Ocorre, no entanto, que em sala de aula a literatura ainda é usada como pretexto para o ensino de gramática ou, como acontece com o poema, ser usado como texto “rápido” e “fácil” em uma atividade que, por vezes, reduz sua produção ou apreciação às rimas.

O que Vigotski (2009), apresenta e aqui passamos a chamar de “janela de interesse”, se trata do período em que os adolescentes transitam do desenho para a escrita literária, período esse que pode ser curto ou se manter por muito tempo, a depender de como é conduzido pela escola. O autor ainda faz um alerta sobre a imposição de temas para as produções literárias, que, além de restringir a criatividade e a liberdade de criação, afasta o jovem da literatura. Trazemos ainda à pesquisa o conceito de aluno-autor de Tauveron (2014), pelo qual vislumbramos caminhos e possibilidades para que professores ajudem a desenvolver em seus alunos a escrita autoral.

Em A Academia Criciumense de Letras e a educação, procuramos fazer um levantamento das principais ações realizadas pela ACLe, focando naquelas direcionadas às escolas de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Criciúma. Mesmo atendendo a escolas de outros municípios, procuramos manter o recorte e não desviar dos objetivos traçados para a pesquisa. As ações identificadas foram: a realização de palestras falando sobre poesia e literatura, apresentação e leitura dos seus livros (aqueles que têm livros lançados, especialmente

infantis), lançamento de seus livros na Feira do Livro de Criciúma, visita e doação de seus livros para bibliotecas escolares, envolvimento em um projeto sobre poemas em parceria com a AFASC, sarau de leitura de poemas dos alunos vencedores do concurso na Feira do Livro, lançamento da Revista Acadêmica e cerimônia de premiação dos vencedores do concurso literário, participação de alguns membros como jurados em concursos escolares, abertura da sede da ACLe para a visita de escolas e alunos com conversa e sarau organizado pelas escolas visitantes, visita às escolas para divulgar o concurso literário da ACLe.

Analisando as ações realizadas, é possível perceber que a Academia não realiza atividades específicas de leitura literária ativa, como círculo de leitura, clube do livro, conversa sobre livros, textos ou autores lidos, ou mesmo alguma atividade ou dinâmica relacionada à leitura literária, como o sarau. Com relação à escrita literária, a única ação é o concurso literário, que visa a incentivar a participação dos estudantes, mas que geralmente está condicionado à escola e ao interesse do professor inscrever seus alunos. Nenhuma outra ação é feita além dessa, como oficinas de escrita criativa ou de criação literária. É possível, a partir do exposto, começar a traçar uma conclusão, tendo como norte os objetivos estabelecidos para esta pesquisa: as ações da ACLe não contribuem diretamente para a leitura e a escrita literária dos estudantes.

Quando passamos para as entrevistas, presentes no capítulo Do regulamento à premiação: o caminho do concurso literário, podemos ver por outros ângulos essas ações e, assim, avaliar melhor seus efeitos referentes à educação literária. As professoras entrevistadas, de modo geral, avaliam que os alunos que desejam participar do concurso de forma espontânea se mostram empolgados com a possibilidade de terem seus textos publicados, de ganharem uma medalha, de serem reconhecido como escritores. Observou-se que, em virtude do concurso, são realizadas algumas práticas apresentadas por Tauveron (2014), e que ajudam a desenvolver a escrita autoral dos estudantes, como o verbalizar seu projeto de autor, uma vez que o aluno se assume autor de um texto literário e a reescrita e aprimoramento de seu texto. Essas são posturas que ajudam a desenvolver a escrita literária autoral dos alunos e que, de forma ideal, deveria ser exercitada sempre, não apenas em função de um concurso literário. Em relação aos vencedores entrevistados, dois deles

apontaram o concurso mais como um meio de se expor e expor seus textos literários, uma vez que já tinham o hábito da escrita, e que continuaram a escrever depois de vencerem o concurso. Nos dois entrevistados é possível identificar outras posturas de autor mencionadas por Tauveron (2014). Um dos vencedores, no entanto, teve uma postura de autor parecida com a encontrada nos alunos das professoras entrevistadas, ou seja, seu texto foi produzido para uma atividade avaliativa em sala de aula, aprimorado e inscrito para o concurso. Ele não continuou a escrever textos literários, pois direcionou seus interesses à outras áreas, como as exatas, apesar de mencionar que era e continua sendo um leitor muito ativo.

As acadêmicas entrevistadas, por sua vez, entendem que o concurso literário contribui para a escrita literária dos estudantes, mas admitem que ele é mais efetivo para aqueles que já tem o hábito e o gosto pela escrita literária, que o concurso é uma oportunidade para aqueles que querem tirar os textos “da gaveta”, que querem se expor como escritores, que se descobrem escritores depois de participar do concurso. Elas se mostram contrárias à prática de obrigar os alunos a escreverem para participar do concurso. As entrevistadas, a propósito, reconhecem o papel dos professores e atribuem a eles o sucesso do concurso da entidade, mas fazem uma observação com relação à qualidade dos textos, que muitas vezes são enviados ao concurso com muitos erros ortográficos, como se não tivessem passado por um processo de reescrita e correção.

É possível, assim, chegar a mais uma conclusão, afirmando que o papel de desenvolver nos estudantes a escrita autoral cabe à escola, em especial aos professores, e não à Academia. Esta, por sua vez, se coloca como promotora do concurso e agente especializado e, se lermos as entrevistas, perceberemos que em nenhum momento a ACLe chama para si a responsabilidade de formar escritores, mas se coloca à disposição das escolas e dos professores, se solicitada. Seria importante, no entanto, que a ACLe repensasse seu regulamento para edições futuras, pois desde o ano 2000 mantém o mesmo formato de regulamento, solicitando o envio de cinco cópias impressas de cada texto inscrito, sendo que outros concursos do mesmo porte já aboliram a inscrição por meios físicos, migrando com sucesso para a inscrição feita via e-

mail ou site. Manter a atual forma de inscrição, conforme mencionado pelas professoras, dificulta o processo de inscrição, por gerar mais trabalho para as docentes e, conseqüentemente, desinteresse em inscrever os alunos. Um processo mais ágil, como o eletrônico, poderia permitir que mais professores abraçassem o concurso e incentivassem os alunos.

A Revista Acadêmica, veículo de publicação oficial da ACLe, é impressa, e os vencedores do concurso literário, assim como as escolas dos estudantes vencedores, recebem um exemplar. Os demais exemplares são doados ou adquiridos por secretarias de educação. Com uma tiragem de aproximadamente 300 exemplares, os textos publicados tem um alcance limitado entre os possíveis leitores. A difusão dos textos dos vencedores do concurso e dos próprios membros seria muito mais amplo se além dos exemplares físicos a Academia disponibilizasse a Revista Acadêmica na versão online ou e-book.

Celdon Fritzen (2019), lembra que há um problema a ser enfrentado e que afeta tanto a comunicação como a literatura, que é a “cultura imagocêntrica”. Porém, os relatos dos entrevistados confirmam aquilo que já estamos percebendo e que avança para se tornar uma nova cultura, que é a cultura da inteligência artificial. O Chat GPT e outras ferramentas similares preocupam tanto professores como escritores, que temem pelo futuro da escrita literária, uma vez que pode estar a caminho uma “literatura” produzida de forma artificial por pessoas que visam unicamente ao *status* de publicar um livro ou ao lucro que ele pode gerar. Isso pode comprometer o que a literatura tem a nos proporcionar de valioso, que segundo Candido (2011), é o papel humanizador da literatura. E não é só isso. Para que ferramentas de inteligência artificial não invadam as salas de aula e comprometam a produção literária daqueles que almejam uma literatura feita por humanos e para humanos, a ACLe e as escolas podem trabalhar em parceria. Para que isso aconteça, é importante que tanto a escola quando a Academia Criciumense de Letras repensem suas práticas e iniciativas e possam construir outras voltadas às necessidades de novos tempos.

A Academia Criciumense de Letras completa 28 anos de existência em 2025 e ainda pode despertar o interesse de outros pesquisadores. Dada a natureza desta pesquisa e suas limitações, não foi possível incluir entrevistas de estudantes que participaram de uma ou mais edições do concurso, mas não

foram vencedores. É possível, também, analisar os textos vencedores produzidos pelos estudantes ao longo dos anos, bem como investigar se há, entre os professores das escolas de ensino fundamental e médios, aqueles que desenvolvem em seus alunos a postura de aluno-autor, conforme definida por Tauveron (2014), e apresentada nesta pesquisa. Existe, ainda, a possibilidade de pesquisar os textos dos próprios membros da ACLe, que a cada ano são publicados na Revista Acadêmica, a fim de formar um panorama da literatura produzida por escritores da cidade ou em busca de produções literárias que relatam fatos importantes da história de nosso país, como os textos da escritora Derlei Catarina de Luca, ex-presa política e ocupante da cadeira n.1, que entre um conto e outro escrevia sobre o período da ditadura militar.

Assim, concluo esta pesquisa dizendo que, mesmo não sendo papel da escola ou da Academia Criciumense de Letras formar escritores, iniciativas voltadas para a produção da escrita literária entre os estudantes são válidas e importantes, mesmo que o interesse pela escrita dure por um curto período de tempo, em geral a adolescência. E mesmo breve ou sem grandes pretensões literárias, é fundamental valorizar essas produções, ou esses “grãozinhos” como fala Vitgotski (2009), pois para além de prêmios e medalhas, há um ser humano jovem que decidiu, muitas vezes em conflito com suas emoções, valer-se da escrita literária e expor-se ao outro. Vigotski (2009), também lembra que não devemos nos ater às produções de grandes gênios e que a humanidade se constitui, também e inclusive, de escritores anônimos. Encerro, assim, com a seguinte citação do autor:

Se levarmos em conta a presença da imaginação coletiva, que une todos esses grãozinhos não raro insignificantes da criação individual veremos que grande parte de tudo o que foi criado pela humanidade pertence exatamente ao trabalho criador anônimo e coletivo de inventores desconhecidos (Vigotski, 2009, p. 16).

REFERÊNCIAS

ACLE, Academia Criciumense de Letras. ACLe no 1º Concurso de Poemas – SATC 50 anos. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 11, p. 25, 2009.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Comentários. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 8, p. 154, 2006.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Diretoria da ACLe na Prefeitura Municipal de Criciúma. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 12, p. 18, 2010.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Em novembro de 2015, as Acadêmicas Cármen Neves e Sandra Silvestre participaram como juradas do Concurso Literário da SATC “Arte e Poesia”. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 17, p. 44, 2016.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. **Estatuto da Academia Criciumense de Letras**, Criciúma, v. 1, n. 1, p. 3, 1977

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Parceira da ACLe com a ACTU Concurso Poesia Vai de Ônibus. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 20, p. 43, 2019.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Participações em eventos. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 15, p. 31, 2013.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Projeto “Bordando Poesia/B+A=BA da vida” é lançado pela AFASC. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 18, p. 35-37, 2017.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Projeto Conhecendo a ACLe. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 20, p. 36-40, 2019.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. Projeto “Mundo Mágico das Letras”. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 11, p. 24, 2009.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. **XIII Concurso Literário da Academia Criciumense De Letras – ACLe**. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php/?story_fbid=416360140977971&id=100078119667873&locale=pt_BR. Acesso em: 20 jan. 2025.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. 12ª Feira do Livro de Criciúma. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 19, p. 27, 2018.

ACLE, Academia Criciumense de Letras. 16ª Feira do Livro de Criciúma. *In: Revista Acadêmica*. Criciúma, v. 1, n. 24, p. 49, 2023.

ACADEMIA FRANCESA. *In: Wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Academia_Francesa&oldid=67762513. Acesso em: 16 abr. 2024.

AMARAL, Izabel Cristina Macedo. **Academia Estudantil de Letras (AEL): reflexões sobre eventos e práticas de letramento no processo de formação do leitor literário**. 2023. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66528>. Acesso em: 23 fev. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: Bakhtin, Mikhail. Estética da criação verbal*, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASTOS, Edna M.G. Apresentação. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 6, p. 10, 2004.

BASTOS, Edna M.G. Apresentação. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 12, p. 13, 2010.

BASTOS, Edna M.G. Posse da Nova Diretoria. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 9, p. 20, 2007.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução: José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 188.

BORDIGNON, Giovana. **Academia Criciumense de Letras: há quase 25 anos cultivando a língua portuguesa**. *4oito*, Criciúma, 9 jun. 2022. Cotidiano. Disponível em: <https://4oito.com.br/>. Acesso em: 8 maio 2024.

BORGES, Iris Guimarães. Apresentação. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 16, p. 13, 2016.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.

CAMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê**. Tradução: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Candido, Antônio. Vários Escritos*. 5. ed. / São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância? *In: CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DALLA-BONA, Elisa Maria; BUFREM, Leilah Santiago. Aluno-autor: a aprendizagem da escrita literária nas séries iniciais do ensino fundamental. **Educação em Revista**, [s. l.], ano 2013, v. 29, ed. 1, p. 179-203, 23 maio 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vD9FVS4kVYmv6ftMPtdVKTv/#>. Acesso em: 23 fev. 2024

DAMÁZIO, Beatriz Borges. Cores do Passado. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 24, p.240, 2023.

DAVI, Ronaldo. Orelha do livro. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 7, 2005.

FILHO, Archimedes Naspolini. Grande Concurso. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 3, p. 169, 2001.

FREITAS, Doris Becke Machado. Orelha do livro. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 4, 2002.

FISCHER, Almeida. Aposentadoria do Escritor. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 106, n. 2, p. 249-254, jun. 1971. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/2522/1388>. Acesso em: 3 abr. 2024.

FRITZEN, Celdon. O direito à literatura trinta anos depois. **Contexto**. Vitória, n. 5, p. 78-95, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/23018>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **O preço da leitura: leis e números por detrás das letras**. São Paulo: Ática, 2001.

MATEUS, Julia das Neves. **Confraria Literária: uma proposta democrática para a constituição do jovem leitor no contexto catarinense**. 2022. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/2a1c4a09-2056-4dd6-8d83-2df2a83ca9f5>. Acesso em: 23 fev. 2024.

NATALI, Marcos Piason. Além da Literatura. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 9, p. 30–43, 2006. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i9p30-43. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/19710..> Acesso em: 3 jul. 2024.

PARTICIPANTES de Clubes de Mães recebem certificados de conclusão do ensino fundamental. AFASC, 2018. Disponível em:

<https://www.afasc.com.br/noticias/Participantes-de-Clubes-de-Maes-recebem-certificados-de-conclusao-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. Tradução: Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

PILLON, Cármen Maria Neves Goulart. É tempo de agradecer! *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 18, p. 179, 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 9, p. 16–29, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>.. Acesso em: 3 jul. 2024.

PROENÇA FILHO, Domício. Por dentro da ABL. *In: Cândido*, Paraná, v. 149, 2017. Disponível em: Reportagem da Academia Brasileira de Letras. Biblioteca Pública do Paraná. Disponível em: bpp.pr.gov.br. Acesso em: 8 mai. 2024.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

QUADROS, Joice. Vereadores prestam homenagem à Academia de Letras. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 24, p. 78, 2023.

REZENDE, N.L.de. Leitura e escrita literaturas no âmbito escolar: situação e perspectivas. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 93-105, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/D3KspN7ZRdC6VL7HnhTY5dP/#>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SILVESTRE, Sandra Meyer. Livros e Figueiras. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 16, p. 11-15, 2006.

SILVESTRE, Sandra Meyer. Apresentação. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 7, p. 9, 2005.

SILVESTRE, Sandra Meyer. Orelha do livro. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 9, 2007.

SILVESTRE, Sandra Meyer. O nono Concurso Literário da ACLe. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 10, p. 179, 2008.

SILVESTRE, Sandra Meyer. O décimo Concurso Literário. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 11, p. 185, 2009.

SILVESTRE, Sandra Meyer. Apresentação. *In: Revista Acadêmica*, Criciúma, v. 1, n. 17, p. 13, 2016.

SURIAN, Thais. **“Sou imenso quando escrevo.” Práticas da escrita literária de professores: entre saraus e concursos literários**. 2019. 394 f. Tese

(Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/T.48.2019.tde-23122020-133622>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23122020-133622/pt-br.php>. Acesso em: 23 fev. 2024.

TAUVERON, Catherine. A escrita “literária” da narrativa na escola: condições e obstáculos. **Educar em Revista**, n. 52, p. 85-101, abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36286>. Acesso: 27 mar. 2024.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico – livro para professores**. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 2009.

ZOLA, Émile. **Germinal**. Tradução: André Telles. São Paulo: Martin Claret, 2014.

ZOLA, Émile. O Naturalismo no teatro. *In*: ZOLA, Émile. **O Romance experimental e o Naturalismo no teatro**. Tradução: Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982. P. 103.

APENDICE

Roteiro da entrevista semiestruturada com a presidente da ACLe

- a) Qual seu nome completo?
- b) Qual sua idade:
- c) Qual sua formação, onde se formou?
- d) Há quanto tempo é membro da ACLe?
- e) Há quanto tempo ocupa o cargo de presidente da ACLe?

1- Como surgiu a ACLe? Qual a motivação para a criação de uma academia de letras na cidade?

2- Como foram escolhidos os membros para compor a primeira formação da ACLe? / Quais foram os critérios para a escolha?

3- Como surgiu o concurso literário da ACLe? Qual é o objetivo do Concurso Literário da ACLe?

4- Qual a relação da ACLe com as escolas de Criciúma? Elas procuram a Academia ou é a Academia que sempre vai às escolas? Como esta interação acontece?

5- Na sua opinião, o Concurso Literário da ACLe contribui para o aumento ou melhora da escrita literária dos estudantes? Poderia justificar a sua resposta?

6 – Na sua opinião, a escola é lugar de se formar escritores? Poderia justificar sua resposta?

7- Que desafios a ACLe enfrenta nos dias de hoje?

8- Quais são os planos da ACLe para o futuro? Algum projeto?

9- Quando você começou a escrever? O que o/a motivou? Qual gênero favorito? Qual tema mais gosta de escrever? Poderia contar um pouco sobre sua relação com a literatura?

10- Você tem alguma relação com a educação? É ou foi professora? Poderia contar um pouco sobre esta relação?

11 – Em que edição foi cobrada a inscrição da ACLe?

Roteiro da entrevista semiestruturada com a coordenadora do concurso

- a) Qual seu nome completo?
 - b) Qual sua idade:
 - c) Qual sua formação, onde se formou?
 - d) Há quanto tempo é membro da ACLe?
 - e) Há quanto tempo está na coordenação do concurso literário da ACLe?
- 1- Como as escolas ficam sabendo do Concurso Literário da ACLe? Que ações a Academia faz para que as escolas tenham conhecimento do Concurso?
 - 2- Qual a relação da ACLe com as escolas de Criciúma? Elas procuram a Academia ou é a Academia que sempre vai às escolas? Como esta interação acontece?
 - 3- Como a ACLe recebe os textos para o concurso? Qual a forma de entregar os textos? Poderia contar como é feito o recebimento dos textos?
 - 4- Como é feito o processo de seleção dos textos? Quais critérios a academia usa para fazer a seleção dos textos vencedores?
 - 5- Quem faz parte da comissão julgadora que escolhe os textos vencedores?
 - 6- Como a ACLe lida com plágios e, atualmente, com o uso do Chat GPT?
 - 7- Qual o gênero literário que o Concurso mais recebe: conto, crônica ou poema? Qual seria a proporção de um gênero para outro? Qual seria a explicação para que um gênero se sobressaia mais que o outro?
 - 8- Quais são os temas mais recorrentes nos textos produzidos por estudantes?
 - 9- Na sua opinião, o Concurso Literário da ACLe contribui para a escrita literária dos estudantes? Poderia justificar a sua resposta?
 - 10 – Na sua opinião, a escola é lugar de se formar escritores? Poderia justificar sua resposta?
 - 11- Em 2024 a ACLe completa 27 anos e o concurso literário entra em sua 23^a. edição. O que faz o Concurso Literário da ACLe ser assim longevo? Poderia justificar sua resposta?
 - 12- Quando você começou a escrever? O que o/a motivou? Qual gênero favorito? Qual tema mais gosta de escrever? Poderia contar um pouco de sua relação com a literatura?
 - 13- Você tem alguma relação com a educação? É ou foi professora? Poderia contar um pouco sobre esta relação?

Roteiro da entrevista semiestruturada com vencedores do concurso

- a) Qual seu nome completo?
- b) Qual sua idade?
- c) Qual sua formação, onde se formou?
- d) Qual sua profissão?
- e) Em que escola estudava e em que série estava quando ganhou o I Concurso Literário da ACLe?

1- Como você ficou sabendo do I Concurso Literário da ACLe?

2- Como foi a produção do texto para participar deste concurso, foi por iniciativa própria, por incentivo da escola, dos professores? Poderia contar como aconteceu esta produção?

3- Você já tinha o hábito de escrever ou foi sua primeira experiência escrevendo um texto literário?

4- Foi a primeira vez que participou de um concurso literário ou já havia participado de outro concurso antes? Qual concurso?

5- Como foi receber a notícia de que havia ganhado o I Concurso Literário da ACLe? Como foi a repercussão na escola, na família, entre os amigos?

6- Você continuou a escrever depois do concurso? Quais gêneros literários? Tem algum livro publicado ou participou de alguma coletânea?

7- Você ainda escreve nos dias de hoje? O que escreve? Se não escreve, por que parou de escrever?

8- Você participou de outras edições do Concurso Literário da ACLe ou de concursos promovidos por outras entidades? Como aconteceu esta participação?

9- Você fez ou faz parte de alguma Academia de Letras ou Associação de Escritores? Qual? Poderia contar como você se tornou membro? Se não é membro, gostaria de fazer parte?

10- Na sua opinião, o Concurso Literário da ACLe contribui para a escrita literária dos estudantes? Poderia justificar a sua resposta?

11 – Na sua opinião, a escola é lugar de se formar escritores? Poderia justificar sua resposta?

Roteiro da entrevista semiestruturada com professoras

- a) Qual seu nome completo?
- b) Qual sua idade?
- c) Qual sua formação/ onde estudou?
- d) Em qual escola atua/vínculo/rede?
- e) Quanto tempo de magistério?

1- Como você conheceu o concurso literário da ACLe?

2- Os membros (ou algum membro) da ACLe já foram pessoalmente à sua escola? Qual foi a ocasião? Eles desenvolveram alguma atividade literária com os alunos?

3- Como se dá a participação dos alunos no concurso? Eles são convidados? A participação é espontânea? Os professores realizam a produção dos textos como uma atividade avaliativa e depois separa os melhores textos para inscrevê-los no concurso? O tema desta produção é livre ou definido pelo professor?

4- Qual gênero é o mais produzido para o concurso na sua escola: poemas, contos e crônicas? Eles que escolhem o gênero ou é indicado pelo professor?

5- Qual a receptividade dos alunos com relação ao Concurso Literário da ACLe? Querem participar, tem interesse, tem curiosidade?

6- Quando há alunos premiados, como a escola recebe esta informação? É feita a leitura pública, um sarau, exposição de textos premiados, publicação em rede social da escola?

7- E os alunos que participam, mas não são vencedores, recebem algum destaque na escola pela participação? Tem seus textos lidos ou expostos?

8- Na sua opinião, o Concurso Literário da ACLe contribui para a escrita literária dos estudantes? Poderia justificar a sua resposta?

9- Na sua opinião, a escola é lugar de formar escritores? Poderia justificar sua resposta?

10- Você também escreve textos literários? Qual gênero gosta de escrever? Sobre que temas escreve?

11- Já participou do concurso da ACLe ou de outros concursos? Foi premiada? Qual gênero? Já publicou algum livro?

12- Você fez ou faz parte de alguma Academia de Letras ou Associação de Escritores? Qual? Poderia contar como você se tornou membro? Se não é membro, gostaria de fazer parte?

Transcrição da entrevista: Bárbara

Entrevistada (lendo) - Qual o seu nome completo?

Entrevistada - Bom, Cristiane, meu nome é Bárbara Della Bruna, tenho 46 anos de idade, a minha formação, no caso, né, eu fiz a faculdade de letras em Tubarão, na Unisul de Tubarão, né, e eu formei lá em 2001, eu trabalho aqui nessa escola, né, pelo Estado, e também trabalho pela Prefeitura de Cocal.

Pesquisadora - E no Estado há quanto tempo, Bárbara?

Entrevistada - No Estado eu estou há 25, 25 já.

Pesquisadora - E na Prefeitura de Cocal?

Entrevistada - Acho uns 20 anos pela Prefeitura de Cocal.

Pesquisadora – Tens especialização, pós-graduação?

Entrevistada - Ah, sim, tenho, tenho pós, né, em língua portuguesa.

Pesquisadora - A pós é em língua portuguesa.

Entrevistada - Sim.

Pesquisadora - Quanto tempo faz?

Entrevistada - Foi logo depois da faculdade, então, foi, eu acho, em 2022, quer dizer, 2002. 2002. A primeira pergunta pede, né, como você conheceu o concurso literário?

Pesquisadora - Da Academia

Entrevistada - Da Academia Criciúmensense de Letras. Da Academia Criciúmensense de Letras. Ou eu tive esse conhecimento aqui dentro da escola? Eu não tinha outro conhecimento, foi aqui mesmo.

Pesquisadora - Nem em outras escolas que você trabalhava, ou trabalhou em Cocal, nada?

Entrevistada - Nada, nada mesmo.

Pesquisadora - E foi em que ano? Foi esse ano?

Entrevistada - Foi ano passado? Ano passado, até, na verdade. Foi ano passado. Ano passado que foi o primeiro gatilho. Que aí, né, surgiu, e aí, como eu, ah, pensei, né, nossa, eu com tantos trabalhos bons dos meus alunos, né, trabalhos excelentes, né, e eu sempre recebia, mas sempre só pra mim. E aí, quando eu recebi a informação, né, eu achei, não, eu tenho que divulgar, né, então, mas foi

aqui dentro dessa escola.

Pesquisadora - Foi a coordenadora, foram os professores, foram os colegas?

Entrevistada - Foram meus colegas de trabalho.

Pesquisadora - Os colegas professores que divulgaram.

Entrevistada - Ah, isso, é que daí vieram falar, né, posso citar teu nome?

Pesquisadora - Pode.

Entrevistada - É, assim foi, foi através da tua pessoa, né, que começou, que deu sinais pra nós, no caso, nos deu esse sinal, né, do livro, e aí a gente, aí onde despertou, né, porque eu já falava, assim, que os trabalhos bons, né, muitas vezes, Cristiane, eu convidava os alunos pra ler em sala de aula. Que eu já dizia pra eles, gente, só pra mim é pouco, eu fico transbordando, aquilo não cabe, né, e aí eu sempre tinha essa angústia. Aí coincidiu que ano passado, não lembro o mês, né, você veio e comentou, e aí, isso que aí, eu já lembrei, meu Deus, quantos que eu já deixei passar, né? Quantos que eu já deixei, né? E aí, só que mesmo assim, a gente conseguiu correr um pouquinho atrás ano passado, né? E esse ano a mesma coisa, mas respondendo a tua pergunta foi através daquela escola, dos colegas de trabalho.

Entrevistada (lendo) – Os membros, ou algum membro da ACLe, já foram pessoalmente à sua escola? Qual foi a ocasião? Eles desenvolveram alguma atividade literária com os alunos?

Pesquisadora - Então, assim, são os membros da academia, né? Tipo, os acadêmicos da academia de letras, se tu já viu eles aqui na escola, se eles foram na sala conversar com os alunos, ou se eles vieram aqui em algum momento e fizeram alguma atividade com os alunos, que tu lembres, assim?

Entrevistada - Não, não.

Pesquisadora - Nem antes?

Entrevistada - Nem antes que eu lembrei, não. Não, Cristiane, não. Até gostaria muito de conhecê-los, né, pessoalmente, né? Porque eu acho que isso é importante, né? A participação deles aqui, né? Eles estarem no nosso meio, né? Mas eu nunca, nunca vi.

Pesquisadora - Nunca visse um imortal da academia.

Entrevistada - Não, não vi mesmo. Gostaria de ver, né? Ah, então. Porque trazer, né, pra conversar com eles e tudo mais, né? Isso. Eu lembro-me ano passado, Cristiane, qual foi o trabalho que eu apliquei com eles. E aí, em um momento, eu comentei assim, ó. Ah, de escritores, escritores. Ai, professora, mas escritores.

Não, desculpa, era leitores, eu acho. Acho que era leitores. Aí eu assim, ó. Ai, professora, mas quem é leitores assim? Não, gente, eu tenho um exemplo, meu marido. Meu marido. Meu marido. Meu marido. Meu marido. Muito, Cristiane. É só, às vezes a gente pensa que tá lá no outro lado do estado. Nós temos tantos aqui perto. Sim. Né? Aí na sala tem um menino ali que ele escreve um monte de poesia. Um menino da 92. Ele já trouxe. E ele declama assim, ó, abertamente. Mas se eu não tivesse cutucado nessa ferida, eu também não ia saber. Tudo é assim, né? A gente não. Então, assim, ó. Voltando à pergunta. Eu nunca comentei. Eu nunca conversei com uma pessoa ali, né? Com ali a, da Academia de Letras, né? Mas seria bem interessante, assim, se a gente tivesse na oportunidade, né? A visita.

Pesquisadora - De eles virem à escola.

Entrevistada - Virem, conversar, né? Estar próximo ao aluno, né? Porque senão fica aquele dois, aqueles dois mundos. Ai, Academia de Letras, mas o que que é? O que que faz parte? Né? Não sabendo, né? Que são, se serão os nossos alunos amanhã. É isso. Né? E eles não têm isso, né?

Entrevistada (lendo) - Como se dá? Como se dá a participação dos alunos no concurso? Eles são convidados? A participação é espontânea? Os professores realizam a produção dos textos como uma atividade avaliativa? E depois separam os melhores textos para inscrevê-los no concurso? O tema dessa produção é livre ou definido pelo professor?

Entrevistada - Bom, começando meio que de trás pra frente. O tema é definido. O tema é definido pelo professor, né? Passado o mesmo tema para toda a turma, né? Então, eu faço a correção, já obtenho uma nota para ir pro diário, né? Dos que, os melhores, né? Aí eu já vou fazendo um xizinho. Um xizinho pra destacar, né? E geralmente esses alunos se saem muito bem. E geralmente esses que escrevem bem, pouquíssimos erros ortográficos, né? Interessante.

Pesquisadora - Eu ia te perguntar, quais são os critérios que tu usa pra fazer esse xiz pra dizer assim, ó. Esses aqui são bons pra ir pro concurso, por exemplo. Quais são os critérios? O que que tu observas, assim? A ortografia.

Entrevistada - A ortografia, a clareza. Se teve, assim, uma coerência, teve o seu início, o seu meio, o seu fim, né? Se não foram só, simplesmente, palavras jogadas naquela linha, né? Naquela folha com linhas, né? E se não teve, vamos dizer, uma construção de uma ideia, né? Tudo isso a gente avalia. Porque, simplesmente, tem alguns casos que a gente pega, né, Cristiane? Que o aluno é um monte de palavras, mas se, se tu sacode, vamos dizer, né, tirar, tem, tem duas, tem um parágrafo de texto, né? Então, essa coerência, se ficou dentro do tema, se conseguiu argumentar, apresentar uma solução, né? Então, é tudo isso, são critérios que a gente vai avaliando. E como você fala, e aí eu vou tirando, né, esses ali, esses melhores, tudo mais, aí depois passo novamente por uma outra leitura e chego até o aluno no dia de entregar. Tá. Uma fala geral, né? Pessoal, eu corriji os textos, eu tenho aqui. Porém, tem uns aqui, né, como

vocês sabem, sempre tem texto de todos os níveis, né? Tem aquele bom, teve aquele que foi além, né? E teve aquele que não teve esforço. E os que realmente, assim, estavam bem, bem joia mesmo, o professor até destacou e vai conversar pra mandar, né, foi o caso esse ano, né? Para que, pra conversar. A Academia de Letras, né? Eu selecionei, eu quero muito, eu vou fazer todo esforço pra vocês, né? Tanto é, Cristiane, que tinha mais candidatos, eu acho que nem todos, porque quando eles tiveram, eles tinham que digitar, né? Ah, tá. Mandar. Eu não lembro-me se todos mandaram, porque teve um que eu tava lá batendo na tecla, fulano mandou, ah, professora, eu não esqueci, porque chega em casa, parece que eles esqueceram.

Pesquisadora - Eles não acreditam no potencial deles?

Entrevistada - Isso, eu acho que isso. Talvez. Não acredita, ah, daí a professora pediu ainda pra me mandar, o meu não vai ter graça, só que eu, como eu digo pra eles, tu achas que o teu texto não tem graça, mas eu, professora, eu já li quantos textos, quantos livros que eu também não gostei. Só que, né, mas eu li, quem que vai dizer agora que o teu texto não é bom?

Pesquisadora - É que talvez agrada uma pessoa, não agrada a outra, né?

Entrevistada - É, e geralmente, Cristiane, esses textos que tem essa clareza, na hora de escrever, pouquíssimos erros ortográficos. Alguns é porque não querem mesmo, né, não querem fazer aquele trabalho de pensar, raciocinar e colocar no papel, né? Querem mesmo também fazer pra ganhar tempo, né?

Pesquisadora - Só pra entregar, ganhar nota...

Entrevistada - É, é, é, professora, não vai pegar mais o meu pé.

Entrevistada (lendo) - Qual gênero é o mais produzido para o concurso na sua escola? Poemas, contos ou crônicas? Eles escolhem o gênero ou é indicado pelo professor?

Entrevistada - Ele é indicado pelo professor. Oitavo ano, conforme está na nossa grade, nós temos muito gênero crônica. Temos muito esse gênero, né? Então, é bom e é uma fase que eles têm essa maturidade para escrever. Porque, às vezes, sétimo e sexto, você não vê essa maturidade. Eles gostam mais de uma narração, eles gostam de contar alguma coisa, mas eles não querem ter aquele discernimento de além, de explorar um pouco mais. Então, sempre sou eu que passo o gênero para eles. O gênero, geralmente, é mais crônica. Vamos dizer, os sétimos anos, geralmente, pegam mais narração. Na dissertação, também pegam.

Pesquisadora - As turmas que tu mais trabalhas aqui são os sétimos, oitavo e nono. O poema seria mais do sexto ano?

Entrevistada - Isso, mas eu não fiz nenhuma vez o poema esse ano. Só com dissertação.

Pesquisadora - Porque tu não trabalhas com turmas de sexto ano?

Entrevistada - Não, não trabalho. E aí, vamos dizer, poema é uma coisa. É um gênero que eles já têm costume, vamos dizer, não têm dificuldade. Agora, passou para uma dissertação, um artigo de opinião, aí é onde eles já. Aí a gente passa um pouquinho de trabalho, porque eles dizem que não têm ideia. Mas, então, é sempre passado por mim.

Entrevistada (lendo) - A número cinco. Qual a receptividade dos alunos com relação ao concurso literário da Academia de Letras? Querem participar, têm interesse, têm curiosidade?

Entrevistada - Sim.

Pesquisadora - Quando tu, por exemplo, falou assim, ah, eu corrijo, entrego para eles e digo que tem alguns aqui que eu gostaria de participar. Quando tu falas isso para eles, eles já se mostram empolgados ou não tanto? Como é que é essa...?

Entrevistada - Vamos dizer meio a meio, porque assim, como eles não têm uma certa noção do que seja, eles acham que eu estou falando, não sabem também do que a gente está falando. Então, assim, mas depois que eles tiveram conhecimento, nossa, Cristiane, eles me barravam nos corredores. Professora, lembra daquela redação que a gente mandou lá? Lembra, professora, lembra? Inclusive, até a minha Maria. Mãe, mãe, o que que deu, mãe? O que que deu?

Pesquisadora - Ah, querendo saber o resultado.

Entrevistada - E eu dizia, gente, a minha, a nossa parte a gente fez agora, não sei, temos que esperar. Mas eu fui barrada inúmeras vezes nos corredores. Porque o deles tinha sido escolhido, eles queriam, porque aí eles começaram a acreditar. Eles mesmos acreditaram no texto deles. Nossa, e agora? Porque a gente fez um tempinho, né?

Pesquisadora - Foi em metade do ano, né?

Entrevistada - Quando eu tinha, eles tinham esquecido, veio o resultado. Ah! Ai, que alívio, porque eles me cobraram. Como a professora não sabe, o professor sabe. Não, agora não é mais comigo, né? Aí eu dizia, mas eles ficam, ficam empolgados, eles querem. E eu acho que eles gostaram.

Pesquisadora - De ter participado.

Entrevistada - É, então aí eles tiveram, né? Porque como diz uma aluna minha, não sei se essa resposta vai caber em outra pergunta.

Pesquisadora - Não, pode, pode comentar.

Entrevistada - Ela disse assim pra mim, uma das ganhadoras, tá? Ela disse

assim, professora, eu te agradeço, eu fiquei tão feliz que o meu texto foi escolhido. Eu disse, que bom, que bom, mas realmente tu escreves muito bem. Professora, porque eu me dedico nos meus trabalhos. Ela até citou, quando eu faço um trabalho de outras, né? Eu me dedico, só que simplesmente o meu trabalho, professora, fica no meio de uma pilha. Olha só, fiquei arrepiada quando ela falou. E esse meu, professora, eu me dediquei e ele foi além. Ela assim, professora, eu fiquei muito feliz. Tanto é que eu mandei mensagem pras mães das duas. Em nome da escola, em nome, no caso, em meu nome também, né? Uhum. Agradecendo, parabenizando pela filha, né? Pelo empenho, fiz isso pras duas mães. E ela confessou isso, professora, porque eu tenho empenho, só que muitas vezes, professora, meu trabalho é só mais um lá no meio da pilha, lá. E agora foi diferente. Nossa. Nossa, foi gratificante, né, Cristiane? Nossa, foi lindo.

Pesquisadora -É a Maria?

Entrevistada - Não, não, foi uma, foi a Isabela. Então, ela, nossa, foi lindo. Foi lindo de ouvir isso da parte dela, né? E aí, aproveitando também, assim, fugindo um pouquinho das suas perguntas, nós, eu, no caso, fizemos aquele trabalho da Cecília Meirelles, nós trouxemos aqui, até nós temos gravações, a Silvia tem no celular dela. Uhum. Aqueles poemas da Cecília com trava-línguas. Cristiane foi o máximo. Uhum. Então, foi aqui, ó, daí eu usava o portal das meninas, o portal dos meninos, ali eles ficavam. E, Cristiane, eles se empenharam. Sabe, porque eles viram que foi, além daí, a Silvia gravou, eles tiveram a premiação de copos, e a Silvia também tinha uma oportunidade de doar uns copos aqui. Foi, foi assim, ó, porque eles querem também divulgar, não querem deixar todo aquele talento pra eles, né? Isso. Então, foi bem legal, a gente usou esse espaço na biblioteca. Eu aproveitei esse cenário, já disse que o cenário foi feito, né, pra eles mesmos, pra ter o portal da menina, dos meninos ali. Isso. E eu me apresentava, foi bem joia, foi bem lindo.

Entrevistada (lendo) - Quando há alunos premiados, como a escola recebe essa informação? É feita a leitura pública, um sarau, uma exposição de textos premiados, uma publicação em rede social da escola.

Entrevista - Bom, essa informação da premiação, no caso, nós ficamos sabendo através da tua pessoa.

Pesquisadora - Isso, do grupo dos vencedores.

Entrevistada - Isso, do grupo, né? Que tu já dividiu conosco. Já dividiu aqui na escola. E as meninas, a Maria Eduarda mesmo, ela disse assim pra mim, quando eu fui parabenizada, eu abracei, beijei ela, fiquei feliz dela assim, professora, ontem, quando eu recebi essa mensagem, a minha mãe ficou tão feliz, nós até comemos uma pizza. Eu não sei se eles encomendaram, se tinha essa pizza em casa, mas, assim, festejando essa premiação que veio pela rede, que o grupo mesmo montou.

Pesquisadora - Que o grupo de vencedores, eles colocaram o número dos vencedores no grupo, e aí depois anunciaram.

Entrevistada - Isso. Daí, tanto é que a mãe dela já comemorou em casa, e aí, tanto é que daqui a pouco já receberam aquela outra mensagem. Achavam que era o prêmio da ACIC, já era o delas, daí disseram, não se acalma, que ela é da ACIC, nós não participamos, o nosso é outro e tudo mais, mas foi, foi bem, foi através deles lá aqui, através da rede social. E a escola?

Pesquisadora - A escola, pois é, como é que tu vê, assim, a escola recebendo essa notícia?

Entrevistada - É, eu lembro-me que a nossa diretora anunciou na caixa de som, né, mas também, eu juntamente, né, com outra professora, né, fomos lá conversar, no caso, chamar essas alunas, né, dar os parabéns, chamamos em particular, tudo, né, e foi uma alegria, porque a outra não tinha recebido, eu acho, não sei se porque não estava com o celular, porque ela ficou sabendo, naquele momento, no caso, por nós mesmos.

Pesquisadora - Isso, e assim, mesmo ano passado já teve vencedores, né?

Entrevistada - Tivemos dois vencedores ano passado.

Pesquisadora - Isso, e vencedores desse ano, nem os, percebeu se do ano passado, mesmo os do ano passado, foi feito assim, a leitura, foi feita a exposição desses textos, para que, ou foi colocado na rede social?

Entrevistada – Não foi.

Pesquisadora - Tu achas que, talvez, é interessante?

Entrevistada - Sim, com certeza, com certeza, imagina, mas não foi feito isso ano passado, não foi, não. E a escola, vamos supor, eu lembro que a diretora comentou, em caixinha de som, né, mas não foi feito a leitura, eu, na minha opinião, acho que deve fazer, sim, né, nós podemos até agora comentar que com semana que vem, tem aqui uma leitura, né?

Aquele ato ali de confraternização dos nonos anos, né, que são alunos dos nonos anos que ganharam, né, de nós estarmos fazendo uma homenagem, né, divulgando, né, que ali nós temos duas alunas, né, que participaram, que terão o nome delas, né, esse ano gravado, né, que é algo muito importante, a gente fica, né, ficou muito feliz com esse empenho delas, né? A gente se sente lisonjeado, né, Cristiane?

Pesquisadora - E assim, além dos que ganharam, teve, vamos supor, não sei quantos textos, se tu lembras, vamos por 10, 15 textos que foram enviados, dois foram vencedores, e os demais que não foram vencedores, também, o que que tu pensa, assim, também de fazer um varal literário, existe alguma ideia, um sarau, porque mesmo eles não tendo sido

premiados, mas eles já ficaram muito felizes de terem participado, né, por ter sido escolhidos.

Entrevistada - Sim, eu ainda, Cristiane, eu ainda não tenho em mente, assim, como expor esses trabalhos, né, mas. Mas é uma ideia, é uma ideia, sim.

Pesquisadora - Tu já tinhas isso ou não tinha nem pensado?

Entrevistada - Não, foi a partir de toda essa, né, dessa, que veio, né, vai brotando, né, uma coisa puxa a outra, né, porque assim, ó, inúmeros alunos me barravam no corredor. Professora, né, então, mas eles não foram, mas eles tiveram seu valor, então, assim, não chegaram até lá, né, e, mas, estão, como eu te falei, até a minha filha, mãe, mãe, né, porque realmente ela sabe que ela tá escrevendo bem, né, e tá ficando tudo aqui, né, então, assim, ó, eu acho que a gente tem que ter esse empenho, né, tem que estar colocando, porque é muita preciosidade que a gente tá deixando, assim, na caixa fechada.

Entrevistada (lendo) - E os alunos que participam, mas não são vencedores, recebem algum destaque na escola pela participação? Tem seus textos lidos ou expostos? Não, isso nós não temos.

Pesquisadora - Foi o que a gente comentou, né?

Entrevistada - É, e a gente reconhece que é uma falha. Que é uma falha nossa, porque, além de tudo, além de valorizar, está incentivando outros, né? Porque, às vezes, eles ficam, eles não acreditam. O nosso aluno vem, às vezes, desmotivado.

Pesquisadora - E, talvez, o prêmio não deve ser o único incentivo, né? Eles não devem escrever só levando em consideração o prêmio da academia. Eles têm que escrever, assim, por um gosto, por uma iniciativa própria, por um desejo de produzir, né? E não só visando ganhar uma medalha no concurso.

Entrevistada - E se não, meu texto foi reconhecido, eu escrevi bem, eu consegui colocar no papel aquilo que eu penso, né? Que é o mais difícil, né, Cristiane? Que a gente observa, né? Porque a gente escuta muito deles, né? Professor, ah, eu até sei, professora, mas colocar no papel, eu não sei, professora. Eles usam muito isso, né? Então, quando eles conseguem, eles mesmos se sentem vitoriosos, né? Porque tem essa barreira, né? O papel, na mente é uma coisa. Colocar no papel é outra, né?

Entrevistada (lendo) - Na sua opinião, o concurso literário da Academia de Letras contribui para a escrita literária dos estudantes? Poderia justificar a sua resposta?

Entrevista - Sim, com certeza, contribui e muito, tá? Porque nós vamos conhecendo um pouquinho mais do estudante. Nós temos ganho. São grandes escritores. Só que, às vezes, não sei se eu estou sendo repetitiva com a outra

pergunta, porque às vezes eu enrolo. Pode, pode. Mas, sim, eles não são só avaliados onde há erro ortográfico, mas sim pelas suas ideias, né? Aquilo, talvez, que eles almejavam, aquilo que eles pensam, aquilo que eles idealizam, né? Então, contribui bastante. Sim, ajuda bastante.

Entrevistada (lendo) - Na sua opinião, a escola é lugar de formar escritores? Poderia justificar sua resposta? Se na escola é lugar de formar escritores?

Entrevistada - Sim, imagina. Agora, por quê?

Pesquisadora - Porque, assim, vamos ver se eu te ajudo. Por quê? Porque, às vezes, fala assim, ó, ah, não, na escola, e para fazer as atividades, por exemplo, é aprender os gêneros, é aprender crônica, é aprender o poema, aprender, né? E os alunos fazerem as atividades, produzirem e tal, mas, assim, mais para conhecer o gênero. Ninguém, ou eles vêm, eles leem e tal, né? Para melhorar a gramática, para melhorar o vocabulário. Eles não precisam, a escola não precisa formar, assim, né? Incentivar aqueles. Sejam escritores, que futuramente eles publiquem livros, que futuramente eles, não, a escola só cumpre o papel dela de ensinar a gramática, de ensinar, né, de incentivar a leitura, de produzir corretamente os textos dentro dos gêneros literários, mas a escola não precisa incentivar isso, porque isso é da pessoa. Se a pessoa quer, ela vai depois atrás. Ou não, ou a escola pode ser um lugar de começar a formação de um escritor.

Entrevistada - A escola pode. Pode começar, né? Eu acho que é na escola que realmente começa, Cristiane, eu acho, né? Porque, vamos dizer assim, não querendo fugir um pouquinho do tema, mas, assim, ó, indo agora um pouquinho para a questão familiar, a gente sabe que em casa eles não têm total apoio, né? Ou, às vezes, é um pai que não vai ouvir, não vai entender, simplesmente usam aquela, aquela justificativa, não tenho tempo, isso aí não é do meu tempo, eu não sabia, eu não fazia redação, e usam aquelas muletas, né, e não satisfaz aquela sede do aluno, para saber assim, ó, está coerente, não está, né? Então, assim, eu acho que na escola a gente tem muito isso como agregar, como ajudar, como incentivar, mostrar, trazer outros escritores, né?

Pesquisadora - Por exemplo, se uma criança chega em casa. Por exemplo, se uma criança chega em casa e fala para o pai ou para a mãe meu sonho é ser escritor como é que o pai e a mãe vão lidar com isso e será que se falar para a professora como é que a professora lida com isso?

Entrevistada - A professora vai se sentir feliz porque ela vai ver que está brotando agora mãos na massa vamos dizer mãos na massa então eu acho que a escola, o professor principalmente da língua portuguesa ele tem muito ele tem assim um carro chefe para incentivar para colocar para ajudar a incentivar a essa leitura a escrever, colocar até o seu caderninho eu mesma Cristiane me cobro eu gostaria muito de ter o meu diário só que como esses dias ainda encontrei numa pasta uma folha que eu arranquei e eu relatei uma tarde dia de semana isso faz dois anos eu relatei como é que foi a chegada na minha mãe quando eu fui levar meus filhos para ficar lá enquanto eu ia para outra escola como é que foi tudo

mais a felicidade da minha mãe em preparar o macarrão e quando vinham embora trazerem uma marmitinha para casa e aí eu escrevi assim que era indescritível a alegria da minha mãe e o que aconteceu agora? ela está com alzheimer e foi recém a questão dela do alzheimer foi rápido a brusca desculpa o diagnóstico foi rápido faz dois anos o tempo né mas assim aquilo tinha apagado da minha mente se eu não tivesse registrado Cristiane, eu ia esquecer desse detalhe o quanto nós o quantos momentos bons nós tivemos juntos agora eu estou muito apegada eu vejo a minha mãe que esquece de um esquece de outro esquece do tempo esquece das alimentações mas quanto tempo bom nós tivemos e eu não estava anotando

Pesquisadora - Então tu achas que escrever também é registrar a memória

Entrevistada - Sem dúvida, Cristiane

Pesquisadora - Já que tu vêes que a tua mãe...

Entrevistada - Isso na prática e eu encontrei essa folha um dia aqui na escola um dia aqui na escola que eu fui mexendo assim encontrei essa folha

Pesquisadora - E como é que foi assim?

Entrevistada - Foi emocionante a princípio deu um baque eu fiquei emotiva mas depois me fez refletir pois é quanto tempo eu tive bom com a mãe eu tive tempos bons com a mãe e eu não estava colocando isso no papel e como me ajudou daí eu olho para trás eu não vejo só agora nós estamos passando esse momento sim estamos ninguém está escape mas assim todo tempo bom que eu tive com a minha mãe contente com meus filhos porque a minha mãe gosta muito das crianças e eu estava deixando de lado estava se tornando uma bola de neve mas eu Cristiane eu sou muito incentivada pelo meu marido também a ter o meu diário ter o meu diário e ele sempre incentiva Bárbara não precisa muita coisa um pouquinho só Bárbara mas sabe eu ainda chegando em casa as vezes eu sou apenas mãe dona de casa as vezes eu fico até longe um papel ou caneta e as vezes quando a gente vai dormir já está tão cansada não escreve mas eu quero e eu incentivo as minhas filhas falo para eles da questão dos diários que no nosso tempo nós tínhamos que legal Cristiane que bom que era

Pesquisadora - E diário é um registro literário é um registro literário vamos supor que tu tivesse registrado um tempo antes da tua mãe ter o diagnóstico de Alzheimer e agora depois do diagnóstico olha o registro dessa passagem do tempo mas ainda há tempo de registrar este momento dela porque com o passar dos anos.

Entrevistada - Porque na verdade Cristiane eu já iniciei iniciei o segundo já fui fazendo isso só que as vezes eu não dou essa continuidade ai teve um outro que eu comecei então eu comecei assim algumas cartas do dia vamos supor retirar umas duas de outubro então estou pensando já comecei isso também então de novembro porque se eu tiver que fazer todos os dias é coisa que eu não alcanço escrever todos os dias para mim é então eu vou ter que buscar algo

Pesquisadora - Mas quem sabe reflexões ou então registros não precisa ser diários

Entrevistada - Vamos supor, a semelhante é ao da Anne Frank. Ela não escrevia todos os dias. Não eram todos os dias, né? É pausado, porque dependendo do dia, tu não vai poder realmente escrever, né? Mas eu penso isso, e o meu marido incentiva demais. É, sim, mas eu ainda vou atingir essa meta. Claro que vai.

Entrevistada (lendo) - Você também escreve textos literários? Qual gênero gosta de escrever? Sobre que temas você escreve?

Entrevistada - Bom, Cristiane, eu escrevia mais, no momento não estou, que feio falar isso, mas é a minha realidade. Mas escrevia mais o que? Eu gostava muito de escrever assim, dissertação, porque eu sou tímida, talvez não demonstre, mas eu sou. Por exemplo, se nós estamos em uma roda de conversa, eu tenho a minha ideia, mas eu sou tímida de falar perante o público, sabe? E ali eu consigo colocar. É, pode ver assim, se nós temos uma reunião, eu sou mais quieta, mas não é porque eu estou triste, é porque é minha timidez, sabe? Então, dali, tu consegue escrever, né? E escrevendo, tu liberta aquilo, né? Te faz até um bem, né? Faz um bem só, ai, eu consegui colocar aquilo que eu queria falar.

Pesquisadora - No papel.

Entrevistada - No papel, é.

Pesquisadora - E então, essas dissertações, os diários que tu comentou.

Entrevistada - Os diários que eu já iniciei, eu tenho algumas, agora eu não lembro onde estão, mas eu tenho, tá? Eu lembro-me muito. Eu lembro-me muito o que que aconteceu, um fato também da minha vida particular, tá? Estava, quando o meu terceiro filho, eu fui ganhar, tudo bem, eu senti as dores, né? Tudo mais, eu fui, o meu filho nasceu, ele até vai fazer 10 aninhos quinta-feira agora. E ele, e nasceu, e aí meu menino não chegava no quarto, né? E já era meu terceiro filho, eu sabia como é que era o ritual. Você ganha. Você ganha, fica na observação, vai pro quarto, o bebê vem. E o bebê não vinha, não vinha, não vinha. E aí, eu perguntava pro meu marido, Clayton, cadê o João Paulo? Cadê o João Paulo? Ai, eu não sei, eles disseram que vão trazer e não trazem, não trazem. Resumindo, ninguém me explicou o que que tava acontecendo com o João Paulo. E simplesmente foi assim, ele nasceu, ele foi, ele não apresentou aquele choro, todo aquele batimento, aquele choro. O médico disse que ficou assustado e levou pra investigar. Nisso, foi tirar o sangue do menino, apresentou uma infecção. Mas eu não sabia de nada, eu fui saber no dia da alta. E aí, o que que aconteceu? Eles decidiram assim, não, ele tá com uma infecção, não sabemos aonde, já vamos entrar com antibiótico. E aí, Cristiane, eu lembro-me que eu ganhei ele. Na madrugada, meia-noite, quarenta, né? Aí, no outro dia, eu estava no meu quarto e nada, nada desse, a cada carrinho que chegava, cadê? Agora é o meu e não vinha o meu, não era. E ninguém veio ali me explicar. Aquilo foi me dando um pânico, pânico. Aí, teve uma hora que eu levantei, eu disse assim, eu vou atrás do Clayton, eu vou atrás do João Paulo. Eu lembro que eu

saí. Eu disse assim, ó, o meu filho aqui, vocês não me levam no quarto? E aí, ela disse assim, ai não, doutor, vai decidir. Deu deixar aqui resumindo. Eles não explicaram o que estava acontecendo. Ele vai ficar aqui só sete dias. Sete dias, sim, sabe? No soro, eu assim, não, eu quero ver, eu quero ver o meu filho, tudo mais. E aí, eu estava angustiada, porque a minha filha mais velha em casa estava com o braço quebrado. A outra estava com, de aniversário, e eu lá sete dias presa. O que que aconteceu? Eu pedi pro meu marido, Clayton, ele ia no mercado, assim, traga um caderno pra mim. Caderno e uma caneta. Ai, que caderno, Bárbara? Não, um caderno mais simples, tá? O mais simples. Que tu, eu quero relatar. E ali, no meu hospital, eu fui escrevendo. Porque, o que que aconteceu? Pois, eu escrevi toda aquela angústia que eu estava. Na minha mente, Cristiane, tudo estava planejado. Eu vou no hospital, eu vou ganhar o meu filho, dentro de 48 horas, estou em casa. E não foi isso que aconteceu. Não foi um plano que deu certo. Eu fiquei presa lá sete dias. Né? Então, ali, onde eu fui, eu fui escrevendo no caderno.

Pesquisadora - E tu tens esse caderno.

Entrevistadora - Eu tenho esse caderno, eu tenho ele guardado. Fui escrevendo. Aí, porque, assim, ó, como eu te falei, né? Eu não fui sabendo o que que estava acontecendo. O médico não chegou e explicou. Teu filho apresentou uma infecção e a gente não sabia onde era e a gente decidiu ficar. Não. Então, tudo aquilo, pós-parto, Cristiane, aquilo deu um nó na minha cabeça, gente.

Pesquisadora - E tu não conseguias te expressar por palavras.

Entrevistada - Não conseguia. Assim, falando. E eu notei que o meu marido ficava pálido perante isso. E eu não, eu tinha que ter um equilíbrio, né? E foi através da escrita, escrevendo que eu fui, assim, soltando um pouco. É, porque foi uma, uma, como diz, né? Me fez refletir, eu lembro-me que nesse caderno, eu coloquei assim, ó, que os meus planos, né? Eu achava que tudo estava sob, né? No meu alcance, né? E não estava. Eu falei assim, né? Como a gente faz uns planos, Deus faz outro, né? Foi indo, né? E aí eu fui escrevendo. Eu lembro que era um caderno bem, bem simplesinho, que ele comprou no mercado, lá na próxima, no mercado, no mercadinho, e levou pra mim ali na Unimed pra me escrever. E eu fui escrevendo.

Entrevistada (lendo) - Você já participou do concurso da Academia de Letras ou de outros concursos? Foi premiada? Qual gênero? Já publicou algum livro?

Entrevistada - Lembro-me, assim, recentemente, nada, nada. Eu lembro-me que quando eu estudava no Ensino Fundamental, não sei se vale essa pergunta, no Fundamental eu estudava no Colegião, no sétimo ano, o meu texto foi escolhido também, né? Mas foi assim, ó, depois não teve, não tive resposta nenhuma, né? Não sei, acho que provavelmente não teve.

Pesquisadora - Quem escolheu? A professora?

Entrevistada - Foi a professora que escolheu, mas foi só até ali, tá? Mas eu não

participei nada, se eu fui premiada, nunca fui, né? Se eu já publiquei algum livro, também não.

Pesquisadora - Mas tem vontade? Ah, sim, com certeza. Nossa! É só, é tipo assim, sonho em publicar?

Entrevistada - É assim, ó, na verdade, esse diário de mãe, né? De mãe, que aí, é de ser que eu.

Pesquisadora - E um desses textos do diário para um próximo concurso da Academia, quem sabe ano que vem, escrever sobre o fato da tua mãe, escrever até sobre o fato de ter encontrado a folha...

Entrevistada - Pois é, porque sabe, Cristiane, isso aí foi um, vamos dizer, foi um up. Né? Como eu te falei antes, né? É, agora é uma situação delicada nós encontrarmos a mãe assim, né? E se a gente não tem a maturidade para entender, não, mas quanto tempo bom, né? É isso. Tá ali, né? Vocês tiveram. E aí a gente, às vezes, acaba sendo melancólica, né? Vendo assim. Então, através da escrita, tu vai lá, tava lá relatado. O dia maravilhoso que eu tive com a mãe, meus filhos, meu marido. Ele ficou lá porque ele trabalhava à noite, né? Então, eu lembro-me que quando eu cheguei em casa, né? Daí eu escrevi ali, né? O Clayton disse, Bárbara, hoje nós vamos com você, né? Porque eu trabalho em Cocal. E ele disse assim, né? Então, nós fomos mais cedo, eles ficaram na casa da minha mãe e eu fui para Cocal porque é caminho, né? E aí, na hora de vir, a mãe toda faceira, a casa uma bagunça, mas o macarrão no pote, porque a minha mãe fazia muito macarrão, agora ela não faz mais, né? E eu não tava deixando essas preciosidades, né?

Pesquisadora - E quem sabe essas preciosidades não podem estar no livro da academia do que vem. Começar a realizar um pouco do teu sonho.

Entrevistada - Sim, com certeza, né? Porque é incentivo em casa. Eu tenho, tá, Cristiane? Eu tenho. Não, é falta de incentivo. Não, não é falta de incentivo.

Entrevistada (lendo) - Você fez ou faz parte de alguma academia de letras ou associação de escritores? Qual? Poderia contar como você se tornou membro? Se não é membro, gostaria de fazer parte?

Entrevistada - Eu não sou, não participo nenhum. Se eu gostaria de participar, claro, como tu falou agora, né, Cristiane? A escrita nos faz muito bem, né? Nos faz, tu escreve. E às vezes, por que não dividir? Às vezes a gente tem tudo isso tão camuflado, né? Ai, não, nossa. E é uma coisa tão errada, né? Tão bom, né? Por que que os outros fazem? A gente admira, a gente lê, a gente divulga. E por que os nossos não?

Transcrição da entrevista: Gisele**Pesquisadora - Qual é o teu nome completo?**

Entrevistada - Gisele Fogaça Laurentino.

Pesquisadora – Qual a tua idade?

Entrevistada - 39 anos.

Pesquisadora - Certo. Qual é a tua formação? Onde é que você estudou? Onde é que você se formou?

Entrevistada - Então, eu estudei na Unesc, e eu fiz o curso de letras portuguesa e inglês. Depois eu fiz pós-graduação na FUCAP, interdisciplinar, e também fiz na Cruzeiro do Sul, pedagogia e pós-graduação na FUCAP também.

Pesquisadora - Certo. Em que ano que você se formou em letras na Unesc?

Entrevistada - Em 2009

Pesquisadora - E hoje, qual é o teu vínculo nas escolas? Você é efetiva, é ACT?

Entrevistada - Não, ACT, isso é, ACT. Isso.

Pesquisadora - Você já trabalhou no Dom Orione, é isso?

Entrevistada - Isso. Isso, eu já trabalhei no Dom Orione, já trabalhei no Colégio Michel também, e outros colégios daí, como a ACT, né? Atualmente eu estou no Colégio Humberto de Campos, no Silva Alvarenga, ali no Metropol, e no Heriberto Hulse já é o terceiro ano que eu estou lá.

Pesquisadora - Então, tá certo. Então, quanto tempo, assim, de ACT? Quanto tempo de magistério?

Entrevistada - 17 anos. Eu comecei em 2008, finalzinho de 2008, né, em outubro de 2008. Eu comecei na prefeitura primeiro, aí depois é o que eu peguei no estado, né?

Pesquisadora - E você é ACT tanto na rede municipal quanto na rede estadual?

Entrevistada - Isso, esse ano só no estadual.

Pesquisadora - Tá. Mas você também trabalha na rede municipal aqui de Criciúma também?

Entrevistada - Não, hoje não. Tudo estadual. Tudo estadual. Mas já trabalhou? Já. Já trabalhei, já. Trabalhei 2009, 2010, até 2013. Trabalhei no município, no estado, e trabalhava também no colégio Dom Orione, aí depois eu saí do município, fiquei no Michel e no Dom Orione no estado, aí agora eu só estou no estado.

Pesquisadora - Certo. Então, como o teu nome chegou até mim, por indicação da Sissa, né, e você trabalhou no Pedro da Ré dois anos.

Entrevistada - Não, Pedro da Ré eu trabalhei desde 2010.

Pesquisadora - Ah, desde 2010. Ah, como ACT.

Entrevistadora - Isso, de português.

Pesquisadora - Ah, então.

Entrevistadora - Só que eu implementei também a participação dos concursos lá

Pesquisadora - Isso. Ah, e ela me falou, olha, quando a Gi trabalhou aqui, foi a época que os alunos ganhavam os concursos e tal, e ela também participa, inscreve os alunos também, aí eu fiquei muito interessada, porque geralmente, assim, o que a gente vê é que, às vezes, assim, os professores ACT, depende, né, tudo depende. Tem professores ACT que são bem engajados, que fazem, gostam de trazer coisas diferentes, tem outros que nem tanto, assim como tem efetivos que são bem ativos, tem efetivos que nem tanto, né. E aí, eu perguntei se ela é efetiva, assim, não, ela é ACT. Aí eu disse, ah, mas eu preciso falar com ela, então, preciso entrevistar, preciso conversar. E aí, por isso que a gente chegou ao teu nome e até te agradeço bastante por isso. Então, eu vou começar as perguntas, né, do roteiro, que a primeira pergunta é como que você conheceu o concurso literário da ACLe?

Entrevistada - Na realidade, eu conheci lá no Colégio Dom Orione, quando eu entrei para trabalhar lá em 2000, no final de 2014, né, aí eu fiz uma entrevista e entrei para o colégio. Em 2015, eu assumi a vaga. E daí, a coordenadora do colégio, ela me falou, olha, a gente tem um curso de literatura, a professora me apresentou, que tinha um concurso de redação, eu era professora de português, no caso, né, ensino fundamental todo, e uma parte do médio. Aí, ela me disse, olha, os alunos participam do concurso aqui, a da ALASI, né, que seria a Academia de Siderópolis, e participam da ACLe, que é a Academia de Criciúma. A gente sempre participou e tal, e é bem complicado, que tem professor que não quer participar, e ela falou isso, que dá muito trabalho, né, que o professor tem que estar corrigindo, tem que fazer a temática, ensinar os gêneros, depois estar propondo para eles fazerem, corrigir, digitar, preencher ficha de inscrição, envelope, e levar também. Então, aí eu disse, não, eu adoro o texto, porque realmente, eu sempre gostei, né, muito de texto, de escrever e tal. E ela disse, não, eu faço, sim, vai ser um prazer. E dali em diante, aí eu sempre fiz. Daí eu participei da ALASI e participava no de Criciúma. Só que o de Criciúma é sempre

antes, né, março, abril, já começa. E o da ALASI é sempre mais depois do segundo trimestre, ali, aí, agosto, setembro, é o que eles fazem. Então, eu sempre participei com os alunos e sempre nas premiações eu ia junto com eles e tal. Mas, por gosto meu, né, muitas vezes participei sozinha mesmo. A outra professora de português não. Até depois que eu larguei um pouco do Médio, que eu fiquei com o Michel, né, os alunos do Médio me procuravam pra fazer o texto. Pra mim, ajudar eles a preencher a ficha e levar o texto deles.

Pesquisadora - Isso, e no Michel, eles também, tu também faz.

Entrevistadora - Michel é da aula de inglês, daí. Ah, tá, daí tu não. Não.

Pesquisadora - E, assim, ó, e a próxima pergunta é se os membros da ACLe, né, da Academia de Criciúma, eles já foram pessoalmente algum, em algum momento de alguma escola que tu trabalhaste, eles, chegasse a vê-los na escola, se eles foram lá pra divulgar algum livro, pra divulgar o concurso, se tu já conversaste com eles pessoalmente?

Entrevistada - Sim, eu já vi eles na, quando eu trabalhava no Humberto de Campos, eu via eles também lá, a Carmen ia lá pra divulgar livros, mostrar, e mostrar também a parte do concurso. Ah, elas iram, elas iam também nas, quando era feira de, de literatura, coisa assim, elas já foram no Pedro da Ré também, já foram no Don Orione, da ALASI, da ACLe, sempre foram, assim. Só que eu percebo que é pouca divulgação, quem se interessa, conhece, quem não se interessa, não conhece. E quando eu apresentei esse projeto pros meus alunos, principalmente ali no Pedro da Ré, eles ficaram loucos, assim, mas o meu nome vai sair no livro, professora, se eu ganhar, é, o teu nome vai sair no livro. E o meu texto também vai, e eu disse, vai, e eu vou ter um livro desse? Então, quando eles pegaram aquele livro na mão, assim, que eles recebem o livro, né, eles ficaram maravilhados, assim, os pais mandaram até um bilhetezinho dizendo que, nossa, que gratificante meu filho ter um livro com o texto dele, eu nem sabia que ele era capaz de escrever um texto, ainda mais vencer e receber a medalha. Assim, eles ficaram andando com a medalha uma semana, assim, no pescoço, dentro da mochila, dentro do penal. É, porque pra eles, talvez, não é uma coisa comum, né? Então, eu sempre falei pra eles que a leitura e a escrita, ela é o que vai ficar, né? Então, um bom leitor e um bom escritor, ele vai ter muito conhecimento e vai ficar pra ele pra vida toda, né? Ele jamais vai ser influenciado pela mídia. Ou por qualquer outra coisa, né? Então, eu sempre incentivei eles muito a escrever e a ler. E a professora de português, ela tem esse papel, né? Não só passar conteúdo, gramática, se o aluno não sabe usar no texto, né? Que é o mais importante. Então, eu sempre falava com eles de tudo. De gramática, depois eu entrava no texto usando a gramática e entrava num gênero. Sempre abrindo com um gênero. E daí, eu já ensinava. Então, o conto tem esse perfil. A especificação é assim. Então, agora vocês vão ler esse conto. E ensinava. Então, quando eu chegava pra apresentar pra eles o concurso, eles já estavam já sabendo qual é que eles iriam fazer.

Pesquisadora - Ah, era a minha pergunta. Eu já sei. É, a minha pergunta vai, a minha próxima pergunta vai meio nessa linha. Que é como se dá a participação dos alunos, né? No concurso. Eles são convidados, assim, você, o professor os convida. A participação deles é espontânea. Os professores realizam a produção dos textos em uma atividade avaliativa. E depois separam os melhores. O tema da produção, eles são várias perguntas, né? Mas, basicamente, assim, como é que tu fazes? Ou sempre fizeste? Ah, tu trabalhas em sala de aula como uma atividade avaliativa. Separa os melhores. Ou deixa livre, ou só convida. Tu deixa o tema livre, ou tu tenta dar um tema pra que eles mais ou menos seguem. Como é que é o teu processo, assim?

Entrevistada - É, eu faço da maneira que, assim, dependendo da escola, por exemplo, eu já trabalhei no Heriberto Hulse à noite, né? Que foi uma tentativa meio que suicida, eu trabalhar porque eu tinha duas aulas por semana do ensino médio. E sabe que o ensino médio é um perfil diferenciado, né? Eles já vão pra escola sem querer ir pra escola. Então, e aí eu trabalhei o concurso, e até por sinal os alunos foram premiados, né? E eu tive que fazer valendo nota, né? Porque o ensino médio é um outro perfil. Mas ali no Pedro da Ré, lá no Don Orione, não. Eles mesmos perguntavam. Ô, pro, quando é que é o concurso lá? É por agora, a gente vai fazer, né? A gente vai fazer, né? Então, até o sexto ano, que era uma turminha que era diferente, porque eles não faziam. Eles não eram meus desde o início, né? Então, eles vieram do quinto ano. Muitos alunos com dificuldade e tal. Ah, pro a gente também quer participar. A gente vai participar. Então, eu sempre selecionei os que tinham condições realmente, né? E fui sempre fazendo as indagações pra eles irem corrigindo, arrumando. Pra, ó, agora sim, ficou um conto. Não era um conto, agora virou um conto. Tá entendendo como é que é o processo do conto? Ah, professora, eu entendi. A mesma coisa, o poema, né? Que às vezes o aluno pensa que é fácil, fácil. O poema, não. O poema tem uma estrutura também, né? E tem um jeito de escrever. Então, eu sempre procurava um momento. Parava tudo, a minha aula mesmo. Então, pessoal, agora a gente vai ler poemas. E eu lia com eles. Fazia variedade de poemas. Eles analisavam.

Pesquisadora - Isso já se preparando pro concurso, no caso.

Entrevistada - Isso. Preparava e eles trabalhavam com isso.

Pesquisadora - Trabalhavam os poemas. Mostravam o que eram os poemas pra eles. Lia. E aí depois tu apresentava pra eles. Isso. Tem concurso. A mesma coisa com o conto. A mesma coisa com a crônica. Acredito que tu fazias isso também, né?

Entrevistada - É porque o poema, a poesia e o conto, eu consigo trabalhar até no sexto, né? Sexto, consegue trabalhar no sétimo também. Mas a crônica, sempre trabalhei só com oitavo e nono. Porque já é um texto um pouquinho mais elaborado. Então eles não conseguem compreender. Tentei já, mas não deu certo. Porque eles entendem que é um relato. E a crônica não tem muito. Tem

também o cotidiano, mas não é um relato somente. E eles acham que é um relato pessoal, né? A crônica.

Pesquisadora - Eles têm dificuldade de distinguir esses gêneros.

Entrevistada - Eles misturam. Aí eu não entro na crônica sexto e sétimo. Eu fico no oitavo e no nono. Só que eu incentivo eles a escrever todos os gêneros. Então eu separo, assim, duas semanas só falando disso. Poesia, todas as turmas. Daí eu leio com eles, mostro estrutura, escrevo alguns versos. Às vezes eles pedem, né? Algumas turmas que coloquem algum tema. Aí eu boto alguns temas no quadro e falo. Olha, pensem em algum que você se identifique.

Pesquisadora - Aí eles que te pedem. Eles que te pedem sugestões de temas.

Entrevistada - Isso. Porque alguns têm muita dificuldade em pensar. Ah, mas no quê que eu vou falar, professora? Não sei. Então aí eu boto. Mas eu deixo livre. Livre. E também não obrigo a escrever. Eu digo, ó, pessoal. Quem acha que não, professora, eu não. Mas eu também não obrigo a enviar o texto. Então eu explico. Ó, o teu texto ficou muito bom. Vamos mandar? Ah, professora, eu não quero. Aí, mas por quê? Por que que tu não quer? Tu não vai perder nada. Se tu for premiado ainda, né? Tu vai ter uma chance de mostrar o teu talento. Tu não perde nada. Ah, não, professora. Eu tenho vergonha. Mas aí depois, quando eles veem que os colegas vão mandando, eles também querem. Aí eu já cheguei a mandar 200 textos.

Pesquisadora - De uma única escola?

Entrevistada - É. Uma única escola. 200 textos. Que legal. E aí foram premiados quatro em cada turma, assim. Primeiro lugar, segundo lugar. Já consegui mandar bastante textos. É bastante trabalhoso, tá? Até o meu marido, uma vez, queria me... (*risos*). Porque é muito trabalhoso, né? Corrigir, botar na formatação. Aí tu imprime três cópias. Já tive dificuldades com escolas que não. Ah, professora, mas que tanta cópia. Ah, professora, a gente não tem dinheiro para comprar um envelope. Já comprei envelopes. Já tive que comprar um envelope. É porque a gente tem aquele intuito de fazer uma coisa. Então, tu quer fazer e se a escola não vai ajudar, tu faz, né? Então, é um quase retorno, né? Que um compromisso que tu assumiu com eles. Como é que tu vai dizer? Ah, não mandei o texto porque a escola não quis comprar envelope. Não dá, né? Então, já tive isso. Então, essa é a única dificuldade, assim. E os professores, alguns não. Efetivo, até hoje, eu nunca vi participar. Realmente, assim, tem uma dificuldade. Até no Silva Alvarenga, ano passado, eu dava aula só para o nono ano. E o resto era outra professora efetiva. Não, professora, eu não vou participar. Ai, é muito trabalho. Eles não gostam de escrever. Ai, eu não tenho interesse. Eu não tenho tempo para corrigir. Então, tem essa dificuldade. Eu vejo essa resistência, né? Porque a escrita é um incentivo também. Se eu não incentivar, os alunos também não vão ver sentido em escrever, né? Se eu só dizer, ah, vamos fazer e deu porque tem que participar e porque vale nota, eles não vão fazer, né? Eles preferem tirar nota abaixo, não tirar nota nenhuma, do que fazer, né? É verdade.

Pesquisadora - E aí, falando do gênero, que é a próxima pergunta, qual é o gênero que é mais produzido na escola?

Entrevistada – Normalmente é o poema. Poema eles acham mais fácil. Eles chegam a escrever quatro poemas, professora eu vou mandar quatro poemas. Muitos alunos tem caderno de poemas. Eu vejo que eles tem facilidade porque eu sempre explico pra elas que poema é parecido com a poesia, né, então é igual uma música e tal, então eu sempre dou uma ajudada neles em tentar pensar sobre isso, e eles acham muito fácil, e o conto também, a maior dificuldade está na crônica, eles se confundem um pouco, misturam, e aí acabam se perdendo, né, na crônica.

Pesquisadora - Ah, tá, certo. Bom, e qual é a receptividade dos alunos com relação ao concurso literário, quem quer participar, quem tem interesse, curiosidade, mas mais ou menos essa pergunta que tu já me respondeu, né?

Entrevistada - Eu acho que assim, vai mais da paixão do professor, né, quando a gente expõe uma coisa que a gente mesma confia e gosta, eu acho que é bem difícil. É muito difícil o aluno que vai dizer assim, não, eu não vou fazer, então, é muito difícil, eles têm dificuldade às vezes, que eu apresentei o projeto, em achar que eles não têm capacidade, mas a vontade todos têm, porque eu tenho os livros também, né, e eu mostro para eles os livros, e ali no Pedro da Ré mesmo, eu mostrava o livro com o texto do aluno da outra sala, então eles falam, olha, o fulano ganhou, que legal, então isso faz com que eles percebam que é possível, né? Que não é algo que eles não conseguem, então eu percebo que eles têm, eles conhecem, entendem, e têm a vontade, só que eles pensam que talvez a capacidade não vai atingir, né? Mas quando eles vêm mostrar o texto, eu sempre falo muito para eles, não, aqui tá bom, ali tá bom, ó, aqui tu tá vendo que tu tá mudando já de assunto, então não tá ficando muito legal, vamos tentar mudar, ó, essa palavra aqui, tu não acha que essa palavra aqui, ela não fez muito sentido? Vamos ver o que que a gente pode botar, eles vão lá, sentam e vêm, ó, professora, eu troquei, olha aqui como é que ficou, entende? Então, é, é uma, e é silêncio absoluto, eu chego a abrir a porta, assim, e eles ficam megamente, assim, concentrados, ninguém pode falar nada, é, é bem incrível, assim, porque é aquilo que eu falei, né, a gente quando gosta de uma coisa, a gente transmite, né?

Pesquisadora - Claro, ah, então, que legal. Para a próxima pergunta, que é quando tem alunos premiados, né, como tu tá falando, como é que a escola recebe? Nas escolas, como tu trabalha, né, em várias escolas, que o professor ACT, né, vai, às vezes, cada ano em uma escola diferente, às vezes, acaba caindo, né, dois anos ou três na mesma escola, mas, geralmente, o professor ACT vai passeando, assim, né, entre várias escolas. Como é que tu percebes, assim, as escolas com relação à receptividade? Um dos que venceram o concurso, quando sai o resultado, como é que as escolas lidam com isso, com essa informação que elas fazem?

Entrevistada - É assim, ó, na escola, nas escolas que eu já trabalhei, normalmente, assim, tem a direção, né, a parte pedagógica, eles ficam encantados, eles chamam os alunos, convocam toda a escola e fazem, realmente, tipo, uma cerimônia mesmo, batem foto, é, ali no Pedro da Ré, às vezes, que eles foram premiados, foi chamado toda a escola, foi falado, ó, então, os alunos foram vencedores na categoria poesia e tal, então, eles fazem, realmente, uma cerimônia, então, aqui tá a professora que incentivou, vale a pena escrever, é sempre assim, lá no Heriberto Hulse, também, foi a mesma coisa, a direção chamou todos os alunos e falou, ó, então, os alunos com a professora Gisele participaram do concurso, então, eles, eles realmente veem sentido nisso, só que como é pouco, os professores que participam são bem poucos, sabem mas não participam. Então, aí eles acham que não existe. Na realidade, eles acham que não existe mais, que acabou, que não tem mais, que é muito difícil de participar. Então, aí a direção, quando ela vê que tem um concurso, eu sempre percebi que eles querem mesmo que participe e eles ficam aguardando o resultado. Professora, já saiu aquele resultado do concurso que você participou? É bem assim, os alunos também, tá? Os alunos, a ACLe, assim, é a que mais eu tenho dificuldade, porque eles não conseguem, assim, ter uma organização com questão das datas. Então, algumas vezes, assim, a gente ficou bastante chateada, eu, né, bem chateada, assim, porque eles mudavam muito a data da divulgação e também o prazo. Então, às vezes, eu dava jeito de entregar tudo naquele dia que eles tinham dito que era o último prazo. Aí eles iam lá, prorrogavam um mês. E aí isso atrasava o resultado final, né? Também. Aí os alunos, ah, professora, eu já vou para outra escola, daí a professora ainda não, como se eu fosse, ah, eu disse, não, mas não é a professora, é um ah, mas professora, tem que saber se o meu texto deu certo, que a professora disse que ficou tão bom, eu tô esperando que fique bom mesmo, que eu ganhe alguma premiação, porque eu quero ver o meu texto no livro. E aí as datas de divulgação bem atrasadas. Sempre era na feira de feira do livro, depois eles foram adiando, adiando, então, aí o ano passado mesmo foi numa, num lançamento de um livro, né? Então, isso é que é meio, fico chateada porque teve um ano, foi o ano passado mesmo, eles nem colocaram a data da divulgação do resultado. Então, eu fiquei o tempo todo perguntando, ah, quando que vai ser? A gente ainda não decidiu, a gente ainda não viu, aí fica meio chato, porque tu participa de um concurso, né? Tu, a gente que é professor tem prazos, né? A gente não diz, ah, um dia eu vou te entregar uma prova, né? Não, né? Tem que ter data pra entrega. E aí eles ficaram, ficaram, aí teve o dia da premiação, foi um dia que eu não pude ir, tá? E quem foi, foi outra pessoa. Porque eu não pude ir, porque foi numa sexta-feira, acho que foi 19h30 que foi, eu não pude ir, porque não teve como eu participar mesmo.

Pesquisadora - Agora, deixa eu te perguntar o seguinte, na tua opinião, o concurso literário da ACLe, né, tem da ALASI, tá, que vocês participam, mas especificamente o da ACLe, tu achas que ele contribui para a escrita literária dos estudantes?

Entrevistada - Eu acho que sim.

Pesquisadora - Tu acha que sim? De que forma?

Entrevistada - Eu acho que faz com que o aluno, além dele se desenvolver como escritor, né, ele comece a perceber que a escrita é realmente aprimorando que a gente vai melhorando, né? Eu vejo, por exemplo, não sei se tu conhece o Arthur Comim, conhece, né?

Pesquisadora - Aham, conheço.

Entrevistada - Foi meu aluno ele, né? Ele sempre adorou escrever, até hoje ele participa dos concursos, ele já terminou uma faculdade, tá fazendo outra, e a escrita é uma paixão, é igual a qualquer coisa que a gente tem na vida que a gente gosta.

Então, quem gosta de escrever, se continua escrevendo, nunca vai deixar de escrever, né? Parece que aquilo faz falta, então precisa. Eu acho que a escrita lá no concurso, ela vai contribuir com isso. Eu vou perceber que eu estou ficando muito bom em contos. Eu estou ficando muito bom em crônicas. Eu vou ler mais e mais, porque eu quero cada vez mais escrever crônicas. Ah, os meus poemas estão demais, o meu poema e há temas, né? Eu sempre falo para os alunos que hoje, se eles vão escrever um poema, vai ser de um jeito. Amanhã, se ele vai escrever, vai ser de outro jeito completamente diferente, porque o texto, ele é do dia, né? Como que a gente está se sentindo hoje? Ah, hoje eu estou feliz, eu quero escrever sobre sei lá, aí amanhã, chega amanhã, ah, hoje eu estou meio chateado. Já vai escrever de outro tema, né? Então, a escrita é diária. Então, eu sempre falo para eles.

Pesquisadora - Então, para aqueles alunos que já gostam, o concurso vai potencializar.

Entrevistada - Isso. Para aqueles alunos que já gostam, vai potencializar cada vez mais.

Pesquisadora - E para aqueles alunos que nunca pensaram em escrever?

Entrevistada - Abre uma porta, eu percebo isso. Alunos que não gostam de escrever e que aí, eles vêm mostrar o texto dele, a professora diz nossa, ficou muito legal esse teu poema. Eles ficam sentindo. Mas como? Eu? Eu não, professora, nem sei escrever. Teve um aluno uma vez que ganhou de um poema, que ganhou com um poema, que ele inventou uma palavra e ele inventou o significado da palavra. Então, ele ficou assim, ele tirou em primeiro lugar na categoria Infante e Juvenil. Era do sexto ano. Então, ele disse, professora, tu vê, do nada eu inventei isso da minha cabeça e fui premiado até. Então, a escrita, ela traz sim, o concurso, ele traz isso. Os talentos que eles acham que não tem e eles descobrem que tem sim.

Pesquisadora - Ah, que legal. Então, e ainda nessa linha, deixa eu te perguntar, na tua opinião, a escola é um lugar de se formar escritores? Ou o escritor não se forma na escola?

Entrevistada - Eu acho que sim. Vai pelo incentivo, eu acho. Porque eu percebo que a gente sabe que até no nosso meio de professores, tem professores que também já abandonaram a escrita e a leitura há muito tempo. É uma pena, mas tem. Se tu botar um recado, num mural, se tu contar nos dedos quantos que leram, é pouco. Agora, se for de folga, essas coisas lêem, mas se é um recado de outras coisas, são poucos os que leram. Então, às vezes eles têm muita dificuldade de leitura, o próprio professor, e aí ele não tem como também incentivar o aluno a ler e a escrever. Então, há muitos professores que hoje trabalham só com data show e não escrevem uma palavra no quadro nunca. Então, o aluno, eu cansei de entrar em sala de aula que estava escrito, palavras escritas erradas no quadro pelo professor, né? Então, que a gente fica olhando, pensando será que eu falo, corrijo, o que que eu faço, né? Porque e o aluno, ele pode sim ser formado é pra ser, né, na escola um gatilho, né, dele se formar um leitor, e depois em casa ele ia continuar isso, porque é na escola que a gente desperta os talentos e tudo mais, né? Porque não vai esperar que em casa o pai, a mãe, né, sente, vamos sentar todo mundo e vamos ler um livro. É muito difícil, né? Isso talvez nunca vai acontecer, né? Agora, se a criança, ela é incentivada na escola, ela vai sim pedir um livro de presente pro pai, vai querer ir na livraria comprar livro, então é um incentivo que tu tem que dar. E começa na escola. As bibliotecas da escola, né, então eu costumo levar os meus alunos na biblioteca, pedir ficha de leitura, eu faço isso com frequência. Eu tenho caderno de redação, então eles produzem textos, então eu trabalho lá no livro didático, o Receita, por exemplo, trabalhei agora com os alunos, e eu peço o caderno de redação, agora vocês vão fazer uma receita, que eu disse pra eles que é bem difícil, uma receita que eu quero saber se vocês sabem a receita que eu quero também, uma receita pra ser feliz. Aí ele, aí professor, então, ensinei pra eles, tudo passo a passo, depois trabalhei com eles, deles virem na sala de aula, explicar uma receita de uma comida, e trazer pra gente compartilhar em sala. São coisas que é pra vida, né, ensinei as coisas que tem na receita que às vezes não dá certo, porque que não deu certo? A receita tá incompleta, ou tu não soube interpretar a receita, o que que houve, né? Então, a leitura e o escritor, eles são juntos, eles não são separados. Um bom leitor, ele vai também ser um bom escritor, né, só que ele vai ter que aprimorar os dois lados, porque eu pegar uma coisa escrita pronta, eu consigo ler fácil, né? Agora eu quero ver eu escrever, será que eu consigo? Como é que eu vou conseguir? Escrevendo, né? Como eu vou aprender a escrever se eu não escrevo?

Pesquisadora - É perfeito, é isso aí. Agora eu quero saber da Gisele, você também escreve, Gisele? Também gosta de escrever, de produzir?

Sim, eu gosto também de poemas, contos, gosto de crônica, eu escrevo e também gosto de escrever.

Pesquisadora - E quais são os teus temas favoritos, assim, pra escrever?

Entrevistada - Eu escrevo mais sobre sentimentos, né? Família, bastante, assim, sobre a sociedade, como ela vê, assim, o outro, eu gosto de falar bastante sobre isso, assim, nas crônicas, né? A percepção que as pessoas têm do outro, achando que o outro, né? É melhor ou pior, ou eu não consigo ser o outro porque eu não tenho capacidade, né? Então, o individualismo, eu gosto bastante de falar sobre isso, né? Que às vezes as pessoas acham, ah, eu não sou individualista, né? Mas hoje até tava falando com os meus alunos do sétimo ano, será mesmo que eu não sou individualista? Se a professora vier aqui e mostrar uma coisa, né? Quem tem necessidade disso? Será que eu não vou dizer, ah, é eu que tenho? E será que eu tenho mesmo, né? Será que eu não vou olhar pro outro pra saber se o outro tem mais? Então, e o poema, gosto muito de poemas também.

Pesquisadora - E já participaste do concurso da ACLe?

Entrevistada - Não. Nunca tive o tempo de editar o meu próprio texto pra mandar.

Pesquisadora - Faz dos alunos, manda 200 textos dos alunos, mas o teu próprio tu não mandou (*Risos*)

Entrevistada - Nunca mandei o meu, isso mesmo.

Pesquisadora - E de outros, e de outros, concursos, tipo da ALASI também não?

Entrevistada - Nunca consegui editar o meu pra arrumar e mandar, isso mesmo.

Pesquisadora - Então, e aí a próxima pergunta é se você faz parte de alguma academia de letras, ou associação de escritores, leitores, enfim.

Entrevistada - Não.

Pesquisadora - Não faz parte, mas tens vontade de participar de alguma?

Entrevistada - Olha, teria que ver, porque eu tenho duas filhas pequenas, né? Então, eu gosto de assumir um compromisso que eu tenho capacidade de assumir ele mesmo. Eu nunca fui de assumir um compromisso e não conseguir cumprir, né? Então, teria que ver como funciona, enfim, pra poder estar participando mesmo efetivamente, né?

Transcrição da entrevista: Beatris**Pesquisadora - Qual é o teu nome completo?**

Entrevistada - É Beatris Pizzoni.

Pesquisadora - Quantos anos você tem?

Entrevistada – 27

Pesquisadora - A tua graduação?

Entrevistada - Minha graduação é em letras língua portuguesa em segunda habilitação em língua inglesa, certo, e eu tenho uma pós em literatura brasileira tá.

Pesquisadora - E é mestranda.

Entrevistada – Isso.

Pesquisadora - Qual escola que tu trabalhas?

Entrevistadora - Eu trabalho no colégio Unesc e no Fleming.

Pesquisadora - Com quais turmas? Fundamental, médio?

Entrevistadora - No colégio Unesc eu trabalho com sexto e sétimo língua portuguesa ensino médio e literatura e no Fleming eu trabalho com terceiro e pré-versibular.

Pesquisadora - Quanto tempo tens de sala de aula?

Entrevistada - Eu tenho seis anos e meio.

Pesquisadora - Vamos começar com a primeira pergunta: como você conheceu o concurso literário da ACLe?

Entrevistada - Eu conheci por meio da professora Katiana quando eu entrei no Colégio Unesc. Ela é professora de redação.

Pesquisadora: - Ela que te falou do concurso?Entrevistada - Eu tenho a impressão que eu já fiz esse concurso quando eu estudava no Hercílio Amante¹⁵ só que eu tentei procurar e eu sei que eu ganhei uma vez só que eu tentei procurar aí nas edições e eu não achei então, assim

¹⁵ Escola Municipal Hercílio Amante – Criciúma/SC

pior que eu não lembro, tá eu procurei lá na biblioteca e eu não achei.

Pesquisadora - E algum membro da ACLe já foi até a tua escola?

Entrevistada – Não, mas eu conheço uma membra porque eu deixava, eu entregava diretamente pra ela o texto porque era mais prático porque ela morava perto da minha casa.

Pesquisadora - Quem é?

Entrevistada - É a... a que conversa com a gente no grupo, a...

Pesquisadora – Cármen?

Entrevistada – A Cármen.

Pesquisadora – Ali na Vila Floresta, né?

Entrevistada – Isso. Ela mora na Francesa e eu moro do ladinho. Morava, né. Na Vila Floresta.

Pesquisadora - Mas ela nunca chegou, ninguém da ACLe chegou aí na tua escola? Pra fazer divulgação?

Entrevistada - Não que eu lembre, né, quando eu estudava no Hercílio mas enquanto funcionária agora, não, mas ela se propôs, mas só não deu certo.

Pesquisadora - Tu incentivas os teus alunos a participarem do concurso?

Entrevistada - Sim

Pesquisadora - E como é que tu fazes? Como é que se dá essa participação? Como é que tu fazes com eles?

Entrevistada - Perfeito então a gente acha interessante porque ele é um concurso aqui do município a gente tem contato, né? com os organizadores é legal porque eles ganham um exemplar do livro tem uma comemoração então por conta disso até pra eles verem, né? que movimentam, né? Não é só um e-mail que eles recebem, né? Não é só um certificados online então, geralmente como a gente quase nunca tem certeza quando eles vão lançar eu não consigo encaixar dentro da minha aula então o que que eu faço? Faço uma divulgação em todas as turmas inclusive no ensino médio. Peço colaboração para os outros professores de linguagem. Aí eu tava divulgando em todas as salas e leio e mostro o edital pra eles falo com essa participação e eu peço pra quem gostaria quem quer participar do concurso a gente cria um grupo de whatsapp e nesse grupo a gente vai mandando as informações então a gente manda um arquivo do Google docs pra todo mundo colocar os textos ali depois a gente revisa juntos eu mando um prazo pra ler e devolver o texto pra eles tem que ser tudo muito bem explicado porque o sexto tem um entendimento o ensino médio tem outro.

Pesquisadora - Tu mesmo cria?

Entrevistada - Eu crio um grupo com os números dos alunos mas só o adm fala só eu e geralmente eu deixo aberto pra quem quer tirar dúvida depois então eu crio um grupo no whatsapp que assim é a maneira mais prática que a gente encontrou de conseguir se comunicar com eles e eu também incentivo a participação quem estava no clube de linguagens comigo daí lá no clube de linguagens a gente fazia oficina pra escrever conto, crônica e poema e daí a gente mandava também dessa galerinha mas geralmente é os mesmos, né?

Pesquisadora - E esse clube de linguagem ele é aonde? Funciona aonde?

Entrevistada - O clube de linguagem ele é no colégio Unesc e ele é tipo um reforço, né? ele funciona no colégio Unesc é uma vez por semana agora vai voltar a ser reforço.

Pesquisadora - Com relação ao tema, tu determina o tema?

Entrevistada - Não como o concurso traz o tema livre da última vez teve duas vezes uma vez foi sobre Criciúma aí os alunos escolhem e da outra foi tema livre então os alunos escolhem tanto o gênero que eles querem escrever quanto a temática por vezes eles ah, eu vou fazer uma crônica daí escreve um conto um poema daí a gente ajuda depois eles porque eles ficam um pouco preocupados principalmente os menores eles ficam ai, prof eu não sei o que eu escrevi eu digo fica tranquilo escreve coloca a tua criatividade em voga, né? Se você tem alguma coisa que você escreveu que tá no seu celular no bloco de notas vamos colocar esse texto pra jogar vamos ver como é que ele tá dá vida pra ele e depois a gente se preocupa com a classificação.

Pesquisadora - Isso é tudo feito extra classe?

Entrevistada - Extra classe.

Pesquisadora - A participação no concurso, a inscrição essas orientações

Entrevistada - Tudo tudo tudo tudo tudo extra classe tudo porque nem todo mundo quer participar o que eu pensei esse ano como eu tenho uma aula a mais é fazer na aula de língua portuguesa e fazer com os sextos anos porque assim como é extra classe só participa realmente quem quer e por não ter olha só por não ter nenhum prêmio em dinheiro a maioria não quer. Eles falam tá, ganhou o quê? Ah, ganha um livro seu texto é pro livro você vai pra uma vai, você vai a gente vai faz uma noite de entrega vocês vão lá pra prefeitura né, nã, nã, deles ah, tá não dá dinheiro, não ah, então não vou.

Pesquisadora - Nem pela medalha, nem pelo prêmio, pela publicação...

Entrevistada – Não. Vocês vão ganhar uma medalha o texto vai ser publicado no livro se não ganhar um livro se não ganhar alguma coisa, não daí quase ninguém

quer alguns têm vergonha alguns têm medo é um trabalho ainda aos pouquinhos, assim.

Pesquisadora - Tu recebes todos esses textos de quem quer escrever, tu fazes uma pré-seleção, ou todo mundo que participou?

Entrevistada - Todo mundo que participa vai então eu coloco no google doc eles botam porque antes era o maior que trabalha então a gente tem um google doc que é um documento compartilhado. A gente faz um google doc e aí ali cada um tem uma página eu peço pra eles só botarem o nome na página e aí eles criam lá dentro daquele google doc o que eu faço é revisar então às vezes ah, escrevi o xícara com ch a gente pode dividir o parágrafo aqui daí eu reviso peço pra eles verem ver se eles concordam ver se eles entenderam mas vai todos os textos.

Pesquisadora - Qual é o gênero que eles mais produzem quando tu vais fazer com eles? Qual é o gênero que mais aparece?

Entrevistada - Poema

Pesquisadora - Por quê?

Entrevistada - Eu penso que eles acreditam que o poema seja mais simples e menor de fazer mas nem sempre é assim que funciona tanto que eles ainda têm uma ideia eu nunca falei isso pra eles mas eles têm uma ideia de que o poema tem que rimar mas eu falei não não tem você pode fazer sem rimar nã, nã, nã, nã, nã então é assim quando tem menos inscrições como teve no passado a gente teve uma a gente ficou entre poemas e teve bastante contos também eles falam pra mim prof, criei uma historinha e aí, geralmente fazer um conto também então é bem legal os adolescentes, por exemplo já vão mais pro conto.

Pesquisadora - Em geral quantos alunos, assim participam?

Entrevistada - A gente começou com uma participação bem grande eram 38 alunos 42 alunos só que ano passado foi bem pouco foi cerca de 7 alunos que participaram.

Pesquisadora - Nos anos anteriores ...

Entrevistada - Foi bem mais e aí foi diminuindo...

Pesquisadora – Por que tu achas que foi diminuindo? Por que não tem prêmio em dinheiro?

Entrevistada - Sabe que eu não entendi? porque, assim como a gente foi premiado eu esperava que tivesse mais só que o ensino médio não se engajou porque os alunos que escreviam gostavam de escrever se formaram no terceiro e no fundamental eles começaram com projeto de defesa civil daí tinha isso, tinha aquilo então, assim foi ficando de última hora e esse ano eu não estava com clube de linguagem e eu preciso do auxílio também dos outros professores

porque eu não dou aula para as outras turmas e eu acho que eles não incentivaram tanto e aí ninguém quase participou quem participou eram os meus alunos

Pesquisadora - tá, entendi

Entrevistada - Pode ser isso também, né?

Pesquisadora - E a receptividade dos alunos? Você falou assim que mesmo que diminuiu a quantidade de alunos que se interessou mas, assim quando tu falava deles mais ou menos tu já me falou, né? a receptividade é tem prêmio e dinheiro participa.

Entrevistada – Isso. E geralmente eu não tenho eles ficam contentes eles ficam bem ansiosos por exemplo, né? esse ano eu não sei como é que vai ser esse ano, tá? eu acho que ninguém vai querer participar porque esse ano ninguém do colégio foi premiado e mesmo sabendo que isso não é importante eles reclamaram que muito só só quem ganhou foi São Bento e outros colégios e eu sei que não é eu fiquei não, mas, ó é uma avaliação é cegas não tem como ah, professora mas todo mundo lá todos eram de São Bento e aí eles não vão querer participar esse ano eu acho tinha um ano que ele tava super ansioso tem uma menina que ela sempre ganha ela é muito boa e ela chorou muito que ela não ganhou sabe? Porque ela é adolescente talvez ela esperava tinha essa expectativa é normal então eu não sei como é que vai ficar a participação esse ano porque eu acho que eles acabaram criando por mais que a gente fale no fim as pessoas mesmo sendo adolescentes ou crianças elas criam as próprias convicções por mais que a gente diga que é uma avaliação a cegas que eles são ótimos escritores então esse ano depois eu te falo como é que vai ser a adesão.

Pesquisadora - Quando tem alunos premiados na escola esse ano vc falou que nenhum foi premiado mas os anos anteriores foi. Quando sai o resultado que a escola ganhou alguém da escola ganhou como é que como é que acontece a movimentação na escola?

Entrevistada - Ah é muito bacana primeiro que eles já ficam o tempo todo me perguntando quando vai ser esse resultado e ficam acompanhando o grupo mas fazer isso que eu e aí quando sai eles sempre mandam mensagem eu mando pra diretora eles chamam a equipe de reportagem do colégio eles batem foto dos alunos fazem uma matéria no portal da Unesc fazem publicação no Instagram geralmente eles mandam pra família a família marca eles no Instagram o dia da posse é muito legal eles ficam muito contentes assim eu queria que eles experienciassem essa tivessem essa oportunidade também, né de estar lá porque, pensa você vai lá, é chamado lá na frente vem um livro é aplaudido isso pro adolescente é um reconhecimento bacana, né é algo assim que mostra que ele foi visto que ele foi lido que alguém valorizou algo que ele escreveu.

Pesquisadora - E aqueles que não ganham por exemplo esse ano esses os alunos ano passado, né nenhum aluno foi vencedor e esses textos dos alunos que não venceram é feito alguma coisa, fica por isso...

Entrevistada - Não a gente nunca pensou sabe porque no geral eles têm muita vergonha eles não querem que a gente mostre, tanto que por ser o arquivo ser aberto ... agora tu me deu uma ideia bem legal a gente podia fazer um painel, né na escola mesmo com os textos isso é bem legal não tinha pensado nisso,

Pesquisadora – Assim, porque na verdade o concurso valoriza os vencedores mas o fato de eles escreverem já são poucos os que se interessam a escrever e aqueles que se inscreverem e não vencerem parece que fica uma derrota que na verdade não é uma derrota, né?

Entrevistada - É só uma seleção, né uma seleção por pares a gente sabe que sempre tem um pouco da subjetividade do jurado então me desse uma ideia bem bacana gostei

Pesquisadora - Então deixa eu te perguntar e na tua opinião esse concurso da ACLe ele contribui pra escrita literária dos estudantes?

Entrevistada - Eu acho que ele é um incentivo a mais entendeu? ele é um incentivo a mais dado que em sala de aula por vezes a gente não tem a gente tem que privilegiar outros conteúdos então apesar de o concurso também ser algo a mais pra gente fazer, né porque eu tenho que selecionar os textos revisar os textos eu tenho que imprimir não sei quantos sei, dez cópias de cada um separar essas cópias botar no envelope e é cheio é muito ainda é analógico, assim, sabe? Então é um trabalho a mais pro professor mas apesar disso eu acho que ele é um incentivo a mais porque daí eles sabem, né que tem que alguém olhando pra escrita deles que tem que eles podem pegar aquele textinho que às vezes tá no armário e que ele não vai valer uma nota, né que ele não vai escrever por obrigação por isso que eu não gosto que eu não quero que o concurso seja uma obrigação entendeu? eu não quero pegar assim, ai e obrigar todo mundo a escrever não, eu quero que quem quer participar participe assim como eu não gostava de participar da olimpíada de matemática e eu era obrigada a participar e eu não gostava eu não queria então, assim eu acho que eu não sou muito adepta a fazer coisas por obrigação, né então além das quais a gente já tem que fazer então eu acho que isso é super interessante pra que eles possam também pensar nas próprias escolhas pra eles despertarem a vontade porque a gente tem um incentivo e daí a gente vai ver será que o incentivo tá sendo suficiente? será que ele se sente confortável pra botar um texto dele? ele tendo a liberdade de escolher se vai participar ou não será que ele quer? então eu também gosto de fazer dar essa liberdade direcionada pro aluno, né pra que caminho que ele vai pra onde que ele vai escolher o que que ele deseja fazer.

Pesquisadora - Certo ah, que legal e na tua opinião, a escola ela é lugar de formar escritores?

Entrevistada - Olha eu acho que a escola ela pode ser um lugar de muitas coisas inclusive é que assim formar escritor eu acho complexo porque ele é uma profissão e eu não acho que a escola deva formar nenhuma profissão sabe? não é o objetivo então, ah se da escola sai um escritor se ele for incentivado a escrever muito legal porque, por exemplo eu sou professora de literatura porque eu tive ótimos professores que me incentivaram, né? que me inspiraram mas eu acho que a gente pode formar leitores e escritores competentes para conseguir utilizar a linguagem de forma que eles se insiram no mundo enquanto cidadãos enquanto sujeitos agora, formar um escritor enquanto profissão eu não acho que seja o papel da escola porque eu não acho que a gente é um ensino eu não sou muito adepta no ensino profissionalizante, né? então se não for um curso técnico eu não acho que seja um papel da escola eu acho que é algo que pode vir a acontecer.

Pesquisadora – Entendi. Olha só, agora eu quero saber de você: também escreve textos literários, né? qual é o gênero? o que que gosta? sobre o que escreve?

Entrevistada - Ah, legal então eu não sou uma escritora de textos literários tão ávida eu nunca fui uma escritora e tão adepta, assim mas quando eu gosto de escrever eu gosto muito de escrever contos e crônicas eu gosto de gêneros curtos nunca fui uma pessoa escrever narrativa super admiro eu não sei como tu consegue escrever um livro, tá? meu deus do céu isso é é uma coisa muito fantástica, assim sabe? porque eu me identifico com textos curtos eu gosto de textos curtos narrativas longas eu não não tenho hábito e enfim também não tenho tanto interesse, assim então eu acho muito legal essas diferentes habilidades, né? então quando eu era adolescente eu escrevia até um pouco mais de poema mas nunca rimado sempre pra num momento de tristeza mas geralmente eu escrevia os textos quando eu fiz a matéria de escrita criativa com o gladir e aí ali eles trocou eles davam a proposta, né? ah, agora vai ser um conto uma crônica então é isso fazer com que eu ia acabar escrevendo e esses textos que iam pra pro concurso

Pesquisadora - E assim, além do concurso da acre tu já participou de mais algum?

Entrevistadora - Não que eu tenha recordação não nunca entrei em concurso porque como eu não costumo escrever texto literário eu quase não tenho numa produção, assim quando eu era criança uma escola o Hercílio era um lugar muito maravilhoso, né? e eu não sei como que a professora na segunda série selecionava alguns textos que iam pro jornal e algum jornal que nem existe mais o terceiro jornal da manhã ah, enfim o diário de notícias nem sei e daí o meu foi uma vez e eu lembro que eu fiquei muito chateada bom, eu não tenho certeza porque é muito estranho que eu falei que o menino chutou a bola que quebrou o vidro da casa e a pessoa quando foi escrever botou que chutou a bota e eu fiquei muito brava eu falei como é que ele chutou uma bota?

Pesquisadora - ai, que dor, Errou o texto.

Entrevistada - Errou o meu texto.

Pesquisadora - Tu já foste premiada, né? No concurso? Foi conto? crônica?

Entrevistada - Isso e se eu não me engano foram dois textos o primeiro foi um poema é engraçado teve os erros o primeiro era um poema que eu não sei por que eles colocaram na parte do conto e no outro ano no ano passado no caso no ano passado no ano passado, né? no outro que eu fiquei tão chateada também porque eu fui premiada com um conto que eu gosto muito chamado o velho e o mar e eles simplesmente não diagramaram uma parte do conto faltou metade do conto e aí quem lê o conto tá sem sentido porque faltou uma parte aí, então é mas eu fui bem premiada assim, não é normal eu sou sortuda mesmo.

Pesquisadora - Mas os outros dos teus alunos saíram certinho?

Entrevistada - todos saíram bem certinhos assim,

Pesquisadora – Só o teu que erraram a bota trocaram a categoria e tiraram metade do texto

Entrevistada - pelo menos é o meu eu acho melhor assim, a gente tem uma compreensão melhor do que eles

Pesquisadora - Então, tu fazes parte de alguma academia de letras associação de escritores tem vontade? gostaria?

Entrevista - olha se eu fosse uma escritora mais ativa talvez eu fosse uma escritora eu até participaria, mas eu não tenho essa ambição eu participo de clubes de leitura mas clubes de escritores acho que não é uma meta assim minha, sabe? acho que não tá assim nos meus planos.

Transcrição entrevista Cheiene.**Pesquisadora - Primeiro, teu nome completo.**

Entrevistada - Meu nome é Cheiene Damázio Uggioni.

Pesquisadora - Qual a sua idade?

Entrevistada - Tenho 43 anos.

Pesquisadora - Qual a sua formação, onde você estudou?

Entrevistada - Eu estudei, a minha graduação é em Geografia pela Unesc, Licenciatura e Bacharelado. Durante a pandemia, eu acabei fazendo o segundo da Licenciatura em Letras, somente Língua Portuguesa, e eu fiz um mestrado na área de Ciências Ambientais e tenho algumas especializações na área de Gestão e de Metodologia do Ensino.

Pesquisadora - E qual a tua escola, qual o teu vínculo, rede?

Entrevistada - Hoje, eu sou efetiva na rede estadual e na rede municipal de Criciúma e eu estou afastada, pedi licença sem vencimento, mas a minha última escola foi a Escola Joaquim Ramos, e no município de Criciúma, eu trabalho na Escola José Contin Portela, no bairro de São Sebastião.

Pesquisadora - Tu estás como professora, você está de aula, ou estás em algum outro curso?

Entrevistada - Hoje, eu estou, de 2022 até o momento, eu estou na equipe diretiva da escola.

Pesquisadora - Tá certo. Então, quanto tempo de magistério você manda tudo isso?

Entrevistada - 25 anos.

Pesquisadora - E como você conheceu o concurso da ACLe?

Entrevistada - Opa, pergunta boa, né? Eu conheci o concurso da ACLe em 2003. Eu fazia parte de um projeto de pesquisa do professor Maurício Ruiz Câmara, que ele era coordenador do departamento de Geografia. Eu era aluna do curso de Geografia da Unesc e era bolsista de um dos projetos que a universidade desenvolvia, era bolsista do PIC 170. E um dia, numa dessas conversas com o coordenador do curso, eu falei que eu escrevi algumas poesias e eu escrevi um poema sobre a barragem do Rio São Bento. E eu mostrei pra ele. Ele leu, achou bonitinho e tal, ficou por isso. Até que um dia ele me falou, tu sabia que abriu um edital para o concurso da Academia de Criciúma? Eu nem conhecia a academia, nunca tinha ouvido falar. Eu sempre morei em Morro da Fumaça, né? Então, eu tinha feito toda a educação básica em Morro da Fumaça, no Colégio Princesa

Isabel, nem sabia que a Criciúma tinha uma academia de letras, não sabia o que era uma academia de letras. Enfim, fui atrás desse concurso, descobri que ainda dava tempo de enviar alguns textos e eu mandei o meu texto lá, Igrejinha, que eu escrevi para a barragem do Rio São Bento, numa das saídas de campo do curso de Geografia. Peguei lá um guardanapo e rascunhei algumas coisas e mandei. E aí foi onde eu fui. Foi onde eu recebi o meu primeiro título, que foi uma menção honrosa com esse poema, Igrejinha, da barragem do Rio São Bento. E foi assim que eu conheci, nunca tinha ouvido falar. Foi o meu primeiro contato, assim. Foi a primeira vez que eu mostrei poesia para alguém, que eu mostrei alguns dos meus poemas para alguém. E foi a minha primeira publicação e foi o meu primeiro contato com a ACLe. Foi por meio do Departamento de Geografia da Unesc.

Pesquisadora - Os membros da ACLe, ou algum membro da ACLe, já foi pessoalmente a uma das escolas que você trabalha, fazer uma visita, qual foi a ocasião, ou divulgar o concurso?

Entrevistada - Eu não recordo. Não recordo de terem ido à escola divulgar o concurso. Geralmente, quem acaba divulgando o concurso nas escolas que eu atuo, sou eu, a gente acaba sendo multiplicador, porque gosta do evento, gosta do concurso e acaba incentivando os alunos. Mas eu não tenho lembrança de um deles ter ido até a escola para divulgar.

Pesquisadora - Certo. E como é que se dá a participação dos alunos no concurso? Eles são convidados, é espontânea? Como é que é essa participação?

Entrevistada - Assim, Cris, nas escolas que eu atuo, eu sempre falo do concurso e deixo eles à vontade. Porque, dentro da sala de aula, tem vários tipos de alunos. Tem aquele que gosta mais da área esportiva, tem aquele que gosta mais da matemática, do raciocínio lógico, e tem aqueles que também gostam da literatura, gostam muito de ler, gostam da língua portuguesa e gostam de escrever. Então, esses alunos, eu sempre digo para eles, eu estou à disposição de vocês. Se vocês quiserem me mostrar algum escrito, se vocês quiserem que eu dê uma lida, uma avaliada, e se vocês quiserem orientação para colocar o concurso, para submeter ele no concurso, eu me coloco à disposição deles. Nunca imposto, nunca valendo nota, nunca exigindo deles algo. Então, sempre que eu incentivo eles, é dessa forma. E eu sempre tenho retorno de alunos. Assim, não são muitos, mas em torno de 15, 16 alunos por ano, a gente consegue inscrever, e desses vem assim uns 5, 6 selecionados. E eu fico muito contente, porque eles começam a perceber o quanto o escrito deles foi apreciado. E é importante para eles também, assim como eles gostam de ganhar, alguns gostam de ganhar medalha num concurso de futebol, no campeonato, tem os que gostam de ganhar uma medalha, lá num concurso de textos, de conto, de crônica ou de poesia.

Pesquisadora – Tu não és professora de língua portuguesa deles, né?

Entrevistada - Não sou.

Pesquisadora - Professora de geografia.

Entrevistada - Exatamente.

Pesquisadora - E agora tu estás na direção. E mesmo em sala de aula, como professora de geografia, tu já incentivava.

Entrevistada - Sim, já incentivava. Até porque, assim, eles podem escrever sobre qualquer assunto. Não tem uma temática específica. E eu sempre tento preservar isso neles, incentivar eles a escrever sobre as coisas do cotidiano deles, do dia-a-dia, até porque eu escrevo assim, eu gosto do dia-a-dia e eu leio os meus poemas para eles. Sempre que eu tiver oportunidade, eu leio. Até em avaliações, às vezes, eu coloco algumas coisas. O poema da barragem do Rio São Bento, por exemplo, sempre caiu nas minhas provas sobre as mudanças da paisagem, que é um dos temas da geografia. Então, sempre que eu falo de geografia com o sexto ano, por exemplo, que eu trabalho lugar, paisagem, espaço geográfico, eu uso esse poema, porque ele mostra. Ele mostra a mudança que ocorreu no espaço geográfico de um lugar em uma paisagem da nossa região. Então, eu estou trazendo esse contexto do conhecimento geográfico e da literatura, do gênero textual do poema, para dentro das avaliações. Então, isso é bem importante. Eu gosto dessas brincadeiras, assim, misturar as coisas.

Pesquisadora - Qual é o gênero mais produzido para o concurso na sua escola? Que tu percebes, é mais conto, poemas ou crônicas? E esse gênero é indicado pelo professor, é sugerido ou parte deles?

Entrevistada - Assim, Cris, quando eu tenho duas situações. Eu tenho turmas em que o professor de língua portuguesa da turma se envolve também, abraça a ideia, quando eu vou apresentar para os alunos, o professor acaba se envolvendo, abraça e incentiva. E eu tenho aquela turma que o professor não se envolve tanto, embora seja professor de língua portuguesa, não quer se envolver no concurso porque acha que dá trabalho. Mas o trabalho quem faz sou eu. Eu fico responsável pelas impressões, pelos envelopes, pelos pseudônimos, por criar as fichas, por imprimir as cópias, até por digitar, porque a maioria deles não digita o seu próprio texto, então até por digitar. Então tem professor que acha que vai dar trabalho. Mas em relação ao tema, ao gênero, o que que acontece? Na turma que o professor se envolve, se ele tem três turmas, ele define assim, essa turma, a turma A vai trabalhar com poema, a turma B crônica e a turma C conto. Dependendo do ano da turma e do conteúdo que está ali na base nacional curricular, que ele está trabalhando naquele mês, aí ele vai puxar para o conteúdo dele, até porque para o professor, ele tem um currículo a vencer, então ele não pode deixar livre as aulas dele. Então ele puxa para o conteúdo e ele acaba usando também, incentivando naquilo ali. Mas na turma em que não, os alunos escolhem e dá certo dos dois jeitos, das duas formas dá certo. A gente tem, é claro que o professor quando ele se envolve, ele não cobra, ainda assim, é espontânea a participação, tem alunos que acabam escrevendo os seus textos, mas dizem assim, eu escrevi, eu gostei de escrever, mas eu não quero colocar no concurso e tá tudo bem, valeu por escrever, entende? Mas não é algo muito

imposto, mas assim, a maioria, né? A maior participação ainda é no gênero poema, é onde tem a maior participação dos alunos ainda é nos poemas. É na nossa escola.

Pesquisadora - E por que que tu achas que eles participam mais com poemas, do que com outros gêneros?

Entrevistada - É um achismo mesmo, tá, o que eu vou te dizer, mas eu penso que o poema tá mais presente na educação básica, desde a hora que eles entram lá no primeiro aninho, o poema tá presente com maior frequência, do que o conto e principalmente a crônica. Hoje eles vão ver a crônica, que eu percebo que eles estão estudando a crônica, é no oitavo e no nono ano. Antes disso, eles estão em outros conteúdos, né? Então eu acho que por isso que tem menos participação no gênero crônica e nos contos também. Acho que o poema está muito mais presente, desde a educação infantil. Eles já começam com os versinhos, depois com a questão das rimas, as estrofes, e aí tem as declamações e a música. Então essa sonoridade, essa métrica, não é nem a métrica, é a sonoridade mesmo. Mesmo assim, da canção, do declamar, o cantadinho, que a gente chama o cantadinho ali, da rima. Eu acho que essa parte gostosa do poema é mais presente na educação básica do que o conto. E principalmente a crônica.

Pesquisadora - E qual é a receptividade dos alunos em relação ao concurso da ACLe? Eles querem participar? Eles têm curiosidade?

Entrevistada - A primeira vez foi mais difícil, porque eu tive que dizer o que era a academia, eu tive que mostrar as revistas, eu tive que ler os meus textos, tive que falar um pouco mais de mim e da academia, para eles perceberem. Aí depois que eles se conhecem, que eles veem os colegas, que eles veem que os colegas foram, que se classificaram, que o texto deles está na revista, aí eles começam a entender e perceber que é importante e aí fica mais fácil. Então, tem receptividade, assim como um torneio de vôlei? Tem. É a mesma coisa, eu não vejo diferença de um campeonato de futebol e de um concurso, porque tem aluno que gosta de uma coisa e tem aluno que gosta da outra. Então, quem gosta, quem lê, geralmente quem lê é a primeira pessoa a ficar curiosa. Aquele aluno que está sempre lendo no recreio, que vai na biblioteca, que pega os livros, que a família incentiva, ou que a família compra livros, aquele aluno que pede livro de presente de aniversário, é aquele que abre o olho, que para, que fica olhando para a gente curioso e que vai atrás depois que a gente diz tchau. Tchau, pessoal! Tô na secretaria esperando vocês. É isso que vai atrás. Então, tem. Tem alunos que se interessam. Isso é bom?

Pesquisadora - Claro! Porque se eles vão atrás é porque interesse eles têm, é parte deles, né?

Entrevistada - Exato. E não é algo forçado.

Pesquisadora - Exato.

Entrevistada - E não ser forçado é a melhor parte. Não ser forçado é a melhor parte.

Pesquisadora - Então, e quando tem alunos premiados na escola, como é que a escola recebe essa informação? É feito alguma coisa?

Entrevistada - Então, assim, olha, hoje, como eu estou na equipe diretiva, eu cuido da parte das mídias da escola. Além das outras atribuições, eu cuido das mídias. Então, assim, o que que acontece? No dia que sai o resultado da ACLe, tendo alunos premiados ou não, a gente divulga esse resultado. No nosso grupo, a gente mantém grupos de recados com os pais, com as famílias. Então, é divulgado o resultado na íntegra. E, a partir dali, a gente faz os cards e acaba divulgando nas redes sociais. Como que a gente faz a nossa divulgação? A primeira vez que a gente divulgou foi o nome e o título e qual a categoria e qual foi a premiação. Daí os pais começam a dizer assim, ah, mas eu queria ler o texto do meu filho antes da revista. Porque muitos pais nem sabem o conteúdo daquilo que o filho colocou no concurso. Eles não conhecem o texto. O pai não lê tudo que o filho escreve. Nenhum pai lê. Eu não leio da minha filha. Não dá tempo. Então, assim, a primeira impressão que dá pra família é eu quero ler. Então, a partir do segundo concurso, eu já comecei, além de divulgar o nome, o gênero que foi premiado, a colocação, eu já comecei a divulgar o texto na íntegra também, até pra comunidade escolar que acompanha as redes sociais, pra eles também lerem. Isso foi o texto que ganhou. Esse foi o texto que ganhou. Antes ainda do lançamento da revista. Pra acabar com a curiosidade e aproveitar que a notícia tá quentinha pra eles já lerem. Então acaba criando esse banco de dados que tá ali e eles acabam lendo até pra se inspirar pros próximos. Porque eles vão escrever, né? Acaba incentivando outras crianças a ler e escrever também.

Pesquisadora - Ai, que legal. E quando não tem alunos vencedores?

Entrevistada - Eu não sei. Nunca tive.

Pesquisadora - Sempre teve alunos vencedores?

Entrevistada - Sempre teve.

Pesquisadora - Certo. Mas vamos supor que tem 15 que participam. Certo. Quatro ganham. E os outros? É mencionado que eles participaram?

Entrevistada - Nós fizemos o quê? Nós fizemos um card com o total de alunos que se inscreveram e o total de alunos que se classificaram. Só isso. Mas a gente não fala, não divulga o texto deles. O texto fica ali. Alguns alunos inclusive pedem o texto pro ano seguinte, eles pedem o texto de volta porque acabam perdendo os rascunhos pra eles reescreverem. Já aconteceu. Pra eles reescreverem, pra eles melhorarem, amadurecerem a escrita. Às vezes até eles fazem a transposição de gênero. E aí eles têm a ajuda dos professores que acabam também incentivando isso.

Pesquisadora - Digamos que eles reciclam o texto que não venceu. E de certa forma, se eles forem divulgados, não passa a ser mais um texto inédito.

Entrevistada - Isso. Exatamente. Por isso que a gente acaba não divulgando esse texto. Até porque assim, um texto não classificado. Eu não posso expor ele. Eu não vejo como algo apreciável dizer que ele não foi classificado. Então a gente acaba não divulgando. Dentro da escola, sim. Os textos dentro da escola, eles vão pro mural. Quando a gente submete lá pro concurso, eles já ficam no mural, que é interno, pras crianças lerem os textos que foram.

Pesquisadora - Mesmo sem saber se eles vão?

Entrevistada - Mesmo sem saber o resultado. Antes do resultado, os textos ficam expostos na escola. A gente acredita que não quebra o sigilo do texto porque ele não é público.

Pesquisadora - Ou o ineditismo, né?

Entrevistada - Isso, o ineditismo. Não quebra isso. Porque ele tá ali dentro da escola. Ele não foge. Mas divulgar antes não dá.

Pesquisadora - E depois, aquele texto que tá ali no mural que foi vencedor, aí?

Entrevistada - Aí a gente faz a divulgação nas redes sociais. No Facebook, no Instagram, no WhatsApp.

Pesquisadora - Na sua opinião, o concurso da ACLe, ele contribui para a escrita literária dos estudantes?

Entrevistada - Com toda certeza. Com toda certeza, tá? Eu digo isso bem segura, porque eu vi na minha casa. Minha filha queria escrever crônica, mas ela nunca tinha escrito crônica, ela não sabia o que era crônica. O que ela teve que fazer? Ela teve que pesquisar o que é uma crônica, como que se faz uma crônica. Então, o fato dela se interessar pelo gênero, ela e outras crianças, se interessar pelo gênero, pesquisar o gênero, saber como escreve o gênero, lançar lá suas primeiras linhas e querer escrever um pouco sobre aquele gênero que até então era desconhecido, já é uma forma de aprender. E é um aprender bem autônomo. E a curiosidade, eu acredito que a curiosidade ainda faz eles aprenderem. Vinte e cinco anos de sala de aula, eu vi que aonde os alunos mais aprendem, é onde eles mais têm curiosidade. Porque tem aquela... espírito de investigação, de querer saber o que é a ciência, o que é a pesquisa. Então, eles se tornam uma ação. E é essa ação que faz eles aprenderem mais. Do que só a imposição do conteúdo do mês, o conteúdo da semana. Pode aprender ali? Com certeza. Dependendo das metodologias que forem usadas. Vai aprender? Vai. Vai alcançar resultados? Vai. Mas quando eles estão mais curiosos, é onde eles aprendem mais. Então, essa participação, o incentivo que a ACLe traz por meio dos professores ou das equipes diretivas, quando levam o concurso para dentro

da escola, com certeza faz as crianças aprenderem mais sobre os gêneros textuais.

Pesquisadora - Na tua opinião, a escola é lugar de formar escritores?

Entrevistada - Com toda certeza. A gente não nasce escrevendo. A gente aprende a escrever. Assim como a gente aprende a falar. Então, todo mundo escreve. Todo mundo escreve. Nem todo mundo é escritor publicado. Mas todo mundo escreve. E escrever bem passa pela escola. Independente de ter concurso ou não, a escola é, sim, um palco de formar escritores. Principalmente quando tem professores que escrevem, que levam esse brilho. Porque é uma experiência. Quando o professor leva a experiência sua ou dos colegas, e na nossa região temos bastante pessoas que escrevem, que publicam seus livros, levar essas pessoas para a escola é, sim. Incentivar outras crianças, outros meninos, né, outras meninas a escreverem também. Eu acredito.

Pesquisadora - Você já participou de concursos da ACLe, como já tinha me falado, e de outros concursos? Já participou, já foi premiada? Tem livros publicados?

Entrevistada - Tenho. Eu participei do concurso da ACLe, foi o meu primeiro, em 2003. Depois, por conta da graduação e pós-graduação, a gente acaba se dedicando muito mais à escrita acadêmica do que à escrita literária. Eu só voltei a participar em 2006 e depois em 2019. Então, eu fiquei um longo tempo sem participar. Então, em 2019 eu voltei a participar. E de lá para cá, eu sempre tenho escrito e tenho sido premiada nos concursos da ACLe, em todos, de 2019 para cá, geralmente, no gênero poemas, que é o que eu escrevo mais, e em 2019 ainda eu participei de um concurso de uma editora de Minas Gerais, de Unaí, Minas Gerais, e lá nós escrevemos poemas inspirados em contos infantis. Nós fizemos transposição de gêneros, de gêneros literários. E deste concurso, eu passei com quatro poemas infantis, bem gostosinhos, gosto bastante, que é o Fantasticamente, contos de fadas em poesias. Nesse mesmo ano, eu submeti um projeto do meu livro, meu primeiro livro, Solo, que é o Poetizando no Ócio, que ficou 13 anos na gaveta, esperando adormecidos até o dia que eu decidi abrir eles ao mundo. Foi publicado por um clube de poesias. Foi publicado por um clube de publicação, quase um consórcio de escritores, nós nos reunimos em 10 pessoas, e todo mês era feito o lançamento de um dos escritores. Então, o meu foi o primeiro. O meu livro foi o carro-chefe da editora Frutificando, que é essa editora do Rio de Janeiro. Então, foi o primeiro livro lançado por essa editora, e ela está indo ao mercado até hoje, lançando 4, 5 livros por mês. E o meu foi o primeiro. E ele surgiu do projeto Frutos da Poesia, que era um grupo de poetisas. Poetas do Instagram, Frutos da Poesia. Então, eles têm uma página que foi encerrada depois que eles abriram a editora, não conseguiram mais manter o projeto, mas já tinha ali um hall bem grande de pessoas que conheciam o projeto. Depois disso, eu lancei um livro só de poemas infantis, inspirado lá pela editora de Minas Gerais, que é o Jujubas, Caramelos e Outras Poesias. E aí, mais de 20 antologias, nem sei mais, já perdi as contas. Bastante antologias. Bastante antologias, assim, muitas, assim. A gente sabe como é que elas funcionam, né? Essas antologias são por adesão, mas eu gosto delas, elas têm

um significado, né? Essas participações, assim, são bem importantes e acabam fazendo a gente conhecer escritores do Brasil inteiro, e até de outros países, né? É bom conversar com gente que escreve também.

Pesquisadora - Você faz parte de alguma Academia de Letras, Associação de Escritores, gostaria de fazer?

Entrevistada - Hoje, Cris, eu participo da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina. A minha posse foi em 2019. Eu ocupo a cadeira 14 e a minha patronesse é a Patrícia Galvão, a Pagu. E eu participo também da AJEB, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil de Santa Catarina, desde 2019 também. Então, 2019 foi o ano que eu resolvi colocar a minha literatura na rua, os meus textos. E foi o ano da pandemia, daí dei uma esfriadinha. Nunca consegui fazer o lançamento dos meus livros, porque os dois foram lançados na pandemia. Então, assim, mas o sabor é o mesmo. É saboroso ver os livros serem lidos pelas crianças. Eu acho que não tem outra coisa. Não precisa lançar o livro. Uhum. Não precisa lançar. Ele precisa ser lido.

Transcrição da entrevista: João Carlos

Pesquisadora - Então, João, vamos começar, né, perguntinhas básicas, nome completo, né?

Entrevistado - João Carlos Zeferino.

Pesquisadora - Idade?

Entrevistado – 55 anos

Pesquisadora - A tua formação, João?

Entrevistado - Eu sou autodidata, mas tenho formação técnica em cinema e tenho o ensino médio, né, assim, dentro do normal, assim, Brasil aqui.

Pesquisadora - Certo, ensino, até o ensino médio. No caso, né?

Entrevistado - É, mas tenho formação em cinema, né?

Pesquisadora - E aí, depois, tem a formação em cinema. Ah, legal. Então, a tua profissão, João?

Entrevistado - Eu já trabalhei com várias coisas, assim, né? No momento, eu tô na área literária, vendendo meus livros.

Pesquisadora - Certo, então, a tua profissão, escritor e cineasta também, tu faz algum trabalho como, ainda na parte de cinema, assim?

Entrevistado - É, tenho projetos em andamento, mas ainda nada que eu possa divulgar, né?

Pesquisadora - Isto. Então, tua profissão, escritor, certo? Beleza. Quando tu ganhou o primeiro concurso, né, confirma pra mim, tá ali que tu estudavas no CEJA.

Entrevistado - Isso, exato. Era um Centro de Educação de Jovens e Adultos. Existia um, até uma certa, quando se falava CEJA, o pessoal meio que tinha um certo preconceito, né? Foi legal que eu consegui quebrar alguns estigmas, assim. Então, na época, foi o Ronaldo Davi, foram outros acadêmicos lá na escola. Eu trabalhava, depois de um tempo, comecei a trabalhar pro Diário Catarinense, também, como colunista especial. Então, ajudou bastante, assim, a divulgar a escola, né? Porque sempre tinha aquilo que, ah, porque o CEJA era pra quem tinha parado de estudar, por algum motivo, né? No caso, o meu também foi por isso. Eu tive algum motivo pessoal pra parar e, depois, terminei, concluí o ensino médio ali. E, então, foi bem legal, assim, ter ganho o concurso, o pessoal da academia ter ido lá. A gente quebrou alguns paradigmas. Interessante isso, né?

Pesquisadora - Isso, é mesmo. Porque eram alunos do Maristas, do Energia, do Sedupe. E aí, você percebe que foi, né, que foi realmente, foi uma quebra, né? E foi uma quebra e mostrar aqui, né, as pessoas.

Entrevistado - E incentivou, exato, incentivou outros alunos de lá a sonhar alto, a pensar grande, entendeu? Foi bem legal isso aí.

Pesquisadora - Então, e aí, então, depois dessas perguntas, né, básicas, pra gente te identificar, a minha primeira pergunta é assim, como você ficou, não sei se tu lembrás, né, porque você ficou sabendo do concurso da academia, né? Porque a academia foi formada em 97.

Entrevistado - Ah, isso faz, já vai fazer esse concurso 24 anos atrás, né? Faz tempo, foi 2000, 2001. Então, 99. É, acho que foi em 99, não foi em 2000? Não, foi em 99 o concurso, e aí ele foi publicado na revista acadêmica da academia. No ano 2000.

Pesquisadora - Isso, exato. É isso aí.

Entrevistado - Então, faz tempo pra caramba. Nunca mais tinha pensado, voltado a pensar nisso, né? Mas eu acredito, eu lembro, eu lembro, assim, que alguém me falou sobre o concurso, né? E aí eu acordei uma manhã e pensei, puxa, eu tava estudando na época no SENAC, fazendo um curso técnico de redação, tinha isso na época, né? O que tinha mais próximo, assim, pra ajudar quem tava começando a escrever era isso. E aí eu tava fazendo esse curso, e aí eu tinha um professor de linguística, né? Trocava umas ideias com ele e tal, de Florianópolis, muito bom. E aí eu já tinha, tava desenvolvendo essa história da bailarina para uma prova. Dentro do curso, né? E justo esse conto foi uma homenagem que eu fiz à minha mãe, né? E era uma história, era uma história dela, e aí eu, claro, eu romanceei ela, né? Fiz o conto. E aí participei, e aí foi interessante, que eu lembro bem, foi do dia que comunicaram que eu tinha ganho. Eu tava dentro de um supermercado, tava com o celular, era um Nokia daqueles ainda, era um Nokia de, não era cartão, porque não tinha cartão micro ainda, era com número só, mas era pré-pago, né? Aí ligaram pra mim e tal, daí eu peguei, fiquei super contente, e foi bem legal, assim, teve uma repercussão muito grande. Como tu falou, né? Naquele concurso teve uma repercussão muito grande, foi bem valorizado. Nos outros, agora, mesmo tendo muitos ganhadores, parece que não tem tanto, sabe? Não se valoriza tanto, é como a cultura em geral no país, assim, né? Mas eu friso que o trabalho que a academia faz é muito importante, assim, sabe? Ele ajuda a descobrir muitos talentos, incentiva. A ACLé que faz um trabalho muito legal, fenomenal, assim.

Pesquisadora - Segunda pergunta: como foi a produção do texto pra participar do concurso? Foi por iniciativa própria, por incentivo da escola, dos professores? Mais ou menos, tu já me falasse aqui, né?

Entrevistado - É, que eu tava estudando, né? E tava desenvolvendo como um texto da prova, assim, entende?

Pesquisadora - Essa prova, a prova do SENAC?

Entrevistado - É, isso, num curso de redação. Aí, quando eu achei que era interessante aquele conto pro concurso, mandei.

Pesquisadora - Você já tinha o hábito de escrever, né? Antes de participar do concurso, ou foi a tua primeira experiência de participar de concursos literários, foi a tua primeira experiência?

Entrevistado - Não, eu já estava criando histórias. Eu comecei criando histórias em quadrinhos desde muito cedo, assim, os 15, antes dos 15 eu já escrevia quadrinhos, né? E aí eu desenvolvi a história dos personagens, eu fazia, desenhava e tal. Então, eu tive uma namorada que ela pegou e incentivou para que eu começasse a escrever textos, né? Assim, contos, crônicas e além dos quadrinhos, aí eu peguei. E aí, aceitei o desafio, isso, muitos anos depois, né? E aí comecei a escrever meu primeiro romance, eu já estava escrevendo.

Pesquisadora - Como é que foi receber a notícia de que havia ganhado o primeiro concurso da academia? E aí tu me falou que foi dentro do supermercado, né?

Entrevistado - Fiquei bem feliz, nossa, foi muito legal.

Pesquisadora - E aí, e depois de ter recebido essa notícia, como é que foi a repercussão, assim, na escola, na família, nos amigos, teve repercussão? Como que foi, assim, ganhei, fiquei sabendo, divulgaram, não sei como é que divulgaram.

Entrevistado - Ah, foi ótimo, assim, né? Foi, foi tipo assim, como o primeiro degrau, assim, sabe? Na parte literária, sim, porque é um reconhecimento, então, já foi um reconhecimento que deu um gás para eu dar o segundo degrau, e assim, subindo, né?

Pesquisadora - E assim, a escola veio conversar contigo?

Entrevistado - Ah, é, antes disso eu já tinha um relacionamento muito bom com a diretora, os professores, né? Tinha a dona Pedrinha, que era diretora do CEJA na época, então, ela ficou super feliz, assim, né? Todos os cursos que tinha lá, que aparecia no CEJA, eu fazia, então, ela gostava que eu era bem dedicado nos estudos, assim, eu gostava muito de aprender e gosto ainda. E aí, ficaram super felizes, né? Imagina? Claro. Eu lembro que gravaram até um vídeo na, chamaram alguém para fazer uma reportagem comigo, para gravar. Eu não sei, nem, nunca assisti, nem sei que fim que levou esse vídeo, mas fizeram um vídeo lá na escola, né?

Pesquisadora - Foi, tu achas que foi a TV, eles chamaram alguém da TV na época, o portal de notícias?

Entrevistado - Não, não foi, foi particular, a escola chamou alguém, alguém de alguma produtora, que daí gravou para a escola um arquivo, alguma coisa, mas eu cheguei a perguntar depois, mas eles, não sei se perderam esse material, alguma coisa, mas foi, foi interessante.

Pesquisadora - E os jornais também, da época, eles, né, na época?

Entrevistado - Pois, os jornais cobriram muito bem, foi muito legal. O Ronaldo Davi, ele tinha uma dedicação, engajamento muito grande, né, assim, então, eu lembro bastante, eu tive muito incentivo dele, assim, é sempre, incentivou muito, assim.

Pesquisadora - João depois do concurso você continuou a escrever, certo?

Entrevistado - Sim, eu já escrevia o romance, né eu já vinha escrevendo

Pesquisadora - Mas o concurso te deu um gás?

Entrevistado - Claro, com certeza é, o concurso foi a partir de uma do momento que tu participaste do concurso ganhou aquilo, te deu claro, né, lógico se tu ganha um concurso é um incentivo.

Pesquisadora - Quais são os gêneros que tu escrevia ou escreve?

Entrevistado - Eu comecei escrevendo contos depois eu comecei a trabalhar pro jornal, eu escrevia crônicas, né e o meu primeiro romance é de literatura fantástica e depois eu comecei a fazer conto infantil, assim e infanto-juvenil e é assim, eu tenho facilidade pra escrever, né, vários gêneros assim, então eu tenho dois livros de literatura fantástica tenho um livro de é uma distopia que é uma comédia futurista bem interessante também e tenho dois contos infantis publicado e tenho vários crônicas e contos publicados também.

Pesquisadora – Depois do concurso da academia, participasse outras vezes, tu ganhou a primeira vez, e participasse outras edições?

Entrevistado - Não, não, não, eu tenho assim, eu tenho uma coisa que eu uso pra mim, eu sempre falo pra qualquer pessoa, sempre digo assim, ó, tu participou de um concurso, tu ganhou aquele concurso, primeiro lugar, não tenho necessidade de tu continuar participando mais, né?

Pesquisadora - Você faz parte de alguma academia de letras? Eu sei tu fazes parte da ACLe, e tu fazes parte também da academia de filosofia ainda?

Entrevistado - Isso, também. Todas as duas eu não tô assim, eu não frequento, né? Eu não tenho como frequentar, uma que eu não tô mais na cidade e a outra devido a várias outras questões, mas assim, sou membro, né, de todas as duas, assim, membro não ativo.

Pesquisadora - E como é que é o nome da outra academia?

Entrevistado - A outra é Academia Criciumense de Filosofia.

Pesquisadora - E como é que tu te tornou membro das duas? Pode te concentrar da de letras, né?

Entrevistado - É, o da ACLe foi assim, eu tava numa feira do livro, sabe que tem aquelas mesas lá que tu fica e o público responde e tal, sabe? Então, eu tava numa noite dessa e tava, na época, presidente da academia, não me recordo o nome dela agora, mas gente boa, assim, só que faz muito tempo isso, faz tempo. E aí tava o professor Jorge, Jorge Darós. Então, daí eu tava ali nessa feira do livro, tava na mesa ali, certo? E aí o professor Jorge Darós, ele já leu os meus livros e tal, e o cara gosta muito do meu trabalho, ele falou muito bem do meu trabalho, na mesa. Então, falou assim, foi espontâneo dele, né? Ele falou muito bem do meu trabalho e tal, e aí a presidente, ela olhou pra mim assim, daí, depois que terminou ali, como que eu não te conheço? Ela assim, daí eu assim, eu tô na feira do livro todo ano, não sei, né? Eu tô todo ano na feira do livro. Aí ela assim, não, mas tu tem que vir pra nossa academia de letras e tal, e tal, e tal, daí eu tá bom, eu agradeço o convite, eu aceito, né? Aí ela conversou com o pessoal na época e aí eu né, entrei na academia na ACLe, né? Foi bem legal, assim. E foi um prazer. E da Academia de Filosofia, eu era colunista do Diário Catarinense. E como eu escrevia, e sempre escrevo, né? O que eu escrevo é sempre assim, uma forma de ajudar a compreender o dia a dia, como que a gente vive, e também pra ajudar, né? Assim, os mais jovens, a habilidade de pensar, entendeu? De questionar as coisas, de pensar. Assim como eu gostaria que tivessem escrito pra mim ler isso, sabe? Então, é assim. Então, eu escrevia as crônicas de uma forma divertida e inteligente, né? Pra questionar. E aí esse pessoal da Academia de Filosofia teve um senhor que ele gostou muito, ele acompanhava as crônicas, e aí ele disse, olha, eu gostei e gosto muito das tuas crônicas, e eu gostaria de te apresentar na Academia de Filosofia que eu quero te apresentar como convidado pra te entrar na Academia. E aí foi assim, acabei entrando lá.

Pesquisadora - Onde é que tu achava os regulamentos pra participar de concursos? Ou era ouvindo a rádio, ou era olhando o mural,

Entrevistado - Era complicado, era complicado, era bem, hoje em dia tá tudo bem, assim, mastigado, tá fácil, né? Claro, a gente tá numa, a gente tá numa mudança de paradigma, né, Cris? Tu vê que com essa inteligência artificial, com as pessoas lendo muito pouco, né, muita, muita coisa digital, eu eu não sou crítico da parte digital, eu gosto de tecnologia, amo tecnologia, na verdade, eu só procuro me policiar, né, porque senão eu tô bem a par de tudo que tem, de inteligência artificial, de tudo, assim, só que eu não me envolvo demais, porque eu eu sou de, é, muito, me concentro demais quando eu vou fazer, eu tenho muito foco, entende? É um hiperfoco, assim, então eu evito se não me prejudica, né? E, assim, ó, o que eu noto é que tá tá uma mudança de paradigma aí com essa inteligência artificial, é, ela faz cópia de vários trabalhos, por exemplo, se tu tens um trabalho teu que tá na rede, a inteligência artificial, aquele machine

learning, ele já pegou, então ele pode usar o teu trabalho e plagiar ele de uma forma que a gente não pode ter recurso, entendesse? Ela pega, ela cria, cria, cria entre aspas, ela cria livros em cima de outros livros, é igual uma colcha de retalho.

Pesquisadora - É complicado isso, né?

Entrevistado - Então, é assim, ela pega, tem um zilhão de livros, e tu pede pra escrever um livro tal, tal, tal, tu tem uma ideia, tu coloca ali, ela pega tudo que ela aprendeu desse um zilhão de livros que tem espalhado pela rede, ela junta esse material e ela cola naquilo que tu pediu e faz a história, não cria nada novo, ela pega o que já tem de dentro, cria ideias, entende? É isso que a inteligência artificial faz, porque ela não tem o que a gente tem, que é uma consciência, né? A gente cria, a gente tem uma consciência, então a partir de uma ideia tu cria coisas novas, até a partir de uma história que tu ouviu, tu cria coisas novas, mas a inteligência artificial, ela não faz isso.

Pesquisadora - E como escritor, João, como é que tu vê esse avanço da inteligência artificial?

Entrevistado - Eu vejo de uma forma positiva, mas assim, é vai mexer bastante com a estrutura de tudo, porque vai vir muita porcaria, vai vir muita coisa ruim, vai vir muita coisa boa, mas que é cópia já de coisas boas que já tem, mais ou menos ilustrando seria assim, tu tem uma pintura linda, linda, que é de uma gaivota, um pôr do sol e um mar, aí tu vai lá na inteligência artificial e tu pede, eu quero uma pintura linda de uma gaivota, pôr do sol e o mar. Ela não vai pegar aquela igual que tá lá, mas ela vai pegar a ideia daquela e vai trazer pra cá e trazer pra ti uma linda, copiando aquela. Entendeu? Sim. É assim, então tu vai pedir, ah, eu quero uma história de um velho que vai pescar lá no mar e daí ele pega um peixe que é muito grande e ele fica lutando com esse peixe e tal. Ele vai lá no velho e o mar do Hemingway e traz pra ti, e depende do parâmetro ali de como tu botar o prompt, ele vai te trazer uma história no nível tipo aquela. Então quem lê, nossa, que maravilhoso. Pra quem nunca leu o velho e o mar, é. Mas tu já leu o velho e o mar, poxa, isso aqui é uma cópia.

Pesquisadora - Eu fico pensando assim, para concursos literários como é o caso da ACLe, né?

Entrevistado - Olha, já era para ter todos os concursos, não sei se tem, uma cláusula já que não pode usar a inteligência artificial. Já era para ter já há um ano já.

Pesquisadora - Pois é, mas e como também vai conseguir identificar, né? O texto produzido? Alguma coisa?

Entrevistado - É, não, daí vai da expertise da pessoa, né? Aí tem que a pessoa estudar um pouco a inteligência artificial para ela ter a base, senão não vai saber. É. Se não, uma pessoa comum não vai saber diferenciar.

Pesquisadora - Na tua opinião, já que a gente voltou a falar de concurso literário, né? Concursos literários, tipo como o concurso da ACLe e até mesmo outros concursos, eles contribuem para a escrita dos estudantes?

Entrevistado - Eu vou te responder com assim, ó, tipo assim, até um ano e meio atrás ajudava todos os concursos literários, agora com até vou incluir isso, porque eu queria falar isso para ti, que a gente até entrou na inteligência artificial. Hoje com a inteligência artificial qualquer um tem acesso ao chat GPT ou ao Bling ou alguma outra ferramenta. Então, é difícil o aluno ou a pessoa que não vai lá e vai se utilizar dessa ferramenta, é difícil. Então eu penso assim, o que deveria ter, deveria ser concursos que a pessoa escrevesse na hora. Tipo, eu tive uma experiência anos atrás em Florianópolis, na Feira do Livro, que era o concurso literário na feira. Tipo assim, ó, tu sentava na frente de um computador e tu tinha um tempo para elaborar uma história ali na hora, tu só tinha o Word ali, não tinha acesso à internet, nada, entende? Então tu escrevia a história, tinha um determinado limite de páginas ou de palavras, escrevia na hora, salvava o teu arquivo com o teu nome e telefone ou e-mail. Certo? Aí ali tu realmente tinha que saber escrever.

Pesquisadora - Na escola, o professor faz o que? Dá o tema, ou deixa o tema livre, mas geralmente nós professores pedimos pra fazer uma produção em sala de aula, né, onde os alunos não têm acesso a um chat GPT e nada, e aí quando eles nos devolvem o texto, cabe ao professor ler, corrigir, né, dar alguma alguma dica, né, instrução pra arrumar uma coisa e outra e tal, mas é a produção que é feita em sala de aula.

Entrevistado - Legal. Eu fazia muito isso lá no CEJA também, escrevia, a professora pedia e tal, é bem legal isso aí.

Pesquisadora - E aí isso, nesse caso, esse tipo de produção que é feita assim, em sala de aula, sem interferência de aluno levando texto pra casa, trazendo texto pra casa, tu acha que isso funciona?

Entrevistado - Funciona, e nos concursos eu acredito que como tem essa inteligência agora, a maioria, a maioria, não tô dizendo todos, é lógico, tem aqueles que gostam de escrever, né, mas a maioria, até aqueles que gostam de escrever vão ser tentados a usar, né, como experiência ou pra ver e tal, entende? Eu já olhei como é que funciona a coisa pra aprender, eu vou ver como é que é isso aqui. Aí eu vi, ah, tá copiando? Tá copiando disso, daquilo, já tô vendo. Então, então assim, os concursos vão ter que ter um critério muito, muito legal, assim, na hora de avaliar, e os ganhadores, eu acho que teriam que ser avaliados pessoalmente. E, tipo assim, ah, tu escreveu o texto, tu ganhou, agora tu vem aqui e tu dá uma síntese do texto que tu escreveu, aqui, ó. Aí se ela realmente escreveu, o texto faz parte dela, ela vai conseguir colocar ali. Se foi a inteligência artificial que escreveu, a hora que ela escrever, tu vai perceber que não foi ela. Isso. Não tem que ter critérios, né, vão ter que ter algum critério, senão vai ficar uma coisa muito, muito desleal, né, pra eles que têm talento e, às vezes, não têm acesso à tecnologia, ou que não usam a ferramenta, né.

Pesquisadora - E também tem assim, né, depende da idade da pessoa, também dá pra um pouco imaginar o da linguagem que a pessoa usa.

Entrevistado - Também, também é pra ti, que a professora tu consegue ver. Sim, sim. Daí não tem aquela vivência, não tem o lado emocional de criar o personagem daquela forma, né. Claro, claro, exatamente, dá pra perceber.

Pesquisadora - Também tem quem, né, eu acredito que quem vai fazer essa seleção tem que estar já bem preparado e bem treinado com esse olhar.

Entrevistado - É, não sei se estão assim, né, mas espero que estejam, né, vai ser pra contribuir, né, realmente pra pessoa ter porque é uma ferramenta, né, então é tipo, vamos supor, tu tu quer criar uma obra, né, de arte, um quadro, né, tu vai lá e pinta, tu vai, tu tem toda aquela dedicação, inspiração, vai ali fazendo, porque se for lá e fizer uma cópia, pode ficar o mais bonito que seja, mas é uma cópia, né. Não é original, né.

Pesquisadora - Tu achas que a escola é lugar de formar escritores?

Entrevistado - Eu acho que a escola é lugar de ajudar em tudo, né, desde que, se o professor for bom e ele vê o talento do aluno, ele pode ajudar, né, a orientar o aluno pra ler bons livros, assistir bons filmes, a ter uma boa escrita, vai de cada professor, eu acho isso. Não é muito a escola como instituição, né, acho que vai de, vai mais de cada professor, né. Eu tive excelentes professores que incentivaram, né, que eu tive aqueles também que fizeram eu ter medo até da da matéria, das coisas, então, vai muito do professor. O aluno também, né, eu acho que é assim, é muito o aluno querer também, né, aprender, o professor daí tá disponível pra ele pra ajudar a encaminhar, né. Mas é uma, é muito do aluno, acho que é metade aluno, metade professor, né.

Pesquisadora - E onde nasce o escritor?

Entrevistado - É, eu acho que o escritor é como, é como um pintor, um músico, sabe, eu acho que é uma coisa natural, quando tu gosta de criar histórias, no caso, escritor, eu lia, eu gostava de ler, eu, pra mim, um dos melhores escritores de todos os tempos é Júlio Verne, então, eu lia muito Júlio Verne quando era criança, eu achava incrível, assim, fantástico a capacidade dele de criar aqueles mundos e tudo, e aí, quando eu tinha 10 anos, nem foi o Júlio Verne, mas foi o Jorge Lucas, com aquela saga do Star Wars, né, e aí eu peguei, eu olhei aquilo e pensei, nossa, eu quero criar histórias assim, histórias fantásticas, assim, sabe, que extrapolem a realidade, né, façam tu ter, e eu acho que é isso, é uma coisa que tu sente, sabe, se eu acho, se é na música, eu acho que a criança, ela sente, ela ouve a música, ela sente, aquilo inunda ela, e ela quer tocar, e eu senti vendo, lendo e vendo as imagens, né, de um filme, lendo Júlio Verne, vendo as histórias do Star Wars, e daí aquilo ali me deu, assim, sabe, inspiração pra eu criar minhas histórias, assim. E o papel da leitura, da leitura e da literatura nisso. É, fundamental, né, depois aí eu tive boas pessoas que me orientaram.

Pesquisadora - Como é que tu vês o futuro da academia da, da ACLE?

Entrevistado - Então, eu não sou um membro, eu não sou um membro ativo, né, então eu não tenho como opinar, porque eu não estou frequentando as reuniões e tal, assim, eu vejo, assim, ó, como qualquer academia, qualquer, qualquer instituição, tem que estar se renovando e se atualizando sempre, que eu acredito que é o que a ACLE deve estar fazendo, né, e ela é importante, porque esse concurso que ela faz e continua fazendo é um concurso muito importante no estado e até fora dele já, né. Então, vejo que é muito importante.

Transcrição da entrevista: Beatriz

Pesquisadora: Então, vou começar perguntando o seu nome completo.

Entrevistada - Beatriz Leal Vieira. Certo.

Pesquisadora - Qual é a sua idade?

Entrevistada – 42 anos

Pesquisadora - A tua formação?

Entrevistada - A minha formação é acadêmica, é administração com especialização em comércio exterior, com pós-graduação também em relações internacionais e comércio exterior. E agora eu sou estudante de letras.

Pesquisadora - E qual é a tua profissão?

Entrevistada - Eu sou analista de comércio exterior, de importação e exportação. Trabalho há 20 anos numa empresa química, uma empresa italiana, sediada no Brasil, ela fica em Campinas. E eu trabalho em home office aqui em Criciúma.

Pesquisadora - Certo. E em que escola tu estudavas, e que série tu estavas quando tu ganhaste o concurso da ACLe?

Entrevistada - Eu tava estudando curso técnico lá no CIS, que seria mais ou menos terceiro ano, porque era terceiro e quarto ano no técnico. Aí eu tava já acho que no último ano, no quarto ano, do curso técnico de comercialização e mercadologia do CIS.

Pesquisadora - Que hoje se chama CEDUP.

Entrevistada - É, que mudou depois para CEDUP.

Pesquisadora - Como que você ficou sabendo do primeiro concurso da ACLe?

Entrevistada - Olha, foi uma coincidência assim bem pontual. Eu escutei na rádio, na época que eles estavam lançando esse concurso, que era a primeira edição do concurso para a região de Criciúma e que o regulamento deveria ser retirado na Fundação Cultural. E aí, dali, eu fui na Fundação Cultural, que era ali na, que agora voltou, né, para o Jorge Zanatta, ali na casa. Fui ali, tirei o folderzinho que eu tenho até hoje guardado, e dali eu escrevi a minha poesia.

Pesquisadora - E como foi a produção do texto para participar desse concurso? Foi por iniciativa própria, incentivo da escola, dos professores? Poderia contar como aconteceu essa produção?

Entrevistada - É assim, eu já escrevia muitas poesias, mas era algo que só eu sabia, ninguém nunca mostrava para mim, professor, nada, ninguém sabia, até familiares não sabiam. Era como se fosse uma válvula de escape para mim, né? Eu sempre fui uma pessoa mais retraída, mais tímida, então, era uma forma de soltar minhas feras, assim. E aí, quando eu fui para fazer a inscrição, eu disse, não, vou ter que fazer uma coisa mais elaborada. Na época, eu frequentava uma igreja, e tinha um pouco mais, assim, naquela fase da vida, uma questão de espiritualidade mais conectada, digamos. Eu estava numa fase, exatamente, de conexão, assim, de conhecer o lado espiritual da vida, digamos, né? Uma nova jornada. E aí, eu escrevi um poema chamado Ao Som do Teu Nome, que era inspirado em uma música também, uma música gospel. E aí, eu comecei a, disse, não, vou ter que fazer um negócio bonito, mas, ao mesmo tempo que era algo espiritual, eu também brincava muito com as questões da letra, da palavra. Né? Porque eu falo do eu te-ti-contigo, alguma coisa do infinitivo, coisas muito, vocabulário, muito ligado à gramática. Então, eu fiz esse jogo. E coloquei, foi só, eu acho que foi só uma poesia mesmo que eu escrevi. E aí, eu venci, mas eu fiquei, assim, não acreditando que eu tinha conseguido. Porque até então, ninguém tinha visto, ninguém tinha visto, ninguém tinha visto, tinha dito, sabe, escreve bem ou mal ou mais ou menos era uma coisa minha, assim e, bom,

Pesquisadora - Participar de concurso literário também foi a primeira vez?

Entrevistada - Foi, foi a primeira vez

Pesquisadora - E como foi receber a notícia de que tu havia ganhado o concurso? a repercussão entre as pessoas?

Entrevistada - Eu me lembro que eu fui informada que eu tinha vencido através de um jornal local eles ligaram pra minha casa e disseram que queriam conversar comigo porque eu era a vencedora do primeiro concurso e eu lembro que eu até, assim se eu não me engano era um jornal conhecido, né? eu achei assim, você está brincando comigo? era uma piada, alguma coisa assim porque já tinha sido anunciado e logo em seguida que anunciaram eu acho que algumas horas depois eles ligaram pra mim então eu fiquei muito, assim, surpresa sem ter nem o que fazer, falar, né? e em seguida começaram as publicações em jornais locais é com fotos, entrevistas e aí foi uma surpresa geral assim, pros meus colegas da sala, ninguém sabia que eu escrevia professores nossa, você escreve nossa então foi uma surpresa geral até pra família, né? apesar de eu sempre ler muito é uma prática da casa da família, eu e minha irmã sempre lemos muito mas a escrita em si a publicação nunca foi algo nunca foi comum, né? em casa

Pesquisadora - certo e você continuou a escrever depois do concurso já escrevia antes continuou a escrever depois quais gêneros? tem algum livro publicado? participou de alguma coletânea?

Entrevistada - Então, é eu venci o primeiro concurso em poesia e sempre esse, digamos foi o meu gênero o meu gênero forte e preferido porque é uma maneira que eu consigo me me comunicar, me expressar melhor ao longo dos anos que já faz muito tempo eu fui aqui e ali ousando ali nos contos nas crônicas tive outras

premiações pela academia em outros gêneros e é interessante que a partir do momento que eu fui divulgada eu comecei a ter contato com outras pessoas que escreviam então isso foi abrindo oportunidades em publicações em coletâneas dentro do estado e fora em Santa Catarina e aí eu publiquei durante esse tempo dois livros o *Ao som de Teu Nome* e o *Novas Cartas* estou escrevendo o terceiro mas e participei de várias coletâneas participei das oficinas do SESC onde a gente também aprendia um pouco mais e aperfeiçoava mais essa escrita e sempre é importante também lembrar que esse trabalho com a academia não ficou somente naquela publicação do solo eu tive meio que um olhar um pouco mais de perto pelo Ronaldo Davi que me chamaram para os eventos culturais da cidade nas feiras para falar para que os outros escritores novatos também vissem e se identificassem comigo então foi uma uma imersão assim na cultura

Pesquisadora - O livro *Ao Som de Teu Nome* foi o teu primeiro livro solo e ele foi uma publicação da academia também foi uma premiação da academia tu podes falar mais dele como aconteceu?

Entrevistada - Bom então, aí depois de vários concursos da academia que premiava apenas textos isolados crônicas, poesias e contos eles fizeram o primeiro concurso para premiar um livro então eles publicariam o livro como resultado de um concurso e naquela ocasião eu lembro que foram eu não me lembro quantas pessoas que concorreram comigo e eu lembro que foram mas tiveram muitas e como foi passado muitos anos eu já tinha um material digno de um livro, digamos eu já tinha muitos anos de escrita então eu conseguia já selecionar textos que coubessem em um livro eu não precisei vou escrever algo para o livro eu já tinha um histórico de poemas que davam um livro. Então eu selecionei algumas, montei e mandei. E óbvio que no meu ponto de vista eram as melhores poesias que eu tinha, né? E deu certo, aí eu recebi também o prêmio e aí eles fizeram também, através do Ronaldo Davi, que foi a principal pessoa que eu tinha contato, todo o processo de publicação, desde a escolha da foto, ele escreveu o prefácio, depois fizemos toda a organização de os capítulos, de como seria, e aí publicamos o livro.

Pesquisadora - E foi feito o lançamento também desse livro?

Entrevistada - Foi feito duas peças de lançamento, eu lembro. Uma foi no Bortoluzi Center, que foi realmente a oficial, né? E aí depois teve na Fundação Cultural, onde eu acho que tinha o Café, Café Cultura, alguma coisa assim, e aí junto naquela edição eles já colocaram também o lançamento do meu livro.

Pesquisadora - Em que ano foi o lançamento do *Ação do Teu Nome*?

Entrevistada - Ai, ai, ai, deixa eu lembrar, eu não vou saber precisamente. Deixa eu pensar aqui, foi 2005, 2004. Não lembro se eu já estava formada, eu não me lembro exatamente o ano, eu teria que recorrer nas minhas anotações, mas eu acho que foi em 2005, 2006, que eu já estava terminando a faculdade.

Pesquisadora - Você escreve ainda nos dias de hoje, né? O que é que você escreve? O que é que está escrevendo?

Entrevistada - Eu ainda escrevo. Eu, na verdade, eu uso uma expressão que é a escrita, a poesia, ela é uma, a minha doença e a minha cura. É minha doença porque eu não consigo não escrever, eu não consigo ficar longe, né, da, é como se fosse um alimento, né, uma coisa que eu preciso para me expurgar, né, para me ver, expressar o mundo. E é minha cura. É minha cura porque é uma forma que eu tenho de aliviar, né, tudo aquilo que eu vejo e que eu não consigo resolver, né, eu vou escrevendo, porque parece que resolve enquanto eu escrevo. Eu fiquei muito tempo questionando esse papel da escrita, aí como artista mesmo, até de, assim, o que é ser artista, o que é ser um artista, o que é ser um artista, o que é ser um artista, o que é ser um artista, o que é ser um artista, como é que eu vou dizer, um incentivador da cultura. Eu fiz esse movimento também, em determinado ponto, para fazer declamações, que foi época do coletivo, participei de muita coisa, e eu cheguei à conclusão de que, assim, eu só iria publicar de novo, escrever e divulgar isso, quando eu tivesse realmente algo novo para dizer. Porque, para mim, a poesia já é uma forma. forma mais fácil de falar. E se for para falar a mesma coisa de sempre, eu preferia não publicar. Não ficar quieta, em silêncio, e só aqui raciocinando, ou só escrevendo para mim. Aí, a questão de escrever, eu continuo escrevendo. Publicar, aí é um outro movimento, que eu só vou publicar na hora que eu tiver realmente algo novo e algo muito diferente daquilo que eu já escrevi.

Pesquisadora - Então, eu conheço um pouco do teu histórico como incentivadora cultural. Poderias contar um pouquinho como é que foi esse teu movimento da Beatriz, incentivadora cultural? O que é que tu fizeste?

Entrevistada - Olha, eu me inspirei muito na figura do Ronaldo Davi, porque, para mim, foi uma figura importante, principalmente, na questão crítica, de, muitas vezes, de dizer, não está bom, você precisa melhorar aqui, melhorar ali, você precisa ler mais sobre isso, sugerir outros autores para não ficar no mesmo lugar. Então, me inspirei muito na figura dele. E aí, anos atrás, a Biblioteca Municipal de Criciúma queria fazer um evento relacionado à poesia, acho que alguma coisa no sentido de juntar os escritores e convidou algumas pessoas. E meu nome foi citado, não lembro por quem. E eu e uma amiga, que é a Cristiane Fassícolo, resolvemos abraçar aquele projeto e encabeçar, digamos assim, como é que seria esse formato? Como é que, o que faríamos? E aí, a gente começou a fazer, a gente começou a fazer um luau literário, onde a gente dava voto para pessoas que quisessem apresentar as suas poesias. Ao longo do tempo, a gente viu que não tinha muito critério. Então, às vezes, algumas pessoas que achavam que era uma poesia e misturavam uma coisa de, como é que eu vou dizer, uma fala, sabe, um conselho que já não entrava, não era uma produção mesmo literária. E aí, a gente estabeleceu assim, olha, não, você vai mandar o material para a gente, a gente vai analisar e vai escolher, como se fosse uma seletiva. Aí, como a gente ouve o afastamento do setor público, a gente resolveu fazer o coletivo mesmo, o Coletivo Sem Palavras, para poder fazer do jeito que a gente queria. Então, a gente começou a fazer e fizemos algumas edições e juntou, não só de

Criciúma, mas também o pessoal de Forquilha, que pegou aquele formato e fez lá, que é o chamado Tribal. Eles fizeram algumas edições também. Junto disso, eu comecei a me aproximar um pouco mais também dessa questão do setor público, que era o Conselho de Cultura. Então, durante um ano, eu fui conselheira da literatura para entender meu trabalho, para entender melhor essas políticas públicas voltadas para aquela área. Também foi um aprendizado para entender um pouco mais essa questão dos editais, dos projetos, que é meio que uma profissionalização, uma organização melhor dos projetos de cultura. E aí eu tive algumas oportunidades de ingressar em editais e venci alguns. Que viraram projetos. Eu lembro que foi um pelo Ministério da Cultura, que eu fui para Paraty, há 11 anos atrás. Depois eu tive um que eu fiz em colaboração com outra pessoa para fazer as cabines de bibliotecas nos terminais. Depois eu fiz o clube de leitura. Depois eu fiz a publicação do livro. Eu acho que foram esses que a gente organizou para divulgar um pouco mais a parte literária em Criciúma. Certo.

Pesquisadora - Tu fazes parte de alguma academia de letras, associação de escritores? Gostaria de participar ou não?

Entrevistada - Não faço. Apesar de a gente ter criado o Coletivo Sem Palavras, faz algum tempo, principalmente depois da pandemia, que a gente não teve mais ações culturais. Não faço parte. Eu já recebi alguns convites de academias regionais e tudo mais. Respeito muito o trabalho deles. Vejo que eles têm ações interessantes na região. Mas a minha perspectiva como artista e até como cidadã não é de participar de nenhuma delas. Mas respeito quem tem muitos amigos que estão lá e torço também para que funcione bem, que continuem fazendo ações culturais na região.

Pesquisadora - Certo. E na sua opinião, o concurso literário da ACLE contribui para a escrita dos estudantes? Sim? Não? Por quê?

Entrevistada - Sim, é claro. Hoje eu já tenho uma filha que está estudando. Então, de tempos em tempos eu ouço através dela essa iniciativa nas escolas. Assim como eu fui agraciada e, de certa forma, entendi que eu tinha uma possibilidade de usar a arte como uma expressão, isso se replica para os outros ganhadores até hoje. Hoje eu não conheço mais os que estão ganhando, os vencedores atuais, mas eu tenho certeza que vencendo esses concursos, recebendo uma premiação, que mesmo não sendo em dinheiro, mesmo sendo uma medalha, um espaço, um momento de premiação, isso incentiva a pensar nossa, que legal, eu posso continuar escrevendo, o que eu escrevo é legal, e olha, eu também tenho um reconhecimento por parte da sociedade, mesmo que às vezes seja limitado aquele grupo e tudo mais, ou até só o ambiente escolar, é uma maneira de as pessoas dizerem olha, estou sendo reconhecido pelo que eu estou fazendo. Então, com certeza, eu acho que é esse o incentivo.

Pesquisadora - E a nossa última pergunta, é a seguinte, na tua opinião, a escola é lugar de se formar escritores?

Entrevistada - Formar escritores? Não. Não exatamente formar. Eu acho que a escola é um lugar para ofertar também arte, para disponibilizar possibilidades artísticas. Digamos, é uma vitrine, digamos assim, olha aqui, aqui tem o livro, aqui tem a pintura, aqui tem a música, você pode usar todas essas expressões como manifestação, mas ela não tem a obrigação de formar um escritor, porque o escritor, ele tem uma vertente individual. Óbvio, apresentar a literatura, apresentar os melhores os escritores da nossa língua, mostrar que olha, isso pode se transformar em teatro, em peças, eu lembro quando eu estudava acontecia isso, a gente estudava as obras da literatura brasileira e fazia apresentações de teatro, ou às vezes a gente fazia uma cantiga, então entender isso como uma vitrine, mas não como uma obrigação, tipo assim, você tem que escrever. Tem gente que não é, não é dessa praia, não é da música, é da pintura, enfim, então não acho que seja obrigação, não.

Transcrição da entrevista: João Pedro

Pesquisadora - João, eu vou começar, então, perguntando o teu nome completo.

Entrevistado - Meu nome completo é João Pedro Remor. Tenho 29 anos.

Pesquisadora - Qual é a tua formação?

Entrevistado: Então, eu sou formado em Engenharia de Energia. Me formei em 2021, 2020. Terminei o meu curso de Engenharia de Energia. Apesar de que eu comecei a Engenharia de Energia antes, durante a Engenharia de Energia, eu me formei em, eu sou licenciado em Física, era licenciatura em Física. Eu tenho uma pós-graduação em Educação Ambiental. E, daqui a algumas semanas, serei licenciado em Matemática também. Falta pouco.

Pesquisadora - Então, e a tua profissão, então, hoje?

Entrevistado - Professor. Professor de Física. Dou aulas de Matemática particulares, porque ainda não sou licenciado em Matemática, mas serei professor de Matemática também.

Pesquisadora - E tu trabalhas aonde? Tu és efetivo?

Entrevistado - Sou efetivo no Antônio Guglielmi Sobrinho, no Escola Estadual de Içara, né? E, atualmente, eu trabalho metade do tempo lá, metade do tempo no CEDUP Paulo, aqui de Criciúma.

Pesquisadora - Mas, nos dois, no caso, tu és efetivo, mas tu completas, né?

Entrevistado - Isso. Eu sou efetivo lá na Içara e completo no CEDUP.

Pesquisadora - E tu estudavas no Marista? Quando tu ganhaste o concurso, né? Ficaste em terceiro lugar.

Entrevistado - Isso. Eu estudei a vida toda no Marista. A minha mãe trabalhava lá, então, tinha essa possibilidade, né?

Pesquisadora - Tu estavas em que ano? Primeiro, segundo, terceiro?

Entrevistado - Primeiro ano. Primeiro ano. Tenho certeza de 2011, tenho certeza.

Pesquisadora - Tá certo. Então, a primeira pergunta, tá? Como é que você ficou sabendo do concurso da ACLe?

Entrevistado - Eu fiquei sabendo pela escola, né? A professora de redação, na época, ela sugeriu que ela ia fazer uma avaliação e ela queria que a gente escrevesse um conto engraçado, alguma coisa assim. E ela sugeriu, quando ela leu o meu conto, ela gostou muito, que eu inscrevesse a minha história no

concurso da Academia Criciumense de Letras. E o conto já está escrito, então, escrevi o conto, dei uma editada, né? Melhorei uma coisinha aqui, uma coisinha ali. Escrevi um conto.

Pesquisadora - Certo. Então, a princípio foi assim, foi uma atividade de sala de aula, valendo nota, uma produção de texto. E deu tema livre?

Entrevistado - Isso. Ela queria que fosse uma história engraçada. Eu não lembro exatamente se tinha um gênero literário específico. Eu não lembro se era crônica ou conto, eu acho que era crônica. Mas eu não tenho certeza, porque eu... faz bastante tempo. Mas foi uma atividade de sala de aula. Valeu nota. Eu lembro que eu não tirei 10, apesar da, por causa de alguns erros básicos ali, mas depois eu corrigi tudo e segui para o concurso.

Pesquisadora - Ou seja, não foi a melhor redação da sala, porque não tirou 10. Mas, por outro lado, foi vencedor, tirou a terceira...

Entrevistado - Exatamente. Eu acho que a história, na minha opinião, é uma história interessante. Provavelmente é bem engraçada e tal. E talvez faltava só refinar um pouquinho, né? Quando a gente escreve em sala de aula, valendo nota, tem aquela pressão, tem um tempo limite para fazer, não fica ideal.

Pesquisadora - Aham, verdade. Mas algum colega teu, da sala, participou, ou tu foste o único?

Entrevistado - Não, teve mais colegas que participaram, mas o único, na época que foi premiado, fui eu. Aí, de outros anos, eu não me lembro.

Pesquisadora - Não, mas é interessante, né? Porque tu falou assim, ah, eu não fui. Eu não fui, não tirei 10, ou seja, não fui o melhor aluno da redação. Mas teve gente que tirou nota mais alta, colegas que tiraram notas mais altas. Se inscreveram no concurso, mas não foram vencedores.

Entrevistado - Exato. A ideia era boa, faltava refinar um pouco para colocar no concurso.

Pesquisadora - E, bom, a segunda pergunta é como foi a produção do texto para participar desse concurso? Foi por iniciativa própria, por incentivo da escola, dos professores? Mas isso tu já me respondeu, né? Foi uma produção de sala de aula, enfim. Só uma dúvida, quando a tua professora, ela leu o texto, ela gostou, e aí te falou para participar do concurso, é isso?

Entrevistado - Isso. Ela leu, ela corrigiu, ela deu as notas, e ela chamou alguns alunos, um grupo de alunos, e perguntou se podia inscrever o texto no concurso. Eu lembro que o aluno que ela chamou aceitou, não tinha por que, só que ela pediu para dar uma refinada, né? Aí eu, de fato, parei um tempo, perdi um tempo em casa para dar uma melhorada na redação, aquela coisa e tal. E aí a versão final foi para o concurso. Não foi a mesma versão de sala de aula.

Pesquisadora - Ah, tá certo. Então, tá bom. Bom, a terceira pergunta: João, você já tinha o hábito de escrever textos engraçados, contos, crônicas, poemas, ou foi a tua primeira experiência escrevendo um texto literário?

Entrevistado - Eu acho que assim, para fazer um texto realmente o pessoal gostar, e não para ser uma atividade de sala de aula valendo nota, foi a primeira vez. Eu não tinha o hábito de escrever no meu tempo livre, mas eu tinha naquela época. Eu tinha o hábito de ler muito. Eu lia, sei lá, 500 páginas por semana, naquela época eu adorava ler. Não que hoje eu não goste, mas hoje a gente tem menos tempo, né? Então, a gente, depois de ler tanto, a gente cria um léxico, né? Uma biblioteca mental das coisas, como a gente pode conectar as coisas, que facilita bastante, né? Então, não, eu não tinha o hábito de escrever, mas inspirado nas coisas que eu já lia, surgiu essa possibilidade de escrever o texto.

Pesquisadora - Ah, então, certo. E agora a quarta pergunta, né? E foi a primeira vez que você participou de um concurso literário, ou você já havia participado de algum outro concurso literário?

Entrevistado - Foi a primeira vez. Foi a primeira vez.

Pesquisadora - Primeira vez. E participou de outros depois desse?

Entrevistado - Não. Uma pena, porque até esse primeiro ano nós tínhamos, a gente não tinha ideia do, não tinha tanta pressão pra passar no vestibular, essas coisas, era mais ir pra aula, pra aprender, aquela coisa e tal. A partir do segundo ano do ensino médio, e isso já foi no final do primeiro, né? Começou aquela coisa de você tem que fazer o Enem, você tem que escrever uma redação do Enem. Então, o nosso foco deixou de ser escrever um texto legal pra escrever um texto que seja nota boa, nota 10 do Enem. E eu fui bem no Enem. Eu escrevia bons textos para o Enem. Só que geralmente é aquele texto que é aquela receitinha pronta, que a gente escreve, tem a parte da introdução, tem o argumento, tem a conclusão, aquela coisa. Então, não é necessariamente um texto que vai ser legal de ler, é um texto que serve pra você tirar uma nota boa no Enem. Então, como me deu um foco, e eu não tinha o hábito de escrever, então, não, depois não participei mais.

Pesquisadora - E nem recentemente, nem...?

Entrevistado - Não. Não. Ah, e depois mudou o foco um pouco, porque a gente vai pra faculdade, eu escrevi artigo científico, eu escrevi algumas coisas nesse sentido, mas texto literário, assim, pra divertir as pessoas, pra causar algum tipo de emoção, não. Mas é óbvio que essas habilidades, elas sempre vêm, são úteis, né?

Pesquisadora - Ah, bacana. Então, e agora a quinta pergunta é como foi receber a notícia de que você havia ganhado, né, ou ficado em terceiro lugar no concurso da ACLe? Quando saiu o resultado, como é que foi a repercussão? Em casa, na família, na escola, com os amigos? Ou foi, ou não foi? Como é que foi?

Entrevistado - A minha reação foi surpresa. Porque, você deve ter lido o texto ali, é curtinho, né? O texto é bem grotesco, assim, um negócio nojento e tal. Mas, assim, sei lá, eu achava engraçado isso na época, eu achava interessante. Eu só fui escrevendo as coisas que saíam na minha cabeça e tal. Então, eu fiquei bem surpreso, eu realmente não esperava. A minha família gostou muito, comemoraram bastante. Meus amigos também acharam divertido, né, que eu escrevi um texto sobre meleca de nariz, e ganhei o concurso literário. Então, foi bem legal, foi bem interessante. Depois, quando eu fui lá receber o prêmio, os integrantes da academia vieram me cumprimentar, vieram falar, alguns falaram, ah, eu votei no teu texto pra ser o primeiro, eu lutei muito lá no teu texto. E, de fato, pra mim, era um texto muito engraçado. Só que, eu pensei, bom, entregar esse texto lá pros caras adultos lá, os caras vão ler esse texto, mas quem é esse maluco que escreveu isso aqui? Tá louco. Então, eu fiquei bem surpreso, bem surpreso mesmo.

Pesquisadora - Uhum. Então, e eu, né, a pergunta, assim, que você já me respondeu, né, se você continua a escrever depois do concurso, eu disse que não, porque mudou o foco, né, e dos gêneros literários também não. Livro publicado, mesmo que não seja livro literário, mas tem mais alguma publicação, assim, que não seja mesmo literário?

Entrevistado - Eu acredito, eu acredito que tem um artigo científico publicado. Eu não sei se foi publicado ainda, porque quando eu me formei, eu me desliguei do grupo de pesquisa, né, e eles continuaram fazendo a pesquisa, mas eu escrevi boa parte do artigo, eles iam realizar mais alguns testes, eu sei que ainda, o grupo de pesquisa ainda tá trabalhando em cima, então eu não sei se eles já publicaram o artigo, mas se não publicaram, deve ser questão de pouco tempo pra publicar, porque com certeza já tá bem avançado o trabalho deles. Mas fora isso, não. Essa foi a minha única história, que foi publicada e tal. Tem um livro de uma ex-coordenadora do Marista, chamada Ingrid, eu não lembro o sobrenome dela, posso tentar descobrir, que teve algumas histórias na escola, assim, que eu meio que narrei pra ela, e depois quando ela tava pra sair da escola, ela publicou essas histórias. Ela escreveu do jeito dela, foi ela que escreveu, mas a história quem contou pra ela fui eu. E era uma história sobre a gente criança, a gente viu umas assombrações do Marista, aquela coisa de imaginar uma coisa, aí eu contei essas coisas pra ela, porque ela perguntou porque que a gente tava tentando olhar embaixo do ginásio, e eu contei toda a história pra ela, e ela adorou a história, e ela publicou depois. Mas a autoria minha, de cunho próprio, foi só essa. Só essa, e esse artigo que eu comentei contigo.

Pesquisadora - Tá certo. Então, bom, tu falou, né, porque parou, enfim, deixa eu te dar uma olhadinha aqui. Você participou de outras edições, não participou, e assim, você faz parte de alguma associação, seja de academia, seja de escritores, eu acredito que não, mas assim, de filosofia, ou de alguma, ou de algum grupo de estudos que produz, assim.

Entrevistado - Textos, essas coisas assim?

Pesquisadora - É.

Entrevistado - Não, textos em qualquer tipo de gênero, assim, eu integrei alguns grupos de divulgação científica na faculdade, de pesquisa e tal. E de algum deles, eventualmente, deve ter saído algum artigo, né. Eu aprendi bastante na época a escrever artigos científicos, que eu não sabia. Eles foram bem importantes pra mim pra depois escrever na TCC. Mas participar de algum grupo, assim, realmente pra escrever, não. Eu geralmente costumo, eu me considero um escritor de artigo científico razoável. Então, geralmente, quando os meus amigos estavam escrevendo alguma coisa, seja pro TCC deles, eles até pediam pra eu dar uma revisada pra, porque eu era decente, assim, né. Mas, fora isso, não. Não participei de nenhum grupo de escritores, nem nada assim. Apesar de que, caso a minha vida não fosse consumida pelo trabalho, seria interessante. Seria uma coisa que eu acharia bem interessante de fazer.

Pesquisadora - Aham. Tu comentaste comigo que você amava ler bastante, né. E que hoje, claro, por causa do tempo, não lê tanto. Mas tu ainda lê literatura?

Entrevistado - Leio bastante.

Pesquisadora - Livros literários, não só técnicos?

Entrevistado - Literários, não só técnicos. Leio técnicos, às vezes, mas eu gosto de ler livros literários. Histórias.

Pesquisadora - E quais são os teus gêneros? Qual é o gênero que você mais gosta? Os gêneros, o autor?

Entrevistado - Tem horas aí pra gente ficar conversando aí. Vamos lá. O primeiro livro que me fez me apaixonar por leitura na vida foi Harry Potter. Eu tinha seis anos. Eu li todos, duas vezes. Nesse meio tempo, eu li todo tipo de história, desde fantasia, investigação policial, livro de biografia, muita coisa eu já li. Os autores, assim, que mais me chamam a atenção, que eu mais gosto, são o Dan Brown, mas não por causa dos livros dele que viraram filme, pelos que não viraram. Pra mim, são todos muito bons, mas especialmente os dois que não viraram filme.

Pesquisadora - O Inferno?

Entrevistado - Não, o Inferno virou filme depois. Eu gostei muito de Fortaleza Digital e principalmente Ponto de Impacto, eu acho que é. É isso aí. Estava aqui de volta. Eu acho que eu não li os que não viraram filme. Eu li só os que viraram filme. Esse aqui é o melhor, tá?

Pesquisadora - É?

Entrevistado - Esse também é. Deixa eu ver o que eu tenho mais aqui do meu lado. Esse aqui. Essa coisa linda aqui.

Pesquisadora - Guia do Mochileiro das Galáxias.

Entrevistado - Sensacional. Esse, cara, eu acho que talvez com relação àquela história da Meleca é o mais próximo, porque isso aqui é um dos poucos livros que eu li e dava gargalhada. Sensacional.

Pesquisadora - Tu tinhas lido esse livro na época que tu escreveste o conto? O texto da Academia?

Entrevistado - Não todo. Ele tem três histórias, se não me engano. Eu acho que é o Guia do Mochileiro das Galáxias, o Restaurante no Fim do Universo e mais um. São três contos. E na época eu tinha lido só o primeiro conto.

Pesquisadora - Só o primeiro? É. Que é o da toalha, né? Que leva a toalha.

Entrevistado - Sim. Todo mundo tem que ter uma toalha e tal. O cara pergunta lá pro computador qual é a resposta do mundo, do universo e tudo mais. O computador fala 42.

Pesquisadora - E depois ele, as formas mais improváveis, quando ele acha que ia morrer, enfim. Daí é resgatado por uma nave. Eu tinha esse primeiro livro. Eu li depois e acabei doando, né? Mas esse você tinha lido na época da Meleca?

Entrevistado - Já tinha lido. Já tinha lido.

Pesquisadora - E ele meio que, pelo fato de ele ser muito cômico, desse engraçado, você acha que ele acabou te inspirando, assim, a escrever?

Entrevistado - Não diretamente. Eu nunca pensei enquanto eu tava escrevendo nesse livro, mas com certeza tudo que a gente lê a gente absorve, né? Então, com certeza ficou ali no fundo da minha cabeça que aquilo ali era um jeito legal de escrever e que era possível escrever daquele jeito. Eu nunca tinha visto alguém escrever daquele jeito. E quando eu tinha isso, nossa, que legal de escrever assim. De forma debochada e engraçada e sem noção. Tem tudo a ver com a forma como eu escrevi a história da Meleca.

Pesquisadora - Da Meleca. É verdade. Agora eu consigo, né, assim, ver, entender, ver semelhança e tal. Por isso que eu te perguntei se tu tinhas lido. Porque faz bem sentido essa conexão. O que mais, além de certos livros?

Entrevistado - Os livros que mais me tocaram na minha vida. Vamos lá. Todos que viraram filme, eu li antes de virar filme, tá? Então, vamos lá. O Duna. Hoje é famoso por causa do filme e tal. Sempre foi famoso, eu acho. Livro muito influente na ficção científica. Adoro ficção científica. Eu li A Fundação. Eu achei muito interessante. O interessante do Isaac Asimov. Acho que tem algum lugar.

Pesquisadora - A Fundação?

Entrevistado - A Fundação.

Pesquisadora - O livro. Do Isaac Asimov. Eu li dele o Eu, Robô, né?

Entrevistado - Que eu acho que é o mais famoso. Mas eu acho que eu, pra mim, A Fundação é o melhor. Eu só li os dois, né? A Fundação e o Eu, Robô. Mas tem vários que o pessoal comenta que é muito bom. Eu sou muito fã do Stephen King. Eu tenho uma frase do Stephen King estampada no meu braço.

Pesquisadora - Ah, é?

Entrevistado - É.

Pesquisadora - É uma frase?

Entrevistado - É uma frase do Stephen King.

Pesquisadora - Qual é?

Entrevistado - É a primeira frase da série A Torre Negra. Que tá ali. Deixa eu ver se consigo apontar. Tá aqui. Tá exposto aqui em cima. A série toda tá exposta ali. É o meu livro, minha série favorita de todas. Eu acho que é a que mais mudou a minha forma de pensar. É uma história bem interessante. E a primeira frase do livro é O Homem de Preto Fugia pelo Deserto e o pistoleiro ia atrás. É uma frase que quem conhece Stephen King é famosíssima. É meio chocante, assim, contar o livro. O Homem de Preto Fugia pelo Deserto e o pistoleiro ia atrás. Aí eu tatuei essa frase. Achei muito boa.

Pesquisadora - Bom, e apesar de teres participado uma única vez do concurso da academia, eu lembro que, quando eu te perguntei se tu tinhas continuado a escrever, tu falou assim, ó, é uma pena, não continuei e tal. Tu falou assim, é uma pena, mas por que é uma pena? Por que tu tinha vontade de continuar?

Entrevistado - Não, não necessariamente, mas eu pensei, se eu tivesse mais tempo, é uma coisa legal, tem tanta coisa que a gente quer fazer e, por conta do trabalho, a gente tem que se dedicar a boa parte. Tem que se dedicar a boa parte do tempo ao trabalho, que é importante, mas tem outras coisas que eu gostaria de fazer antes de escrever e aí eu acabo me dedicando a essas outras coisas. Mas, assim, onde que essa, digamos assim, habilidade vem em questão? A minha namorada adora ler. Então, quando tem alguma ocasião especial, eu sempre escrevo um texto para ela. E, modéstia à parte, eu acho que eu escrevo bons textos para ela, não são só aqueles textos com um monte de palavra bonita jogada e tal. Tem alguns que eu faço algum tipo de paródia com alguma música dela, tem alguns que eu faço alguma coisa totalmente original. E eu sempre, eu já fiz um poema para ela e tal. Então, escrevi, não publiquei, mas, tecnicamente, eu escrevi, né? Tecnicamente, são textos, né?

Pesquisadora - Bom, é, a tua formação é bem, assim, digamos, bem técnica, não? Assim, é física, é matemática, né? Bem das exatas. E aí, a gente pensa assim, aonde que encaixa, né? A literatura, escrita literária, casa isso com as exatas? Ou não, ou vocês não? Realmente, ou o que que você pensa? Não, realmente.

Entrevistado - Com certeza.

Pesquisadora - Vamos lá. Não casa, ou casa?

Entrevistado - Casa. Então, eu aprendi isso da, de uma maneira não muito legal, porque, depois que eu passei no vestibular e comecei a estudar, no primeiro semestre da engenharia, eu tive uma disciplina chamada Introdução à Engenharia de Energia. E eu adorava o professor dessa disciplina, continuo adorando até hoje, foi um dos melhores professores que eu tive na faculdade. Era um ex-engenheiro, tinha virado professor e tal. E eu lembro que ele escreveu alguma coisa errada no quadro, e ele voltou e se corrigiu. E eu comentei com ele, não, mas tá tudo certo, a gente é de exatas, não tem que ficar acertando o português. E aí ele virou pra mim e falou, tá totalmente errado. Porque, precisamente pra gente ser de exatas, a gente tem que saber comunicar de forma eficiente. E pra saber se comunicar de forma eficiente, a gente tem que falar na linguagem perfeita e escrever de forma perfeita. Senão a gente pode induzir as pessoas a acreditar numa coisa que não é o que a gente quer dizer. E eu não esqueço dessa frase, isso faz, nós estamos em 2024, faz exatos 11 anos que eu ouvi essa frase e eu não esqueço dessa frase. E com certeza, hoje eu sou professor, quando eu vou elaborar uma questão pros meus alunos, minhas questões são todas originais, eu dificilmente pego alguma questão pronta da internet. Eu tenho que tomar muito cuidado com a forma como eu vou escrever a questão, porque eu posso induzir o aluno a entender uma coisa diferente. Então, eu tenho muito cuidado pra escrever de uma forma precisa, de uma forma objetiva, e de uma forma que não tenha outras interpretações. E ao longo dos anos, a gente vai ganhando uma certa habilidade com isso. Então, com certeza, o português encaixa em qualquer, o português ou qualquer linguagem, né, querendo a linguagem que a gente for se comunicar, encaixa em qualquer lugar, né?

Transcrição da entrevista: Cármen**Pesquisadora - O teu nome completo.**

Entrevistada - Cármen Maria Neves Goulart Pilon.

Pesquisadora - Certo, qual é a tua idade?

Entrevistada - Eu tenho 58 anos.

Pesquisadora - Certo, a tua formação?

Entrevistada - Gestão de Recursos Humanos.

Pesquisadora - Isso, e tu se formasse onde?

Entrevistada - É pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Pesquisadora - Certo, e há quanto tempo tu és membro da ACLe?

Entrevistada - Doze anos. Doze anos, desde 2012. Doze. Doze. Doze e doze. Doze e doze, é, doze anos, tá.

Pesquisadora - Há quanto tempo você está na coordenação do concurso da ACLe?

Entrevistada - Só estou há doze, dez anos.

Pesquisadora - Dez anos, certo. Então, a primeira pergunta é, como as escolas ficam sabendo do concurso literário da ACRI? Que ações que a academia faz para que as escolas tenham conhecimento desse concurso? Como é que vocês, né, fazem isso?

Entrevistada - Tá, funciona assim. O concurso em si, ele já se autopromove, tá? Porque faz vinte e três anos, a ACLe ontem fez vinte e sete anos de existência, mas faz, eu acho, uns vinte e três anos, ou vinte e quatro, que o concurso existe, tá? É divulgado através do Facebook, e também algumas professoras, a gente manda o WhatsApp, né, e também a gente, nós avisamos a ACLe. Ah, e ali é a prefeitura, né, a prefeitura, é a secretaria, e eles mandam para as escolas. Teve um ano em que eu estive numa reunião de diretoras com a secretária de educação, ali no Ouro Negro, ali, e daí ficaram sabendo também, né, assim, mas essa é a forma de divulgação.

Pesquisadora - Então, assim, no início vocês iam bastante nas escolas, porque tem nas revistas da academia, vocês visitando as escolas, fazendo contato, e agora?

Entrevistada - No início eu não sei, porque no início era, foi o Ronaldo, né, que até foi um dos idealizadores do concurso, e depois passou a ser a Sandra

Silvestre. Então, como que eles faziam, eu não sei, eu sei, só sei, posso te dizer a partir do momento que eu estou na coordenação, né.

Pesquisadora - Isso, que são os últimos dez anos, né.

Entrevistada - Os últimos dez anos, exato.

Pesquisadora - E aí, nesses dez anos, algumas vezes vocês chegaram em algumas escolas para divulgar?

Não, nas escolas eu vou todo ano, mas assim, não em todas as escolas, até porque a rede pública, eu acho que tem 73, se eu não me engano, né, mas eu vou, assim, mais até é para divulgação, sim, mas porque quando me convidado para participar da, de fazer trabalho com as crianças, né, por causa dos meus livros infantis.

Pesquisadora - Isso, tá certo. E agora, depois desse tempo, o concurso, como você falou, né, ele se autopromove, as pessoas já conhecem, já buscam.

Entrevistada - É, e eles estão sempre perguntando também, né, quando a gente demora um pouquinho para colocar no Facebook, eles sempre estão perguntando, aí eles perguntam sobre o concurso. Tá certo.

Pesquisadora - Qual é a relação da ACLE com as escolas de Criciúma? Elas costumam procurar academia, as escolas costumam procurar academia, ou é a academia que procura as escolas? Como é que acontece essa interação entre a ACLE e as escolas?

Entrevistada - Tu diz num geral, ou tu diz em relação ao concurso?

Pesquisadora - Também, não só em relação ao concurso, mas também a querer conhecer a academia, ou a conversar com algum escritor.

Entrevistada - É, o fato de conhecer a academia, algumas escolas realmente, mas são poucas que desejam conhecer, né, só que nós já fizemos alguns trabalhos de trazer escolas para conhecer a academia, aquele espaço que tu conhece, né, e um sarau. Então, daí quando as escolas se prontificam a vir, querem conhecer, é isso que a gente faz, faz um sarau. Faz aí uns comes e bebes para as crianças, né, geralmente são crianças, mas tem adolescentes também, e um ano, deixa só, talvez fuja um pouco, mas em relação ao concurso, o ano passado, foi o ano passado? Foi 2023. Teve um aluno da APAE que foi um vencedor, e eles não conseguiram ir, esse ano foram dois, dois da APAE, e daí eles não conseguiram ir. Esse ano também não vão conseguir ir, porque assim, ó, o evento é à noite, então, como eles são da APAE, tem uma regra de não sair com os alunos à noite, essas coisas, e é diferente, é diferenciado mesmo, né. Então, o ano passado foi feito lá na ACLE mesmo, aí a Dóris, a Sandra, a Dione e eu, estávamos vestidos com fardão e tal, e recebemos, aí recebemos as professoras, aquela turma, que daí teve um menino que foi

vencedor. Que também foi vencedor novamente esse ano, foi uma grande surpresa, né, foi uma grande surpresa, e daí nós fizemos um evento lá para eles, eles cantaram para nós, levaram uma professor de música, a diretora da APAE esteve lá, e eles querem também que esse ano aconteça novamente, só que assim, como nós vamos fazer a premiação já no dia dezoito, que já é bem perto de Natal e tudo mais, nós vamos deixar para fazer esse evento com eles o ano que vem.

Pesquisadora - Ah, interessante. Então, assim, para divulgar a academia, vocês, assim, por exemplo, os acadêmicos, para divulgar os livros, o trabalho de vocês como escritor, vocês procuram a escola, ou mais as escolas que procuram vocês, olha, nós queremos fazer uma semana da biblioteca aqui, gostaríamos de ter a presença?

Entrevistada - É, são mais as escolas, mas não. Não tem muitas escolas, não, isso eu vou te ser bem sincera, e só que assim, o que a ACLe divulga todo ano é na Feira do Livro, né, que daí distribui os livros, né, os livros gratuitos, tal, para o pessoal, e tem aquela que a gente faz a mesa literária, depois faz aquele dos vencedores Mirim, também, que daí dos vencedores do concurso a gente coloca na Feira do Livro, então tem esse trabalho. Esse, para esse ano, já era para o ano passado. Nós combinamos de fazer. É mais isso, sabe, a gente está com a ideia de estar no shopping, divulgando, né, mas é isso assim, na realidade, Cris, o que eu penso, seria mais as escolas nos procurarem, e eu estou dizendo eu, estou dizendo por mim, tá, pode ser que de repente vai entrevistar a Dóris ou qualquer um ou outro da academia vão dizer diferente, estou falando eu. E assim, ó, como é que tu vai estar te oferecendo, sabe, é meio, meio assim, tipo assim, ó, vou oferecer, vou, exemplo, só um exemplo, vou lá no Lapagess e ofereço para aí, tal, mas vocês não têm interesse, entendeu? Vamos dizer que a escola não tem interesse, então por que que a gente vai estar assim, de certa forma, se desgastando? É o que eu penso, né, é isso é o que eu penso, tá. Mas eu acho que o correto seria isso mesmo, mas assim, a ACLe, ela está disponível, sempre que, sempre que foi pedido para visitarem a ACLe, ou ir em alguma escola, tipo, no meu caso, eu vou mais pelos meus próprios livros, né, né, principal, né, então, foi sempre partido das escolas, não foi partida da gente.

Pesquisadora - Então, seria mais interessante que as escolas, tipo assim, soubessem da existência da academia e que convidassem para isso.

Entrevistada - É, é, penso que seja assim, porque daí assim, ó, por exemplo, nessa rede pública, né, nós estamos com esse, com esse concurso e que há mais de 20 anos, e a ACLe já existe há mais de, tá, 27 anos, né, que eu acho que, tipo, o concurso ele é feito, ele é o maior de Santa Catarina, né, e como diz a Doris, ele é o maior de Santa Catarina, quiça do Brasil, por quê? Um concurso que se sustenta, né, que está firme aí, está vivo, há mais de 20 anos, eu acho que é difícil, eu acho que é difícil, e a gente não pesquisou isso, mas talvez até venha pesquisar, né, então, é mais difícil.

Pesquisadora - São poucos os concursos que tem, é claro, né, um concurso nacional, depende muito, assim, do, do quanto que tem, tem

concursos que são grandes, que tem bastante, mas, assim, concurso literário promovido por uma academia de letras, com os recursos próprios para manter o concurso e fazer a publicação, eu desconheço, acho que vocês são, da academia, são os únicos que fazem.

Entrevistada - Pois é, então, assim, é assim, eu vou te dizer que, realmente, estando há 12 anos aí, se não for, se não é a diretoria, e algumas pessoas, né, dos acadêmicos, é difícil da academia sobreviver, porque até mesmo se o concurso já é difícil, ainda mais, assim, tem academias que já não existem mais, foram fundadas, tal, e para um, dois, três anos, dez anos e acabou, não tem mais, o pessoal não vai, não se interessa, ninguém toma a frente, né, e não é o que acontece, graças a Deus, a ACLe se, se mantém, a gente não tem recurso nenhum, né, até poderia participar de projetos e tudo mais, mas, na realidade, a gente não tem nenhum tempo disponível para fazer isso, não tem, apesar de a maioria ser aposentado, mas não tem, não tem mesmo. E a gente já pensou nesse lance aí dos recursos, né, de captar recursos, mas aí tem que fazer os projetos, teria que ter a pessoa certa para fazer projetos, como a gente também já não tem verba para muita coisa também, é só para fazer o livro, tu vê, ó, o livro é dado gratuitamente, as medalhas são gratuitamente, foi desfeito só um ano que foi feito, a inscrição parece que foi cinco reais, uma coisa assim, para ver se a gente captava e tal, mas não, deu, deu, assim, pouco, mas deu, só que também a ACLe também não precisa disso, né, desse muito pouco, também eu acho que é muito pouco para, é desnecessário, a gente consegue através de um patrocínio, vai lá, consegue um patrocínio, né, é difícil também, porque também tudo é difícil, e fácil.

Pesquisadora - Então, a terceira pergunta, Carminha, é como é que a ACLE recebe os textos?

Entrevistada - A divulgação começa pelo Facebook, né? Tá, a divulgação é pelo Facebook, né? E também algumas pessoas perguntam no privado, no WhatsApp, no telefone privado. E no Facebook já diz o local e a data de quando a quando que é recebido os textos. Esses textos, muitos eu recebo direto na minha casa, ou eles entregam, na Fundação Cultural aos Cuidados da ACLe. Muitas vezes, quando a Edna estava viva, ela é entregue no endereço dela, que é um endereço bem centralizado, né, ali perto do Metropolitan. Então, já foi entregue na ACLe, quando a ACLE tinha um outro endereço, então é entregue lá, ou entregue em

Pesquisadora - Você sempre disponibiliza no edital, você sempre disponibiliza no endereço, né?

Entrevistadora - É, mas tipo assim, as escolas que sabem, como eu já estou há 10 anos coordenadora, eu estou, sabem onde eu moro, por exemplo, e tem escolas ali perto. Então, eles preferem entregar ali, até porque tem o custo também, é tudo custo para eles, né? Tu vai mandar pelo correio, tem custo, né? Então, entrega em mão. Mas, claro, os envelopes tudo fechados, tudo certinho, né? Até nem sei que escola que é, quando tu vai abrir, tu nem sabe qual é a

escola. Mas, enfim, é assim. E depois, a logística é assim, né? Sim, nós nos reunimos, depois, dado o prazo. Ah, tá, isso.

Pesquisadora - Como é feito o processo de seleção e quais os critérios a academia usa para selecionar esses textos?

Entrevistada - Tá. Então, aí recebidos os textos, a gente espera ainda uma semana para, começar a abrir os envelopes dos textos, não as identificações. Então, o que é que acontece? Ah, nos reunimos, ah, o pessoal que já tá decidido que são jurados, são cinco.

Aí, nos reunimos, nem necessariamente todos vão, mas, há alguns anos eu fiz sozinha, tipo, o tipo do Covid, eu separei, eu abri todos os envelopes, esse ano também foi assim. A maioria eu faço assim já pra adiantar, né? Porque daí, se reúne o pessoal, às vezes não pode ir naquele dia, tal, tal. Então, pra atrasar, pra não atrasar, eu mesmo faço. Mas, enfim, a lógica é essa. Ah, nos reunimos, um ou dois dias, conforme o montante que vem de envelopes, é aberto os envelopes, enumerado os envelopes, e enumerado as identificações. Aí, é feito cinco montes, né, cinco montinhos dos textos vencedores, que vieram. E entregue pra cada jurado levar pra casa. E, daí, depois é dado um prazo pra lerem. Aí, o prazo depende de quando, tipo assim, um ano que veio 1.280 textos, tá? Nesse ano, um ano que veio, o prazo foi maior pra gente ler, porque teria que ler todos esses 1.280 textos. Tipo, esse ano, agora, foram quase 600 textos. Então, o prazo dá uma diferença. Dá uma diminuída.

Pesquisadora - Esse ano, em 2024, foram quantos textos?

Entrevistada - Quase 600 textos. Quase 600 textos. E, daí, vencedores que foram escolhidos, foram 97.

Pesquisadora - Quais são os critérios? O que que vocês observam?

Entrevistada - É, criatividade, a escrita correta, né? Mas o que é que a gente, por exemplo, dos pequenos, não cobramos muito essa escrita correta. Tá? Porque depois é pedido até pra fazer uma análise. Às vezes, a gente mesmo, nós mesmos arrumamos, até eu mesmo arrumo, até. Tem uma concordância que não tá muito certa, mas o conteúdo é muito bom. O que a gente observa muito é assim, Cris, ó. Os critérios são meio de, tem uma certa diferença, tipo assim, o maturidade, né? O adulto, juvenil e infantil. Por exemplo, o infantil, se a criança já, a criança começa assim, no meu tempo de infância, que tempo de infância? Ela já é criança, então não foi a criança que escreveu. Já é desclassificado de cara. Entendeu? Tem uma desclassificação assim. Então, é muito pela lógica da idade. Da idade. Hoje, o que a gente tem de dificuldade, tá, tem a criatividade, né? A criatividade. A beleza do texto. A emoção do texto. As concordâncias também, se tá tudo certinho. Tem umas coisas que são maravilhosas. Tem uns títulos maravilhosos, né? Só pelo título. Muitos textos deveriam ganhar só pelo título. Não, são maravilhosos. Então, esse ano, o que nos pegou muito foi inteligência artificial.

Pesquisadora - Eu ia te perguntar. Como é que vocês lidam com a questão da inteligência artificial?

Entrevistada - Nós não conseguimos captar tudo, entendeu? Mas alguma coisa sim. De que forma? Como é que vocês conseguem captar isso? Tu coloca no Google e tu consegue perceber. Tu pergunta pra inteligência artificial se aquele texto é de inteligência artificial. Teve um texto que a Doris pediu. Pra saber se era de inteligência artificial. Sabe o que a inteligência artificial disse? Esse texto não é inteligência artificial. Mas eu dou os parabéns pra quem escreveu.

Pesquisadora - E quando vocês identificam? Vocês jogam no Google?

Entrevistada - Ah, já é desclassificado. Não, já é desclassificado.

Pesquisadora - O chat GPT diz assim “Se esse texto foi criado por inteligência artificial”, ele consegue entender?

Entrevistada - É, eu não cheguei a pegar. Não fui eu que fiz esse trabalho, tá? Esse trabalho quem fez foi a Doris e a Sandra fizeram. Elas andaram pesquisando e tal. E a gente, muitos textos, a gente já, como a gente não é, né? Necessariamente a gente lê tanto, vamos dizer assim. Mas a gente lê, né? Então, muitos textos tu vê assim. Eu já li esse texto em algum lugar. Aí tu vai colocar numa coisa e é plágio. Aí a gente já vê que é plágio. Porque tu coloca algumas frases e tal. E daí já busca no Google de quem é o autor. Então, plágio, todo ano, todo ano é pego plágio.

Pesquisadora - É mesmo? Todo ano?

Entrevistada - Todo ano. É bem complicado, sabe? Bem complicado mesmo. E assim, o interessante, né Cris? Quer dizer, o legal da coisa seria a sinceridade, né? Se tu escreve bem, tudo bem. Tu escreve bem, escreve. Se tu não escreve, nem participa. Não participa, não. Vai querer enganar quem? Né? Claro, vamos dizer assim, vamos por numa revista literária. Tu vai pegar lá, vai ler e vai dizer. Ah, mas isso aqui, vai botar lá no Google. Cara, isso aqui é de fulano de tal. Né? Passou. Não vamos dizer que não passou. Mas assim, o que é que nós, e principalmente eu, estando coordenadora, eu penso? O que tá ali é real? Foi passado por um crivo de uma professora? Foi passado por um crivo da escola? Porque, tipo, quando é escola, é o nome da escola que tá em jogo. Não é o nome só do aluno. Né? E assim, se nós em algum momento passou, passamos por bobinhas, vamos fazer o quê? Mas a gente acreditou que a gente tá valendo. Né? É isso. A inteligência artificial ficou bem difícil, sabe? Bem difícil mesmo.

Pesquisadora - É. Não, eu imagino que, né? Eu fiquei pensando nisso, assim, como será que vão ser, vai ser os concursos a partir da, né? Do avanço da inteligência artificial.

Entrevistada - Sim, a partir de agora, como é que vai ser. Mas assim, geralmente a gente sabe que, por exemplo, pessoas, aquela faixa etária ali da maturidade, eles não vão fazer isso. Eles não vão pra inteligência artificial. Não vão, até

porque são pessoas que têm uma vivência. Escrevem bem, né? Ah, uma coisa assim, ó. Que a, tu perguntou ali do critério ali, que eu esqueci de te dizer, mas que eu me lembrei agora. Por exemplo, que parte pra política, aquela coisa assim de, não a política em si, mas assim.

Pesquisadora – Ideologia?

Entrevistada - É, ideologia. Exatamente, ideologia. Por exemplo. Nós recebemos muitos textos com suicídio, tá? Que é como se a pessoa, aham, eu, eu, eu, tipo assim, eu gostaria de morrer. E adolescentes. Adolescentes. Uma coisa bem preocupante. A gente não sabe como lidar com isso, sabe? Não vamos colocar um texto, às vezes é um texto bonito, mas tá incentivando o suicídio. Tu não tem como. É desclassificado. Não tem como.

Pesquisadora - É um texto que foi recebido de escola?

Entrevistada - De escola. E como é que vai retornar também pro professor? E olha, esse texto. Daí, é, o que a gente pensa é assim, ó. Nós ficamos muito preocupados, sabe? O ano passado teve muito disso. Esse ano também. E adolescentes assim, ó, de quatorze, quinze anos, dezesseis. É bem, nossa, bem complicado. Esse ano teve, eu fui obrigada a abrir os dois, as duas identificações, dois textos, né? Era a mesma pessoa. Nossa. Mesma pessoa. Então daí a gente pensa assim, ó, quando a gente se reúne, o que que a gente fala? Será que não tem a coordenação dessa escola não ver? Será que essa professora não tá atenta ou esses professores não estão atentos a essa situação? Porque assim, ó. Quando é uma escola que manda, eu acho que os textos passaram por alguém que leu, que deu crivo, sei lá, eu não sei te entender. Por exemplo, esse ano eu sei que a Cheiene, por exemplo, a Cheiene disse que ela, dos dela, ela fez uma seleção, uma pré-seleção. Entendeu? Então ela mandou os melhores textos pra nós. Isso pra nós também é muito interessante. Por quê? Porque daí em vez de tá lendo, por exemplo, exemplo só, se ela mandasse, não que a gente não goste de ler, a gente gosta, mas assim, se ela mandasse cinquenta textos, mais trinta meia boca, vamos dizer assim, e os outros dez bons, os outros vinte bons, tu tá perdendo tempo, entendeu? Em ler aquelas coisas que não são boas e são muito repetitivas também. Sim, entendi. Eu sei que as professoras trabalham. As professoras trabalham. As professoras trabalham alguns temas. Só que eu acho que deveria deixar o tema livre. É a minha sugestão como coordenadora. Por quê? Vê se não tem lógica. Tua escola manda pra mim dez textos do infantil, olha como tem lógica, dez textos do infantil falando sobre futebol. Nós vamos escolher um? Nós não vamos escolher dez textos todos sobre futebol. Entendeu?

Pesquisadora - Entendi. Quando dá um tema delimita muito, né?

Entrevistada - É, exato. E outra coisa que os professores não tão sabendo, eu sei que os professores sabem o que que é crônica e o que que é conto, mas só que vem pra nós muita crônica que é conto. Ah. Então, assim, aí quando o conto é muito bom. A gente risca, tira da crônica e bota pro conto. Ah. Entendeu? Não desclassifica. Eu não faço isso, eu não desclassifico. E aí a gente fala no

WhatsApp ali, né, quando tá lendo ainda, a gente fala assim, ó pessoal, esse aqui, ó, não é, vocês dão uma olhada aí, não é crônica, é conto, confirmam, tal. Confirmar, tal. Eu gostei desse texto, vamos dar uma olhada, que a gente conversa também. Vamos dar uma olhada que esse texto tá muito bom, antes de dar o resultado.

Pesquisadora - A comissão julgadora, né?

Entrevistada - Isso, é.

Pesquisadora - A comissão julgadora é formada só pelos membros da ACLE, né? Não tem ninguém de fora.

Entrevistada - Só pelos, não, não tem. Isso, tá. Não tem. Pode até, pode até ter que tenha, tá? Mas, por enquanto fica assim porque é o que a diretoria decide, então se a diretoria decide, tá decidido.

Pesquisadora - Qual é o gênero literário que o concurso mais recebe, são os contos, são as crônicas, são os poemas?

Entrevistada - Poemas. Os poemas.

Pesquisadora - E qual seria a proporção, assim, tipo, ah, 50% de poemas e os outros 25% de conto crônica, ou mais ou menos assim, quanto seria a proporção?

Entrevistada - Assim, ó, aí vai depender da, vai depender da categoria. Por exemplo, maturidade. Ah, maturidade eles mandam todos, mandam crônica, conto e poesia. Tá. Normal, tá? Isso aí dá até assim, é tudo igual, igual, pode dividir igual. Adulto, adulto fica mais na poesia também, tá? Crônica manda um pouco, então é tipo assim, quem quer, por exemplo, vamos dizer assim, ó. Eu quero ganhar uma premiação. Então a minha chance maior é mandar na crônica. Eu tô dizendo isso como uma dica, uma dica. É, manda na crônica porque a crônica recebe pouco, entendeu? Aí o juvenil também, juvenil crônica quase nada também, bem pouco. E é mais poesia e conto. E o infantil também, o infantil quase não manda crônica. Infantil é muito raro quem manda crônica. Daí vai mais a poesia, aí poesia bastante. Então não tem como te dizer assim um percentual certo, mas o que menos a gente recebe é crônica.

Pesquisadora - Então, primeiro é poesia, poemas, né? Contos. É, poemas. E crônicas é o que menos recebe. E por que que tu acha que as pessoas participam com tantos poemas? Por que que elas preferem escrever com tanto poema e não praticam outros gêneros ou escrevem em outros gêneros?

Entrevistada - Eu, eu, eu acho que eles acham mais fácil. Eu acho que é mais fácil.

Pesquisadora - Entendi.

Entrevistada - Entendeu? Tipo assim, eu vou falar do meu gatinho. Teve um ex que ganhou, uma menina ganhou e falou sobre gatinho. Mas assim, são idades pequenas. Ah, outra coisa que a gente vê, tipo assim, às vezes vocês vão olhar ali um poema, tipo assim, ó, exemplo, né? Eu não vou me recordar agora. Tipo assim, ó. Meu gatinho. Meu gatinho é bonitinho. Meu gatinho é não sei o quê. Assim, uma coisa bem infantil. Mas daí tu vai olhar a idade, é oito anos. Oito anos não vai poder falar toda rebuscada, toda cheia de coisa. Não vai? Então tem umas coisas que não tem lógica, sabe? Tem umas coisas que não tem lógica. Então é que a gente vê que foram os pais. Então eu penso assim, eu penso, né? Eu vou te dizer. Se pai tá escrevendo pra aluno, por que que ele não participa do concurso? Também, né? Participa como uma categoria adulta. Porque nós, uma criança de oito, nove anos, dez anos, doze anos, treze anos, quatorze anos, não vai escrever quando eu era criança, né? Quando eu era criança, na minha juventude, que juventude? Seis ou nove anos. Não, enfim, tem lógica, né? Tem umas coisas que não tem lógica. Aí assim, até é uma coisa bonita, mas uma criança de oito anos, nove anos, tá escrevendo uma coisa assim do, como se, é um adulto, né? Então já é desclassificado. Mas a desclassificação a gente não faz quando muda o gênero, entendeu? Se é crônica, poesia ou conto, ali o conto e crônica. Aí a gente não muda. Mas só quando é muito bom a gente classifica. E a gente troca. Só que troca. Teve até um ano que alguém disse pra mim, ah, um adulto lá, acho que maturidade. Ah, mas eu ganhei. Não, eu mandei, foi uma crônica. Mas daí tava como conto, né? Porque realmente a gente trocou pra conto. Que era conto. Certo.

Pesquisadora - E continuando nesse assunto, agora falando dos temas. Quais são os temas mais recorrentes? Sobre que assunto mais aparece?

Depende. Assim, quando tem algo em evidência, por exemplo, Covid. Falaram muito do Covid. Tipo agora esse ano da enchente do Rio Grande do Sul. Tiveram vários textos muito lindos e a gente escolheu mesmo sobre o Rio Grande do Sul, da enchente. Mas o tema sempre assim é amor. É o amor. Mais recorrente é o amor, poesia ali é o amor.

Pesquisadora - E aí os outros temas, eles vão surgindo de acordo com o que tá acontecendo. Eles percebem o que tá acontecendo no mundo, o que tá acontecendo no país.

Entrevistada - Ah, futebol também. Todo ano tem futebol. Tem futebol até, né? Futebol e assim relacionado ao amor, a paixão. Enfim, assim.

Pesquisadora - Certo. Ah, então é amor, paixão. E futebol. Futebol. E de acordo com o que tá acontecendo.

Entrevistada - É, exato. Vai aparecendo.

Pesquisadora - É interessante, né? Aparecer isso que é. Isso mostra que, na minha opinião, né? Eu penso que isso mostra que quem está escrevendo está antenado com o que tá acontecendo no mundo. Que não

tá alheio o que tá acontecendo. Que talvez seria mais estranho, né? Penso que aconteceu a enchente no Rio Grande do Sul, todo mundo escreveu sobre qualquer outra coisa. Poxa, mas ninguém se preocupou em falar sobre o que aconteceu tão grave no Rio Grande do Sul? A Covid, né? Parou o mundo e ninguém tentou se expressar. Eu acho isso interessante. Esse espírito do tempo, assim, de registrar o momento, né? Até porque isso é um registro, né?

Entrevistada - E o que a gente vem observando nesses últimos, assim, acho que uns três anos, mais ou menos, é o fato do suicídio. Essa tendência ao suicídio. E o que a gente vem observando nesses últimos, assim, acho que uns três anos, mais ou menos, a gente viu isso, assim, só que não vai aparecer nos livros da academia porque, como eu te disse, nós não incentivamos nada que seja contra as leis, né? Assim, leis de Deus, por exemplo. Não vai se botar um texto que ganhou bonitos e teve um muito bonito. Eu mesmo gostei, sabe? Sobre a morte e tal, assim, mas falou de uma forma bonita. Só que não tinha como. Não tinha como.

Pesquisadora - Isso foi depois da pandemia que tu percebeu que esse tema sobre suicídio apareceu mais ou já vinha surgindo antes da pandemia?

Entrevistada - Não, ele já surge há algum tempo, assim, mas ultimamente, nesses dois últimos anos aí, foi mais. Sabe? É. Foi mais. E outra coisa que eu ia te dizer, assim, em relação à história em si, se pegar os livros que tu escreveu. Tu tem os livros aí da academia, né? Tu tem um resgate da história, né? Quando chega nessa parte dos textos, tipo assim, ó, Covid, né? Daí vai estar em sobressalto, né? Tipo, não sei, nas torres gêmeas, na época, eu não estava na academia, mas, de repente, tinha alguma coisa sobre as torres gêmeas. Enfim. E assim vai. Tipo, agora tu vai ver, daqui mais uns anos, alguém vai olhar sobre essa época aí do Covid, a época da enchente. São temas bem, bem alta, né? E as pessoas falam mesmo. Né?

Pesquisadora - Eles estão fazendo um registro literário e, de certa forma, de memória.

Entrevistada - É, exato. De certa forma, de memória. Bem assim.

Pesquisadora - Então, Carmen, na tua opinião, o concurso literário da ACLe, ele contribui para a escrita literária dos estudantes?

Entrevistada - Sim. Sim, contribui.

Pesquisadora - Como que tu pensas, assim, o concurso literário, ele contribui para a escrita literária nas escolas? De que forma? Porque incentiva?

Entrevistada - Incentiva escrever, incentiva tirar aquelas anotações que estão na gaveta, né? Então, assim, incentiva também os professores, que os professores também, se não fossem vocês. Eu digo isso de cadeira, assim. Bem segura do

que eu estou dizendo. Se não fossem as professoras, não estou dizendo nem diretora, porque quem incentiva mesmo são as professoras. Se não fossem as professoras interessadas em literatura e que gostam de literatura, basicamente o concurso, penso que das escolas, viriam poucos. Como realmente muitos anos vinham poucos, né? Viam uma escola ou outra, mas assim, agora. Esse ano, por exemplo, eu percebi que vieram de 22 escolas. Escola, colégio, enfim. 22, assim, eu achei bastante, sabe? Algumas escolas não foram escolhidas, mas o que é que a gente pode fazer? É como a gente diz, a gente vai abrir os envelopes só depois. E é uma comissão de cinco, né? Até para ter esse, de repente tiver empate, mas tenha a quinta pessoa, né? É, mas o fato de, assim.

Pesquisadora - O fato de, assim, as professoras, os professores incentivarem a escrever. Eles têm que escrever dentro dos gêneros, que é conto, crônica e poema. Eles vão ter que, de certa forma, estudar aqueles gêneros para saber, para não confundir crônica com conto, para saber o que é um e o que é outro. E nisso, eles já, de certa forma, vão tomando conhecimento.

Entrevistada - É, por exemplo, eu, por exemplo, na minha época, eu estou com 58 anos, na minha época não existia concurso literário. A gente nunca viu um escritor de, na sala de aula, por exemplo. Né? Esse trabalho, desde que eu comecei em 2010, eu escrevo há 24 anos, né? Eu tenho meu primeiro livro foi em 2000, em outubro de 2000. Então, fez 24 anos agora. Mas quando eu comecei em 2010 com o livro infantil, me deu essa, esse prazer de estar nas escolas. Estar nas escolas, em contato com os alunos, isso é muito bom. Então, eu vi também aqueles, assim, alguns, não para mim, mas eu já ouvi relatos de algumas colegas escritores que disseram assim, ah, mas é um escritor vivo, a gente só conhece escritor morto. É, porque não é, né? Só é escritor morto, e é, e é. Então, assim, para eles também é um incentivo. Daí as crianças vêm e dizem, ah, eu também gosto de escrever, eu vou escrever um livro. E a gente incentiva, e isso é bom. Então, eu acho que incentiva bastante, até puxa para as pessoas que, de repente, nunca escreveram, nunca acharam que deviam, que acharam que iam escrever, mas que despertou, o concurso também desperta em algumas pessoas o gosto pela, pela escrita, né? Eu acho isso bem importante. Então, é como tu falei, 20 e poucos anos, um concurso que ainda sobrevive com todas as dificuldades que teve, né?

Pesquisadora – E a escola, na tua opinião, é lugar de se formar escritores ou não? O escritor não se forma na escola, ou a escola não tem esse papel, não, como é que tu vê isso? Ou essa discussão, a escola é lugar de se formar escritores?

Entrevistada - Olha, é uma pergunta. Eu te digo que sim e que não. Porque eu acho que quem tem o dom, quem tem o dom já nasce com esse dom de gostar de escrever. E muitas pessoas vão se encontrar na escola, através da escola, como um escritor, né? De gostar da literatura, de gostar da escrita e tal. Eu acho que forma sim. Forma, porque é tipo assim, ó, tu tem um bom professor, tá? Uma boa professora. Aquela professora que te incentiva, que te cativa, que faz tu escrever, que te leva pra um concurso, que tu ganha, por exemplo, ganha

também, né? Tem o lance de ganhar, mas assim, que te incentivou. Então, ah, nesse ano não ganhou, mas o ano que vem, quem sabe? Aí o outro ano ganha. Então assim, ó, isso tudo incentiva, e eu acho que, que, que vem bem de enquanto que tu falou. Eu acho que faz sim, forma sim. Forma. Mas em muitos casos, é um dom nato. É tipo assim, tem aquela pessoa que toca violão de ouvido, e aquela outra que vai pra escola aprender a tocar violão, e vai tocar violão também. Entendeu? Então os dois, as duas fases, é bem real. Sim. Tanto tu nascer com esse dom, e a escola formar um escritor, sim. Ah, legal. Bem legal.

Pesquisadora - E, o que, na tua opinião, o que que tu achas que faz o concurso da AClé ser tão longo?

Entrevistada - Por academia existir, é um fato, são vários fatos, na realidade, né? A minha opinião, assim, ó. A academia existir, as pessoas que não deixaram o concurso morrer, também tem esse ponto, né? Que ficou a coordenação aí, no caso, nesses anos todos, só tiveram, até agora, três coordenadores, né? Foi o Ronaldo, lá no começo, depois a Sandra, depois, agora eu. Então, assim, ele não deixa morrer, né? As pessoas que fazem parte da diretoria, gostarem e, e realmente acreditarem no concurso. Então, e também a própria, o próprio Criciúma e região, acreditar que o concurso tem essa, essa, como é que eu vou te dizer? Espera aí. Essa credibilidade, sabe? De saber que ele é real, de que não tem falcatrua, de que é, eu acho que é isso, sabe? De ter essa, esse nome que o concurso tem.

Transcrição da entrevista: Dóris

Pesquisadora - Então, estou aqui com a Doris, depois eu vou pegar teu nome completo...

Entrevistada - Doris Beck Machado Freitas.

Pesquisadora - E a idade?

Entrevistada - Eu tenho 74 anos, estou de 12 de junho de 1950.

Pesquisadora – E qual é a tua formação, Doris?

Entrevistada - A minha formação, eu me formei no Colégio Michel.

Pesquisadora - Ensino médio, né?

Entrevistada - Ensino médio, sou professora.

Pesquisadora - De ginásio, tipo magistério?

Entrevistada - É, magistério.

Pesquisadora - Você tem magistério. E curso superior?

Entrevistada - Não, não tenho curso superior.

Pesquisadora - Ah, tá. Então a tua formação como professora é o magistério normal, normalista, né?

Entrevistada - Normalista, é isso mesmo. Com muito orgulho.

Pesquisadora - Ah, então. E há quanto tempo é membro da ACLE?

Entrevistada - Há 27 anos.

Pesquisadora - É desde a primeira formação?

Entrevistada - Desde a primeira formação.

Pesquisadora - Certo. E há quanto tempo ocupando o cargo de presidente?

Entrevistada - Pois é, eu ocupei vários cargos. O primeiro cargo eu fui tesoureira. Mas o de presidente é isso que eu estava querendo lembrar, Cris. Eu não tenho, não tenho.

Pesquisadora - É que vocês se revezavam, né? Uma vez como presidente, depois tesoureira...

Entrevistada - Isso, mas eu fui assim como, essa vez eu estou a, eu comecei, eu acho em 2000. Deixa eu ver aqui, 2000 e, tá aqui. 2020, 2021.

Pesquisadora - É a cada dois anos?

Entrevistada - A cada dois anos. 2021, 2022, 2024. Eu acho que talvez anterior àquela. Ah, 2019, anterior àquela aí, né?

Pesquisadora - Então, a tua primeira vez como presidente foi 2019, né?

Entrevistada - 2019, eu acho que foi. Deixa eu dar uma olhadinha ali. Eu vinha pensando, meu Deus, porque foi, foi assim, foram, foi, foi, a diretoria fica, ela vai alternando, né? Quem está na diretoria, fica vice, de repente fica tesoureira e assim vai.

Pesquisadora - Mas é, tu és a que está mais tempo na direção. Mais tempo. Como dire, como presidente, né?

Entrevistada - Presidente. Aham.

Pesquisadora - Ah, tá. Então, vamos pra primeira pergunta, que é como surgiu a ACLe mas assim, como surgiu na questão da motivação, como é que foi aquela, aquela primeira fagulha, aquela primeira motivação, aquele primeiro estalo pra dizer assim, vamos começar uma academia. Como é que isso?

Entrevistada - O Cris, esse, esse assunto é até um assunto assim um pouco polêmico, porque a, a, a, na época eu fazia parte do CALLP. Né? Um Centro de Atendimento a Língua e Literatura Portuguesa. Com a Iris. E nós sempre falávamos sobre a possibilidade de ser criado uma, uma academia, Academia Criciumense de Letras. E eu tenho a impressão que a Iris foi chamada para conversar com o Júlio César Lopes. Que na época ele era o presidente da Fundação Cultural de Criciúma. E a partir daí então a academia começou a criar forma, né? E foi também. É, sim. E aí inclusive tem aqui o nome das pessoas, os que, os que realmente. Foram convidados, né? Para iniciar. Isso. Para formar a, para formar a primeiro, primeiro grupo de, de, de pessoas para dali. Surgir a Academia Criciumense de Letras.

Pesquisadora - Isso. Essa é a segunda pergunta. Mas então a primeira assim, onde começou assim essa, essa primeira conversa foi no CALLP.

Entrevistada - No CALLP. Com a Iris. Com Sandra, a Edna. Ah. Na época o Vanderlei Margotti também estava ali. A Dahil Formansky. Era um grupo de, de, de, de pessoas que sempre gostavam de contar essa parte da literatura.

Pesquisadora - O CALLP ele era o grupo de estudo da língua portuguesa, é?

Entrevistada - É. O CALLP era o Centro de Atendimento da Língua. Centro de

Atendimento. Centro de Atendimento da Língua e Literatura, né? Portuguesa, né?

Pesquisadora - E ele era um, era particular?

Entrevistada - Particular. A Iris tinha essa, esse, esse, essa, esse. Como é que eu vou te dizer? Tinha esse, esse, essa escola, né?

Pesquisadora - Ah, era tipo uma escola?

Entrevistada - Era uma escola. Uma escola, uma escola nessa área aí, né?

Pesquisadora - Que funcionava na, que funcionava na Fundação?

Entrevistada - Não. Ela funcionou muito tempo na, ela teve várias, vários locais. Ela funcionou muito tempo também no, no Catarina Gaidizinski Ali. E na Fundação Cultural, funcionou também lá uma época na Fundação. Na Fundação Cultural. Depois ela criou, ela, ela, ela organizou, organizou-se melhor, né? E passou para o Catarina Gaidizinski numa sala que tinha ali. Então ela, ela, ela fazia também curso para vestibular. Ah, também. E as pessoas interessadas em, na, na, na, na literatura, né? Escrita, faziam parte desse, desse grupo.

Pesquisadora - Então seria tipo assim, pra, pra produzir texto, pra quem queria desenvolver a escrita.

Entrevistada - Sim, é muito bom, muito bom. Muito, muito bom era o curso. A literatura. Maravilhoso que, que, que tivemos ali. Com a, com a eles como, como, como organizadora, professora. Depois ela criou também uma para jovens, né? Mais jovens. A Dahil começou a dar aula para esses mais jovens também. E como tudo, como, tem um começo, né? Tem um fim então. Ficamos anos ali com ela. Anos. Foi muito bom. Foi lançado, foram lançados dois livros de, de poemas. Nessa época, né? Com ela também. As Sete Faces do Poema. É, foi um dos livros e o outro foi As Dez Fa, não, As Sete Faces do Poema e o outro, acho que tem, tem o nome ali, mas eu não lembro.

Pesquisadora - A segunda pergunta é como foram escolhidos os membros para compor a primeira formação da ACLe, para começar a formação da ACLe, e quais foram os critérios para escolher, foi por convite, como que foram os critérios?

Entrevistada - A fundação realmente da academia foi em 25 de abril de 1997, e a instalação 14 de novembro de 1997, então tu vê, foi abril, maio, junho, agosto, agosto, outubro, 97 meses, foi rápido, né? Foi, foi rápido, porque já tinham falado muito, acho que as pessoas, esse grupo já estava, muito tempo envolvido, então realmente chegaram a esse tempo, esse tempo foi bom. Os fundadores foram Iris Guimarães Borges, Dahil Formansky, Júlio César Lopes, na época ele era o presidente da Fundação Cultural, a Sayonara Emerich, que era a secretária do Júlio César, ela também bem envolvida nessa área, a Sayonara Emerich Lentz Meller e o doutor Wanderlei Margotti, Com o grupo todo da academia, então

foram eles. O critério para a academia...

Pesquisadora - Esses já estavam na academia, esses já faziam parte?

Entrevistada - Não, não, faziam parte da academia, a Dahil Formansky, a Iris, que era a proprietária do CALP, né? Que era a professora, que era a dona do curso do CALP, e o Wanderlei.

Pesquisadora - E que esses foram para a academia?

Entrevistada - Esses foram, eram do CALP. E foram convidados para participar da organização e formação da Academia Criciumense de Letras.

Pesquisadora - Isso. E os demais?

Entrevistada - Os demais foram convidados, não todos, mas alguns, para participarem da Academia Criciumense de Letras. Entre eles, eu, né? A Edna Gaidizinski Bastos, a dona Otávia Gaidizinski Bastos, a Elaine Rosauero, a Sandra Meyer Silvestre...

Pesquisadora - Certo. A terceira pergunta, como surgiu o concurso literário da ACLe?

Entrevistada - Bem interessante. Eu vou te contar porque essa é uma história bem interessante mesmo. Na época, nós nos reunimos para lançarmos um livro, a Revista Acadêmica Nº 1, que foi uma ideia, uma sugestão colocada na reunião da Academia pelo Arquimedes Napolini. Aceita, foi uma sugestão que todo mundo concordou e lançamos, então, o primeiro livro, a Revista Acadêmica em, meu Deus, que foi o ano? Isso aqui não tem a data? Ah, 2000. 2000 foi a segunda revista, então a primeira foi em 90. Em 99. Em 99 foi lançada. Então, as duas, as primeiras, né, que iniciaram com o Arquimedes organizando. Eu ajudei muito o Arquimedes também na parte da organização e o Agilmar Machado. Ficamos os três na época, os livros, eles eram feitos com aquele, como é que é, um disquete, né? Ah, era um trabalho, tínhamos que conseguir, todos os acadêmicos queriam participar, o livro, então era bem complicado mesmo. Então, começou dessa maneira um livro, e começamos a sentir a necessidade de um concurso, que a Academia fizesse um concurso. Mas, que concurso? Aí o Ronaldo Davi deu a sugestão e fazemos um concurso de contos, crônicas e poemas. Então, quem foi realmente o mentor da, da Academia da ideia de criar a Academia Criciumense de Letras, ter esse concurso, foi o Ronaldo Davi, apoiado por todos e ele continua até hoje. Certo.

Pesquisadora - E aí, o objetivo do concurso, vocês se perguntam assim, qual é o objetivo do concurso?

Entrevistada - O objetivo do concurso era as pessoas saberem da Academia Criciumense de Letras. Porque formar um grupo de pessoas e ter uma academia é importante. Porque todos têm livros, todos lançam livros, todos são nessa área. Mas divulgar a academia nas escolas, na sociedade, nas pessoas que têm

interesse em escrever, seria através de um concurso. E realmente até hoje nós estamos nesse concurso já há 23 anos. Isso. Desculpa, o 23º concurso. Isso.

Pesquisadora - O objetivo inicial foi fazer com que a academia fosse conhecida por meio do concurso. E ao longo do tempo, esse objetivo permanece ou ele mudou um pouquinho, ele já tem outros, ele ampliou ou continua sendo um objetivo?

Entrevistada - Ah, sim. Eu preciso dizer que não foi fácil. Ele foi um concurso que teve épocas que ele, ele parece, que estava com dificuldade de se desenvolver. Mas pela garra e o incentivo desse grupo da academia, que sempre atuou muito intensamente dentro da academia, o concurso realmente, ele vingou. Ele hoje é um concurso, é o maior concurso dentro do nosso estado, do estado de Santa Catarina. E eu até me atrevo a afirmar no Brasil. Porque tu vê que é um concurso e está vindo, está. É, o 23º nós estamos há quantos anos? Há vinte e...? Esse foi o 24º. 23º, é. 23 anos.

Pesquisadora - Sobreviveu à pandemia...

Entrevistada - Sim, sobreviveu à pandemia. Então, ah, tu falaste uma coisa muito importante. Cada livro que a academia lança, com o concurso, lançam-se também os fatos daquele ano que ocorreram naquele ano. Uhum. Por exemplo, a pandemia tem muita coisa Uhum. sobre a pandemia nesse livro da academia. Então, daqui a anos, se alguém quiser fazer uma, retroceder no tempo, pegue os livros da academia, porque cada ano tem uma história.

Pesquisadora - Isso. E a história contada pelos acadêmicos ou esses fatos históricos, eles aparecem nas produções?

Entrevistada - É, eles aparecem nas produções. Sim, sim. Porque como o tema é livre, é outra coisa, outra outra outra interessante frisar. A academia, quando ela dá um tema, ele é bom, porque já vai com o tema pronto, mas fica extremamente cansativo e repetitivo. Quando um tema é livre, Então vem várias ideias, sabe, é como tu abrir uma torneira e jorra, sabe, então é muito, Sabe, então é assim, chega a ser emocionante tu ler os trabalhos e tu ver assim a criatividade, de um, de outro, na escola tal é o tema tal, outra escola, elas escolhem as professoras mesmo decidem então é muito bom isso porque o tema dado, ele fica aquele muito, continua fica igual praticamente igual em todos é assim.

Pesquisadora - Qual é a relação da ACLe com as escolas de Criciúma? No sentido assim, a academia é que procura as escolas, as escolas procuram a academia, e como é que essa interação acontece? Então, qual é a relação?

Entrevistada - É uma pergunta bem interessante, costumamos muito a chegar no patamar que nós estamos em relação às escolas, mas chegamos em função do concurso, e criei também um programa bem interessante, que chama-se Conhecendo a Academia Criciumense de Letras. Então, a academia convida as

escolas, ou particulares, ou municipais, ou estaduais, para conhecer a academia, ou as escolas também entram em contato com a academia, perguntando a possibilidade de irem conhecer a sala da academia. E é assim, todas as vezes que as crianças vêm para conhecer a sala da academia, eu peço que seja feito um pequeno sarau. Porque aí eles vêm com aquela intenção de conhecer esse espaço, que é um espaço que respira-se a literatura, cultura, e vão mostrar também para a academia o que eles produzem. Então, a professora sempre organiza um aluno que gosta de reclamar, um outro que gosta de cantar, ler um texto. Então, é assim, é muito emocionante esses encontros.

Pesquisadora - Quando eles vêm? E quando a academia vai até a escola, que objetivo ela vai até a escola? É para divulgar o concurso ou a academia vai?

Entrevistada - Não, normalmente o concurso é divulgado já pela internet, e quando as escolas se interessam, ligam também, nós colocamos à disposição toda a informação, mas às vezes nós somos convidados, os acadêmicos são convidados. Vamos assim, o acadêmico que ele é. Escreve mais na área infantil, então vão nas escolas, levam seus livros, mostram, contam a história como é daquele livro, as crianças amam, porque é o escritor, ele está vendo o livro, eu me escritor, é o que acontece aqui na academia também, conforme as turmas que vêm, a gente chama os acadêmicos, então eles vão conhecer o autor, o livro do autor, os dois estão ali, eles ficam encantados. É muito emocionante, mas nas escolas acontece a mesma coisa também, normalmente mais para o primário, a primeira fase.

Pesquisadora - Isso, é interessante. Qual é a faixa, a série que mais pede a presença dos escritores, são os menores?

Entrevistada - Os menores, os menores, são os menores. Até o quinto ano, assim? É, na literatura infantil. Tivemos também aqui as crianças de altas habilidades, então aí já é outro nível, então já entra o escritor com outro tipo de literatura, as perguntas são outras, então é muito fantástico também, receber um grupo de altas habilidades. Muito legal.

Pesquisadora - Na sua opinião, o concurso literário da ACLe contribui para o aumento ou a melhora da escrita literária dos estudantes?

Entrevistada - O que eu acho, o que eu penso, o que eu já vi, o que eu já presenciei, o que eu já li, quem participa é normalmente uma pessoa que é um aluno que gosta, gosta da literatura. E também nós temos um aluno que se descobre autor, que se descobre escritor, que se encanta pelo concurso. Eu já notei isso, inclusive, nas premiações, crianças que, tu nota, né? Quem é da escrita, é repetitivo. É repetitivo, ele ganha vários concursos. E os que não ganham e que, de repente, vão pela primeira vez, um deslumbramento, um encantamento de receber uma premiação por ter escrito algo que realmente foi bom. Então, eu acho que é muito correto eu te dizer que a academia se sente gratificada com esse concurso.

Pesquisadora - E que ela, tipo, para os alunos, para aqueles que já têm vontade de escrever, é um incentivo para eles. Para escrever.

Entrevistada - É, e para quem não tem a motivação para se interessar e ver que pode. Porque, às vezes, ele está lá no escurinho, achando que não pode, e, de repente, vai, eu vou tentar, e, de repente, ele se vê premiado. Isso é uma, é uma, deve ser, assim, uma sensação maravilhosa. Ser valorizado naquilo que tu achavas que não era bom, e, de repente, não, eu sou bom mesmo. Isso é o ideal. Então, a gente sente muito isso, e eu acho que a academia realmente, ela, ela conseguiu esses 23 anos em função dessa, desses descobrimentos do ser humano de poder participar e competir e ganhar. Eu acho que isso é muito importante.

Pesquisadora - É, na sua opinião, a escola é lugar de se formar escritores? Sim, não, por quê?

Entrevistada - Eu acho que a escola é um lugar para formar escritores, formar médicos, formar engenheiros, formar todo tipo de pessoa que quer fazer alguma coisa nesse nosso mundo aqui. Porque a gente vê assim, ah, por que tu escreves? Porque um outro não gosta de escrever, ou o outro gosta de esporte. Cada um tem um dom, né? Isso. E eu acho que é isso aí. Essa é uma pergunta que tem que ser bem estudada, uma resposta. Eu teria que estudar. Estudar muito, porque já existe um contexto formado, né, nas escolas, do que dá, o que não dá. É, o professor, acho que ele tem que ver se o aluno tem tendência para a escrita, tem que incentivá-lo, não é? Como o professor sabe que na sua sala de aula tem um que é bom na matemática, então ela tem que, acho que, incentivar aquela criança a se dedicar mais, a ler mais, a procurar a literatura e procurar, para chegar ao caminho dela, que aí ela vai seguindo, ela vai chegar lá, né, no que ela quer. Agora, te dizer se tem que, tu acha que tem que ter uma, uma, aulas específicas para a literatura, eu acho que teria que ter. Eu acho uma maravilha tu poder sentar, pegar um livro e ler e curtir numa criança, que hoje em dia eu só quero saber da, da, da, dos, dos. Das telas. A pegar um livro e ler, aos pais incentivarem também, dá-lhe presente um livro. Vamos falar sobre esse livro, vamos ler juntos o livro. É difícil as pessoas hoje em dia fazerem isso, mas tem quem faz. Eu conheço várias pessoas que, que, que fazem isso. Mas a maioria não tem mais tempo para isso. Então vão para as telas, esquece. Mas o que seria muito interessante seria.

Pesquisadora - E, e assim, ó, será que na escola não tem talentos? Escondidos?

Entrevistada - Tem. Como tem, né? Como tem. É aquilo que eu falei para a tia, a criança que não escrevia, escreve e ela é premiada, ela é um talento. Não é? Ela, ela, ela, ela, ela apareceu do nada. Então para ela aquilo ali é uma, deve ser um orgulho assim, uma felicidade, não tem palavras, né? Então.

Pesquisadora - E a partir, e também assim no sentido de que a partir do momento que ela participa do concurso, ela ganha, né? Ela vai se, talvez ela se descubra. Sim. Nossa, mas eu não sabia que, que eu podia.

Claro. É. E isso é a descoberta, né? Do eu posso. Isso é importante. Agora cabe ao professor também ter essa sensibilidade de ver que o, e a sensibilidade, sensibilidade de ver o aluno que tem essa habilidade. E a professora também tem que ter a sensibilidade e a, o dom de ensinar também. Para fazer a criança gostar daquele, da, da literatura. Né? Com uma boa professora de literatura, ela encanta qualquer um. Eu lembro a minha mãe, ela teve como professora a Antonieta de Barros.

Pesquisadora - É mesmo?

Entrevistada - É. Minha mãe formou-se no colégio Coração de Jesus em Florianópolis. Todo, todo esse ano que ela, todos os anos foram, não sei quantos anos que ela foi interna, a professora de literatura era Antonieta de Barros. E eu lembro muito bem da minha mãe falando de como ela era, ela era uma professora de literatura, ela era, como as aulas com ela eram maravilhosas. Tanto que ela tinha o dom. Então, isso é importante, né? Tanto que ela é até hoje reconhecida, né?

Pesquisadora - Sim. Nossa, que interessante. A próxima pergunta é, que desafios a ACLe enfrenta hoje?

Entrevistada - A ACLe é uma entidade muito bem estabelecida, ela já está reconhecida na sociedade. Lógico que nós enfrentamos muitos desafios, porque é uma entidade que não tem fins lucrativos. Nós gostaríamos de fazer, nós temos tantas ideias, mas o desafio maior é o monetário sempre, né Cris? Que te dá limites. Então, esse seria o maior desafio. E também as pessoas entenderem que a academia, ela é uma entidade que tem uma organização. Ela não é elitizada, mas ela tem uma organização. Como todas as, em todos os lugares, nas empresas, todos os órgãos tem que ter uma organização. Então, nós não podemos misturar as coisas. Então, ela tem que ter uma linha e nós seguimos essa linha muito clara de uma organização muito correta, sem deixar dúvidas sobre a nossa posição.

Pesquisadora - Sobre a atuação, o que a academia faz, qual é o objetivo...

Entrevistada - ... o que falamos, onde vamos, como nos organizamos. Então, ela tem que ter uma linha, ela tem que ser muito equilibrada, né?

Pesquisadora - E pelo próprio objetivo da academia, eu acredito que seja a literatura, né?

Entrevistada - Ah, sim. Esse é o nosso principal, né?

Pesquisadora - Quais são os planos da ACLe para o futuro? Algum projeto, uma ideia que possa compartilhar?

Entrevistada - Nós temos vários projetos, várias ideias, inclusive a ideia de colocarmos a academia, porque eu falei na parte de tecnologia, que hoje em dia é toda voltada para a internet, então nós temos que realmente nos atualizarmos

com esse mundo do digital. Essa é uma das coisas que pretendemos melhorar dentro da academia. No mais, eu acho que temos ideia de mais concursos da academia, mas isso aí estamos pensando. Eu ainda, porque são coisas que estamos em conversa, e outros assuntos que seriam muitos, mas como eles não estão ainda concluídos, eu acho que não seria interessante.

Pesquisadora - Mas dá para dizer que um principal plano da academia, um projeto que vocês querem literalmente tirar do papel é colocar a academia online.

Entrevistada - Online, nós precisamos. Porque o mundo hoje em dia é online. Tudo é online, então não faz mais nada sem estar digitando, olhando, interagindo, informando e conhecendo. Então, isso é uma das nossas metas para este ano.

Pesquisadora - Quando que você começou a escrever, o que que te motivou, o gênero, o tema que gosta de escrever? Agora conta um pouquinho da Dóris.

Entrevistada - Então, vou contar um pouquinho da Dóris, começando pela Antonieta de Barros, novamente. Minha mãe amava a Antonieta de Barros, ela estudou nesse colégio interno em Florianópolis, ela formou-se lá, e ela comentava sempre, e declamava, a minha mãe declamava poemas, e nós íamos viajar, ela ia declamando poemas, ela me dizia, mãe, ela me dizia, olha, minha filha, aprendi muito com a Antonieta de Barros, ela era uma professora maravilhosa de literatura, eu tenho saudades dela, e conheci o Olegário Mariano, todos esses poetas antigos, eu sei declamar os poemas, porque a minha mãe declamava, e a minha mãe lia muito, e nós liamos muito em casa. Então, eu já tive essa formação toda, desde pequena, com a literatura, com a parte, essa parte maravilhosa, né, que ou tu gosta ou tu não gosta. Eu, para mim, foi, me influenciou muito, e eu continuei. Então, sempre escrevi muito, escrevia para mim, textos para mim, poemas para mim, até que eu entrei no CALLP. Sim. No CALLP, eu me descobri uma escritora ligada com o etéreo, com o cosmos, com o cosmo, com o espaço, com o mundo que eu gosto muito. Então, eu fui, tanto nos meus poemas, que tu observar, eu sempre tenho essa parte muito, no espaço sideral, né, muito presente nos meus poemas. Então, eu sou um pouco romântica também, mas não tanto, eu gosto mais dessa parte, mais, assim, um pouco surreal até. Tem muito Deus.

Pesquisadora - Você tem alguma relação com a educação?

Entrevistada - E como é que tu pode contar um pouquinho, assim, da Dóris professora? Sim, a Dóris professora. Eu fui criada por uma pessoa que era ligada nessa área também. Minha mãe, ela foi diretora, foi professora, foi diretora do Lapagesse também. Da educação, da escola de educação fundamental, professor Lapagesse do estado, né? Sim, depois ela acabou fazendo um concurso e foi a primeira mulher, ela foi a primeira mulher, a inspetora regional em Santa Catarina.

Pesquisadora - Inspetora escolar?

Entrevistada - Escolar, em Santa Catarina. Uma época que eram só homens.

Pesquisadora - E o que faziam uma inspetora escolar?

Entrevistada - Nas escolas, ela tinha que ir nas escolas, ela tinha que ver o trabalho, ela tinha que chegar lá. E como ela era a única mulher, eles eram a maioria homens, ela sofreu muita discriminação. Eles não aceitavam ela como, por que ela está aqui, mulher, que é um cargo de homens.

Pesquisadora - Então, assim, com relação ao concurso literário, como é que a academia vê, ou lida, com a questão do chat GPT e até mesmo de plágio?

Entrevistada - Assim, sempre foi um problema esse para nós. Antes do chat GPT, nós tínhamos já plágios, porque eu acho que até inerente. O que é o ser humano que não tem muito caráter, faz isso. Mas na academia não erra, nós não erramos. Porque o que é bom, é bom. Tu entende, Cris? Por exemplo, eu abri aqui, eu tenho esse poema do, vamos dizer aqui, de uma pessoa que escreveu. Aqui é um livro, está aqui, nós vamos corrigir e todas nós, porque nós recebemos, cada um recebe a sua quantidade de trabalhos, nós lemos todas, tudo, e realmente o primeiro lugar vai ser o fulano. Ele era bom, mas não erramos. Ele era bom, só que nós vamos olhar, antes a gente colocava no Google uma frase e dava. Plágio. Os escritores têm poemas e poemas. Não é obrigado a conhecer todos os poemas. Vai conhecer os famosos, os que realmente todo mundo cita, todo mundo fala, mas tem poemas dos escritores, fulano, tal, que tu nunca lê, nunca ninguém comentou. A hora que tu vê é dele, realmente o aluno foi premiado, não foi o aluno, foi o escritor que foi premiado. O aluno plagiou. Porque se a academia não erra, nós vamos premiar, antes de premiar todo mundo, na hora que nós vamos definir mesmo os primeiros, os primeiros, o terceiro lugar, ele era bom, mas era do poeta tal, entende? Não erramos.

Pesquisadora - O poema realmente era bom só, porque não era da pessoa que fez a inscrição.

Entrevistada - Então, o que é que nós fazemos? Nós vamos na escola, avisamos a diretora, a professora, que ela tem que saber, porque é muito sério, fazer um plágio de qualquer escritor. Normalmente o aluno já vem sabendo que ele errou, pedindo desculpa. Não que a gente vá lá para discutir, mas só para orientar melhor, para ela saber. Mas cuidar, a própria professora tem que cuidar disso.

Pesquisadora - Isso quando o poema, ou o conto, ou a crônica é feita na escola, né? Ela passa pelo crivo da professora. No caso da maturidade, no caso dos adultos, já é um pouco mais complicado.

Entrevistada - O chat GPT é uma ferramenta fantástica e que nos preocupa muito. Muito mesmo, porque tu só vai saber assim que é uma criança. Uma

criança de 9 anos, quando começa a escrever uma coisa muito séria, tu tem que saber na escola se ele realmente é assim ou se ele realmente ficou assim em função do chat GPT, no chat. A professora sabe, tu sabe, tu és professora. Tu sabe o aluno que ele é bom e sabe o aluno que é médio, sabe o aluno que é ruim. Então, o ruim não vai poder fazer uma coisa tão boa para ser premiado, para ter o primeiro lugar, porque ele vai ter dificuldades. Mas se ele te apresenta um trabalho perfeito, tu tens que desconfiar. Dá uma olhada num desses aplicativos. Mesmo sendo muito difícil, né, o chat GPT, porque ele não vai reconhecer, tu bota ali, não vai, é muito difícil, né?

Pesquisadora - E no caso de um adulto, por exemplo, tem a categoria adultos. Esse não passa pelo crivo do professor.

Entrevistada - Esse é o adulto que é o nosso problema maior. Nós temos que apostar. É uma confiança, né? É uma troca de confiança. É uma troca de respeito. É uma troca de confiança. Porque, lógico, vai ter sempre um que vai tentar botar um trabalho que não é dele. Mas, quando é, existe uma coisa que a gente chama de um *time*, tu tens um *time* para as coisas. Quando tu acha que tem um erro, não tem? Aí todo mundo também tem essa mesma uma desconfiança.

Pesquisadora - Quando vocês percebem, quando vocês lêem, vocês percebem quando tem um erro.

Entrevistada - Dá para perceber, dá para sentir que a coisa não está, que não é, que está bom, mas que não é o bom para estar ali, naquele jeito ali. Então, é discutido, nós conversamos muito entre nós para ver se realmente vai. A academia, quando ela recebe os textos todos, que nós lemos os textos todos, porque nós lemos todos eles, contos, crônicas, poemas, tem todas as categorias. E quando sentamos para definir os primeiros, segundos, terceiros lugares, as menções honrosas, é muito difícil, é extremamente difícil, porque todos que escrevem, escrevem colocando ali uma esperança, eles querem ganhar. Então, selecionar os primeiros lugares e as menções honrosas e não poder dar um prêmio para os outros é muito doído para nós, porque o aluno que escreveu tem uma esperança, ele quer ser premiado, ele quer ser notado, ele quer uma compensação, não é compensação, mas ele quer o reconhecimento, ele espera isso, isso aí nós somos bem conscientes, tanto que nós conversamos aqui quando estamos reunidas, esse fato é doído para nós, decidir assim, colocar os primeiros, segundos, terceiros lugares, tanto que às vezes a gente dá dois primeiros lugares, ou dois segundos, menções honrosas, mas tem os outros bons também, mas a gente tem que fazer uma seleção, porque a vida, ela é feita de seleções.

Transcrição da entrevista: Sandra**Pesquisadora – Qual seu nome completo?**

Entrevistada - É Sandra Meyer Silvestre.

Pesquisadora - E a idade?

Entrevistada - É 24 de 9. Tem que dizer o ano também? 59.

Pesquisadora - Sandra, qual é a tua formação?

Entrevistada - Eu fiz toda a minha formação praticamente toda em Porto Alegre, né? Eu sou de lá. Moro aqui em Criciúma há mais ou menos uns quase 30 anos. Bom, então eu fiz o normal, né? Para fazer o magistério. Antigamente se dizia normal. Fiz o magistério, depois eu fiz o curso de história, depois o magistério. Daí eu com meu marido, nós fomos morar nos Estados Unidos. E lá, então, eu fiz. Como a minha área era história, eu fiz história americana lá. É um curso, assim, de um ano, dois anos, de história americana. Na volta, quando eu já voltei, daí voltamos, daí viemos para Criciúma, daí sim que eu fiz o CALLP, porque eu acho, assim, que a minha formação, atualmente, que mais me serve é a formação do CALLP, sabe? Porque nós, porque ali que eu, assim, me encontrei.

Pesquisadora - Há quanto tempo tu és membro da ACLE?

Entrevistada - Dese 1997. Desde a fundação.

Pesquisadora – Você foi uma das primeiras pessoas a serem convidadas para participar da ACle pela Iris, por fazer parte do CALLP. Esta informação eu já tenho. Mas e os demais? Como foram convidados?

Entrevistada - Bom, vou te dizer assim, como é que foram escolhidos, tá? A Iris fez o seguinte, ela escolheu. Eu acho que a Iris ela quis ser bem justa na hora da escolha dos participantes da academia, então, ela escolheu alguns alunos que ela conhecia que eram alunos que estavam assim, com mais eu não digo com mais habilidade para escrever, mas, assim, com mais interesse em literatura né? Então, fui eu a Edna, a Doris, a Dona Otávia, que era mãe da Edna e fazia parte do CALLP também. E daí ela resolveu chamar pessoas ligadas à literatura lá da Unesc.

Pesquisadora - Certo.

Entrevistada - Então, nessa leva, me lembro que foi a Iara, que faleceu há uns dois anos. Ela escolheu, a Iris, também resolveu escolher pessoas ligadas ao jornalismo, pessoas que escreviam para jornal Então, nesse aí estava o Adelar Lessa que aceitou, que foi um dos acadêmicos oriundos dessa parte, assim, do jornalismo, tá? Ela escolheu pessoas das diversas áreas que eram, de alguma forma, ligadas à literatura, à escrita e tal. Bom, ela escolheu também professoras que tinham sido, assim que tinham sido, que foram muito importantes, né? Nas

escolas, por exemplo ela escolheu a dona Neuza Vieira (...) E também a dona Maria que Maria de Lourdes Hülse Lodetti que também faleceu há poucos anos já centenária, né? A Zeni, o sobrenome dela é muito difícil mas tu sabe quem é, né? Ela também era uma professora, de artes, mas muito assim querida por que trabalhou em várias escolas e tal.

Pesquisadora - E concurso? Como é que ele surgiu?

Entrevistada - Olha, ele surgiu pela cabeça do Ronaldo Davi Aquilo ali, aquele Ronaldo era assim, eu sempre digo que ele era um... tava sempre cheio de ideias cheio de coisas pra fazer. Eu sinto muito do Ronaldo Ronaldo ter falecido, sabe? Porque inclusive ele me ajudou demais também e então partiu dele a criação do concurso e foi ele que começou tudo e daí depois ele, quando ele começou, ele foi nas escolas divulgar o concurso, fez uma divulgação muito boa que inclusive nos primeiros anos nós tínhamos quase uns mil inscritos mil trabalhos.

Pesquisadora – Sandra, que me chamou a atenção foi que no começo a academia chegou a receber mais de 1200 textos...

Entrevistada - Sim verdade aquelas aquelas primeiras edições era um absurdo um absurdo que o que se recebia porque ele também sabia divulgar bem, né? O concurso ele sabia, assim ele era uma usina, usina de de enfim de divulgação de divulgação e de de entusiasmo, né? Ele queria tinha esse interesse de e eu acho que a coisa mais importante da academia até hoje é esse concurso, sabe, Cris?

Pesquisadora - Essa quantidade de textos que vocês chegaram a receber nessa época, mais de mil, tu achas que isso se deve à divulgação nas escolas do Ronaldo?

Entrevistada - Eu acho que sim eu acho que foi pela divulgação sim foi muito pela divulgação interessante que o texto foi muito pela divulgação. Ele sabia fazer ele sabia divulgar bem o concurso e porque ele não ia só não era só na cidade de Criciúma, né? era uma ele ia na Nova Veneza ia pra Urussanga, Siderópolis que era o município dele, lá então vinha vinha assim pessoas que escreviam de todos esses lugares.

Pesquisadora - É assim é interessante porque na época que ele divulgava o concurso não era uma época de internet como nós temos hoje, redes sociais...

Entrevistada - Essa divulgação era feita pessoalmente, ele ia nas escolas ia e ali ele fazia a divulgação não, não era não era bem pessoal mesmo e hoje nós também no início assim a gente ia também nas escolas e divulgávamos também.

Pesquisadora - A experiência do CALLP foi tão valiosa para vocês... vocês não tentaram em nenhum momento trazer para a academia fazer algo assim?

Entrevistada – Pois, guria, olha isso é uma coisa que eu me cobro sempre e cobro de todos isso sabe, porque assim agora me parece que sempre que nos reunimos é para coisas burocráticas, nunca é para se fazer literatura. Quando eu fui presidente, quando se tinha uma reunião que a gente fizesse no início ou no final alguma parte assim de alguém levar um texto, comentar o texto alguém comentar um livro e tal mas isso aí fizemos um pouco depois acabou morrendo e agora eu vejo assim, ó, academia é só para resolver coisas burocráticas.

Pesquisadora – Mas vamos voltar pro concurso, então.

Entrevistada - Eu queria te falar sobre do concurso. Olha, é, às vezes, massacrante pra nós. Eu fui jurada todos os anos do concurso, sempre, eu sempre fiz parte, sempre, sempre, de todas as edições, todas. E eu, às vezes, acho, assim, que é um massacre. Por exemplo, tem assim, ó, a gente convida uma escola, daí uma, vem lá uma professora, a professora dá um tema, tá? Daí todas as crianças têm que escrever sobre aquilo. Daí nos chega, a professora não faz uma escolha, né? Ela não seleciona. Daí chega pra nós todo um monte de textos com a mesma temática. Daí a gente não sabe, meio, como é que vamos avaliar aquilo ali, né? Tem outro problema agora, também. Então, é, bom, o máximo é esse, tá? Porque eu acho assim, se as professoras conseguissem fazer assim, uma seleção dos melhores textos e nos mandasse só isso, seria bem mais fácil pra nós, nosso julgamento, tá? O outro problema é assim, ó, o que que eu ia dizer que eu até esqueci? Ah, é a muito, nós estamos vendo assim, muito plágio, tem muito, muito plágio no concurso. E agora, principalmente agora, com a inteligência artificial, isso aí ficou muito mais difícil pra nós, pra gente poder resolver isso. Quando era plágio, ainda, nós tínhamos, assim, pelo menos a gente podia ir pro Google, logo, colocava uma ou duas frases do texto, né? E daí aparecia se era ou não era plágio. Agora, com a inteligência artificial, ficou mais difícil. Às vezes a gente sabe, assim, uma criança de 10 anos não pode escrever o que ela escreveu ali. Mas também, como é que a gente vai dizer que aquilo ali é um plágio de inteligência artificial? Então, estamos enfrentando esse problema em relação ao concurso, sabe?

Pesquisadora - E você já falou do chat GPT, que era uma das perguntas que eu iria fazer. Tu lembra, assim, dos temas mais recorrentes que vocês recebem?

Entrevistada - Ah, sim. Isso aí é uma coisa que eu até, eu escrevi até, tem um texto que eu escrevi, se tu procurar aí, desses textos que eu faço avaliação dos concursos, sabe? Que eu escrevi sobre isso. Eu acho que, principalmente, a criança e a, e jovem, eles são motivados, eu vou te dizer o seguinte, assim, como é que eu vejo isso aí. Lá no início lá dos concursos, eu me lembro, assim, que vinha muito poema de amor, aquela coisa, sabe? Aquela coisa romântica e tal, tá? Com o tempo, foi mudando um pouco isso. Eu vejo agora, por exemplo, quando ocorre uma uma ocorrência, assim, que é muito, que chega a não é nem pandemia, por exemplo, aquele problema da Boate Kiss, sabe? Aquilo que, aquele incêndio que deu lá em Santa Maria. Aquela ano, muitos jovens, vieram muitos textos falando daquilo, foi porque, uma coisa que chocou muitos alunos,

né? A criançada, os jovens principalmente, e eles escrevem sobre isso, é uma coisa que chocou muito, né? Inclusive, um primeiro, teve um primeiro lugar, aquele ano, acho que já foi a parte adulta, que o poema, o nome do poema é 242, se eu não me engano. E daí eu fui ver o que era esse 242. Era os 242 que tinham morrido no incêndio, né? Então, isso aí, pega muito. Esse ano, por exemplo, recebemos muitos, muitos, muitos textos que falam da tragédia no Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, sabe? Foi uma coisa que chocou, que choca eles. Bom, além disso, temos, assim, muitas jovens, principalmente, que falam nas questões de gênero. Ah, parece que é questão de gênero. Muito, muito, muito. E também tem vindo muita coisa, o que mais que eu tenho percebido? Ah, questão de gênero. Ah, questões também de natureza, né? Como é que eu digo? Ecológicos.

Pesquisadora - Meio ambiente?

Entrevistada - Preocupações ecológicas, também tem vindo muito isso. Quer dizer, eu acho, assim, que mudou. Mudou desde do início do concurso até agora, a atualidade, talvez seja influência da internet mesmo, não sei. Mas, enfim, mas, assim, as temáticas vêm mudando. Até acho assim, que até me agrada mais, assim, porque são coisas, assim, que são coisas que os alunos estão sentindo, né? Que as crianças e os jovens estão sentindo. Essa coisa de questões de gênero vem vindo muito, muito, sabe? E na hora, assim, às vezes, quando eles são premiados, a gente vê, assim, são pessoas que estão conflituadas com essa questão.

Pesquisadora - Certo. E com relação a temas polêmicos, por exemplo, vocês consideram a questão do gênero, se escreve sobre gênero, sobre questões LGBT e tudo mais, vocês restringem?

Entrevistada - Ah, olha, eu acho, assim, que nesse, sobre esse quesito, eu acho que nós não temos, não percebo, assim, sabe, entre os que estão, principalmente os que estão trabalhando, né, os jurados, não não existe essa coisa, assim, de criticar o LGBT, nada, nada, nada.

Pesquisadora - Ou deixar de selecionar algum poema ou alguma crônica por estar falando da questão LGBT...

Entrevistada - Olha, eu vou te dizer, nós deixamos de selecionar, não foi nem esse ano, foi ano passado, um texto que falava sobre suicídio. Isso aí nós achamos que era uma coisa grave, sabe, eram, porque todos os textos depois vão pra revista, né? Sim. Então, ele era um aluno, assim, que falava, não sei se era menino ou menina, era uma apologia ao suicídio, então, esse tipo de coisa.

Pesquisadora - Ah, é uma apologia?

Entrevistada - É. É, era assim, falando que tal, que não, então, isso aí foi uma, foi um texto que era um bom texto, bem escrito, mas que deixamos, deixamos de colocar em função disso, sabe?

Pesquisadora - Ah, tá.

Entrevistada - Mas, assim, essa questão de gênero, não, acho que, assim, até é importante a gente mostrar, né, que mas não vem muito também, mas vem. Agora, esse ano veio muito sobre o Rio Grande do Sul, sobre as tragédias ali do Rio Grande do Sul e muitos poemas, uma coisa bem, assim, a gente fica, achando legal, né, o sentimento que esses jovens, que parecem, assim, que são tão desligados, só pensam em nada, às vezes, vem uns, assim, que a gente vê que são, realmente foram chocados, foram, né, por essas questões.

Pesquisadora - Na tua opinião, o concurso literário contribui para a escrita literária dos jovens, dos estudantes, para a educação literária dos estudantes?

Entrevistada - É, eu acho que contribui, sim, contribui. Agora, também, eu acho que nós teremos que trabalhar mais os professores. Tu sabe, uma coisa que eu percebo muito que, se realmente há uma seleção breve para nos mandar os textos, tem muito professor que não sabe diferenciar o que é crônica e o que é conto. Sabe? Então, aí a gente esbarra, a gente vê, assim, que a gente teria que começar a trabalhar lá o professor.

Pesquisadora - Esse é o principal problema?

Entrevistada - Ah, muitos problemas, mas bem, bem graves é esse. É, principalmente nos, aliás, eu acho que, eu até te diria o seguinte, crônica é um, eu tiraria a crônica para infantil, porque eles não sabem, eles começam a falar, começam a falar deles, ou um acontecimento, eles contam uma coisa, eles não sabem o que significa uma crônica. Né?

Agora, também acho o seguinte, que também tem muito aluno que faz aquela coisa forçada, né? É forçado aquilo que o professor obrigava, vamos escrever, nós temos que escrever para a academia, não sei o quê, tá, tá, tá. Não deveria ser assim, deveria ser assim, olha, quem quiser, quem gostar, vamos trabalhar, vamos fazer uma coisa de um livro, daí, a partir desse livro, vamos escrever, ou quem quiser escrever, quer dizer, é uma coisa assim, que foge, isso aí é uma coisa que está mais lá embaixo, sabe, Cris? Está lá dentro das escolas, isso aí. E é isso também que eu acho que a academia falha, na hora de divulgar o concurso, talvez a gente deveria ir mais nas escolas e ter até uma reunião com professores, para professores de língua portuguesa, né, para orientar os professores, principalmente, assim, não obrigar aluno a escrever, porque quem não quer escrever, não, não adianta, né? E também não obrigar e também ajudá-los a escrever, assim, sabe? Tem, vem, vem muita coisa com erros, muito, erros gramaticais, tanto é que esse livro que vai sair agora, a revista desse ano, eu tive que revisar todinha, todinha, todinha, de tantos erros que vinham, que veio, muitos erros, muitos, muitos, muitos. Erros gramaticais, eu quero te dizer. Vi, assim, erros gramaticais e coisas de pontuação, enfim, esse tipo de coisa, assim,

Pesquisadora - Que parece que não passou pelo, pelo, pela mão do professor.

Entrevistada - É, às vezes, assim, até eu fico pensando, será que passou? Né? E se passou, isso é mais grave ainda, sabe? Se passou com aquele tipo de erro, é mais grave ainda.

Pesquisadora - Na tua opinião, a escola é lugar de se formar escritor?

Entrevistada - Olha, a escola precisa ensinar a ler, né? Pelo amor de Deus, ensinar a ler e escrever. Mas formar escritores já é um longo passo, né? Não sei se seria o caso. Incentivar o aluno a ler mais, né? Porque eu acho assim, a base de tudo é leitura. A gente se torna um escritor, eu não me acho grande coisa, mas assim, um médio escritor a partir de leitura. Tem que saber, tem que ler antes de tudo, né? Não é assim, querendo, ah, eu já nasci pronto, não sei o quê. Não, não é assim. Não é assim. Então, nesse caso, eu acho que a escola é fundamental, o papel da escola, sim.

Pesquisadora - E existe dom para escrever?

Entrevistada - Se existe dom? Ai, ai, ai. Não sei. Escrever é dom?

Pesquisadora - Escrever é dom? A pessoa tem o dom de escrever ou escrever é algo que se desenvolve?

Entrevistada - Ai. Não sei. Olha, eu acho que a gente tem, não é dom, a gente tem já uma tendência a escrever. Eu vou te contar um pouquinho da minha história, assim. Quando eu era, estava no colégio lá, Nossa Senhora da Glória, lá em Porto Alegre, a minha irmã, ela é um ano mais moça que eu, ela foi presidente do Grêmio. E nós fazíamos, nós tínhamos, assim, para cada, ela escolhia a diretora social, a diretora, ela me colocou no, eu, eu pedi que ela, naturalmente, eu era até a irmã mais velha, eu quero fazer o jornalzinho da escola. Então, ali, ali eu tinha um prazer de fazer aquilo, um prazer de escrever, fazer o jornal da escola, sabe? Eu não sei se isso aí é dom ou não, mas foi uma coisa que sempre me agradou escrever.

Pesquisadora – O que tu atribui a essa longevidade da academia? Por que que a academia durou tanto? Por que que ela está durando tanto?

Entrevistada - Olha, eu acho que eu acho que é assim, de alguns abnegados, né. O concurso, assim, eu acho que em parte é responsável também pela academia durar tanto, sabe? É por causa de poucos, assim, que continua. Também assim, ó, ali, nós pagamos pra trabalhar, né? A gente tá pagando pra trabalhar, porque ninguém ganha nada ali, ganha nada, quer dizer, então, eu acho que é um pouco isso também.

ANEXO



ACADEMIA
CRICIUMENSE
DE LETRAS



*Iº Concurso Literário
de Crônicas, Contos e
Poemas*

A Academia Criciunense de Letras tem sua sede provisória junto à Fundação Cultural de Criciúma, na Rua Cel. Pedro Benedet, nº 269 (CEP 88.801-250) onde se reúne na primeira quinta-feira do mês, a partir das 20:00 horas. Informações adicionais podem ser obtidas no local ou pelo telefone 48 431-0150 com a Sra. *Silvana*

regulamento

01. A Academia Criciunense de Letras, através de seus acadêmicos, promove o "Primeiro Concurso Literário de Crônicas, Contos e Poemas".

02. O concurso objetiva estimular a produção literária no município de Criciúma - SC, premiando obras inéditas nos gêneros conto, crônica e poesia, tendo como público alvo exclusivamente alunos regularmente matriculados em estabelecimentos escolares de 2º grau do município.

03. Serão conferidas Medalhas aos três primeiros classificados nos gêneros literários citados.

04. Aos primeiros lugares das três modalidades serão conferidos a Medalha "José Pimentel", versão ouro; aos segundos lugares a Medalha "José Henrique Siqueira Girão", versão prata; aos terceiros lugares a Medalha "Neusa Nunes Vieira", versão bronze. Os estabelecimentos escolares com alunos premiados no evento receberão Diplomas Especiais de "HONRA AO MÉRITO" da Academia Criciunense de Letras.

05. A Academia Criciunense de Letras editará, em sua Revista Acadêmica nº 02, com lançamento no dia 04 de novembro de 2000, os classificados nos gêneros literários em epígrafe, com os direitos autorais ficando assegurados na forma da lei.

06. Cada concorrente poderá inscrever duas (02) obras literárias em cada categoria, com tema livre.

07. Os textos deverão ser escritos em Língua Portuguesa, atendendo aos seguintes requisitos quanto à extensão:

- Conto: mínimo de três (03) e máximo de dez (10) laudas;
- Crônica: máximo de cinquenta (50) linhas;
- Poema: não poderá ultrapassar 70 versos ou linhas poéticas.

08. Os trabalhos deverão ser apresentados em grafia por computador, fonte Arial ou Times New Roman, tamanho 12, em disquete, ou datilografado, em cinco (05) vias, em texto com espaço 1,5, margem superior 3, margem inferior 2, margens esquerda 3 e direita 2, em apenas uma face de papel tamanho ofício A4.

09. Nos trabalhos deverão apenas aparecer o título, o gênero e o pseudônimo do autor, caso os trabalhos tenham o nome verdadeiro, serão desclassificados.

10. Em um envelope a parte deverão estar contidos os seguintes dados pessoais:

- Título da obra
- Categoria
- Pseudônimo
- Nome completo do autor
- Endereço completo
- Nome do Colégio e série em que está matriculado
- Telefone para contato
- Xerox de um documento pessoal (RG - CPF - Certidão de Nascimento)
- Breve currículo (cinco linhas).

11. O envelope, lacrado, deverá ser colocado em um outro envelope maior, juntamente com os trabalhos a serem julgados, em cuja parte

07. Os textos deverão ser escritos em Língua Portuguesa, atendendo aos seguintes requisitos quanto à extensão:

- Conto: mínimo de três (03) e máximo de dez (10) laudas;
- Crônica: máximo de cinquenta (50) linhas;
- Poema: não poderá ultrapassar 70 versos ou linhas poéticas.

08. Os trabalhos deverão ser apresentados em grafia por computador, fonte Arial ou Times New Roman, tamanho 12, em disquete, ou datilografado, em cinco (05) vias, em texto com espaço 1,5, margem superior 3, margem inferior 2, margens esquerda 3 e direita 2, em apenas uma face de papel tamanho ofício A4.

09. Nos trabalhos deverão apenas aparecer o título, o gênero e o pseudônimo do autor, caso os trabalhos tenham o nome verdadeiro, serão desclassificados.

10. Em um envelope a parte deverão estar contidos os seguintes dados pessoais:

- Título da obra
- Categoria
- Pseudônimo
- Nome completo do autor
- Endereço completo
- Nome do Colégio e série em que está matriculado
- Telefone para contato
- Xerox de um documento pessoal (RG - CPF - Certidão de Nascimento)
- Breve currículo (cinco linhas).

11. O envelope, lacrado, deverá ser colocado em um outro envelope maior, juntamente com os trabalhos a serem julgados, em cuja parte

externa somente constará o endereço e o pseudônimo do concorrente, e remetido no período entre 09/06/2000 a 22/07/2000, com registro postal ou mediante entrega em mãos para:

ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS
Fundação Cultural de Criciúma
 Rua Cel. Pedro Benedit, 269
 88801-250 - CRICIÚMA - SC.

12. Os trabalhos serão julgados por uma Comissão formada por 3 (três) Acadêmicos indicados pela Diretoria da ACL, assim como duas (02) autoridades no idioma português convidadas para tal fim.

13. Os resultados serão divulgados no dia 01.09.2000, nos jornais da cidade de Criciúma, e através dos murais da Fundação Cultural de Criciúma. A ACL divulgará ainda, em parte ou na íntegra, em órgãos de imprensa, televisiva ou por radiodifusão, os trabalhos premiados, além de visita aos educandários onde tais premiados estudam, para valorização dos mesmos e seus autores.

14. Os originais não serão devolvidos, sendo agregados aos Arquivos da ACL.

15. Os casos omissos serão decididos pela Comissão Julgadora do evento.

16. O encaminhamento dos trabalhos na forma prevista neste Regulamento implica na concordância com as disposições nele consignadas.

XXIII CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA CRICIUMENSE DE LETRAS - ACLe.

Edição 2024.

O concurso objetiva estimular a produção literária no Estado de Santa Catarina e poderão inscrever-se autores residentes no Estado sem limite de idade ou de escolaridade.

REGULAMENTO:

1– As obras devem ser apresentadas nos gêneros Conto, Crônica ou Poema - Tema: Livre.

2 - Os textos deverão ser escritos em Língua Portuguesa, (pode haver expressões em outro idioma), digitados com fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço 1,5, folha A4 e, obrigatoriamente, em cinco (05) vias (pode ser em cópia xerox utilizando apenas uma das faces da folha).

3 – Número de páginas:

Poema: uma (01) página.

Crônica: até duas (02) páginas (até 1 folha).

Conto: até 04 (quatro) páginas (até 2 folhas).

4 – Serão conferidas “Medalhas de Mérito” aos primeiros, segundos e terceiros lugares em cada gênero.

A critério da Comissão Julgadora outros (as) autores(as) poderão receber medalhas de “Honra ao Mérito”.

Todos os classificados receberão 1 exemplar cada da Revista Acadêmica ano/2024 com seus textos editados.

As Diretorias das Escolas, com alunos premiados, receberão 1 exemplar da Revista Acadêmica ano 2024.

5 –A premiação dos classificados no concurso Literário da ACLe, bem como o lançamento da Revista Acadêmica, acontecerá em sessão solene com data, local e horário comunicados com antecedência.

6 – Cada concorrente poderá inscrever até duas (02) obras em cada gênero.

7 – Em todos os trabalhos deverá constar o seguinte cabeçalho: Título do Trabalho/

Gênero: Conto () Crônica () Poema ()

Idade do(a) autor(a):

Pseudônimo:

Atenção: O pseudônimo deverá ser diferente em cada inscrição caso participe em mais de um trabalho.

8 –Período de inscrição: de 06/04/2024 a 28/06/2024.

9- Dentro de um envelope grande, colocar as 5 (cinco) cópias do texto e um envelope menor (lacrado) com a ficha de inscrição conforme modelo.

FICHA DE INSCRIÇÃO

Título da obra:

Categoria: Conto() - Crônica() - Poema()

Idade do (a) autor (a):

Pseudônimo:

Nome do (a) autor (a):

Endereço:

E-mail do(a) autor(a):

Telefone residencial do(a) autor(a) : ()

Telefone celular do(a) autor(a): ()

Colégio onde estuda: Série que frequenta: Telefone do

Colégio: ()

Declaro, para os devidos fins, estar ciente de todo o conteúdo do Regulamento do XXIII Concurso Literário da ACLe – edição 2024.

Assinatura

10 – Enviar o material para:

Fundação Cultural de Criciúma A/C Cinthia Franco

XXIII CONCURSO LITERÁRIO DA ACLe

Academia Criciumense de Letras

Rua Cel. Pedro Benedit , 269 - Centro - Criciúma SC

CEP:. 88801- 250

Na parte do remetente colocar:

Título da obra:

Gênero: Conto () Crônica () Poema ()

Idade do concorrente:

Pseudônimo:

Endereço do concorrente:

11 – Os trabalhos serão julgados por uma comissão formada de 05 (cinco) acadêmicos indicados pela diretoria da ACLe.

A decisão da Comissão Julgadora é soberana.

12 – O resultado dos textos classificados serão divulgados pelo facebook da Academia www.facebook.com/ACLe e deverão ser reenviados REVISADOS para o e-mail carmennevespillon@gmail.com.br .

Farão parte da edição da Revista Acadêmica e o descumprimento exclui o autor da publicação.

Os trabalhos inscritos não serão devolvidos.

13 – O encaminhamento dos trabalhos na forma prevista no regulamento implica na concordância com as disposições nele consignadas.

Telefone para informações:(48) 998437906 – Cármen Neves. Coordenadora do Concurso.